



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA

DIANA PRISCILA SÁ ALBERTO

EMÍLIA SNETHLAGE E HELOÍSA ALBERTO TORRES:
Gênero, Ciência e Turismo na Amazônia do século XX

BELÉM-PA
2022

DIANA PRISCILA SÁ ALBERTO

EMÍLIA SNETHLAGE E HELOÍSA ALBERTO TORRES:
Gênero, Ciência e Turismo na Amazônia do século XX

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em História Social da Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. Agenor Sarraf Pacheco

BELÉM-PA
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A333e Alberto, Diana Priscila Sá Alberto
Emília Snethlage e Heloísa Alberto Torres: : gênero,
ciência e turismo na Amazônia do século XX / Diana
Priscila Sá Alberto Alberto. — 2022.
264 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Agenor Sarraf Pacheco
Pacheco Tese (Doutorado) - Programa de Pós-
Graduação em História,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade
Federal do Pará, Belém, 2022.

1. Emília Snethlage. 2. Heloísa Alberto Torres. 3.
Histórias das Ciências. 4. Gênero. 5. Turismo. I. Título.

CDD 300.9

DIANA PRISCILA SÁ ALBERTO

EMÍLIA SNETHLAGE E HELOÍSA ALBERTO TORRES:
Gênero, Ciência e Turismo na Amazônia do século XX

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em História Social da Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. Agenor Sarraf Pacheco

Data de aprovação em: 04/08/2022

Banca examinadora:

Prof. Dr. Agenor Sarraf Pacheco
Orientador – PPHIST/UFPA

Prof. Dr. Nelson Rodrigues Sanjad
Examinador interno – PPHIST/UFPA

Prof.^a Dr.^a Cristina Donza Cancela
Examinador interno – PPHIST/UFPA

Prof.^a Dr.^a Helena Doris de Almeida Barbosa
Examinador externo – UFPA/IHGP

Prof.^a Dr.^a Adélia Miglievich-Ribeiro
Examinador externo – CCHN/UFES

Para minha mãe Angélica, meu pai Sebastião e minha irmã Denise.

Para meu amor, Paulo Watrin (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato de simplicidade, então, deixo transparecer toda a humildade contida em meus pensamentos e no meu coração para dizer que muitas pessoas foram responsáveis pela construção deste trabalho. Isso porque uma produção acadêmica é feita de muitos pares e muitas trocas. E a vida é cheia de pessoas que estão ao nosso lado e das trocas que se têm com elas em determinado momento de nossa trajetória.

Primeiro, agradeço à Universidade Federal do Pará, instituição que me recebeu em maio de 2002, na qual ingressei como estudante e formei-me em Turismo, na sequência, tornei-me especialista e Mestre em Planejamento do Desenvolvimento e, hoje, como professora efetiva da Faculdade de Turismo, cheguei em 2022 para completar minha quarta formação no Doutorado. Essa instituição é parte importante da minha vida como profissional, acadêmica e, sobretudo, como ser humano, uma vez que dentro dela aprendi a estar atenta aos sentimentos que emanam de todos. Muito do que tenho e sou atualmente devo a essa Instituição de Ensino Superior, pois somente a educação e o conhecimento ajudam a reduzir as distâncias entre a dor da fome e os objetivos que se pretende alcançar. Assim, agradeço à UFPA, em especial, à PROGEP e à PROPESP por terem oferecido suporte ao longo desses anos para conseguir minha licença e capacitação e ter concluído o doutorado.

Agradeço à Faculdade de Turismo, minha segunda casa. Curso esse que me proporcionou e proporciona viver a comunhão com meu exercício diário no caminho da docência e da pesquisa. Agradeço ao corpo docente, técnico e discente por liberar-me ao longo desses quatro anos e por acreditar em meu retorno com o título de Doutora. Quero agradecer, especialmente, aos meus amigos, que foram meus professores durante a graduação: Helena Doris, Paulo, Silvia, Marilsa, Raul e Lúcio. Aos meus amigos e hoje colegas de faculdade: Vânia, Aldo, Eduardo, Jéssika e Fabrício. E todas e todos que fazem parte da FACTUR. Aos meus ex e atuais alunos (as). Agradecimento especialíssimo a nossa querida Josilene das Mercedes Brabo (*in memoriam*), que sempre estará em nossos corações.

Quero também externar minha gratidão ao Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA) da UFPA, atualmente, dirigido pelos professores e amigos, Armando Lírio e Paulo Moreira Pinto. Sem o ICSA, eu não poderia ter concluído o curso, posto que contei com apoio desde o começo de sua congregação para liberar minha licença. Aos setores, como a DDGP e a Coordenadoria Acadêmica, os quais me orientaram e auxiliaram durante meu período de licença. E todas e todos que compõem o ICSA, suas faculdades, setores administrativos, organizacionais e nossas colegas do serviço de limpeza. Tenho muito orgulho de fazer parte

desse Instituto, que vem crescendo e proporcionando aos seus docentes, discentes e técnicos um ambiente de trabalho sadio e procura melhorar a cada ano.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (PPHIST), que acreditou no projeto de tese desta turismóloga. Encontrei, verdadeiramente, na História um pedaço de mim, visto que comecei a olhar minha vida acadêmica e profissional por outros vieses, proporcionado pelo campo historiográfico. Gratidão aos coordenadores do programa, às secretárias e bolsistas e às colegas da limpeza que sempre mantinham nossas salas de aula agradáveis. Aos professores e professoras, pelas aulas e grandes ensinamentos, a todo corpo docente: José Alves, Marcio Couto, Cristina Donza e José Maia. E ao meu professor e amigo, Nelson Sanjad, que contribuiu muito para a construção deste trabalho. Seu olhar sobre o texto e suas orientações foram imprescindíveis.

Aqui também externo meus agradecimentos ao Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde (PPGHCS), da Casa de Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, por ter aceitado meu pedido para ser aluna especial em 2021, em nome da Prof.^a Dr.^a Lorelai Kury, estendo os agradecimentos às professoras Carolina Arouca e Ingrid Casazza. Também não posso me esquecer de agradecer à Prof.^a Dr.^a Denise Cardoso, que me recebeu como aluna ouvinte no Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, em uma disciplina sobre Gênero.

Quero registrar também meus agradecimentos a algumas instituições importantes em minha pesquisa de campo. Ao Arquivo Guilherme de La Penha, do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), onde encontrei o acervo sobre Emília Snethlage e fui acolhida pela equipe de 2018 até meados de 2020, ano em que iniciou a pandemia. Agradeço ao Nelson, à Lilian, ao Pablo, ao Mazildo e aos colegas Doralice e Rui (*in memoriam*). Obrigada pelo aprendizado!

Com a pandemia, minha pesquisa de campo ficou restrita aos acervos virtuais, de modo que a colaboração de pessoas que trabalham em instituições de pesquisa no Brasil foi primordial para que eu prosseguisse até a conclusão desta tese. Dessa forma, agradeço ao Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), principalmente, a José Abella e Vanessa Souza, que me enviaram material sobre Heloísa Alberto Torres. Ao Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, por tirar dúvidas quanto a algumas fontes. Ao Instituto Martius-Staden e à D. A. Press, pelo envio de materiais. E ao pesquisador Dr. Marco Aurélio Crozariol do Museu Nacional do Rio de Janeiro, pelas conversas virtuais e trocas de fontes valiosas.

Quero agradecer, ainda, a quatro mulheres muito importantes nessa jornada sobre Emília Snethlage: à historiadora e hoje amiga, Miriam Junghans, pessoa fundamental para entender muito mais sobre Emília; à jornalista e pesquisadora Gleice Mere, pelo seu trabalho de fôlego

sobre a família Snethlage; no universo de Heloísa Alberto Torres, à professora e pesquisadora Adélia Miglievich-Ribeiro, pelas trocas de informações sobre a vida dessa cientista, e à pesquisadora Cecilia Ewbank, por ceder, gentilmente, sua tese de doutorado para ajudar-me com mais informações sobre a trajetória de Heloísa. A vocês, mulheres, muito obrigada e espero conhecê-las pessoalmente logo mais!

Ao meu orientador, mestre e amigo, Agenor Sarraf Pacheco, que conheci, pessoalmente em idos de 2012, em um almoço, quando nosso amado Paulo Watrin proporcionou esse encontro que rendeu um convite ao Grupo de Estudos Culturais da Amazônia (GECA/UFPA) e com isso a construção de meu projeto de doutorado. Aprendi e aprendo muito com você, professor Agenor. Obrigada por acreditar em meu potencial e não desistir de mim durante esses anos. A verdadeira amizade e respeito entre mestre e discípulo acontece quando podemos olhar um no olho do outro e dizer o que sentimos, nós fizemos isso e estamos aqui, juntos, concluindo esta tese. Muito obrigada a você e a toda sua família, que também me acolheu. Estendo, ainda, meus agradecimentos a todo povo do GECA, obrigada pelas partilhas e crescimento como pesquisadora e pessoa ao longo desses anos.

Agradeço aos meus amigos e amigas do Doutorado para a vida, minha mana Élide, sua companhia e carinho foram essenciais nessa caminhada, seguiremos juntas! Aos queridos Pedro e sua esposa Blenda, Elielton e todas e todos os colegas da turma de 2018. Também não posso me esquecer de meus amigos do Mestrado em História, João Victor, Marcelo e Lívia. Aos meus colegas do Grupo de Pesquisas de Estudos de História na Amazônia (GPEHA/UFPA), muito obrigada!

Ao meu migles e irmão, Gleidson Gomes, por ter topado fazer nosso projeto “Dr. dado pelo Pai Eterno”, obrigada pela amizade e carinho e respeito nesses quatro anos. Aos amigos Luzmarina, Vitor e Maria Clara, pelo apoio e carinho Desejo que vocês levem meus agradecimentos à família do Sítio Flor das Águas e a toda a espiritualidade que emana daquele local, onde mantenho e para o qual nutrirei sempre muito respeito e carinho. À minha amiga Bia, pelo carinho de sua amizade.

Às amigas Karla e Conceição, que mesmo separadas pela distância e tempo, a afeição entre nós não foi apagada. Aliás, nada que conversas francas não possam trazer de volta o brilho da amizade verdadeira. Obrigada por estarem de novo na minha vida.

À minha amiga e irmã Lena, que entende há vinte anos a minha jornada acadêmica e, por isso, não fica chateada por eu ter recusado vários cafés da tarde com ela. Obrigada!

A três mulheres que têm cuidado de minha alma e meu corpo. Há quase dez anos, Dr.^a Lena Mouzinho, seu olhar sobre minha vida me mudou. Obrigada por ainda cuidar de mim e

estar comigo. Em meu coração, mantereí para sempre seu querido esposo, Mauro. Às minhas amigas e fisioterapeutas: à querida Adriane Santos, que cuida de meu corpo com dedicação e carinho em suas aulas de pilates, e à querida Geisa Gama, que coloca no lugar muito mais do que o meu ombro, mas meus sentimentos também, obrigada!

Às minhas amigas e amigos do Caminho do Pathwork, onde tenho encontrado elementos fundamentais para vivenciar minha passagem terrena nesse planeta, aprendendo a olhar a verdade sobre mim. Obrigada, Ray, Laura, Rose, Natascha, Eliezer, Valnice, Mauro e Daniel e todas e todos os colegas novos do grupo.

Quero agradecer aos meus amigos Jack e Rubens, do Grupo de Pesquisas Paisagens Híbridas (GPPH/ECA/UFRJ). Rubens, obrigada por seu olhar generoso no começo da tese, foi essencial! Jack, sou grata por você acompanhar minhas conquistas desde que eu era uma aluna de graduação época em que a conheci lá pelas bandas do Sul do País.

Não posso deixar de agradecer à minha mãe Angélica, que dedicou e dedica sua vida às suas duas filhas. Somos o que somos pela mãe lutadora, batalhadora e incansável que és. Obrigada pelas horas sentada em frente a uma máquina de costura, forma que nos garantiu nosso sustento e nossa educação. Ao meu pai Sebastião, pelo trabalho na construção civil e pelos tempos que passou viajando para encontrar um bom emprego para nos dar o melhor, e que nos deu, por isso ele tem, sim, duas filhas formadas! À minha irmã Denise, que sempre esteve ao meu lado me dando suporte em todos os sentidos, mais do que isso, seu amor incondicional. Obrigada, amo vocês!

À família Sá e aos Alberto, que, dentro de suas possibilidades, estão ali com seu respeito.

Agradeço ao meu amado Paulo, que, mesmo tendo sido breve o tempo em que nós dois comungamos nossas vidas, ele foi o melhor momento de minha existência. Nossas dores já passaram e o que ficou e ficará é o amor, para sempre.

Expresso, também, minha gratidão a toda espiritualidade em minha volta, que zela por meu caminho. Hoje minha “religião” é procurar, todos dias, ter um coração honesto e uma mente com discernimento. Aos que não estão nominados aqui, sintam-se abraçados por mim e saibam que estão em meus pensamentos e no meu coração. Muito obrigada!

*“As mulheres não são passivas nem submissas.
A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam,
não bastam para contar a sua história.
Elas estão presentes aqui e além.
Elas são diferentes.
Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos.
Na cidade, na própria fábrica, elas têm outras práticas cotidianas,
formas concretas de resistência – à hierarquia, à disciplina –
que derrotam a racionalidade do poder
enxertadas sobre seu uso próprio do tempo e do espaço.
Elas traçam um caminho que é preciso encontrar.
Uma história outra.
Uma outra história.”*

“Os excluídos da História”
Michelle Perrot (1928 - -)

RESUMO

A presença das mulheres na história da ciência, em especial no mundo Ocidental, confunde-se com a própria constituição dessa área do saber. Embora, por muito tempo, elas ficaram nas sombras da atuação masculina. A ciência histórica, desde seu nascimento, demarcou o “homem” como o personagem central das narrativas e, mesmo que alguns estudiosos assinalassem que a mulher estava inclusa nesse ser histórico, o campo disciplinar da História as afastou do palco de formação sociocultural da humanidade. As viagens científicas, a partir do século XIX, mostraram-se caminho rico para problematizar essa visão e sentidos de seus silêncios, permitindo conexões interpretativas entre ciência, gênero e turismo. A história da participação feminina na história das ciências na Amazônia no século XX, focalizando atuação e legado de duas mulheres cientistas, uma alemã e uma brasileira, Emília Snethlage (1868-1929), do Museu Paraense Emílio Goeldi, e Heloísa Alberto Torres (1895-1977), do Museu Nacional do Rio de Janeiro, é a temática central desta tese. Ao vivenciarem experiências em regiões do Brasil, especialmente na Amazônia, elas utilizaram táticas para construir um caminho importante em suas áreas de atuação nas ciências naturais (ornitologia) e humanas (antropologia). As expedições por elas realizadas deixaram pistas importantes para a investigação da história do turismo na região, por apresentar elementos que compõem o fenômeno turístico moderno: hospedagem, alimentação e transporte. A partir dessa contextualização, o objetivo deste trabalho foi investigar, à luz dos estudos da história das ciências, do gênero e do turismo, a participação feminina desempenhada, em particular, pelas cientistas supracitadas, na construção do conhecimento científico na Amazônia no começo de século XX, adentrando suas trajetórias profissionais, estratégias e seus respectivos universos. Com relação à problemática, questionou-se qual a importância da atuação das mulheres na história das ciências no Brasil e como se deu a participação específica delas na Amazônia. A pesquisa fundamentou-se em Edward P. Thompson: História Social e suas reflexões sobre a experiência e as táticas no cotidiano; Carlo Ginzburg: a Micro-História, ao adentrar os indícios de outros caminhos feitos por elas; Michelle Perrot, Londa Schiebinger e Anne McClintock, ao referendarem o papel da mulher no campo científico, ajudando a inquirir formas de colonialidade vivenciadas no cotidiano de vida e trabalho das cientistas. No que tange aos estudos do turismo, dialogou-se com Paulo de Assunção, Alexandre Panosso Netto e Helena Doris A. B. Quaresma, que tratam acerca da reflexão do fenômeno turístico e suas aberturas na história e pesquisa na Amazônia. O percurso metodológico rastreou pistas da atuação dessas mulheres da ciência no Museu Paraense Emílio Goeldi, Arquivo Guilherme de La Penha. Buscou-se, também, arquivos sobre Emília Snethlage em meio virtual na Biblioteca Nacional Digital e sobre Heloísa Alberto Torres no Museu de Astronomia e Ciências Afins. A pesquisa documental encetou em 2018 e foi até meados de 2022, sobretudo, por ambiente virtual, em virtude da pandemia de Covid-19. Para responder à problemática da tese, foram mapeadas e analisadas evidências em jornais, artigos produzidos por essas cientistas, cartas pessoais, institucionais e romances, que visibilizaram vivências e práticas delas em suas instituições e no cotidiano de pesquisas na Amazônia. Com base nesses achados, a tese demonstra que ambas tiveram papel fundamental na construção da ciência na Amazônia, por suas ações e “sensibilidades de mundo”, numa época de plena hegemonia do domínio masculino no campo científico. Elas construíram suas trajetórias na ornitologia e na antropologia de forma que suas publicações e realizações científicas espalharam-se para além de suas instituições, marcando espaço na história das ciências no Brasil e no exterior. Outrossim, as viagens revelaram novos rumos para se compreender o fenômeno turístico na região amazônica, posto que foram utilizados elementos constituintes da prática na atividade. Contribuindo, desse modo, para pensar a emergência de uma nova epistemologia sobre viagens turísticas.

Palavras-chave: Emília Snethlage. Heloísa Alberto Torres. História das Ciências. Gênero. Turismo.

ABSTRACT

The presence of women in the history of science, especially in the Western world, is confused with the very constitution of this area of knowledge. Although, for a long time, they remained in the shadows of male acting. Historical science, since its birth, has marked “man” as the central character of the narratives and, even though some scholars have pointed out that women were included in this historical being, the disciplinary field of History has removed them from the stage of sociocultural formation of humanity. Scientific travel, from the 19th century onwards, proved to be a rich way to problematize this vision and meanings of its silences, allowing for interpretive connections between science, gender and tourism. The history of female participation in the history of science in the Amazon in the 20th century, focusing on the performance and legacy of two women scientists, one German and one Brazilian, Emília Sneathlage (1868-1929), from the Museu Paraense Emílio Goeldi, and Heloísa Alberto Torres (1895-1977), from the National Museum of Rio de Janeiro, is the central theme of this thesis. When experiencing experiences in regions of Brazil, especially in the Amazon, they used tactics to build an important path in their areas of expertise in the natural sciences (ornithology) and humanities (anthropology). The expeditions they carried out left important clues for the investigation of the history of tourism in the region, as they present elements that make up the modern tourist phenomenon: accommodation, food and transport. From this contextualization, the objective of this work was to investigate, in the light of studies of the history of sciences, gender and tourism, the female participation played, in particular, by the aforementioned scientists, in the construction of scientific knowledge in the Amazon at the beginning of the century. XX, entering their professional trajectories, strategies and their respective universes. Regarding the problem, it was questioned the importance of the role of women in the history of science in Brazil and how their specific participation in the Amazon took place. The research was based on Edward P. Thompson: Social History and his reflections on everyday experience and tactics; Carlo Ginzburg: Micro-History, when entering the evidence of other paths taken by them; Michelle Perrot, Londa Schiebinger and Anne McClintock, when they endorsed the role of women in the scientific field, helping to investigate forms of coloniality experienced in the daily life and work of scientists. With regard to tourism studies, a dialogue was held with Paulo de Assunção, Alexandre Panosso Netto and Helena Doris A. B. Quaresma, who deal with the reflection of the tourist phenomenon and its openings in the history and research in the Amazon. The methodological course traced clues of the performance of these women of science at the Museu Paraense Emílio Goeldi, Arquivo Guilherme de La Penha. We also searched for archives on Emília Sneathlage in a virtual environment at the National Digital Library and on Heloísa Alberto Torres at the Museum of Astronomy and Related Sciences. The documentary research started in 2018 and lasted until mid 2022, mainly through a virtual environment, due to the Covid-19 pandemic. In order to answer the thesis problem, evidence in newspapers, articles produced by these scientists, personal and institutional letters and novels were mapped and analyzed, which made visible their experiences and practices in their institutions and in their daily research in the Amazon. Based on these findings, the thesis demonstrates that both played a fundamental role in the construction of science in the Amazon, through their actions and “world sensitivities”, at a time of full hegemony of male dominance in the scientific field. They built their paths in ornithology and anthropology so that their publications and scientific achievements spread beyond their institutions, marking space in the history of science in Brazil and abroad. Furthermore, the trips revealed new directions to understand the tourist phenomenon in the Amazon region, since constituent elements of the practice in the activity were used. Contributing, in this way, to think about the emergence of a new epistemology on tourist trips.

Keywords: Emília Sneathlage. Heloísa Alberto Torres. History of Science. Gender. Tourism.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC	Academia Brasileira de Ciências
ANPUH	Associação Nacional dos Pesquisadores em História
APA	Área de Proteção Ambiental
APEP	Arquivo Público do Estado do Pará
BB	Banco do Brasil
BND	Biblioteca Nacional Digital – Hemeroteca
CAMDE	Campanha da Mulher pela Democracia
CFE	Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas
CNPI	Conselho Nacional de Proteção aos Índios
CNPQ	Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COC	Casa de Oswaldo Cruz
EBA	Escola Nacional de Belas Artes
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EUA	Estados Unidos da América
FACTUR	Faculdade de Turismo
FAPESPA	Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo
FBPF	Federação Brasileira pelo Progresso Feminino
FCTN	Fundação Cultural Tancredo Neves
FNFi	Faculdade Nacional de Filosofia
FUNAI	Fundação de Proteção ao Índio
GECA	Grupo de Estudos Culturais da Amazônia
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais, Queer, Intersexo, Assexuada + Outros
MAST	Museu de Astronomia e Ciências Afins
MNRJ	Museu Nacional do Rio de Janeiro
MPEG	Museu Paraense Emílio Goeldi
OPAS	Organização Pan-Americana de Saúde
OMS	Organização Mundial de Saúde
PPGHCS	Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde
PPHIST	Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia

SIAN	Sistema de Informação do Arquivo Nacional
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional
UFPA	Universidade Federal do Pará
UNIFESSPA	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
UC	Universidade de Columbia
UDF	Universidade do Distrito Federal
UnB	Universidade de Brasília

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Frances Herskovits (roupa e chapéu pretos) e Heloísa Alberto Torres (jaleco branco) ao lado de nomes importantes como Álvaro Osório e Roquette-Pinto ao centro da fotografia, sem data	53
Figura 2 – Nota em que surgem os nomes de Emília e Heloísa juntas no MNRJ (1927)	54
Figura 3 – Nome de Emília surge na seção de antropologia e etnografia do MN (1924)	68
Figuras 4 e 5 – Emília Snethlage na Alemanha (esquerda) e no Museu Goeldi.	94
Figuras 6 e 7 – Nome de Snethlage grafado no masculino (1908) e depois no feminino (1911)	100
Figura 8 – Itinerário de Emília Snethlage a partir de suas obras escolhidas para a tese	115
Figura 9 – Ilustração da tese de doutorado de Emília sobre cortes da musculatura da <i>Artemia salina</i>	117
Figura 10 – Ofício em que Emília Snethlage é reconhecida como funcionária do Museu Paraense pelo Governo do Estado do Pará	122
Figura 11 – Topa, João e Maitumá, companheiros de viagem de Emília Snethlage.....	133
Figura 12 – Talvez uma última imagem de Emília Snethlage deixando seus longos cabelos serem vistos por completo	164
Figuras 13 e 14 – Duas fases: a jovem Heloísa Alberto Torres e “D. Heloísa”	165
Figura 15 – A vitória do feminismo no Brasil.....	175
Figura 16 – Heloísa como substituta de Roquette-Pinto na seção de antropologia e etnografia	181
Figura 17 – Heloísa Alberto Torres, Glycia Serrano e Froes da Fonseca no concurso de Miss	184
Figura 18 – Nota no jornal com a nomeação de Heloísa Alberto	200
Figura 19 – Anúncio da palestra sobre cerâmica marajoara por Heloísa Alberto Torres	216
Figura 20 – Imagem de um vaso marajoara	224
Figura 21 – Imagem de uma tanga marajoara	225
Figura 22 – Heloísa Alberto Torres e Carlos Estevão no navio Cassiporé	233
Quadro 1 – Obras escolhidas para a viagem com Emília Snethlage	113

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: “NA BARRA DA SAIA” TRAJETÓRIAS DO FEMININO NA AMAZÔNIA	15
PARTE I – UMA TURISMÓLOGA A CAMINHAR ENTRE A CIÊNCIA, O GÊNERO E O TURISMO	28
2 ARRUMANDO AS MALAS: BREVES NOTAS BIOGRÁFICAS E BIBLIOGRÁFICAS DA VIAGEM	28
PARTE II – EMÍLIA SNETHLAGE E HELOÍSA ALBERTO TORRES EM ESCRITAS DE SI.....	46
3 EMÍLIA SNETHLAGE E HELOÍSA ALBERTO TORRES: ENCONTRO DE GERAÇÕES NA CIÊNCIA BRASILEIRA.....	46
3.1 Histórias de duas cientistas no Brasil	46
3.2 Escritas de si: subjetividades femininas no campo científico	66
PARTE III – AS MULHERES CIENTISTAS E EU EM TRAJETÓRIAS, LUTAS E REALIZAÇÕES	92
4 EMÍLIA SNETHLAGE: DOS JARDINS DA MINHA CASA PARA OS TRÓPICOS AMAZÔNICOS	92
4.1 Da Alemanha ao Pará: a vida no Museu Paraense Emílio Goeldi.....	92
4.2 Viagens pela escrita: cotidiano e descobertas	112
4.2.1 As viagens da cientista Emília Snethlage	123
5 HELOÍSA ALBERTO TORRES: DE PROFESSORA SUBSTITUTA À “D. HELOÍSA”.....	165
5.1 Rompendo fronteiras: uma cientista em zonas de influência.....	167
5.2 Para além da gestão: Heloísa em experiências com a educação e o indigenismo no Brasil.....	188
5.3 “No Pacoval do Carimbé”: uma cientista na pena de um literato	210
6 CONCLUSÃO... E A VIAGEM CHEGA AO FIM?.....	234
REFERÊNCIAS	244
FONTES: CARTAS, JORNAIS, TRADUÇÕES, OUTROS DOCUMENTOS.....	259
SOBRE EMÍLIA SNETHLAGE em Jornais e revistas entre 1900-1930.....	261
SOBRE HELOÍSA ALBERTO TORRES em Jornais e revistas entre 1920-1940	262

1 INTRODUÇÃO: “NA BARRA DA SAIA” TRAJETÓRIAS DO FEMININO NA AMAZÔNIA

“É, portanto, em favor de todas as mulheres brasileiras que escrevemos, é a sua geral prosperidade o alvo de nossos anelos, quando os elementos dessa prosperidade se acham ainda tão confusamente marulhados no labirinto de inveterados costumes e arriscadas inovações”¹.

Tomo a folha em branco dessa tela de computador como caminho para uma viagem iniciada quando ingressei na Universidade Federal do Pará. Peço licença aos leitores desta tese para narrar minha viagem e experiência particular na ciência brasileira “ao lado” de duas mulheres que puderam escolher ingressar e vivenciar na academia. Ao acolher esse tema, encontrei duas parceiras de viagem que me ensinaram os caminhos da vida científica e das lutas que enfrentaram, mas também dos sabores das conquistas de suas carreiras.

Inicialmente, é necessário alertar os leitores que as noções entre a história das ciências, do gênero e do turismo² na Amazônia surgiram, nesta tese, como atravessamentos³ que desencadearam questionamentos, alinharam acontecimentos e revelaram personagens. Dito isso, esclareço que, além de despertar minha atenção, esses elementos também permitiram aprofundar o entendimento de que os valores científicos, as dinâmicas socioespaciais e os discursos acerca da produção científica, do estudo de gênero e do fenômeno turístico⁴ delinearam as trajetórias de duas mulheres cientistas ao longo da primeira metade do século XX, que, por sua vez, despontaram como elemento central deste trabalho.

A possibilidade de ingressar em uma área das Ciências Humanas trouxe-me a liberdade, de certa maneira, de abrir esta tese colocando-me nela, não como espectadora, mas como partícipe de momentos importantes da história das ciências e do gênero, em interações com o turismo, junto a essas duas cientistas. Tomo a iniciativa e, assim, o faço pautada no pensamento

¹ Livro de Nísia Floresta (1853 [1989], p. 130) “Opúsculo humanitário”, obra editada por Peggy Sharpe em 1989, foi uma leitura interessante, pois Nísia foi uma educadora de final do século XIX e começo do XX, que escrevia sobre a importância da educação feminina.

² Quero pontuar que utilizarei em letras minúsculas essas três palavras para a escrita do texto fluir e ter uma estética visual, mas reforço aos leitores que as entendo como disciplinas. Quanto à história das ciências, utilizarei no plural por compreender que a ciência possui uma historicidade (CONDÉ, 2017), por isso, não vejo somente uma “ciência”, mas diversas. No que diz respeito às pesquisas de Emília Snethlage e de Heloísa Alberto Torres, estão inseridas nas ciências naturais e nas ciências humanas, respectivamente.

³ Tomo a liberdade de usar essa palavra ao longo da tese por sempre ouvir meu orientador dizer que minha pesquisa atravessava diferentes áreas. As considerações da banca de qualificação e defesa me motivaram a dizer que esse atravessamento pode ser posto como delineamento entre essas áreas. Assim, a ciência, o gênero e o turismo formam essa teia por onde mostro como as duas cientistas interagiram nesses três elementos.

⁴ Nesta tese, utilizo também a expressão de “experiência turística” para assim ter como base os estudos de Edward P. Thompson, na história, quando me reportar às viagens de Emília Snethlage e Heloísa Alberto Torres, embora, na teoria do turismo, o conceito utilizado pelos autores seja denominado “fenômeno turístico”.

subalterno de Gayatri C. Spivak⁵, que permite problematizar convenções na escrita acadêmica e inovar na escrita da história. Dessa maneira, apresento-me como mulher, professora e cientista antes de adentrar o universo historiográfico de outras duas mulheres cientistas. Estas foram Emília Snethlage (1868-1929), ornitóloga do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), e Heloísa Alberto Torres (1895-1977), antropóloga do Museu Nacional do Rio de Janeiro (MNRJ).

Madura de minhas escolhas e com o apoio da orientação, da banca de qualificação, da sala de aula e de trocas com outras pessoas, firmei bases em três teóricos da história: Michelle Perrot, Edward P. Thompson e Carlo Ginzburg, os quais são basilares para a concepção geral da teoria e da metodologia histórica da tese. Ao longo do texto, embarquei no cânone de outros(as) teóricos(as) de diferentes áreas como: a história das ciências, como Naomi Oreskes, Londa Schiebinger, Mauro Condé; do gênero, trouxe Joan Scott, Anne McClintock; e do turismo, Margarita Barretto, Alexandre Panosso Netto, Luiz Gonzaga G. Trigo. Estes(as) e outros(as) serão vistos no capítulo I a seguir e ao longo do texto.

Ao começar por esse caminho, muitas dificuldades surgiram, desde a etapa de pensar o tema central da tese até o caminhar final para vislumbrar como essas duas mulheres usaram diversas estratégias para solidificar suas carreiras científicas. Busquei em minhas vivências de escrita, notando que ainda não havia produzido sobre gênero, em especial, acerca das mulheres dentro da área do turismo⁶. E, ao deparar-me com a entrada no programa em Pós-graduação na História, indaguei-me sobre o que me motivaria a escrever. A primeira questão foi saber que mulheres pesquisaram na Amazônia. Encontrei, em minhas primeiras incursões e análises, que as mulheres cientistas, não somente na Amazônia, como no Brasil, pouco tiveram seus trabalhos e suas trajetórias contados.

Em segundo lugar, minha trajetória acadêmica pouco envolveu estudos mais profundos acerca da investigação sobre o conceito de ciência. Temas como filosofia da ciência e história das ciências apareceram pouco durante meu transcurso como aluna e depois como professora/pesquisadora. Contudo, sempre que podia, lia e procurava entender o processo do conhecimento científico, pois ministrei aulas de Metodologia Científica nas turmas da Faculdade de Turismo. Então, nas leituras sobre o processo de construção conceitual e prática

⁵ Destaco a obra “Pode o subalterno falar?” (SPIVAK, 2018) em que entendo que os Estudos Subalternos Indianos abrem possibilidades para que a (o) pesquisadora (o) adentre no universo da sua produção e tomar parte dessa história a ser contada com fatos e ficções. Produzindo assim, um efeito de construção conjunto entre investigador e investigado.

⁶ O primeiro contato que tive com o estudo do gênero foi em 2014 quando orientei duas alunas a partir de um Trabalho de Conclusão de Curso sobre relações de gênero e turismo na hotelaria na cidade de Belém.

da pesquisa e da ciência, tive como referências as obras de Thomas Kuhn⁷.

Quero deixar claro aos leitores que meu lugar de fala na tese foi uma proposta inspirada em estudos de Spivak quando assinala que “[...] dessa maneira incômoda para ressaltar o fato de que questionar o lugar do investigador permanece sendo uma crença sem sentido em muitas das críticas recentes ao sujeito soberano”⁸. Entendo que o falar, nas escritas de Emília e Heloísa, não se configura em uma expressão simplesmente “de doação” do autor para seu objeto de estudo. A ousadia em me colocar na escrita junto às mulheres que estudo e construir uma narrativa dialógica imaginativa, fundamentada em evidências históricas, emerge como proposta inovadora para o ofício do(a) historiador(a).

Mas como cheguei ao problema central da tese? Ao longo do processo de produção do projeto, testei perguntas, ainda soltas, e, ao final, procurei deixar que uma pergunta simples e direta que pudesse me levar ao desabrochar de minha tese. Assim, questionei-me: qual é a importância da atuação das mulheres na história das ciências no Brasil e como se deu a participação específica de Emília Snethlage e Heloísa Alberto Torres na construção das discussões sobre ciência, gênero e turismo na e sobre a Amazônia?

Com base nessa questão, procurei construir um caminho mais palpável para averiguar esse problema e o mote central de meus estudos e, desse modo, elenquei perguntas mais pontuais, entre elas: a) Houve outras trajetórias de mulheres cientistas no Brasil, em especial, na Amazônia, antes de Emília e Heloísa?; b) Qual foi a relevância da participação de Emília Snethlage e Heloísa Alberto Torres na produção de conhecimento e compartilhamento de saberes científicos na Amazônia e como construíram suas trajetórias profissionais/científicas nas instituições em que trabalharam?; c) Qual foi a relevância de seus trabalhos para a formação de conhecimento científico feminino sobre a Amazônia do começo do século XX e seus reflexos na atualidade?; e d) E como ver suas influências nas viagens científicas femininas e como um possível estímulo para o turismo?

A partir dessas problemáticas, afirmo que a tese se propõe a analisar como a construção do conhecimento científico feito por Emília Snethlage e Heloísa Alberto Torres, nas expedições na Amazônia, desde a primeira etapa do século XX, impacta na formação do campo, no lugar da mulher na ciência e, ainda, antecipa o pensamento do turismo na região amazônica. Além de

⁷ Ao longo da minha pesquisa fiquei interessada em estudar uma disciplina na Casa de Oswaldo Cruz (COC), no Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde (PPGHCS) e, assim, pleiteei e consegui cursar, de forma remota, a disciplina “História e Historiografia das Ciências”, no 1º semestre de 2021, com as professoras Lorelai Kury, Carolina Arouca e Ingrid Casazza. Pude fazer leituras importantes acerca do tema e consegui embasar minhas discussões e a escrita acerca do processo histórico que envolve a ciência, incluindo as leituras de Thomas Kuhn (2013) e outros (as) historiadores da ciência que serão vistos ao longo da tese.

⁸ A obra de Spivak (2018, p. 23) inspirou-me a escrever essa forma de escrever meu texto.

ênfatizar suas passagens no ambiente público, nesse caso, as instituições em que atuaram, como o Museu Goeldi, em Belém do Pará, e o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, suas carreiras científicas, formando uma classe da ciência feminina e deixando um legado na ciência feita no Brasil, sobretudo, na Amazônia.

Semelhante ao que fiz no problema central do trabalho, também constatei ser importante transformar esse objetivo central em passos menores:

- Identificar trajetórias de mulheres que se destacaram como cientistas no Brasil, mais especialmente na Amazônia⁹;
- Descrever como Emília e Heloísa construíram suas carreiras científicas e moveram-se em um mundo majoritariamente masculino, dando visibilidade às suas próprias narrativas;
- Interpretar algumas de suas obras por meio das escritas elaboradas por essas duas mulheres, atitudes de autodeterminação, protagonismo e empoderamento que refletiram em suas vidas de cientistas e deixaram um legado para as mulheres cientistas de hoje; e
- Aproximar as experiências das expedições realizadas por ambas as cientistas ao fenômeno turístico na Amazônia, compreendendo como a viagem do *Grand Tour* pode ampliar o estudo do turismo em elementos práticos e epistemológicos, como: o deslocamento em busca do conhecimento, os transportes, a hospedagem, a relação com a população local etc.

Os pontos acima apresentados voltaram-se, mais objetivamente na tese, para discutir a dimensão das mulheres cientistas que viajaram no Brasil, especificamente, na Amazônia, considerando que não era “comum”, no início do século XX, a presença delas à frente das equipes técnicas, seja em instituições ou em viagens de campo nesses trabalhos. Diante desse cenário, no qual a mulher não alcançou protagonismo em projetos científicos institucionais, refleti acerca da seguinte hipótese para a tese: a construção de narrativas que deem conta da formação da ciência no Brasil, tendo como protagonistas mulheres no campo científico que se abriam para a Amazônia e, conseqüentemente para o Brasil, no começo do século XX, representou um número reduzido na construção historiográfica científica.

⁹ Ao longo da escrita, identificamos estas mulheres: Elizabeth Agassiz, Octavie Coudreau e Teresa da Baviera, que tiveram um protagonismo na ciência. Ao longo do texto, faço uma breve apresentação da participação delas como figuras também do feminino quanto ao conhecimento científico.

Outro panorama que pensei foi o de observar suas trajetórias e estratégias e, em certa medida, verificar que as suas contribuições, no campo científico naquele momento, foram muito importantes para esse conhecimento sobre a Amazônia e o Brasil¹⁰.

A *priori* afirmo que as narrativas históricas, com frequência, não destacam a figura da mulher como protagonista ou como representante¹¹ do fazer científico no Brasil, seja ao deslocar-se em viagens de campo ou na produção de pesquisas em laboratórios e nas instituições. No caso particular desta pesquisa, Emília Snethlage e Heloísa Alberto Torres surgem como referência na escrita dessa história, não apenas por serem cientistas e gestoras de instituições importantes, mas também por terem os seus respectivos trabalhos reconhecidos por seus pares e pela história das ciências no Brasil, mesmo que esse reconhecimento seja tímido.

E com vistas a contemplar a narrativa que se fará presente na tese, alinhei pontos e discussões que serão tratadas ao longo do trabalho e integram a justificativa da escrita: por que Emília Snethlage? Ela foi a primeira mulher com doutorado a atuar no MPEG, ela entrou como auxiliar na seção de zoologia e chegou a dirigir essa instituição. Observei que ainda se constroem referências sobre a cientista e deve-se pensar que seus trabalhos foram relevantes para o Museu Goeldi não somente pela produção na ornitologia, mas em áreas como a zoologia, a botânica e a geografia.

Relevantes, em especial, pelas pesquisas etnográficas e pelas viagens de campo, demarcadores de uma sensível diferença entre a mulher cientista de gabinete e a mulher cientista viajante. Vale destacar, ainda, a passagem pelo Museu Nacional, onde também ganhou visibilidade pelo trabalho que desenvolveu, no entanto, pouco se tem escrito sobre sua passagem por lá. Dessa maneira, trago Emília, a partir das fontes e dos vestígios, para apresentar sua vida profissional e sua participação como mulher na sociedade intelectual e política paraense e no Brasil¹².

E no que concerne à Heloísa Alberto Torres? Ela foi aprovada em 1º lugar em um concurso para professor substituto no MNRJ, onde ela era a única mulher. Depois se tornou vice-diretora e, em seguida, diretora do Museu Nacional. Criou importantes redes de contatos

¹⁰ Leite (1997), em sua obra “Livros de viagem – 1803-1900”, discorre sobre as viagens de mulheres e como estas se colocavam no cenário do campo naturalista e destaca uma questão instigante para pensar essas questões quando observa que a história da mulher, que viajava e ainda fazia pesquisa, era colocada como um reflexo, um complemento e até crise do grupo masculino.

¹¹ Em Hall (2016), o conceito de representatividade é importante para delinear como Emília e Heloísa deixaram marcas nas ciências naturais e antropológicas. Nessa discussão, entendo a representatividade delas como experiências concretas de como a ciência poderia e pode ter nas mulheres personagens principais no conhecimento científico naquele período.

¹² Quanto à Emília Snethlage, destaco as obras de: Osvaldo Cunha (1989); Mariza Corrêa (1995); Miriam Junghans (2008; 2009; 2016); Nelson Sanjad (2013; 2019); e Gleice Mere (2021) e outros textos que serão vistos ao longo da escrita.

de estudos antropológicos entre instituições estrangeiras e o Brasil. Há relações e contextos que não esclarecem, com o devido rigor, o trabalho da cientista, tais como: a participação na vida pública educacional da formação no Rio de Janeiro; sua influência nos círculos políticos da capital carioca e, de certa forma, no Brasil, tendo como foco sua aproximação com o governo durante o começo de 1920 e o Estado Novo, por exemplo; e, por fim, o apagamento de sua presença na história dos estudos sobre as populações indígenas nesse período histórico¹³.

Por fim, o que concentrou atenção na escolha das duas cientistas? Considerei que a investigação sobre a teorização da ciência e do gênero ainda necessitava de mais pesquisas, especialmente, acerca da produção científica dessas duas mulheres, em particular. Enfoquei nas carreiras científicas, principalmente, na Amazônia, mas traçando uma relação em rede nacional por meio de Heloísa e internacional por meio de Emília. Verifiquei que ambas estiveram juntas no Museu Nacional e trabalharam na mesma seção de antropologia. Tal peculiaridade tem sua importância, uma vez que os fatos trazidos para a discussão encontram Emília Snethlage no auge da carreira e Heloísa Alberto Torres iniciando seu caminho como cientista. O entrecruzamento de dados ajudou a integrar as cientistas, seja no que tange à produção de ambas, seja pela forma que se estabeleceram as relações na área científica de corpos femininos em espaços nos quais o patriarcado foi e ainda é dominante na ciência.

Por que fazer a relação do turismo com a história das ciências e gênero nesta pesquisa? Percebi que elementos teóricos e epistemológicos no que se refere ao turismo surgiram ao longo da pesquisa para o projeto, tais como as viagens de campo e o *Grand Tour*, seguido de elementos que contemplam a prática turística: transporte, hospedagem e alimentação. Desse modo, procurei dar conta da minha área de atuação na tese, considerando que as fontes acerca das excursões dessas cientistas deram pistas para que eu propusesse uma ampliação do estudo teórico do turismo, o qual, ao longo dos últimos anos¹⁴, tem avançado em uma produção epistemológica e, mormente, teórica realizada, mas não no campo da história das ciências e do gênero. Além disso, têm-se poucos estudos sobre a história do turismo na Amazônia. Vislumbrei, portanto, na historiografia dos viajantes, uma possível ligação para expandir essa discussão.

Quanto ao meu caminhar metodológico, começo por descrever minhas fontes sobre

¹³ Sobre Heloísa Alberto Torres fundamentei-me em: Mariza Côrrea (2003; 2008); Adélia Miglievich-Ribeiro (2010; 2015; 2019); Cecília Ewbank (2017; 2018) e demais artigos apresentados ao longo do texto.

¹⁴ Sobre esse tema, trago o artigo de Castillo Nechar e Panosso Netto (2011) acerca da produção científica do turismo. Os autores explanam que a relação do fenômeno turístico e da cientificidade ainda está em consolidação, e entre os eixos, que necessitam integrar tais elementos, estão as Instituições de Ensino Superior (IES) como possíveis produtoras desse conhecimento de toda a atividade social, econômica, cultural e política que circunda a atividade turística.

Emília Snethlage, para tanto busquei documentos do arquivo do Museu Paraense Emílio Goeldi, disponíveis no Arquivo Guilherme de La Penha: cartas institucionais e documentação do período em que ela esteve na gestão do MPEG; um livro de romance no qual ela surge como uma das personagens; os Boletins do Museu Goeldi entre 1910 até 1914; os relatórios de campo e trabalhos publicados por ela acerca das viagens e pesquisas realizadas entre 1905 até 1922; recortes de jornais em que Emília surgia nas notícias. Esta pesquisa foi realizada por meio digital, no *site* da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital (BND); depois consegui fontes do Sistema de Informação do Arquivo Nacional (SIAN), do Instituto Martius-Staden.

Minha pesquisa histórico-documental foi construída a partir do método indiciário proposto por Carlo Ginzburg¹⁵. As análises de cartas, relatórios etc. puderam apresentar a realidade das vidas profissionais de Emília e Heloísa, bem como o cotidiano dentro e fora das instituições, suas expedições e suas produções escritas. O paradigma indiciário também me ofereceu suporte para escrever minha narrativa e, desse modo, apresentar a construção da tese nesse formato, pelo qual cito fontes, como as cartas e os relatórios para criar minha posição junto delas na condução do resultado da investigação. Para ler as fontes, detive-me à concepção do método da hermenêutica do cotidiano, apresentado por Odila Dias¹⁶. Ao adentrar o cotidiano dessas duas cientistas, por meio de fontes, entendi como as dinâmicas profissionais de Emília e Heloísa emergiram na tese. Dessa feita, o entendimento do estudo do cotidiano da ciência realizado por essas duas cientistas avançou do campo das ideias, da rotina, visto que elas construíram rupturas com os formatos antigos do fazer ciência em suas épocas¹⁷.

Por fim, li o máximo de referências bibliográficas escritas publicadas sobre Emília Snethlage nos últimos 10 anos, como: artigos, dissertações de mestrado e capítulos de livros. Nesse ínterim, tive a oportunidade de conhecer a historiadora Dr.^a Miriam Junghans¹⁸, por intermédio do professor Nelson Sanjad, e de ter uma entrevista por telefone com ela em meados de agosto de 2021, na qual tivemos conversas que me ampliaram o olhar sobre Snethlage.

¹⁵ A leitura de Ginzburg (1989; 2006; 2007) foi imprescindível para amparar minha concepção de escrita na história, por isso escolhi esse método.

¹⁶ Dias (1998, p. 224) traz um ensaio muito importante sobre como os historiadores podem apoderar-se dos fatos históricos para compreender o estudo do cotidiano. Segundo a autora: “o estudo do cotidiano abarca uma frente ampla de áreas multidisciplinares e envolve uma estratégia de questionamentos e de crítica da cultura”. A metodologia da leitura das fontes da tese tem como base esse texto, pois foi no cotidiano que consegui compreender as lutas e os avanços na vida profissional de Emília e Heloísa.

¹⁷ “O conceito do cotidiano [...] parece implicar contradição com o próprio termo que indica, de imediato, para muitos, uma ideia de rotina, de lazer, de fatos encadeados num plano de continuidade [...]. Entretanto, para alguns pensadores de nossa contemporaneidade, o conceito sugere, antes, mudanças, rupturas, dissolução de culturas, possibilidades de novos modos de ser” (DIAS, 1998, p. 226).

¹⁸ A historiadora Miriam Junghans foi a primeira pesquisadora a trazer trabalhos sobre Emília Snethlage, tanto que sua dissertação de 2009 foi começo de sua relação Emília.

Alargando ainda mais meus caminhos por essa peregrinação acadêmica, participei de palestras e encontros que versaram sobre a vida de mulheres cientistas, alguns especialmente sobre Emília, como será visto ao longo da tese.

Com relação à pesquisa sobre Heloísa Alberto Torres, a documentação foi parecida com a que encontrei sobre Emília. Selecionei, em primeiro lugar, os artigos de jornais da Hemeroteca da BND; destes, escolhi os anos de 1920 a 1945 para definir o espaço temporal. Dos arquivos pesquisados sobre Heloísa, foram: Hemeroteca da BND; o arquivo do SIAN; Arquivo do Museu Nacional do Rio de Janeiro (MNRJ); a documentação do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST); nele se encontra, hoje, a maior parte do acervo sobre Torres. Desses acervos, selecionei recortes de jornais, cartas institucionais e documentação do período da gestão de Heloísa no MNRJ.

Em meados do ano de 2020, entrei em contato, por e-mail, com a professora Dr.^a Adélia Miglievich-Ribeiro¹⁹, o que oportunizou troca de mensagens e uma breve entrevista. As conversas com a professora Adélia também foram essenciais para compreender o universo de Heloísa. Além de me debruçar em todas as referências escritas sobre ela até o momento de fechamento desta tese, tais como: artigos, capítulos de livros, dissertações e tese, um romance sobre sua vinda ao Marajó, em que ela era a personagem principal.

Em um contexto geral, estes foram alguns dos momentos que passei durante o principal período da estruturação do meu campo historiográfico. Ao longo disso, aproveitei para ler o que pude de referências para entender a teoria que traz a mulher como “aventureira” da ciência²⁰, termo esse que será criticado por autoras vistas a seguir, entre outros conceitos na história das ciências, no gênero e no turismo. Quanto aos romances sobre as duas cientistas, neles alcancei o processo de construção acerca do conhecimento da região, seja pelas observações nas ciências naturais feitas por Emília, seja nas análises antropológicas realizadas por Heloísa. A história dessas cientistas retratou como a ciência brasileira, de certa forma, deve a elas e a outras mulheres um capítulo especial a ser contado.

O que de interessante e importante que essas fontes me trouxeram foi a revelação de outras facetas dessas cientistas. Mulheres que inspiraram esses romancistas a se curvarem diante do profissionalismo e da categoria admirável do trabalho realizado por elas. Os relatórios de pesquisa e artigos, produzidos por Emília no Museu Goeldi e, conseqüentemente, o livro de

¹⁹ Professora Adélia Miglievich-Ribeiro é uma pesquisadora que possui muitos artigos sobre Heloísa Alberto Torres, incluindo o livro sobre Heloísa A. Torres (2015) que utilizei ao longo da tese, e será apresentado.

²⁰ Textos de Lopes (1998), de Schiebinger (2001) e Trindade *et al.* (2016) foram significativos para que eu pudesse compreender as mulheres ao surgirem no campo científico, e estas pareciam não fazer ciência, mas apenas “aventurarem-se” nesse universo.

Heloísa sobre a cerâmica no Museu Nacional, elucidaram dados significativos para escrever como suas atividades científicas foram produzidas. Em vista disso, pude (re)construir um pouco do ser uma mulher cientista naquele momento específico da história das ciências na Amazônia e no Brasil.

Diante dos primeiros movimentos de aproximação com as fontes, junto às teorias, ergueu-se um mosaico de questões a me oferecer inquietações e necessidades de serem investigadas. No interesse de iluminar os processos socioculturais e de convivialidades que se revelaram, entre outras coisas, percebi a relevância da participação de Emília Snethlage e Heloísa Alberto Torres na produção de conhecimento e compartilhamento de saberes científicos na Amazônia. Estes se entrelaçaram nacional e internacionalmente; as viagens de campo e suas participações no MPEG e MNRJ trouxeram dados atravessados pelo turismo e, dessa maneira, consegui construir uma linha narrativa que alcançou as convivialidades sociais, passando por suas viagens, até participações na gestão dessas instituições.

No caso das fontes, elas me trouxeram percepções quanto à interação nas redes de instituições científicas, como o Museu Paraense Emílio Goeldi e o Museu Nacional do Rio de Janeiro no Brasil a partir do trabalho dessas cientistas. Outros pontos relevante são o número de mulheres pesquisadoras e o alcance de suas pesquisas junto às relações e práticas sociais e políticas da época, considerando que tais relações e práticas avançaram fora do campo das ciências. Tais temas surgiram como uma linha no horizonte para adentrar esse rico campo de pesquisa da história das ciências, do gênero e do turismo, estes que ainda se mostram em construção, por isso, interessou-me cruzar essa linha e percorrer esse território histórico.

O caminho na história me levou a conhecer outros tipos de fontes, como a história oral²¹. Para uma pesquisadora das ciências sociais aplicadas, o seu universo e objeto de pesquisa eram as pessoas e os espaços, não os recortes de jornais, os romances, os relatórios de pesquisa etc. Ao passar pelas disciplinas, orientações e conversas, no entanto, pude entender outro “campo de pesquisa”: os arquivos físicos e digitais. A interseção dessas pistas, deixadas pelo tempo, auxiliara-me a esboçar os acontecimentos do passado delas com propriedade, posto que, na historiografia, essa relação entre documentos foi primordial para reconstituir a história dessas mulheres²².

²¹ Para algumas conversas e breves entrevistas com pesquisadoras e pesquisadores sobre Emília e Heloísa, tive como base o livro de Marieta Ferreira e Janaína Amado (2006) “Usos e abusos da história oral”, visto que, na obra delas, notei um pouco das relações de Emília e Heloísa e das histórias de como investigaram, por isso, elas fizeram parte da minha escrita ao longo do trabalho.

²² Em Janotti (2015), compreendi que as fontes são os dados que o(a) historiador(a) tem para refazer os caminhos de seus personagens ao longo de um contexto histórico específico e, assim, pude traçar as principais características que descreveram a vida de Emília e Heloísa.

Para cada cientista, foram dados espaços em capítulos diferentes. Sobre elas, em particular, busquei trabalhar com algumas de suas cartas: institucionais e de trabalhos²³, uma vez que me centrei em suas atividades científicas que procurei olhar e investigar suas vidas na ciência brasileira. As cartas que li sobre elas mostraram mulheres que se dedicavam a seus trabalhos de forma organizada, objetiva e assertiva quanto às suas decisões.

Os recortes de jornais e os dois romances foram imprescindíveis para que elas pudessem surgir em uma narrativa do olhar de fora. O que escreviam acerca delas, como escreviam, quem eram as pessoas que escreviam sobre elas? Homens? Mulheres? Foi um universo interessante ter essa visão “estranha”, que não é a minha, acerca dessas cientistas. Os jornais foram os caminhos que fizeram com que eu compreendesse o quanto suas atividades e ações, no espaço público e no cenário científico brasileiro, eram expostas. Como foi “ser mulher” nas instituições e na sociedade brasileira em planos específicos de tempo em meados de 1905 da *Belle Époque* (1905-1922) de Emília Snethlage e a partir de 1920 durante a Revolução de 1930, adentrando o Estado Novo (1937-1945)²⁴ de Heloísa Alberto Torres.

Os dois romances em que Emília e Heloísa surgem como “heroínas” foram importantes análises sob a luz de referências como Margareth Lopes. Em seu artigo, ela enfatiza que a mulher cientista era vista como “aventureira” e, de fato, os romances acabam por revelar o que elas faziam em campo, pois Emília e Heloísa estavam fazendo seus trabalhos e criando suas estratégias profissionais como qualquer outro ou outra profissional.

Foi interessante a leitura desses folhetins, pois reforçaram o que Lopes critica: que elas eram vistas como “mulheres excepcionais” e, sim, foram muito. Contudo, essa excepcionalidade era transmitida pela forma como realizavam suas pesquisas e, sobretudo, por suas vivências e experiências para formar uma classe científica feminina, ganhando posições no campo científico e gerindo as duas instituições mais importantes da ciência no Brasil à época e na atualidade.

Emília Snethlage teve mais trabalhos escritos, tanto no Museu Goeldi quanto no Museu Nacional. Algumas de suas obras foram analisadas em um subitem do capítulo com relação à

²³ Sobre Emília Snethlage, utilizei cartas do acervo do Arquivo Guilherme de La Penha do MPEG e de Heloísa Alberto Torres tomei como fontes as cartas da coletânea do Cadernos Pagu (2008), organizada por Mariza Corrêa e Januária Mello.

²⁴ Sobre a *Belle Époque* e o Estado Novo, tomei leituras diversas entre artigos e livros, e aqui destaco obras importantes: de Nazaré Sarges (2010) “Belém: riquezas produzindo a *Belle Époque* (1870-1912)”; de Ana Maria Daou (2004) “A *Belle Époque* amazônica”; e um livro organizado por Américo Freire, Francisco Martinho e Marco Vannucchi (2019) “O que há de novo sobre o Estado Novo? Autoritarismos e Democracia”. A partir dessas leituras, consegui entender o cenário social desses momentos distintos e compreender como cada uma delas se posicionou em suas carreiras profissionais. Foi significativo fazer essa análise temporal distinta na tese, visto que, para cada momento, as mulheres tinham uma posição e função social.

sua vida profissional. A publicação mais conhecida foi “A travessia entre Xingu e o Tapajós” de 1914. Também trouxe artigos como: “*Nature and man in Eastern Pará, Brazil*” para a tese, além de trabalhos ainda inéditos, como sobre os Rios Iriri e Curuá, com tradução da língua alemã para português feito especificamente para esta pesquisa e mais uma produção acerca dos indígenas na Região do Xingu que foi lançada no final de 2021.

Quanto à Heloísa Alberto Torres, o seu principal trabalho foi o resultado da sua viagem de campo quando analisou a cerâmica no Marajó, publicando a “Arte indígena da Amazônia” em 1940. Esse livro é uma das suas principais produções impressas, uma obra em que a pesquisa de campo levou Torres a adentrar, de fato, o campo da antropologia, o qual trabalhei na tese. Ao longo dos anos 1929 até meados de 1937, ela escreveu artigos que saíram nos jornais e tem uma publicação da Revista do IPHAN. Depois suas atividades no Museu Nacional alcançaram outros patamares, maiormente, no que diz respeito à sua participação na gestão do MNRJ.

Os estudos das fontes, elementos que revelam um momento específico de um contexto social, cultural e político, constituem o enfoque metodológico e o espaço historiográfico da tese. No caso da investigação das mulheres, averigui a conjuntura científica e social em que uma ornitóloga e uma antropóloga vivenciaram em dois locais diferentes: Belém (PA) e Rio de Janeiro (RJ) no Brasil. Assim, fontes como: notas de jornais da época do Rio de Janeiro, São Paulo, Pará e Manaus e documentos sobre o funcionalismo público federal do início do século XX²⁵ foram como pedras a ladrilhar o caminho até elas. Também nos arquivos de instituições de pesquisa, encontrei cartas pessoais e institucionais²⁶, tanto de Emília quanto de Heloísa.

Dessa maneira, ao longo das disciplinas realizadas, pude compreender e enxergar as fontes como meu caminho para escrever acerca de Emília e Heloísa. daquelas que tive disponíveis de forma impressa e via digital até o término da tese, pude manusear, ler e analisar a maior parte delas, mas algumas ficaram por serem analisadas. Em vista disso, esse complexo campo historiográfico mostrou-me diversos rumos para conhecer suas obras e suas carreiras científicas nos dois espaços, em que trabalhavam, e entender suas experiências ao longo de suas

²⁵ Pesquisa digital realizada em 2018, 2019, 2020, 2021 e 2022 nos sites da Biblioteca Nacional Digital (<https://bndigital.bn.gov.br/>) e *site* do Arquivo Nacional (<http://sian.an.gov.br/sianex>) do Rio de Janeiro. Informo que todos os arquivos utilizados na tese tiveram os *downloads* de acordo com as leis de proteção de cada plataforma. Na página da bndigital.bn.gov.br, alguns arquivos continham limite de cópia ou *download* com a mensagem: “Este material é detentor do direito autoral, patrimonial e moral, com base nos incisos do art. 7º da Lei nº 9279 de 1996 (LPI) e artigo 5º, inciso XXIX, da Constituição de 1988. Uso indevido está sujeito a indenizações. Para reproduzi-lo, entre em contato cpdoc@jb.com.br”. Dessa maneira, muitos deles não foram utilizados na tese, apenas foram realizadas as leituras no *site* e ajudaram na compreensão de outras fontes. Somente em 2022 consegui, via aquisição particular, exemplar de três jornais em formato digital para ter a notícia completa.

²⁶ Pesquisa de campo iniciada em 2018 no Museu Paraense Emílio Goeldi, com a orientação do professor Nelson Sanjad que, atualmente, cuida do acervo sobre Emília Sneath; e pesquisa no Museu de Astronomia e Ciências Afins por correio eletrônico acerca de Heloísa Alberto Torres.

vidas profissionais. As fontes puderam revelar como elas são vistas hoje e que contribuições seus trabalhos deixaram para a história das ciências, do gênero e do turismo no Brasil.

A tese ficou assim estruturada: na introdução – “na Barra da Saia” Trajetórias do Feminino na Amazônia, apresento a construção do problema, os objetivos, a hipótese e as justificativas para dar conta do caminho da escrita do trabalho e, assim, desenvolver uma narrativa das trajetórias de Emília Snethlage e Heloísa Alberto Torres. Em seguida, apresento a parte I e exponho “Uma turismóloga a caminhar entre a ciência, o gênero e o turismo”, com o título Arrumando as malas: breves notas biográficas e bibliográficas da viagem como uma tentativa de configurar minha posição de fala na tese e expor o início da teoria sobre a história das ciências, do gênero e do turismo e discutir como essas proposições entrelaçam-se na vida dessas duas mulheres.

A seguir, avanço até a parte II – “Emília Snethlage e Heloísa Alberto Torres em escritas de si”, com o título “2 Emília Snethlage e Heloísa Alberto Torres: encontro de gerações na ciência brasileira”. Nesse item, procurei apresentá-las por meio de suas escritas e suas “vozes”²⁷ de certa forma. Utilizei cartas, especialmente, para apresentar aos leitores da tese quem foram essas mulheres, procurando um panorama fora das instituições, mas sem entrar em questões pessoais. E para isso dividi o capítulo em duas subunidades: “2.1 Histórias de duas cientistas no Brasil” e “2.2 Escritas de si: subjetividades femininas no campo científico”.

Na parte III, apresento o título: “As mulheres cientistas e eu em trajetórias, lutas e realizações”. Essa parte tem como capítulos: “3 Emília Snethlage: dos jardins da minha casa para os Trópicos Amazônicos” e “4 Heloísa Alberto Torres: de professora substituta à D. Heloísa”. Nesses dois capítulos, destaquei a vida delas e, sobretudo, suas atuações profissionais. Ao iniciar cada capítulo sobre Emília e Heloísa, realizei um apanhado breve de suas vidas, no qual o texto versou e analisou, por meio das fontes, suas atuações, suas lutas e seus ganhos profissionais. Desse modo, na parte III sobre Emília Snethlage, identifiquei, em suas viagens, como ela deixou um legado na ornitologia brasileira e internacional, passando por momentos em que Emília apresentou sua versatilidade científica em pesquisar sob a perspectiva da antropologia alemã, tendo ficado, dessa forma, seu capítulo: “3.1 Da Alemanha ao Pará: a vida no Museu Paraense Emílio Goeldi”, “3.2 Viagens pela escrita: cotidiano e descobertas” e “3.2.1 As viagens da cientista Emília Snethlage”.

Na sequência, no capítulo 4 sobre Heloísa Alberto Torres, também procurei caminhar por diferentes vieses de sua caminhada profissional desde a entrada no MNRJ e suas influências

²⁷ Interpreto as vozes delas por meio de suas cartas, pois foi ali que as vi “falando” de si e de suas experiências.

na educação e no indigenismo, ficando dividido como segue: “4.1 Rompendo fronteiras: uma cientista em zonas de influência”; “4.2 Para além da gestão: Heloísa em experiências com a educação e o indigenismo no Brasil” e, por fim, “4.3 ‘No Pacoval do Carimbé’: uma cientista na pena de um literato”. Aqui procurei desvendar a trajetória de Heloísa desde sua aprovação no concurso para o Museu Nacional até sua viagem ao Marajó.

Como elemento final, alcanço a parte “5 Conclusão... E a viagem chega ao fim?”. Nesse item, fiz as análises finais sobre a trajetória delas, apontando a problemática respondida e os objetivos que foram alcançados. Momento em que trouxe o que elas deixaram de seus trabalhos, maiormente, de suas vivências e como suas estratégias podem ser importantes para as mulheres cientistas do século XXI.

PARTE I – UMA TURISMÓLOGA A CAMINHAR ENTRE A CIÊNCIA, O GÊNERO E O TURISMO

2 ARRUMANDO AS MALAS: BREVES NOTAS BIOGRÁFICAS E BIBLIOGRÁFICAS DA VIAGEM

Em razão de ter iniciado a introdução deste trabalho na base decolonial amparada em Spivak, tomo a liberdade de abrir essa primeira parte da tese apresentando-me. Sou graduada pela Faculdade de Turismo (FACTOR), da Universidade Federal do Pará (UFPA), de modo que minha carreira acadêmica foi definida pela atuação na área do planejamento. O turismo, em sua construção holística, tem um caráter interdisciplinar, visto, primeiramente, como uma atividade econômica e estudada pela economia e administração, depois começa a ser investigado à luz de outras disciplinas como a sociologia, a antropologia e agora pela história como um fenômeno social.

Dessa forma, da graduação ao Mestrado, atuei alinhada aos temas relacionados à cultura e ao patrimônio e, nesse sentido, o campo disciplinar da história permeou com frequência minhas reflexões e, certamente, tem ocupado um espaço singular na construção de meus textos. Logo, considero que sempre foi uma premissa, como docente e pesquisadora, “procurar histórias para contar”, na posição de doutoranda, esse movimento ultrapassou o território da sala de aula e hoje se tornou um norte na construção desta tese a partir dos locais em que esta pesquisa atravessou.

A escolha para qualificação acadêmica para o doutorado no Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (PPHIST) ajudou-me a refletir e agregar três aspectos singulares nesta pesquisa: a ciência e o gênero e nestes atravessei o turismo. Olhar para esses universos temáticos abriu caminhos para o doutoramento e, nesse sentido, deparei-me com um amplo campo disciplinar²⁸, em que a história serviu de cenário principal. Assim, propus trabalhar com a perspectiva das mulheres viajantes²⁹ e, somente depois tomei como objeto as

²⁸ Busquei na formação da história, o conceito de campo disciplinar e, assim, trago como base o estudo de José D’Assunção Barros (2014), de modo que apresentar um campo disciplinar pode ser entendido como qualquer disciplina. Dessa maneira, entender o estudo da ciência, do gênero e do turismo como campos disciplinares a se integrar por meio da história.

²⁹ Nesta tese, utilizarei, em alguns momentos, “mulheres viajantes”, tanto que, para esse conceito, amparei-me nos textos de Miriam Moreira Leite (1997) em “Livros de viagem – 1803-1900” e Marie-Noëlle Bourguet (1997) com o texto “O explorador”. Nas leituras, compreendi que o viajante é uma figura que se constrói ao longo do percurso histórico nas narrativas acerca das viagens de exploração e depois as científicas.

mulheres cientistas³⁰.

Ao percorrer esse campo disciplinar, fiz estudos sobre a prática metodológica em história e breves incursões nos estudos antropológicos³¹, exercício fundamental para dar conta das escolhas realizadas na construção deste trabalho. Desde que ingressei em 2018 no PPHIST, minha pesquisa ganhou novas camadas não apenas pelo aporte epistemológico, que o campo da história, das viagens e do turismo me oferecem, mas também por eles terem ajudado a interpretar com maior vigilância o que a história das ciências e os estudos de gênero têm a oferecer para o meu recorte teórico e objeto desta tese.

Esse caminhar na história trouxe-me uma mistura de alegria e apreensões. A alegria de poder cursar uma área diferente da formação que possuo, mas complementar no que se refere à compreensão histórica das viagens. O meu buscar pelo conhecimento é grande, tanto que, na história, encontrei um leque de possibilidades de ver o turismo, área-mãe na qual sou graduada, de outra maneira³². Embora, ao mesmo tempo, as apreensões de interagir com um campo novo encheu de dúvidas meus pensamentos e análises acadêmicas.

Ao longo do trabalho, questioneei-me se daria conta de escrever uma tese de doutorado em História. Como cientistas das ciências sociais aplicadas, uma turismóloga, via-me em uma nova oportunidade para enfrentar outros campos acadêmicos. A dúvida³³ foi a melhor maneira de encarar as dificuldades e seguir em frente, principalmente, para quem quer buscar novos horizontes e não se deixa abater por dificuldades, já assinaladas por Platão e Aristóteles.

Minha vida pessoal, acadêmica e profissional passaram, e ainda passam, por essas indagações, mas a palavra desistência mantém-se bem longe de meus desejos, por isso, nesse instante apresento os resultados em que são notáveis a superação das dúvidas iniciais por meio da pesquisa densa, séria e responsável.

³⁰ Para elas, tomei como referências os estudos de Mariana M. O. Sombrio (2014) de sua tese de doutoramento: “Em busca pelo campo: ciências, coleções, gênero e outras histórias sobre mulheres viajantes no Brasil em meados do século XX”, em que traça um debate importante quanto à presença das mulheres no cenário científico brasileiro. Com uma leitura mais “clássica”, detive-me em Schiebinger (2001), posto que ela traz uma caracterização mais histórica do papel das mulheres na ciência, assim, denomino-as como mulheres cientistas.

³¹ Cursei a disciplina “Estudos de gênero” com a professora Denise Machado Cardoso no Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia e, em seguida, cursei a disciplina “O Metier do historiador” com o professor Marcio Couto, ambas realizadas em 2016, como aluna ouvinte.

³² Para esta tese, escolhi alguns autores que estudam o turismo como um produto social. Essa área/atividade não possui ainda uma base teórica e metodológica por ser um campo de estudos recente, se comparada a outras disciplinas, como a própria história. Algumas leituras são antigas, embora sejam cânones no que concerne analisar o turismo como campo disciplinar desde o materialismo histórico, passando pelo debate filosófico das viagens e do lazer, que me possibilitaram trazer à tese a discussão que integra a viagem de campo, o chamado *Grand Tour* à ciência, relacionando ao campo de estudo do turismo. Aqui trago leituras de Marutschka Martini Moesch (2002), Margarita Barretto (2003), Alexandre Panosso Netto (2005), João dos Santos Filho (2005) e outros mais a seguir.

³³ A dúvida é o processo de construção filosófica que faz parte da construção do conhecimento científico, em que esses filósofos abriram leque de possibilidades ao dizer que a dúvida é “[...] a hesitação em escolher entre a asserção da afirmação e a asserção da negação” (ABBAGNANO, 2007, p. 296).

Coloco-me como uma turismóloga a tentar escrever como uma historiadora e, para isso, primeiro imergi nas aulas, em especial, naquelas que direcionavam a teoria e a metodologia da história. Depois fui em busca de disciplinas específicas, como escrita e leitura de historiadores e historiadoras em temas afinados às minhas necessidades e interesses na área. A cada disciplina entendi como interpretar, analisar fontes e escrever no campo historiográfico. Dessa forma, apresento, nessa primeira parte do trabalho, minhas reflexões e bases teórico-metodológicas na história, nas quais elas oferecem suportes para o texto que se segue.

Mediante tal perspectiva, arrisquei-me a refletir e a escrever como uma “historiadora”. A base teórica e metodológica da história, assim como no turismo, ajudou-me a construir um caminho e ter uma orientação. E o cuidado para fazer essa escolha foi essencial para que a tese pudesse ter peso teórico e metodológico suficientes para dar conta das histórias profissionais das duas cientistas que falarei mais adiante.

Trazer os arcabouços teóricos acerca da história das ciências, do gênero, dos estudos das viagens, integrando-os ao fenômeno turístico, garantiram um passo importante sobre a vida dessas cientistas. Dessa maneira, escrevi um texto com fatos para rememorar um contexto histórico da ciência no Brasil, especificamente na Amazônia³⁴ do início do século XX.

No campo metodológico, a pesquisa de campo, que considerei uma viagem, em bibliotecas e arquivos, iniciou em 2018 em instituições como: Arquivo Guilherme de La Penha do MPEG; Biblioteca Arthur Viana, da Fundação Cultural Tancredo Neves (FCTN); Biblioteca Central e Setoriais da UFPA; e Arquivo Público do Estado do Pará (APEP). Devo, no entanto, informar aos legentes que minha viagem teve uma mudança drástica no que diz respeito à pesquisa de campo.

Em março de 2020, foi decretada a pandemia da Covid-19 no mundo, e parafraseando a obra de ficção científica “O dia em que a terra parou”³⁵, literalmente, a viagem humana no planeta parou. Com o decreto da OMS acerca da pandemia e do poder de infecção pelo vírus, cidades foram fechadas, o espaço aéreo mundial foi interrompido, somente as necessidades básicas de saúde e alimentação foram liberadas para correr o mundo. Com tudo isso, o transcurso da viagem particular da tese também foi interrompido.

³⁴ Quanto ao conceito “Amazônia”, trago como referencial a obra de Neide Gondim “A invenção da Amazônia” (1994). O livro foi relevante para compreender de onde surge esse vocábulo e como os viajantes tiveram papel significativo nesse contexto. Também a leitura de Ana Pizarro (2012) com um debate sobre a ocupação da região e como as investidas coloniais e o imaginário foram construídos. As obras serão revistas ao longo da escrita da tese quando surgem as imersões de Emília e Heloísa no espaço amazônico.

³⁵ O filme, dirigido por Robert Wise, foi lançado em setembro de 1951 e contava a história de uma invasão alienígena na terra, de forma que a mensagem de paz deveria ser levada a todos os líderes mundiais. O filme foi baseado no livro de Harry Bates “*Farewell to the Master*”, pelo qual a analogia que faço é a de que, em pleno século XXI, o mundo literalmente parou.

Vi-me com as malas arrumadas e sem saber para onde ir. Como continuaria a expedição nos arquivos, nas bibliotecas e nas instituições de ensino, como o MPEG, o MNRJ e o MAST? Em todos esses lugares, minha documentação aguardava para que eu pudesse investigar a vida de Emília e Heloísa. Assim, entre março de 2020 e agosto de 2021, não tive como me deslocar para fazer pesquisa em Belém ou fora do estado do Pará, pois, com o *lockdown*³⁶, espaços como esses foram fechados.

Época em que a pandemia oportunizou outra forma de interação e viagem: a interação feita por meio digital e *online*; as *lives*, os eventos, as aulas em formato remoto e, especialmente, o fato que a pesquisa nos acervos digitais foi ampliada, assim como o contato com as instituições ocorreu tão somente por meio de correio eletrônico.

Foi dessa forma, acampada em um quarto, sentada diante de minha mesa em frente ao *notebook*, com o celular e utilizando *e-mail* que realizou a pesquisa de campo. Uma verdadeira pesquisa de gabinete do século XXI. Viajei sem sair do lugar. Em alguns momentos, foi cômodo, mas, em outros, o ato de sair de casa era uma necessidade física, emocional e psicológica³⁷. Participando de eventos e *lives*, enviando e-mails para solicitar materiais, que, em virtude das dificuldades de fechamento e trabalho escalonado nessas instituições, demoravam meses até chegar na caixa de entrada do e-mail. Ainda assim, aquilo que consegui até o fechamento do trabalho foi suficiente para apresentá-lo.

A seguir, faço uma breve apresentação do referencial teórico, a começar por Michelle Perrot. O primeiro contato mais direto foi na disciplina sobre história e gênero. Vislumbrei possibilidades significativas para formar uma base teórica e metodológica com seus textos. Minha relação com a autora fez-se no encontro de uma iniciante na história com uma veterana nesse campo do saber.

Por diversas vezes, precisei “segurar suas mãos e conversar com ela” e perguntar: como posso ler essa ou aquela fonte? Cumplicidade? Não sei, mas foi o modo de pensar que constituiu a escrita desta tese por uma mulher e sobre mulheres. Então, como não me aproximar de uma mulher historiadora? Certamente, conseguirei clarificar ao longo da escrita essas e outras questões.

³⁶ O termo em inglês significa “trancar as portas” e foi utilizado como primeira medida para conter a proliferação do vírus em nível mundial (PAHO.ORG, 2021)

³⁷ Antes da vacina contra a Covid-19 ser criada, sair de casa era muito difícil, pois o medo de contrair a doença e deixar mais três pessoas dentro da minha casa doente (mãe, pai e irmã) eram pensamentos constantes que tive de lidar durante a escrita. Foram momentos difíceis, pois, nesse período, no meio da manhã ou da noite, sentada em frente ao computador, comecei a receber notícias de pessoas internadas em estado grave, sem saber se sobreviveriam e daquelas que se foram: parentes, amigos, colegas de trabalho e centenas de brasileiras e brasileiros que sucumbiram durante esse período. Até o momento de fechamento dessa introdução mais de 660 mil pessoas morreram de Covid-19 no Brasil (BRASIL, 2022).

Com essa historiadora francesa, que adentrou a história após desistir de seguir a carreira médica, garanti bases teóricas obstinadas a permitir que a história das mulheres me trouxesse um aparato teórico, hoje representativo, que procurei alcançar durante minha formação e, principalmente na escrita³⁸. Além do que surge ao longo da escrita teórica, as metodologias para investigar as fontes e narrar as trajetórias de Emília Snethlage e Heloísa Alberto Torres tiveram, nas obras de Perrot, um amparo para construir cenários narrativos, nos quais fiz diálogos com a documentação.

O universo teórico, encontrado em Perrot, convidou-me a pensar em argumentos que exprimissem bases para compreender como as mulheres inseriram-se no campo científico. E além, como duas mulheres construíram e consumaram suas carreiras profissionais em duas instituições de pesquisas, notadamente masculinas, como o Museu Goeldi e o Museu Nacional. A percepção histórica do anonimato feminino e de suas lutas, por assim dizer, na formação de uma história social, são perceptíveis e claras no que desvelou Perrot.

Desse modo, adentrei sua teoria e a metodologia que ela empreende em seus textos e procurei olhar tais mulheres não somente como “excluídas”, mas escondidas e até renegadas em algumas situações da história científica amazônica e brasileira. Busquei apresentar como elas alcançaram suas necessidades e deixaram um legado importante nos atravessamentos entre a história das ciências, do gênero e do turismo na região amazônica.

Notei, nas discussões teóricas, como as mulheres foram encobertas pelo conhecimento histórico e na própria dinâmica da história da sociedade. Vi duas questões fundamentais em autoras que integram a história e o gênero³⁹: a primeira é a naturalização de que o ser humano pode ser representado no masculino, “o homem”, sem levar em conta que as mulheres não sentiam ou sentem-se correspondidas na formação do processo histórico social, cultural, político e econômico vivente.

Para que a tese pudesse ter uma base de sustentação teórica, utilizei como marco teórico a história das ciências, de modo que alguns estudos⁴⁰ apontam um lapso quanto à presença da mulher no fazer científico. Foi mister, nesse sentido, revisitar a discussão de seu papel na

³⁸ Na tese, trago os livros de Michelle Perrot: “Os excluídos da história – operários, mulheres e prisioneiros” (1988), “Mulheres públicas” (1998) e “Minha história das mulheres” (2019), que indicaram caminhos para escrever a história dessas duas mulheres cientistas. E ao visualizar as fontes, nota-se que foram excluídas da história da ciência no Brasil. Além dessa teoria, Perrot apontou caminhos metodológicos importantes para verificar as fontes e nelas desvendar esse universo feminino no campo científico.

³⁹ As leituras de Tilly (1994), Soihet (1998), Pedro (2005) e Soihet e Pedro (2007) mostraram-se fundamentais para que eu pudesse enxergar as mulheres na história. Seus textos concederam-me base para compreender que elas fizeram, sim, parte da construção social e cultural de uma época, ainda que a força do masculino tenha sido, e ainda é, predominante, sobretudo, no cenário científico.

⁴⁰ Os textos de Trindade *et al.* (2016) e Schiebinger (2001) demonstram essas discussões.

sociedade. No âmbito da integração gênero e história, pautei-me em Perrot e na história econômica social de Thompson⁴¹, como já mencionado anteriormente.

O segundo ponto foi o da diferença desenvolvida nas escritas históricas quando estas trazem conceitos como: mulher, mulheres, gênero e sexo. Esse debate salientou duas proposições: a da construção de uma “história masculina” e de que não se deve pensar as mulheres no singular. Dessa maneira, atentei-me para não aprofundar o abismo entre as mulheres e a sociedade ocidental, principalmente, quando se tratam destas no campo científico.

Foi essencial investigar o sujeito feminino e as formas com as quais foram definidas as interações coletivas dessa classe na ciência no Brasil. No que concerne às questões de gênero, estas atravessavam o corpo feminino e ganhavam destaque em ambientes em que a convivialidade, nas esferas do lar, das tradições socioculturais, do espaço político e das viagens, aparentemente, não parecia ser diferente daquela praticada em espaços científicos. Ou seja, os hábitos de subalternidade praticados tinham neles uma presença distintiva⁴².

Ao adentrar as leituras da história, compreendi a necessidade de escrever uma história analítica das mulheres para, assim, criar uma problemática única de outras histórias do acesso das mulheres a outros espaços, quer sociais, culturais, políticos ou científicos⁴³. Para além desse aspecto, procurei também, nas fontes sobre elas, indícios em suas produções de como as viagens poderiam indicar possíveis estudos para o turismo. O assunto do feminino, na historiografia científica e intelectual, está em construção. Desse modo, vislumbrei esta tese como mais uma possibilidade de uma mulher escrever sobre outras mulheres e expandir a análise dessas percepções já postas e, talvez, ampliar elementos teóricos acerca dessa temática.

Preciso externar aos leitores o embate teórico no qual me coloquei ao longo da escrita desta tese. Ao deparar-me com leituras acerca da relação do masculino com o feminino⁴⁴,

⁴¹ Nas leituras de Perrot (2019; 2005; 1998; 1988), assentei bases teóricas que me fizeram refletir como o masculino assume o papel de poder na história e na ciência – e isso é notado nas trajetórias de Emília e Heloísa, no entanto, elas superam esses “modelos” conceituais – e como as mulheres surgem na documentação e nas fontes e, assim, perceber como caminhar nas documentações que encontrei sobre elas. Em Thompson, nos livros “Costumes em comum” (1998) e “A miséria da teoria” (1981), procurei destacar o conceito de experiência que constatei nas fontes pessoais e profissionais dessas mulheres. Notei como suas necessidades aparecem ao seguirem suas carreiras e passarem por momentos diversos em campo e nas instituições em que trabalharam.

⁴² Ao participar do Grupo de Estudos Culturais da Amazônia (GECA/UFPA), coordenado pelos professores Dr. Agenor Sarraf e Jeronimo Silva, entrei no universo dos estudos decoloniais. De forma que trago como leituras importantes que fiz de Gayatri C. Spivak (2010) e Walter D. Mignolo (2007), nas quais a demonstração dos estudos sobre os ditos subalternos e o pensamento decolonial se integram, em alguns momentos, nas trajetórias de Emília e Heloísa, posto que a voz feminina, nesse plano colonial, sofreu e ainda enfrenta embates para estar no espaço do conhecimento. Ao longo do texto, procurei diluir um pouco dessas leituras e, também por uma escolha, não enveredei por mais autores(as) para deixar um texto enxuto teoricamente.

⁴³ No trabalho de Tilly (1994), é possível contemplar essa perspectiva da autora, que me ajudou a pensar nessa possibilidade de caminho para escrever o trabalho.

⁴⁴ Aqui, deixo como destaque o importante texto de Albuquerque Junior (2013), em que o autor delinea a construção dos corpos masculinos e femininos. A discussão histórica trazida pelo autor reflete como o corpo

compreendi que não são apenas duas unidades analisadas dentro da categoria do gênero, na verdade, é notável a existência, atualmente, de outras categorias: lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transsexuais, *queer*, intersexo, assexuada + outros (LGBTQIA+)⁴⁵.

Embora o propósito aqui tenha sido o de investigar as mulheres cientistas que empreenderam viagens e seus protagonismos adjacentes aos homens das ciências. Foi imprescindível entender que, na análise feita em termos de dualidade entre homens e mulheres, delineei, profundamente, essa posição para que não permaneça uma batalha entre a figura masculina ser mais importante na ciência que a feminina e vice-versa, por exemplo.

Escolhi enveredar por um caminho pelo qual as “bandeiras a serem levantadas” pelo “feminismo na ciência”⁴⁶ foram outras. Emília e Heloísa, até onde cheguei nas fontes e trabalhos escritos sobre elas, mostraram-se bastante “ativistas” e, dentro de suas estratégias, abriram novos espaços femininos no campo científico. Suas incursões, nesse campo “político” da mulher na ciência, eram realizadas de outras maneiras, como a sua própria dissimulação ao se expor em seus trabalhos de campo.

Elas queriam, sim, o reconhecimento de suas pesquisas, mas fica claro que elas tinham consciência de onde estavam no espaço da ciência e de suas estratégias de poder para encarar a prática científica. Suas escritas e seus protagonismos não tinham um formato atuante, nesse sentido político, naquele momento. Quiçá, elas tenham feito um “ativismo” mais introspectivo.

No que tange a E. P. Thompson⁴⁷, contemplei nele duas concepções importantes, as quais trago nesta tese: os conceitos de experiência e uma ampliação da leitura do conceito de cultura, tendo como ponto central o cotidiano⁴⁸.

também se torna um campo de disputa entre o masculino e o feminino. Em vista disso, na pesquisa sobre a vida de Emília e Heloísa, percebi, sutilmente, que seus corpos, como os seus cabelos, por exemplo, protagonizaram alguns debates interessantes de suas carreiras.

⁴⁵ As discussões apresentadas por Judith Butler em “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade” (2017) dão conta dessas performances de gênero e de sexualidade que expressam esse universo maior. Contudo, não explorarei essa questão na tese em curso. Acreditei ser relevante apontar, nesta introdução e no decorrer da tese, tais perspectivas para que, ao largo da criação da escrita, não transpareça que permaneceu uma lacuna quanto a esse tema.

⁴⁶ Ao longo dessa produção, li referências acerca do feminismo e militância feminina para conhecer esse universo e deixar claro que, nesse momento, minha escrita apenas deve lembrar que existem esses caminhos de investigação em muitas frentes dentro do estudo de gênero. Assim, fiz a leitura de livros de Heleieth Saffioti (2013) “A mulher na sociedade de classes – mito e realidade”; de Ângela Davis (2018) “A liberdade é uma luta constante”; e de Lélia Gonzalez (2020) “Por um feminismo afro-latino-americano”. Essas obras se mostraram fundamentais para entender que a luta de classes está ligada, também, ao movimento feminista. As leituras me ajudaram a compreender onde começou e quem eram essas mulheres.

⁴⁷ As obras que estudei e escolhi como base teórica foram de Edward P. Thompson: “Miséria da teoria” (1981) e “Costumes em comum” (1998).

⁴⁸ Ao ler o livro “Costumes em comum” (1998), compreendi que a cultura definida por Thompson rompe com a constituição mental que se tem desse conceito: que cultura contempla as produções mentais, assim como as produções intelectuais. Notei, nas leituras e nas discussões em sala de aula, que a cultura se molda a partir da maneira como as pessoas entendem e vivenciam o cotidiano. A cultura é o pensar e o agir o tempo todo. Trata-se

Tais elementos atravessam o senso comum e auxiliam na constituição dos elementos mentais emergentes nas vidas dessas duas mulheres. As experiências intelectuais/científicas, que Emília e Heloísa construíram, ultrapassam o conceito trivial de cultura a partir dos modos de vida e de luta que permearam a feitura das relações no cotidiano da ciência em território brasileiro.

A partir dos conceitos de experiência e cultura de Thompson na tese, expus o que motivou a ornitóloga alemã Emília Snethlage a vir até a Amazônia, em 1905, no começo do século XX, para ser cientista no Museu Goeldi; assim como, a brasileira Heloísa Alberto Torres a ser a primeira professora aprovada em concurso público em 1925 e a primeira mulher a gerir o Museu Nacional em 1935. Ainda em diálogo com esse autor, clarifiquei em minha escrita que essas duas cientistas deram continuidade ao apresentarem-se em espaços com tradições masculinas, nesse caso, o campo científico.

Deparei-me com as leituras daquele autor e, depois de confrontá-las com as fontes, notei que a experiência não foi apenas de Emília e Heloísa serem cientistas nas instituições nas quais atuaram. Mediante tal aspecto, as fontes sugeriam pensar e refletir temas e sentidos das experiências socioculturais, políticas e emocionais verdadeiras.

Emergia, então, a subjetividade, o dia a dia e as produções dessas mulheres alinhando-se a uma rede de relações científicas, sociais e políticas que permitiram problematizar o que significou ser uma mulher cientista no Brasil, atuando na Amazônia, com interações nacionais e internacionais no desabrochar do século XX, em que muitas transformações ocorriam, e as mulheres, de modo geral, já faziam parte desse cenário.

O tempo da longa duração, exposto nas leituras que fiz de Thompson, foi essencial para compreender que Emília e Heloísa moldaram uma noção de luta nas diferentes formas de táticas que ambas utilizaram para se manter em espaços de poder da ciência⁴⁹. Suas andanças pelos territórios do poder público e privado das ciências no Brasil fizeram diferença na história das ciências, do gênero e do turismo. Desse modo, elas podem ser consideradas como exemplos de um esforço em continuidade da luta do feminino no campo dos embates das ideias.

Ao adentrar essa viagem pela ciência feita por mulheres, compreendi que elas se

do elemento material e mental em que mulheres e homens estão envolvidos. A ciência pode ser compreendida como um processo cultural, em que homens e mulheres constroem conhecimentos. Em alguns momentos, a história tentou abordar uma possível diferença entre o fazer científico feminino e o masculino, porém, essa diferença não entrou em minhas análises.

⁴⁹ Para aproximar-me do cotidiano de Emília e Heloísa procurei escrever a tese em dois tempos verbais; nas discussões teóricas amplas do texto em geral utilizei o pretérito perfeito; para as narrativas ficcionais aliadas as fontes procurei escrever no tempo presente, como se eu estivesse participando daquele momento. Isso também foi uma forma de entender a hermenêutica do dia a dia dessas mulheres, e assim, minha metodologia de ler as fontes e escrever o texto fluiu (DIAS, 1998).

apresentaram no espaço científico masculino definindo seus papéis, seus valores e as estratégias de seu reconhecimento. Urge alertar aos leitores que se deve considerar o espaço da ciência como masculino e um costume ocidental. Elas estão em confronto com um caráter secular marcado pela predominância dos homens no recinto científico.

Destarte, pude refletir a partir das leituras e pensar as experiências das mulheres como uma categoria mais ampla, incluindo uma série de valores e atitudes compartilhadas no cotidiano daquelas que estiveram na cena da ciência no Brasil. Tratou-se de um exercício de um olhar histórico e sobre o movimento do gênero feminino nesse panorama, incluindo, ainda, a possibilidade de contemplar o turismo como mais um elemento nessa discussão.

A trajetória delas, de fato, mostrou-me, ao longo da tese, que a presença masculina prevaleceu na história de suas vidas profissionais. Contudo, durante a escrita e a apropriação das leituras, questionei-me se elas realmente não se identificavam com eles em muitos pontos, pois quem eram as suas “mulheres cientistas ideais”? Será que Emília e Heloísa tinham suas “heroínas”? Como foi, então, a participação de mulheres na história das ciências?

Para responder a tais indagações, trago este trecho: “nas ciências humanas, a disciplina história é certamente a que mais tardiamente apropriou-se dessa categoria, assim como da própria inclusão de ‘mulher’ ou de ‘mulheres’ como categoria analítica na pesquisa histórica”⁵⁰.

Notei, então, nas trajetórias delas, essa confirmação de que a história desses personagens masculinos invisibilizaram Emília e Heloísa em alguns momentos de suas vidas, assim como as mulheres, em especial as da ciência, também, de maneira geral, ficaram aquém de um contexto histórico e científico amplo.

Percebi a dificuldade para manter a casta de sujeito existente das mulheres nessas condicionantes historiográficas. Notei a permanência do masculino marcando suas posições em diferentes arranjos na sociedade ocidental do século XX no contexto social, econômico, cultural, científico e nas viagens.

A marca do masculino se perpetua desde a formação biológica entre seres humanos até chegar à história das ciências quando se tem, na publicação dos produtos científicos e em quem os produziu, a negação da participação feminina e de suas identidades. A mulher era colocada no patamar da “natureza”, mas ela não a dominava. O homem, sim, o racional e o dominador

⁵⁰ Nessa citação de Soihet e Pedro (2007, p. 284), indaguei como elas se viam nessa relação com o masculino e feminino. As fontes, ao longo da escrita, mostraram-me que ambas tinham círculos em que homens e mulheres faziam-se presentes, no entanto, os homens eram os mais partícipes na vida profissional delas.

dessa natureza que incluía o feminino, a fêmea, a mulher⁵¹.

O amadurecer teórico, erigido ao longo das disciplinas e que construí até o momento final desta escrita e defesa da tese, foi feito de escolhas. Durante as aulas, constatei que as leituras dos textos de E. P. Thompson ofereceram-me uma visão ampla do contexto das relações sociais e políticas do cotidiano e deste ligado ao campo da ciência.

No capítulo sobre a venda de esposas ⁵², escrito em suas obras, o historiador inglês deixou pistas para pensar como as mulheres emergiram na “história vista de baixo”. Ao longo da apresentação das fontes e das narrativas, essas cientistas surgem de espaços pouco conhecidos até aparecerem no cotidiano científico nacional e internacional.

A dominação masculina, tanto do corpo feminino quanto de suas condições nas fontes trazidas por Thompson, caracteriza as mulheres em “classes⁵³”: esposas, viúvas, prostitutas e, verifiquei também, a classe de mulheres cientistas. Defendo que Emília Snethlage e Heloísa Alberto Torres partilharam um tipo de experiência específica em campos definidos de trabalho, como na zoologia e antropologia, uma vez que também estavam inseridas nessa classe a partir de suas origens sociais, além de destacar que as duas tiveram atividades de destaque na pesquisa de campo, no caso Emília, e, na gestão, no caso de Heloísa.

Ambas conheceram, no ambiente da ciência, o progresso e a diversificação do conhecimento científico em suas épocas. De certa maneira, arrisquei-me a dizer que o estudo das mulheres cientistas configurou-se além de uma “história vista de baixo”, mas formaram, também, uma classe científica na qual, no seu cotidiano, criaram suas estratégias de sobrevivência dentro do campo masculinizado do espaço científico, viés que Thompson auxiliou a atrever-me nesse universo.

Em Ginzburg⁵⁴, busquei na micro-história o caminho metodológico para pensar a tese.

⁵¹ Nesse momento, atente-me à escrita de Simone de Beauvoir (2016), em que as referências acerca do estudo de gênero foram bem específicas e, ao longo da redação, percebi a importância de apresentar outros nomes femininos. Mais à frente, nesta introdução, seguem as leituras sobre gênero que fiz ao longo da tese.

⁵² No capítulo “A venda de esposas”, no livro de Thompson “Costumes em comum” (1998), é possível entender que ele não fez um estudo sobre gênero, mas concedeu pistas para pensar a condição da mulher naquele período e relacionar com a pesquisa acerca de Emília e Heloísa, que será feita mais à frente.

⁵³ Aqui fiz uma breve incursão na obra “A formação da classe operária” (THOMPSON, 1987, p. 9), em que o autor define: “por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno *histórico*. Não vejo a classe como uma ‘estrutura’, nem mesmo como uma ‘categoria’, mas como algo que ocorre efetivamente [...] nas relações humanas”. Desse modo, entendi que Emília e Heloísa fizeram parte de uma classe, a de cientistas, e depois a de mulheres cientistas. Suas relações e experiências de trabalho demonstraram como elas vivenciaram nesses locais, como no Museu Goeldi e no Museu Nacional.

⁵⁴ Outras obras utilizadas, para marcar minha base teórica de Carlo Ginzburg, foram: “Mitos, emblemas e sinais” (1989), “O queijo e os vermes” (2006) e “Os fios e os rastros” (2007). Tais leituras serviram como alicerce para atravessar a discussão teórica com a apresentação e a análise das fontes até a narrativa dos capítulos sobre Emília e Heloísa, principalmente, para auxiliar-me a perceber os documentos e neles verificar o que mais se destacava de suas experiências profissionais.

Esse referencial teórico proporcionou aproximar-me dessas cientistas a partir de fontes que revelaram seu dia a dia, suas maneiras e desejos de seguirem a carreira científica. Detalhes que a micro-história pôde oferecer para observar seus universos profissionais. Das fontes, destacaram-se séries de cartas institucionais a revelar a gestão feita tanto por Emília quanto por Heloísa nas instituições.

Os recortes de jornais também se revelaram fundamentais para descrever como essas mulheres eram vistas perante a sociedade e como suas obras reverberaram no meio científico, social e político da época. Enfim, sinais e indícios das experiências femininas puderam ser analisados de maneira qualitativa por meio desses documentos.

As três obras de Ginzburg (1989; 2006; 2007), que escolhi trabalhar na tese, contemplam da formação da metodologia do trabalho à discussão teórica das narrativas junto à construção do texto a partir das fontes encontradas. O trabalho na micro-história me auxiliou a entender como as cartas de Emília e Heloísa revelavam quem eram essas mulheres cientistas um pouco fora de seus ambientes institucionais. Os documentos, que apontam as ações da gestão delas, também abriram possibilidades de conhecer o dia a dia, os dilemas e os desejos de duas mulheres que estiveram à frente de duas importantes instituições científicas no Brasil.

A alternativa pela micro-história mostrou-se aliada visto que possui associações importantes com a Escola dos Annales⁵⁵. Nomes femininos começam a surgir na produção historiográfica⁵⁶ e, assim, as mulheres saíam do anonimato para serem representantes de uma parte da história social no Ocidente. A nova configuração da história, vinda das leituras e discussões dessa escola teórica, proporcionou-me um novo ajuizar do feminino na historiografia da ciência⁵⁷.

Em virtude disso, as leituras mostraram-me que as mulheres sempre estiveram nesses cenários, embora suas participações acabavam por ser encobertas e suas inteligências não eram percebidas, tanto na história quanto no campo do conhecimento em geral. Ressalto que não

⁵⁵ Essa escola teve como fundadores Marc Bloch (1886-1944) e Lucien Febvre (1878-1956), o primeiro com um projeto político, enquanto o segundo com uma proposta científica e acadêmica. Na obra de Peter Burke (2010), “A Escola dos Annales” 1929-1989 (2010), notei a inserção das primeiras mulheres historiadoras, entre elas Michelle Perrot, e, dessa maneira, o gênero pôde ser visto na luta de classe e cultural. Escola histórica importante, pois foi nela que o estudo de gênero foi iniciado na história, além de ampliar a diversificação de fontes a serem estudadas para as narrativas históricas, consagrando uma compreensão que a escrita da história por mulheres abriu possibilidades de visualizar suas narrativas e seus objetos.

⁵⁶ Burke (2010) descreve a criação da escola dos Annales e seus principais historiadores, como Lucien Febvre e Marc Bloch. E é na 3ª geração que surgem os primeiros nomes femininos, como de Christiane Klapisch que escreveu sobre a “História da família”.

⁵⁷ O livro “Práticas e estratégias femininas: histórias de mulheres nas ciências da matéria”, de Lais dos Santos P. Trindade, Maria Helena R. Beltran e Sonia R. Tonetto (2016), expõe como as mulheres, desde a Idade Média, já produziam conhecimento científico, ao passo que a trajetória delas foi importante para refletir como Emília e Heloísa criaram suas estratégias.

farei uso na totalidade da Escola dos Annales para não perder de vista um suporte teórico conciso que escolhi de autores da história. E com base nessas opções, construí meu texto com mais qualidade e segurança por debruçar-me nessas autoras e autores específicos citados anteriormente.

Na associação entre a história e o gênero, ressaltei como as histórias de Emília Snethlage e Heloísa Alberto Torres foram construídas nesses dois campos, visto que a presença delas estava além da universalidade masculina na historiografia e do estudo de gênero. Suas estratégias pessoais e, principalmente, profissionais, revelaram que elas chegaram aos seus locais de trabalho estando, sim, junto ao masculino. Ainda assim, as suas táticas foram primordiais para que elas alcançassem notoriedade, tanto que, como exemplo de estratégias, vislumbrei suas viagens de campo, além da gestão de duas importantes instituições.

Nas fontes, há os vestígios sobre alguns comportamentos das mulheres no início do século XX e algumas características que se faziam presentes na sociedade brasileira à época. As tipificações subjetivas das mulheres, feitas nos jornais e em alguns romances, faziam com que Emília Snethlage e Heloísa A. Torres continuassem em certo anonimato, mesmo, às vezes, postas com certas “excepcionalidades” nesses folhetins⁵⁸. Porém, essas denotações acabavam por deixá-las em um rol comum de mulheres, fato que oportunizou a relevância de se analisar tal aspecto neste trabalho.

Debrucei-me nas fontes que apresentaram um perfil psicológico, social e cultural das mulheres das ciências⁵⁹, embora tenham sido notados outros elementos, como o aparecimento de seus corpos nas imagens da época e, com mais detalhe, os cabelos de Emília e Heloísa. O corpo feminino sempre despontou como o símbolo que as diferenciava dos homens, despertava prazer, poder e submissão⁶⁰. Além da dominação patriarcal que havia sobre elas, passando pela figura do pai até chegar na dos maridos ou para os domínios das instituições religiosas (padres, bispos etc.).

⁵⁸ Amparada na Escola dos Annales (BURKE, 2010), li dois romances: “Os Igarauñas”, de Raimundo de Moraes (1985, [1938]), em que ele traz, ao longo da narrativa, um trecho breve da história de Emília Snethlage, descrevendo-a como uma doutora que “sabe tudo” em uma viagem no interior amazônico. E o livro de Bastos de Ávila (1933) “No pacoval do carimbé”, que conta a estória de Srta. Lucia e sua expedição até a ilha do Marajó para estudar a cerâmica arqueológica da região. O conto é baseado em notas sobre a pesquisa que Heloísa Alberto Torres empreendeu em 1930 no arquipélago marajoara.

⁵⁹ A obra “O feminismo mudou a ciência?”, de Londa Schiebinger (2001), foi significativa para entender como o feminino avançou na consumação de que as mulheres já faziam parte do cenário científico, enquanto os estudos sobre elas possuíam perfis característicos notados ao longo da escrita.

⁶⁰ Anne McClintock (2010) trouxe uma discussão importante para esta tese, pois, a partir dela, consegui trazer o debate de gênero, com toques na discussão colonial que seus estudos oferecem entre a transmissão do poder masculino branco por meio do controle das mulheres colonizadas, denominado pela autora como conquista do espaço geográfico feminino e o corpo feminino sendo o foco central.

Com base nesses elementos, notei como os cabelos ofereciam uma imagem dessas duas mulheres cientistas, estes que, dentro de uma tradição judaico-cristã, na qual ambas foram criadas Emília e Heloísa, são símbolos da feminilidade⁶¹. Embora seja notável, ainda, o fato de importantes vestígios apresentarem seus cabelos mais que símbolos de feminilidade, na verdade, delinearam a firmeza de suas caminhadas pela ciência.

Como uma das reflexões deste trabalho, trouxe como as mulheres foram ofuscadas em diferentes contextos históricos, destacando a história das ciências e, inserida nessa discussão, as viagens. Primeiro, pela própria historiografia⁶² de que elas foram deixadas de lado dos processos mais importantes da história, como da configuração do mundo moderno, do desenvolvimento do capitalismo e, conseqüentemente, da formulação do campo científico Ocidental. Na teoria, observei que a mulher era vista como um ser humano secundário na composição historiográfica e, em algumas ocasiões, não eram consideradas indivíduos sociais.

Ao continuar minha viagem, busquei, na história das ciências, algumas obras principais para compor uma parte da questão teórica central da tese e, ao longo da minha caminhada, fui impactada por outras leituras que, no momento da escrita, senti necessidade de trazer à tona. Nessa primeira parte da tese, destaco obras a desenhar a história das ciências no Brasil e na Amazônia. As leituras foram de Maria Margaret Lopes⁶³ a fornecer conhecimento amplo acerca das primeiras instituições de pesquisa no Brasil, cujo mote eram o colecionismo, até a chegada dos importantes museus brasileiros, e a formação de uma ciência brasileira, além de tratar do Museu Nacional, espaço onde Heloísa Alberto Torres fez sua carreira profissional.

Na Amazônia, tomei como base a obra do professor Nelson Rodrigues Sanjad⁶⁴. Seu livro sobre o Museu Paraense Emílio Goeldi forneceu-me um panorama mais localizado da ciência na Amazônia, espaço onde Emília desenvolveu a maior parte de seus trabalhos na ornitologia. Na leitura da obra de Sanjad, que é ampla quanto ao cenário científico amazônico brasileiro, percebi como foi importante sair do cenário regional para o brasileiro. A obra dele

⁶¹ Michelle Perrot (2019) expõe que os cabelos surgem como elementos significativos acerca da percepção do masculino sobre o feminino. O cabelo é sedução, sexo, desejo, mas pode ser também uma marca das mulheres quando estas, no século XIX, começam a cortá-los para empreenderem poder sobre seus corpos.

⁶² Soihet e Pedro (2007), Tilly (1994) e Perrot (2019) ofereceram-me o tom da escrita para essas duas cientistas como mulheres que estavam na história da ciência em Belém e Rio de Janeiro, ainda que suas obras pouco surjam no caminho científico.

⁶³ Assim, destaco o livro de Maria Margaret Lopes “O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX” (2009), posto que me auxiliou a entender como a ciência entrou nas pautas de discussões políticas do Brasil e, assim, olhar a configuração do território científico nacional e a formação das primeiras instituições, em especial os museus.

⁶⁴ O livro “Coruja de minerva – O Museu Paraense entre o Império e a República (1866-1907)”, de Nelson Sanjad (2010), foi seminal nas escritas acerca da passagem de Snethlage nessa instituição e da própria construção da ciência na Amazônia.

também caracteriza a institucionalização e as primeiras políticas voltadas para a ciência amazônica.

Para além dessas leituras mais específicas de história das ciências, minha bagagem conteve decifração sobre a história das mulheres na ciência. Um cenário histórico foi construído a partir de estudos de Lais Trindade *et al.* das cientistas das ciências da matéria. Na obra, foi possível notar como as mulheres estavam envolvidas na formação das ciências, como a física e a química. No tocante à base teórica geral da mulher e sua relação com a ciência, tomei como referência o livro de Londa Schiebinger, obra primordial que trouxe como o gênero avança em uma compreensão multidimensional na sociedade, em especial, no campo científico⁶⁵.

Divido, aqui, um pensamento com as pessoas, que leem esta parte inicial, com relação ao meu embate particular em caracterizar as mulheres na história das ciências, em especial, em um cenário múltiplo como na Amazônia, no Brasil e no exterior. Peço licença a vocês para, ao longo da viagem nesta narrativa, mudar de cenários do passado junto à Emília e Heloísa. Fiz incursões que perpassam da *Belle Époque*, em Belém, até chegar entre o período da Revolução de 1930 e o Estado Novo no Rio de Janeiro.

Ao longo do meu processo de pesquisa, fui questionada e questionei-me de o porquê estudar e pesquisar mulheres cientistas nesses diferentes contextos. Acredito que respondi a essa e outras questões por meio desta pesquisa: ao mostrar os trabalhos de Emília e Heloísa deixei-os à disposição para que sejam reconhecidos e entendidos em diferentes tempos históricos, ainda que suas experiências e vivências, na classe de mulheres cientistas, tiveram uma linha de tempo a seguir e os elementos que as integravam. Complemento, ainda, afirmando que uma mulher do século XXI pode, certamente, pesquisar as diferentes esferas das personagens dessa tese e da ciência produzida no Brasil, de tal modo que foi e é feita por muitas mulheres em diferentes tempos e espaços históricos.

Quanto ao gênero, este, historicamente, ganhou espaço no início do século XX. Primeiro se deu pela luta em busca de direitos, como votar; depois essas discussões fizeram-se pela concorrência do corpo feminino. Além disso, a emergência de uma teoria sobre o tema foi, e ainda é, essencial para a desconstrução de conceitos universais, como mulher e homem da

⁶⁵ As obras de Trindade *et al.* (2016) e Schiebinger (2001) foram leituras importantes para contextualizar onde as mulheres surgem na história das ciências. É notável como elas estavam marcadas nesses cenários, quais foram suas contribuições e seus papéis. Ao longo do texto, visualizei as experiências de Emília e Heloísa e procurei relacioná-las a essa teoria, o que me ofereceu base para as narrativas acerca de suas trajetórias profissionais na ciência brasileira.

ciência⁶⁶. Em vista disso, ao retomar minha viagem em forma de escrita, lembrei que, ao “carimbarem meu passaporte” na banca de qualificação, foi-me orientado que escolhesse minhas leituras e, assim, o fiz.

Especificamente, nesse conceito, além de Butler, apoiei-me em autoras como Joan Scott e Anne McClintock como bases⁶⁷. Essas referências atenderam às minhas expectativas do primeiro momento ao final da tese, assim como foram relevantes para as minhas análises sobre Emília e Heloísa. Evidentemente, ao longo da viagem, deparei-me com outras autoras e autores próximos de minhas paradas, nos quais parei para “esticar as pernas” e continuar minhas elucubrações de escrita que ficaram evidentes no texto, até para fazer contrapontos importantes dentro de uma discussão e, desse modo, poder ampliar o tema para futuras pesquisas.

A leitura de McClintock tomou minha escrita como linha norteadora da tese, pois, ao longo da escrita, vislumbrei Emília e Heloísa como descolonizadoras do campo colonizado da ciência. Essas duas mulheres cientistas apagaram as barreiras que marcaram, e ainda marcam, o confronto desse espaço masculino, que é o campo científico.

Mesmo elas tendo suas bases teóricas e empíricas de uma ciência colonial ocidental, não permitiram que essa corrente pudesse amarrá-las. Snethlage e Torres descolonizaram também o olhar sobre a ciência, descolonizaram o pensamento científico ao estarem nesses espaços e atuarem de forma a perpetuar seus conhecimentos⁶⁸.

Quando me dispus a realizar um estudo acerca das mulheres no Brasil e, especialmente, na Amazônia, por meio da história, mantive específica atenção nas literaturas de viagens⁶⁹. A

⁶⁶ Texto muito interessante, lido em janeiro de 2021, de autoria de Silvana Aparecida Mariano (2005) “O sujeito do feminino e o pós-estruturalismo”. Mesmo sendo uma leitura antiga, abriram-me portas para analisar minha hipótese sobre as estratégias de Emília e Heloísa no universo da ciência masculina.

⁶⁷ Detive-me nessas mulheres como referência teórica para garantir uma discussão mais concisa do gênero na tese. Para ter o cuidado de não abrir muitas frentes e, assim, não perder meu itinerário na viagem. No livro um de “O segundo sexo”, de Simone de Beauvoir (2016), utilizo o debate histórico dos papéis desempenhados por homens e mulheres para falar da participação de Emília e Heloísa em espaços como os Museus Goeldi e Nacional. Já as obras de Joan Scott consultadas foram os textos: “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” (1995), “O enigma da igualdade” (2005) e “A invisibilidade da experiência” (1998); este último imprescindível, visto que nele há um debate interessante do conceito de experiência e a relação com o historiador E. Thompson. Por fim, Anne McClintock em “Couro Imperial” (2010), que demonstrou ser uma leitura que traz a discussão do “pós-colonial” e, em determinados momentos da tese, foi interessante pensar e integrar esse conceito com as fontes, as quais trouxeram também a leitura do texto de Adélia Miglievich-Ribeiro (2020) “A virada pós-colonial: experiências, trauma e sensibilidades transfronteiriças”.

⁶⁸ A obra de McClintock (2010) tocou minha escrita, porque os estudos decoloniais fizeram-se presentes na tese quando notei, nas fontes, como essas duas mulheres transformaram o espaço científico e as ações que advêm do fazer ciência no Brasil e na Amazônia no começo do século XX.

⁶⁹ Na obra “A condição feminina no Rio de Janeiro do século XIX”, Miriam Moreira Leite (1984) contempla as documentações acerca das mulheres no estado carioca; tais fontes eram de viajantes entre 1801 e 1900 e aqui deixo o fio para a minha área de formação que é o turismo. Nesse momento, consigo criar mais um laço com as cientistas com as quais estou trabalhando. Elas também realizaram viagens de campo, de maneira que, com esses deslocamentos, tiveram acesso aos ditos equipamentos “turísticos”, tais como hospedagem, alimentação, transportes e serviços de guias.

proposta inicial desta tese era investigar as mulheres viajantes, pois, ao tomar conhecimento desse tipo de referência sobre as viagens, configurou-se, desse modo, um cenário documental importante na pesquisa sobre as mulheres e as viagens e, conseqüentemente, a minha área no campo do turismo surgiu.

Em um tom confessional, expresso aos leitores que, no início de minha viagem, fiquei um pouco ansiosa para assentar a minha área de formação deste trabalho, posto que não trataria mais de “mulheres viajantes”, como propus no projeto de tese, mas, sim, das mulheres cientistas. Relevante mencionar que essas mulheres cientistas viajaram e muito! E foi nesse cenário que o turismo começou a se apresentar, ou seja, atravessou minha escrita. A viagem surgiu em minhas reflexões quando comecei a pensar como uma mulher viajaria sozinha no meio da floresta amazônica no começo do século XX.

Assim, indaguei-me como elas fariam pesquisa de campo nos rios Xingu e Tapajós ou no arquipélago do Marajó, regiões do País ainda em processo de reconhecimento por outros pesquisadores, sobretudo, por mulheres. A viagem e o turismo tornaram-se, então, bagagens importantes nesse trajeto e ampliaram minha própria percepção do fenômeno turístico a partir dos estudos da história das ciências. Depois dessa análise, sentei-me e refleti sobre mais esse elemento a entrar na tese. Dessa forma, a escrita começou a ganhar mais densidade teórica e com isso mais possibilidades de investigação sobre o fenômeno turístico.

Com relação às viagens e ao turismo, notei que as expedições de campo, empreendidas por Emília Snethlage e Heloísa Alberto Torres, trouxeram informações primordiais ligadas ao processo dinâmico para a construção de um conhecimento científico feito por elas na Amazônia e no Brasil. Em suas viagens de campo, o turismo pôde ser observado e investigado quando relaciono as expedições de campo delas com o *Grand Tour*. Viagem essa que era realizada por homens para complementar seus estudos. Havia uma preparação para que esses homens, em sua maioria, seguissem em busca de conhecimento em outros países e até outros continentes.

De modo que, indo além na concepção do turismo moderno, as viagens trouxeram possibilidades de investigação em elementos, como: transporte, hospedagem e alimentação⁷⁰; tais estruturas configuram a atividade turística e sua composição como produto econômico e social.

Em virtude disso, trouxe do turismo leituras de autores(as) e minha experiência como turismóloga para pensar como essas duas mulheres se movimentaram em seus campos de pesquisa. Mesmo não colocando o elemento “viagem” como principal na tese, ele se apresentou

⁷⁰ As leituras de Barretto (2003) e Panosso Netto (2005) ofereceram-me bases conceituais para afirmar que esses elementos fazem parte da constituição da dinâmica turística e de conceitos que envolvem seus estudos.

de maneira significativa, dado que abriu espaço para refletir como esse fato e/ou produto social podem afetar os propósitos epistemológicos de se pensar os deslocamentos humanos com diferentes motivações como fenômeno social significativo⁷¹.

O denominado *Grand Tour*, as grandes viagens feitas por jovens, principalmente, por homens, no continente europeu nos séculos XVIII e XIX, abriu espaços para compreender que as viagens feitas por essas cientistas podem ser comparadas a algo como “grande tour científico”⁷². Ao deparar-me com as viagens de Emília e Heloísa, percebi o quanto ainda tenho de avançar na análise do turismo e, quiçá, com este estudo possa abrir possibilidades de novas investigações sobre a minha área de formação.

Este trabalho me ofereceu muitas reflexões como mulher cientista do século XXI. De maneira que analisei quanto o estudo das mulheres cientistas trouxe debates significativos para o estudo da história das ciências, do gênero e do turismo. No decurso das leituras e da escrita, constatei que a historiografia das mulheres na ciência possui um desabrochar do feminino como um ser pensante na revolução sociocultural iniciada no século XIX e que vem acontecendo neste século, como ocorreu com as mulheres que desenvolveram pesquisas sobre o assombro que o mundo vivenciou a partir do final de 2019 até 2022 com a pandemia da Covid-19⁷³.

O meu caminhar pela história foi a ser desvendado quando consegui “conversar” com

⁷¹ Assim como para as outras categorias teóricas que trago na tese, fiz escolhas por autores e autoras do turismo. Procurei por leituras que pudessem contemplar a reflexão do conceito de viagem às novas concepções do que é o turismo. As leituras foram de: John Urry “O olhar do turista” (1996); João dos Santos Filho “Ontologia do turismo” (2005); Sílvia José de Lima Figueiredo “Viagens & viajantes” (2010); Paulo de Assunção “História do turismo no Brasil” (2012); Luiz Gonzaga Godoi Trigo “A viagem” (2013); e os já citados Barretto (2003); Moesch “A produção do saber turístico” (2002); e Panosso Netto “Filosofia do turismo” (2005). São autores(as) que fazem uma caracterização teórico-conceitual do turismo e oferecem um panorama mais analítico sobre o fenômeno turístico. Nesses trabalhos, tem-se a apresentação do *Grand Tour* e de seus desdobramentos para o turismo moderno. Com relação ao estudo do turismo na Amazônia, utilizo o trabalho de Helena Doris Barbosa Quaresma (2003), em que a autora realizou uma pesquisa de campo na ilha Algodoal/Maiandeuá-PA, identificando as primeiras incursões do fenômeno turístico e seus impactos naquela comunidade. Enfatizo o trabalho dessa mulher cientista do turismo como relevante para pensar a história do turismo amazônico.

⁷² Sobre o *Grand Tour*, Barretto (2003, p. 49) apresenta que: “há mais de uma versão sobre qual a diferença entre o *Petit Tour* [...] e o *Grand Tour* [...]. No século XVIII, foi publicado um guia divulgando o *Petit Tour*, que consistia numa visita ao Vale de Loire e o *Grand*, que se estendia por Bordéus, Provença, Lyon e Paris”. É interessante notar que essas viagens eram denominadas de viagens de conhecimento. Nesse sentido, compreendi que Emília e Heloísa poderiam empreender as viagens de conhecimento em suas áreas profissionais, de maneira que, a partir daí, entendi tais viagens na Amazônia como uma “proto-história do turismo” nessa região.

⁷³ No final do ano de 2019 na cidade de Wuhan, na China, foram registrados muitos casos de pneumonia e a Organização Mundial da Saúde (OMS) entrou em alerta. A doença chamada Covid-19 é provocada pelo vírus SARS-CoV-2, que causa problemas respiratórios de casos leves até condições que oferecem risco de morte. No século XXI, é a sexta vez que o mundo passa por uma pandemia (H1N1, 2009; Polivírus, 2014; Ebola, 2014; Zika, 2016; Ebola na África Ocidental, 2018). De acordo com o *site* da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS junto à OMS (2021), foi em 11 de março de 2020 que a OMS confirmou a pandemia mundial da Covid-19 (WHO.INT, 2021; PAHO.ORG, 2021). Dentre alguns nomes femininos à frente das pesquisas sobre a doença e suas vacinas destacam-se: Dr.^a Jaqueline Góes, brasileira (biomédica) sequenciou os primeiros genomas do Coronavírus (BRASIL, 2021) e Dr.^a Katalin Karikó, húngara (bioquímica) responsável por sequenciar o RNA do Coronavírus e, assim, produzir as primeiras vacinas contra o vírus (DOMÍNGUEZ, 2021).

minhas fontes, tal aconselhamento veio de meu orientador, que sempre me dizia: “Diana, converse com as fontes, veja o que elas te dizem”. No início, confesso que seguir tal conselho era um pouco difícil, embora, verdade seja dita: depois de iniciar a catalogação e ler várias vezes os documentos, alcancei o que elas queriam me dizer.

Para isso acontecer, a leitura e a compreensão do texto de Odila Dias, acerca da discussão do estudo da hermenêutica do cotidiano, foi primordial para que eu me mantivesse segura quanto à escolha de minhas leituras e fontes, ao passo que a escrita em narrativa decolonial fosse expressa ao longo da escrita da tese. Em virtude disso, a vida cotidiana de duas mulheres cientistas do começo do século XX revelou-se elemento imprescindível para entender o lugar da mulher nesse campo masculino e como elas se organizavam nas dinâmicas das pesquisas de campo no Brasil, em especial, na Amazônia. A seguir, apresento a segunda parte da tese, trazendo Emília e Heloísa em escritas de si.

PARTE II – EMÍLIA SNETHLAGE E HELOÍSA ALBERTO TORRES EM ESCRITAS DE SI

3 EMÍLIA SNETHLAGE E HELOÍSA ALBERTO TORRES: ENCONTRO DE GERAÇÕES NA CIÊNCIA BRASILEIRA

Faço minha primeira parada nesta viagem para dizer que, quando duas gerações de mulheres se encontram no mesmo espaço científico, os laços de trabalho surgem como fios finos de lembranças, criando um desenho importante da ciência praticada, organizada e gerida por Emília Snethlage e Heloísa Alberto Torres, no começo do século XX, no Brasil⁷⁴.

Esses caminhos cruzaram-se por pouco tempo, mas deixaram marcas significativas para “pensar o feminino no campo científico”⁷⁵. Uma iniciava sua carreira enquanto a outra, sem saber, estava findando. Suas histórias uniram-se no Museu Nacional, um importante espaço científico brasileiro.

3.1 Histórias de duas cientistas no Brasil

Sentei-me e refleti acerca da primeira parada nessa jornada. Abri meu diário de bordo e, como outras mulheres antes de mim⁷⁶, escrevo sobre minha viagem ao lado dessas duas mulheres. A literatura no tocante à viagem e ao turismo⁷⁷ deixa evidente que o deslocamento

⁷⁴ Ao longo da escrita da tese, deixei que a historiografia dessas duas cientistas tomasse parte da narrativa. Essa historiografia de Emília e Heloísa estão pautadas em autoras e autores, como: Miriam Junghans (2009); Oswaldo Cunha (1989); Adélia Miglievich-Ribeiro (2015); entre outros.

⁷⁵ A partir desse capítulo, procurei deixar claro como li as fontes, de forma que o olhar acerca de Emília e Heloísa foi analisado por meio da compreensão da hermenêutica do cotidiano de Dias (1998). A cada fonte investigada, alcancei suas trajetórias a romper com o colonial pensamento científico.

⁷⁶ No decorrer das leituras que fiz para fundamentar minhas referências teóricas, encontrei diferentes literaturas sobre mulheres e seus diários, sobretudo, os de viagens. Destaco aqui obras como as de: Maria Graham “Viagem pelo Brasil” (1956), quando esta passou pelo Brasil e redigiu sua visita por terras brasileiras entre 1821 e 1823. A leitura do livro de Graham garantiu uma visão de uma mulher do século XIX e abriu possibilidades de olhar a paisagem e a própria escrita dela, um tanto intimista, mas firme em seu propósito. Leitura importante também de três mulheres: Jemima Kindersley; Elizabeth Macquarie e Rose Freycinet no livro “Mulheres viajantes no Brasil (1764-1820)”, organizado por Jean Marcel França (2008), mesmo não sendo viagens de conhecimento científico, embora demonstrassem a relevância do uso de diários para escrever sobre suas impressões pessoais acerca dos lugares pelos quais passaram.

⁷⁷ De acordo com Panosso Netto e Nechar (2014), muitas redes de conhecimento foram criadas, e isso acarretou uma falta de unidade quanto às investigações, conseqüentemente, surgiram diversos paradigmas de turismo. A partir desses paradigmas, surgiram as escolas turísticas, entre elas: a positivista (cientificista), a sistêmica, a marxista, a fenomenológica, a hermenêutica e a teoria crítica. Para esse trabalho, entendo que a escola fenomenológica do turismo é a mais indicada, pois enxergo as viagens de campo de Emília Snethlage e Heloísa Alberto Torres como experiências para as suas carreiras científicas, assim como de mulheres a procurar liberdade para conhecer outros espaços e pessoas. Essas características se relacionam com o fenômeno turístico, e a escola fenomenológica avança em uma teoria crítica sobre o desenvolvimento das reflexões sobre o turismo. Quanto à

humano ganhou outras proporções ao longo da história da humanidade. O estudo do turismo passou por diferentes fases de investigação a partir da compreensão de sua epistemologia e, assim, diferentes escolas temáticas passaram a guiar o conhecimento com relação a esse fenômeno sociocultural e econômico. A viagem é a busca pelo conhecimento, seja sobre si ou sobre o outro⁷⁸. Mediante tal aspecto, fui em busca de mim mesma, como mulher cientista, e dessas duas outras mulheres.

Quando se pensa nelas no começo do século XX, os cenários são de pura transformação na sociedade, principalmente, Ocidental. As efervescentes mudanças estruturais históricas, sociais, culturais e políticas acabam por envolver o gênero de uma maneira muito significativa. De tal forma que Emília e Heloísa surgem na história e, conseqüentemente, na história das ciências.

A história mostrou-me como as mulheres conseguiram ampliar caminhos em uma “floresta densa”. Metaforicamente, essa floresta era a sociedade, em destaque, a Ocidental. Autoras e autores, como Michelle Perrot e Eric Hobsbawm⁷⁹, auxiliaram-me a compreender que o próprio caminho entre o masculino e o feminino se tratou de uma história à parte na formação da sociedade do final do século XVIII até o começo do XX.

Os acontecimentos ocorridos na Europa e, conseqüentemente, nas Américas e outros continentes, demonstrados nos estudos de Hobsbawm, deixam claro os avanços, mas também as lutas as quais as mulheres operárias, burguesas, trabalhadoras do campo, das artes e das ciências alcançaram o ápice de investigações mais contundentes sobre a participação feminina na sociedade. Os cenários em que elas se encontravam eram bastante diferenciados,

conceituação do turismo, o Prof. Dr. Panosso Netto (2022) traz uma discussão sobre a leitura dos clássicos em turismo e um deles vem dos autores suíços Walter Hunziker e Kurt Krapf, de 1942, a obra “*Grundriss der Allgemeinen Fremdenverkehrslehre*” (Tratado de uma teoria geral do turismo). Em seu blog (<http://www.panosso.pro.br/>), a referência histórica desse texto revelou-se fundamental para pensar a trajetória da investigação do turismo, por isso a trago aqui.

⁷⁸ No livro “A viagem”, de Luiz Trigo (2013), observei a construção teórica sobre os deslocamentos humanos que surgem a partir do medo que está em torno da busca pelo desconhecido até chegar ao cotidiano das viagens de turismo. A viagem é uma escolha e um deslocamento físico. Nesse caso, meu deslocamento foi por meio das letras. Segundo o autor, as viagens são reflexões sobre nós mesmos, além de ser a tomada de decisões que todos nós, de uma forma ou de outra, tomamos ao longo de nossa vida, seja pessoal ou profissional. E, assim, constatei as escolhas profissionais de Emília e Heloísa.

⁷⁹ Tomei como base as obras “A Era dos Impérios (1875-1914)” e “Era dos extremos – o breve século XX (1914-1991)”, de Hobsbawm (2015; 1995), respectivamente, para entender como as transformações sociais, econômicas, políticas e culturais reverberaram sobre as mulheres. Mesmo com um foco mais específico na Europa, os contextos surgem como reflexos para outros países, e o Brasil foi um desses a receber influências eurocêntricas significativas. Em uma perspectiva histórica, tomei como foco capítulos acerca das mulheres entre o final do século XVIII e o começo do XX. Em capítulos como “A nova mulher” (A Era dos Impérios) e “Revolução social e feiticeiros e aprendizes: as ciências naturais” (Era dos extremos), compreendi como a mudança no cenário social, cultural e político moldou a forma de visualizar as mulheres, tendo aberto, na sequência, caminhos para que elas pudessem realizar seus estudos sobre si e acerca do feminino. De Perrot, detive-me no livro “Os excluídos da história – operários, mulheres e prisioneiros” (1988) e outras obras que surgirão ao longo deste capítulo.

principalmente, ao que convém à prussiana Emília⁸⁰ e à brasileira Heloísa.

As mulheres estiveram presentes nessas mudanças apontadas por Hobsbawm. Mulheres burguesas, trabalhadoras e cientistas começaram a despontar na formação histórica da sociedade europeia. Em estudos revelados pelo autor, a mudança social, no que diz respeito à posição ocupada pelas mulheres, às novas regras de natalidade e às oportunidades de ingressar na formação educacional, proporcionou-me entender de onde mulheres como Emília vieram e como essas mudanças chegaram até o Brasil e, desse modo, verificar nesses contextos a vida profissional de Heloísa que, de certa maneira, herdou os legados vindos da Europa.

Oriundas de espaços territoriais diferentes e formação histórica e social díspares, é importante dizer que as mulheres nas Américas acabaram por ter essa “floresta densa” bem mais impenetrável para se alcançar um local no qual pudessem usufruir de direitos. Do período colonial até o começo do século XX, a mulher brasileira era a branca da corte, a burguesa ou, no máximo, a esposa de comerciantes. Depois vinham as negras, sob as rédeas da escravidão, e as indígenas, insolentes da terra “descoberta”⁸¹.

Ao ver Emília e Heloísa, não deixei de procurar semelhanças e diferenças entre elas. Isso foi salutar para entender como cada uma viveu e trabalhou no seu tempo histórico e social. Primeiro, investiguei a diferença entre elas e o óbvio, como, por exemplo, seus contextos históricos temporais e sociais são notórios. Ambas construíram suas carreiras científicas no início do século XX; Emília⁸² em 1905 e depois Heloísa⁸³ em 1918. Essa diferença no tempo

⁸⁰ Emília nasceu em 1868 quando a Alemanha não era unificada (KITCHEN, 2013), por isso, digo que ela era da Prússia. Em alguns momentos da pesquisa de campo, com as fontes e em conversas com professoras(es) sobre ela, percebi que Emília se identificava como uma “mulher prussiana”, uma mulher que parecia não demonstrar medo.

⁸¹ Na coletânea organizada por Mary Del Priori, “Histórias das mulheres no Brasil” (2015), obtém-se um apanhado de escritos que alcança a trajetória do feminino em nosso País. Artigos que refletem a dificuldade da mulher brasileira, maiormente, na formação de uma massa social na qual elas pudessem ser incluídas. A Igreja e o patriarcado, formado pelo pai, pelo marido e pelo feitor, impunham sobre aquelas mulheres amarras que perduraram até o início do século XIX. Na Europa, essas algemas, de certa forma, estavam mais frouxas para elas.

⁸² A pesquisa de Miriam Junghans (2009, p. 6) “[...] analisa a trajetória profissional da naturalista alemã [...]” revelando quem foi Emília e como era sua vida de cientista no Museu Goeldi. Espaços como o gabinete e o campo foram explorados na dissertação de Miriam, deixando claro como esses locais serviram de condicionantes para que ela pudesse compreender quem foi Emília, uma mulher cientista, e como suas pesquisas foram concebidas tornando-a uma referência no estudo ornitológico na Amazônia, no Brasil e internacionalmente. Tomei a dissertação de Junghans como o caminho principal para compreender Snethlage, pois a definição do meu desvendar da sua vida deve alcançar o que a professora Miriam já deixou de base para conhecer essa cientista alemã da Amazônia. Os trabalhos de Mariza Correa (1995) e Margaret Lopes (1998) exprimem dois pontos interessantes: a primeira autora referencia Emília e sua relação com a etnografia e a tradição naturalista e como Snethlage estava imersa nesse universo. Quanto ao que li em Lopes, o adjetivo “aventureira” era visto como uma via de mão dupla para as mulheres que faziam ciência no início do século XX, pois a aventura exprime algo extraordinário. Notei, ainda, que para o homem era um aspecto natural ser um naturalista, ser um cientista, possuir um cargo e uma função. Contudo, para as mulheres, a “aventura” parecia ser o seu espaço de trabalho sem a credibilidade científica. A sua função no campo poderia não produzir resultados a contento de uma boa produção de conhecimento.

⁸³ Heloísa Bertol Domingues (2010, p. 1) apresenta “[...] a questão do engajamento político, da instituição e da direção do Museu Nacional em 1946”. O artigo da autora traz como o positivismo, enquanto pensamento científico

histórico é significativa, pois me mostrou como elas criaram suas táticas de experienciar a ciência em cada período; cada uma escolhendo um caminho específico.

A partir do caminho que cada uma escolheu, notei a característica diferencial mais marcante entre elas. As duas tinham formações diferentes: Snethlage era formada em ciências naturais e Torres tinha formação em etnologia/antropologia. Notei na imersão das fontes que suas perspectivas, quanto aos seus caminhos profissionais na pesquisa, delinearam-se de duas formas: Emília era uma pesquisadora de campo que atuou em algum momento na gestão, enquanto Heloísa era uma gestora que realizou algumas pesquisas de campo.

Nesse olhar geral, Emília mostrou-se como uma cientista que produziu muitos trabalhos em campo na Amazônia pelo Museu Goeldi, ao passo que Heloísa, no Museu Nacional, seguiu uma carreira importante na gestão e nas relações políticas da cultura no Brasil.

Mesmo com essas diferenças, as duas mulheres estavam interligadas em condições externas às suas ocupações profissionais. A primeira semelhança é a de pertencerem à classe científica⁸⁴. E dentro do campo do conhecimento, chamou-me atenção que elas pertenciam a uma mesma classe social a ser negligenciada pela história⁸⁵.

Emília e Heloísa nasceram em famílias nas quais lhes proporcionaram uma educação diferenciada, visto que suas formações as direcionaram para a educação/profissão. Emília nasceu em uma família protestante, e a educação era a base de sua formação pessoal. Heloísa advém de uma família com certo prestígio político na capital carioca, seu pai, Alberto Torres,

do período, marcou as ações e os planos da diretora. Além de ser interessante por encontrar eco em outras pesquisas a demonstrar como as relações políticas influenciaram o cenário científico brasileiro, principalmente, no início do século XX. Em artigo considerado clássico, ela expõe um conteúdo sobre Heloísa A. Torres quando esta desenvolveu, no Museu Nacional, um documento que “propôs fazer um estudo sobre o estado das ciências naturais e da antropologia com a finalidade de reestruturar a pesquisa científica em função do desenvolvimento econômico, político e social do Brasil” (DOMINGUES, 2010, p. 625). Nesse período de 1946, o País saía da ditadura do Estado Novo, e D. Heloísa conseguia equilibrar as relações das ciências naturais naquele período influenciado pelo positivismo. Seus planos institucionais conseguiram alcançar as demandas internas do Museu com a vinda de pesquisadores internacionais e notou-se o avanço na pesquisa antropológica brasileira.

⁸⁴ Essa classe pode ser pensada a partir do que escreve Thompson (2012, p. 260): “classe, na tradição marxista, é (ou deve ser) uma categoria histórica descritiva de pessoas numa relação no decurso do tempo e das maneiras pelas quais se tornam conscientes de suas relações, como se separam, unem, entram em conflito [...]”. Ao deparar-me com as condições em que as mulheres realizavam seus papéis no campo científico, ousei dizer que elas formaram uma classe científica não reconhecida social, cultural e economicamente, mas elas estavam produzindo e criando experiências entre elas e o masculino. E concluo com Thompson, novamente: “e essa experiência adquire feições classistas na vida social e na consciência, no consenso, na resistência e nas escolhas de homens e mulheres”.

⁸⁵ Sobre essa questão, trago outro trecho de Thompson (2012, p. 234) que expressa como essas mulheres pertenciam a um conjunto social que foi desmemoriado: “se nos preocupamos apenas com o tornar-se, então há períodos históricos inteiros em que um sexo foi negligenciado pelo historiador, pois as mulheres são raramente vistas como atores de primeira ordem na vida política, militar ou mesmo econômica, se nos interessamos pelo ser, então a exclusão das mulheres reduziria a história à futilidade”. Ao olhar o texto de Thompson, acrescento que as mulheres não formam os personagens na vida científica também. Embora as vidas de Emília e Heloísa joguem luz sobre tais sombras.

foi um intelectual conhecido e integrou o governo brasileiro⁸⁶.

No que concerne a essa discussão da classe entre elas, consegui alcançar que algumas mulheres cientistas já pertenciam a outro patamar dentro do estudo da história das mulheres. Ao entrar para o campo do conhecimento, elas já faziam parte de uma “elite feminina” por terem obtido espaço no qual outras mulheres praticamente desconheciam como possíveis espaços sociais, culturais, econômicos e políticos. Ao contrário de mulheres como Emília e Heloísa, o cotidiano feminino do final do século XIX e início do XX para as demais mulheres (brancas pobres, negras, negras pobres e analfabetas) foi de muitas dificuldades, tanto que elas, praticamente, foram esquecidas pela historiografia⁸⁷.

Outra característica que une essas duas mulheres cientistas é o fato de serem partícipes da classe de mulheres brancas. Investiguei a emancipação feminina do final do século XIX e início do XX, e essa reflexão na história me fez problematizar a posição em que Emília Snethlage e Heloísa Alberto Torres estavam no Brasil. A classe média ocidental europeia criou historicamente a “nova mulher”⁸⁸.

Mesmo sendo os dados históricos da Europa, vislumbrei essas mulheres cientistas nesse contexto, como: mulheres brancas, solteiras, que trabalharam ou tiveram acesso à educação desde jovens, assim como a bens e serviços. O espaço no qual Emília e Heloísa trabalharam também eram territórios que congregavam a classe branca detentora do conhecimento. Com base nessa dinâmica analítica, compreendi a importância de referendar nessa investigação o estudo de gênero e fazer esse adendo acerca do debate de raça⁸⁹.

Destaco ser interessante delinear, novamente, as duas trajetórias. Uma alemã que chega

⁸⁶ Nos trabalhos de Junghans (2008; 2009; 2016), foi possível notar a trajetória familiar de Emília e como ela estava inserida em um núcleo no qual a educação e o conhecimento eram parte de seu cotidiano. Quanto à Heloísa, Miglievich-Ribeiro (2010; 2015; 2019) escreve que a família Torres foi importante no Rio de Janeiro. Seu pai, Alberto Torres, foi um intelectual e esteve no governo do Brasil. Ao que notei, nessas referências e nas fontes, que Heloísa foi bastante influenciada pelo pai a seguir uma carreira pública e o nome dele surge em muitos episódios de sua vida.

⁸⁷ A autora Maria Odila Dias (1995) escreve como as mulheres em São Paulo do século XIX viviam seus cotidianos e lutas para almejar espaços na sociedade paulistana. Suas identidades, experiências e posições na coletividade demonstram como elas surgem na história social. A partir dessa perspectiva, pude notar como Emília e Heloísa estavam fora desse contexto mais duro para as mulheres de suas épocas.

⁸⁸ Hobsbawm (2015) contextualiza a mulher no final do século XIX como a operária e as da nova classe média.

⁸⁹ Quero evidenciar aos legentes da tese que, ao tratar do estudo de gênero, a raça é um elemento muito importante. Scott (1995) deixa claro que o gênero é uma categoria de análise e a raça é um dado importante ao estudar as mulheres. Então, minhas duas personagens são brancas. E, assim, escolhi, nesse momento, não ampliar a discussão da raça dessas mulheres cientistas, mas não por não ser significativo. Pelo contrário, por eu não possuir, nesse momento, cabedal teórico, epistemológico e social para garantir uma análise concreta acerca do tema nessa tese. E aponto um estudo feito, em 2019 por Juliana Silva, “Maternidade e interseccionalidade nas ciências: conciliando maternidade, formação e carreira científica”, no qual a autora apresenta que há grandes diferenças no acesso de mulheres brancas e negras à pós-graduação no Brasil. Esse estudo, mesmo atual, fez-me pensar que, no momento histórico e social de Emília e Heloísa, essas disparidades, provavelmente, estavam presentes em seus contextos e cotidianos sociais e de trabalho (VASCONCELOS, 2019).

ao Brasil, à Amazônia, como imigrante para sentar bases em uma instituição de pesquisa como o Museu Goeldi. Emília Snethlage veio de um país recém-saído do Sacro Império Romano-Germânico e avançou nos séculos XIX e XX até a formação da Alemanha como uma das fortes nações da Europa. E as mulheres alemãs tinham certa vantagem, sobretudo, por fazerem parte da sociedade burguesa emergente da época.

Emília tem uma caracterização significativa, pois transitou entre ser uma naturalista, por sua formação em história natural, e depois tornar-se a cientista do Museu Goeldi; seu trabalho em campo reflete tal transitoriedade entre ser naturalista e cientista e as duas coisas ao mesmo tempo. Ao longo da escrita, percebi que ela veio de uma família com bases elitizadas e pôde trilhar caminhos os quais poucas mulheres de seu contexto poderiam alcançar: os estudos acadêmicos⁹⁰.

No caso de Heloísa, a brasileira pertenceu à primeira classe de mulheres: brancas, de elite e com formação; sua história difere da maioria das brasileiras de seu tempo. H. A. Torres veio de uma família importante social e intelectualmente no Rio de Janeiro. Ela, sua irmã, Marieta, e o irmão, Alberto, tiveram espaço no seio familiar e puderam caminhar em uma formação educacional⁹¹.

Já em meados do século XVIII, algumas mulheres escreveram sobre a relevância da educação feminina e como elas poderiam fazer a diferença no futuro da sociedade brasileira, contribuindo com que as meninas pudessem crescer e serem mulheres independentes. É evidente que essas escritas causaram espanto na sociedade brasileira vigente⁹². Embora o trabalho de levar a educação para as mulheres acabou por contribuir para que Heloísa pudesse exercer um cargo de chefia no Museu Nacional, espaço até então sob a régia e poder masculino.

É com esse preâmbulo que chego ao Rio de Janeiro e faço uma visita ao Museu Nacional em dia especial, no momento da chegada de cientistas ligados aos estudos antropológicos

⁹⁰ No livro de Martin Kitchen (2013), tem-se um breve apanhado da história da Alemanha de 1800 até o início do século XXI. Ali foi possível contemplar como as mulheres alemãs conquistaram um espaço, um pouco mais flexível, no que concerne à sua inserção em espaços públicos como escolas e depois nas universidades e, assim, ter garantias de uma boa formação educacional. Sugere-se que Emília pôde aproveitar essa transformação social, conseguiu entrar na Universidade e recebeu seu título de Doutora. Emília foi uma das poucas mulheres, 137 exatamente, que realizou curso superior na Alemanha em 1905.

⁹¹ No segundo semestre de 2020, troquei *e-mails* com a Prof.^a Dr.^a Adélia Miglievich-Ribeiro, e nessas trocas, em tempos pandêmicos, realizei algumas perguntas, das quais uma delas foi sobre a relação de Heloísa com seu irmão. Segundo a professora, esta quase não viu menção sobre ele em suas pesquisas, apenas que se formou em Direito. Ao que indica a pesquisadora, Heloísa era mais ligada à irmã, tendo chegado a trabalhar juntas no Museu Nacional quando Heloísa foi gestora e Marieta foi uma excelente bibliotecária (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2020).

⁹² É válido destacar a obra de Nísia Floresta ([1853] 1989), uma mulher que escreveu, dentro de seus limites sociais, culturais e políticos, acerca da inserção das meninas e mulheres na educação e no espaço de trabalho no Brasil, saído recente de um processo de exploração colonial. Nísia defendia a educação feminina e foi uma das primeiras a escrever acerca da importância do estudo feminino e da entrada da mulher no mercado de trabalho.

(Figura 1). Esse momento foi essencial para o começo da vida acadêmica e profissional de Heloísa Alberto Torres. Para Emília Snethlage, foi sua última casa científica, de onde ela partiu para fazer a sua derradeira viagem. Duas mulheres, duas gerações de cientistas e duas trajetórias que marcaram a história das ciências e do gênero, tangenciadas pelo turismo na Amazônia. A seguir, peço licença às leitoras e leitores para abrir diálogos ficcionais entre essas duas cientistas, com base nas fontes para construir a narrativa, visto que, dessa maneira, senti-me mais próxima delas.

Durante minha viagem, surgiram questionamentos como: por que estudar essas duas mulheres em tempos distintos? Acreditei que acompanhar a história de vida profissional de Emília e Heloísa, em suas viagens particulares na ciência, fosse uma chance de enxergar duas mulheres diferentes, em contextos diferentes e, assim, construir uma narrativa que desse conta das diferenças e semelhanças em suas caminhadas⁹³. Mesmo sendo duas mulheres na ciência, o cenário histórico, social, cultural e político apontou-me elementos interessantes para dizer que os tempos distintos foram significantes na formação de cada uma delas.

⁹³ Como apresentei na introdução da tese, o texto de McClintock (2010) veio dar o tom decolonial na tese, pois as táticas utilizadas por Emília e Heloísa avançaram as fronteiras coloniais do pensamento e do fazer científico. Desse modo, ao traçar suas trajetórias a descolonização construída por essas mulheres fica bastante evidente ao longo da escrita.

Figura 1 – Frances Herskovits (roupa e chapéu pretos)⁹⁴ e Heloísa Alberto Torres (jaleco branco) ao lado de nomes importantes como Álvaro Osório e Roquette-Pinto ao centro da fotografia, sem data



Fonte: Site do Museu Nacional Seção Memória (BRASIL, 2019)⁹⁵.

O Museu Nacional está em movimento, as pessoas de um lado para o outro, organizando a entrada e limpando o meteorito Bendegó⁹⁶, todos se preparando para receber a visita ilustre do fisiologista Álvaro Osório de Almeida⁹⁷. De longe, vejo Emília e Heloísa encontrarem-se no corredor: Emília avisa para Heloísa: “mademoiselle Frances está no seu aguardo Heloísa para a foto”. Ao que esta responde: “parece que sim, Emília, duas mulheres ao lado de outros cientistas”. Emília e Heloísa estavam inscritas, segundo fonte do Almanak na seção de antropologia e etnografia do MNRJ na década de 1920. Porém, Emília estava ligada à seção de zoologia, como especialista contratada.

⁹⁴ Durante a pesquisa da tese, cheguei a supor que essa mulher seria Emília Snethlage, pois não encontrei nenhuma fonte dizendo o contrário. Comparei com outras cientistas, como foi cogitado, como Bertha Lutz e Marie Curie, por meio de fotografias, não correspondendo à mulher de preto nessa foto. Contudo, para a revisão final da tese, a Prof.^a Adélia Miglievich-Ribeiro confirmou não ser Emília, mas, sim, a antropóloga Frances Shapiro Herskovits, esposa do também antropólogo Melville Jean Herskovits, já que ambos realizavam pesquisa em estudos africanos.

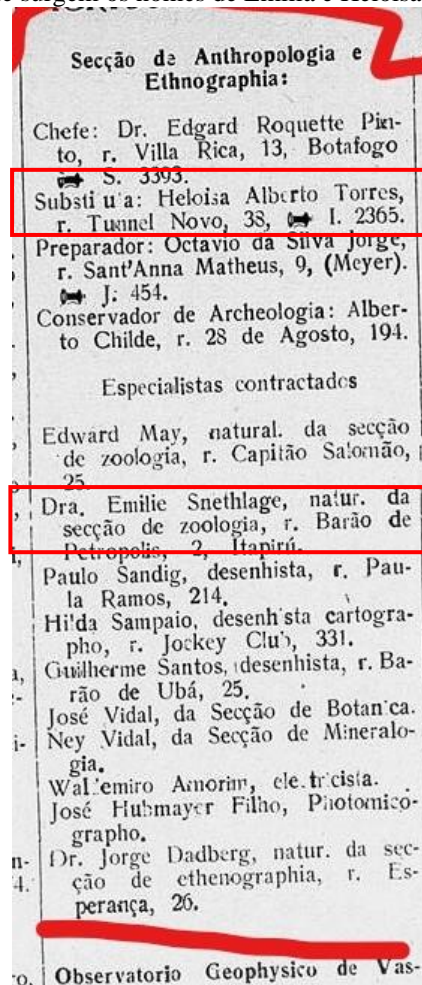
⁹⁵ Em meados de março e abril de 2021, o Sistema de Biblioteca e Museu Nacional do Rio de Janeiro foi atacado por hackers, ficando inoperante por um alguns meses. Assim, algumas informações foram perdidas e depois tiveram de ser confirmadas, tanto que não pude avançar na pesquisa de campo enquanto o *site* esteve fora do ar.

⁹⁶ Esse artefato de ferro e níquel, de mais 5 mil quilos, foi encontrado na Bahia, em 1784, pelo garoto Domingos da Motta Botelho. Desde 1888 está em exposição no Museu Nacional (BRASIL, 2020). Para mais informações, ver os estudos sobre o meteorito no artigo “O Meteorito Bendegó: história, mineralogia e classificação química”, de Wilton Pinto de Carvalho *et al.* (2011), no qual há o estudo sobre como este foi levado à capital carioca, além de exibir uma nova perspectiva de pesquisa para a geologia brasileira.

⁹⁷ Nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul (1882-1952), obteve grau de Doutor pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1905, com a tese “Sôro Lipase” (DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO DAS CIÊNCIAS DA SAÚDE NO BRASIL, 2020).

Em 1927, Heloísa era substituta de Roquette-Pinto na seção de antropologia e etnografia (Figura 2). Durante a pesquisa não consegui encontrar mais indícios em que as duas tiveram alguma atividade juntas. Ainda que a fonte deixe evidente que elas estavam em setores próximos ao Museu. Assim, a tese contribui para contar a história⁹⁸ que pouco existe acerca delas e de muitas outras mulheres que escreveram, pesquisaram e consolidaram os caminhos científicos no Brasil.

Figura 2 – Nota em que surgem os nomes de Emília e Heloísa juntas no MNRJ (1927)



Fonte: Site da Biblioteca Nacional Digital (BRASIL, 2019).

As Figuras 1 e 2, apresentadas acima, deixam claro como as mulheres tinham pouca representação⁹⁹ no meio científico, em especial no Brasil, onde a pesquisa científica começava

⁹⁸ Pesquisas de Harding (1993), Scott (1995), Lopes (1998), Olinto (2011) e Sombrio (2014) evidenciam como as mulheres foram invisibilizadas em diversos campos: sociais, políticos e científicos. A história é escrita por homens e sobre homens. Perrot (1988) expõe o quanto o masculino predomina ao traçar os caminhos da humanidade e reforça que o feminino não possui representação nesse universo, sobretudo, o da sociedade ocidental.

⁹⁹ No texto de Hall (2016), o conceito de representação auxiliou-me a pensar como as mulheres apropriavam-se de uma linguagem científica e, assim, compartilhavam conhecimento com o masculino tendo a oportunidade de dialogar e estar inseridas na “cultura científica” da época.

a despontar. A ciência seria mais um ramo de atividade a desenvolver um território tão vasto e cheio de elementos, como recursos naturais, arqueológicos, animais etc. Na imagem fotográfica e na lista de cientistas/pesquisadores do MNRJ, ficou evidente a disparidade entre o masculino e o feminino: dez homens e duas mulheres.

Uma dessemelhança bastante significativa, mas, para Emília e Heloísa, talvez não fosse. Seus espaços estavam em construção, uma ornitóloga e uma antropóloga. Cada uma, à sua maneira, conseguiu estar naquela fotografia e naquele índice de cientistas do Museu Nacional por suas trajetórias acadêmicas, por seus trabalhos e por sua dedicação à ciência no Brasil, em especial, na Amazônia. As experiências de Emília e Heloísa em construir uma base científica importante são reforçadas pela visão de Thompson¹⁰⁰ quando afirma ser a experiência humana formada pelos cotidianos, anseios e desejos de transformação.

A noção de conhecimento, na história da sociedade ocidental, é uma questão apontada por Thompson¹⁰¹ quando se observa, em seus estudos, que uma sociedade tranquila é aquela sem conhecimento. Então, será que, ao ter conhecimento, os indivíduos, sobretudo, as mulheres, estavam acabando com o sossego de alguém?

Emília e Heloísa, portanto, mexeram no campo “calmo” do conhecimento científico na ocasião em que decidiram seguir adiante no seio da ciência, visto que a cultura e a classe¹⁰² são atividades sociais que concretizam as relações humanas, além de acentuar as relações de poder entre quem possui ou não conhecimento. A hegemonia que se percebe na ciência pelo masculino constrói discussões importantes quando essas duas mulheres surgem na história das ciências e presentificam suas ações. A cultura científica foi transformada pela entrada dessas mulheres nesse campo, até então definido como “masculino”¹⁰³.

Pelos períodos expostos, mesmo que uma na *Belle Époque* e a outra durante a década de 1920, período entre a Revolução de 1930 e o Estado Novo, Emília e Heloísa,

¹⁰⁰ A noção de experiência, em leituras de Thompson (1981, 1998), trouxe-me uma compreensão de como essas duas cientistas conseguiram protagonizar momentos em suas vidas profissionais que ultrapassaram as fronteiras entre as lutas do masculino e do feminino nesses locais.

¹⁰¹ A escrita de Thompson (2012) deixa evidente como o estudo das classes pode apontar na configuração de uma possível “classe de mulheres cientistas” a qual Emília e Heloísa fizeram parte. Elas desenharam um cotidiano com táticas que organizaram um novo viés para o conhecimento científico de suas épocas.

¹⁰² Em Thompson (1998, p. 17), ênfase o que ele expõe como conceito de cultura: “[...] a cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos que somente sobre uma pressão imperiosa – por exemplo, a consciência de classe [...] – assume a forma de um ‘sistema’”.

¹⁰³ A entrada de Emília e Heloísa iniciou a derrubada da fronteira do protagonismo masculino na ciência, assim como das práticas científicas. McClintock (2010) deixou evidente em minhas reflexões que a descolonização feita por meio do estudo do gênero, nesse caso, pelas mulheres, tem trazido novas perspectivas sobre a o descolonizar o pensamento ocidental. E assim, enxerguei essas duas mulheres cientistas como parte e personagens da descolonização da ciência na Amazônia.

respectivamente, viveram e atuaram na ciência brasileira e presenciaram o “homem” como o representante da sociedade nas conjunturas sociais, culturais, políticas e históricas, em que existiam apenas “os naturalistas, os viajantes e os cientistas”. Ao masculinizar a historiografia, esta vem expressar, por exemplo, que a história foi escrita por homens e que representa o estudo do homem no tempo e no espaço. Embora, no meio desses “homens”, houvesse as mulheres¹⁰⁴.

Depois de divagar em minhas anotações, continuo minha visita e noto que o movimento no MN continua, enquanto, entre a espera pela fotografia, a conversa entre elas continua. E Heloísa pergunta: “Emília, como você conseguiu viajar tanto tempo sentindo que estava doente na travessia entre o Xingu e o Tapajós¹⁰⁵?” Essa foi uma de suas maiores viagens pelo Museu Goeldi e será vista nos próximos capítulos. Sua narrativa é contada à Heloísa a partir do relatório que ela produziu ao MPEG à época:

Os índios tinham abandonado o igarapé e avançavam n`uma matta pouco expessa, limpa e baixa. Andavam depressa e sem descansar, muito alegres, enquanto eu, com um acesso de sezões no corpo seguia com dificuldade, absorta em reflexões um tanto melancólicas sobre esta travessia interminável. Subitamente vi os índios pararem, fazendo-me signaes para vir depressa. Accorrendo achei-me n`uma rocha elevada e vi aos meus pés um rio de mais de 200 metros de largura que parecia enorme e resplendente de luz depois da penumbra das mattas ininterruptas em que tínhamos passado os nove últimos dias; era o Jamauchim. Não senti mais nada de febre, alegre como os índios, desci com elles para a praia alva¹⁰⁶.

Então, Heloísa pergunta: “não ficou com medo de morrer? Bem... eu, talvez, ficaria apavorada com a possibilidade de ficar doente na mata!”. E Emília, com seu olhar sereno, responde: “por alguns momentos fiquei sim, mas pensei: já estou aqui, tenho que continuar, e ainda bem que continuei, não é?!”. Nesse diálogo, vi a experiência de uma cientista já com 17 anos de trabalho e o verdor da iniciante pesquisadora em etnografia, com um pouco mais 3 anos em atividade no MNRJ.

Essas mulheres, que parecem tão distantes historicamente, encontraram-se no Museu Nacional do Rio de Janeiro e deixaram histórias como um legado. E a conversa continua, Emília pergunta e quer saber dos estudos de Heloísa para a pesquisa sobre a cerâmica no Marajó: “Heloísa, e suas pesquisas acerca dos artefatos arqueológicos, pretendes ir à Amazônia quando

¹⁰⁴ Foi importante ler Bloch (2001) para compreender como a história e outras ciências em construção contínua. O(a) historiador(a) pensa além da humanidade, uma vez que se centra na natureza e nessas imbricações colocam-se nas relações entre o masculino e o feminino.

¹⁰⁵ Emília Snethlage fez a viagem entre o Xingu e o Tapajós em 1909, passou dias viajando a pé na mata com indígenas e caboclos, pegou malária e ficou com medo de ser deixada para trás pelos indígenas (CUNHA, 1989; SANJAD; ROTGER; JUNGHANS; OREN, 2013). Essa travessia deu mais notoriedade ao seu trabalho no Museu Goeldi, no Brasil e até no exterior.

¹⁰⁶ Relatório Travessia do Xingu ao Tapajós, Boletim do Museu Paraense (SNETHLAGE, 1913, p. 80). Decidi deixar a escrita original de Emília em todas as fontes que trago para o texto.

para ver essas preciosidades de perto?”. Heloísa responde: “minha pesquisa documental está em andamento, tenho lido referências de autores como José Ferreira Teixeira¹⁰⁷ sobre a região do Marajó. Estão sendo bastante produtivas, pois estou conhecendo a procedência das primeiras populações viventes. Acredito que essas leituras irão ajudar-me a pensar a exploração do campo marajoara e assim escavar as covas que ali encontram-se”¹⁰⁸.

A minha caminhada ao lado dessas mulheres da ciência continua. E essa conversa ficcional fez-me pensar que a pesquisa arqueológica marajoara possui estudos de autores e autoras importantes. É significativo destacar os estudos de Betty Meggers, na década de 1950, e de Denise Pahl Schaan, a partir da década de 1990¹⁰⁹. Também se tem o livro de Anna Linhares sobre a utilização dos artefatos marajoaras como símbolos de ressignificação da cultura amazônica do território do Marajó¹¹⁰.

Essas análises, principalmente as mais antigas, ofereceram perspectivas acerca da região e da diversidade arqueológica. Analiso essas leituras como fator que motivara as viagens de Heloísa A. Torres levando-a ao topo de sua carreira como antropóloga do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Mesmo não sendo o livro em que Heloísa A. Torres estudou para sua pesquisa de campo, é interessante observar a obra de Ferreira Teixeira (1953), *O Arquipélago de Marajó* e suas notas sobre as populações antigas da região, pela qual ela construiu seu conhecimento acerca da região já na década de 1930:

¹⁰⁷ O livro de José Ferreira Teixeira que Heloísa fez leitura foi “O problema do desaguamento em Marajó” para estudar a região e preparar-se para a viagem que fez em 1930. Até o fechamento desta tese, não consegui encontrá-lo, porém consegui com meu orientador a publicação “O Arquipélago do Marajó” (1953), que possui indicações acerca da região e da cerâmica. José F. Teixeira nasceu no Marajó (Pará) em 22/07/1865 e é uma referência sobre o arquipélago. Nessa obra, foi possível verificar estudos sobre economia, transportes, aspectos geográficos e história pré-colonial na região marajoara. Ressalta-se que, após essa publicação, outros estudos foram desenvolvidos e até alguns elementos foram refutados em novas análises, sobretudo, no que diz respeito às populações ameríndias estudadas por Heloísa A. Torres.

¹⁰⁸ Heloísa empreendeu sua pesquisa no Marajó em 1930. Essa viagem também seria o “cartão de apresentação” dela para o mundo científico e trabalho de campo na antropologia. Miglievich-Ribeiro (2015) comenta sobre um pequeno caderno de campo em que constam alguns escritos de sua trajetória desde o Rio de Janeiro até chegar ao arquipélago marajoara. Esse caderno se encontra na Casa de Cultura Heloísa Alberto Torres, em Itaboraí, Rio de Janeiro. Em virtude dos problemas que tive para viajar em 2021 para fazer o meu campo no Rio de Janeiro, não consegui ter acesso a esse documento.

¹⁰⁹ Para esse momento, trago os estudos de Betty J. Meggers e Clifford Evans “Uma interpretação das culturas da Ilha de Marajó” (1954), nos quais esses autores fizeram uma primeira definição das fases das populações marajoaras. Em trabalhos posteriores, têm-se os de Denise Pahl Schaan (1963-2018), como o artigo “Uma janela para a história pré-colonial da Amazônia: olhando além – e apesar – das fases e tradições” (2007), sendo uma referência significativa sobre o tema e que continuou a ampliar os estudos acerca dessas populações no que concerne à produção cerâmica e às fases desses grupos sociais.

¹¹⁰ O livro de Anna Maria Alves Linhares, “Um grego agora nu: índios marajoara e identidade nacional brasileira” (2017), traz uma pesquisa importante sobre os artefatos marajoaras e identifica como essa perspectiva da cerâmica da região há tempo atrai pesquisadores. O livro é mais uma referência sobre o tema em que Heloísa começou a pesquisar na década de 1930.

Os índios de Marajó são provenientes da notável família dos Nu-Aruaques. Esta família emigrou, em épocas remotas, talvez pré-colombianas, das grandes Antilhas para o continente sulamericano, onde encontrou forte reação dos Caraíbas, dominantes na região situada ao norte do rio Amazonas. Depois de muitas lutas, os Nu-Aruaques fixaram sua ocupação no rio Cunani, na margem esquerda do rio Amazonas, conforme comprovação feita pelo eminente Dr. Emílio Goeldi, antigo e provecto diretor do Museu Paraense¹¹¹.

A tese acima já foi problematizada por autores que pesquisaram sobre as populações chegadas no arquipélago marajoara. Os primeiros estudos foram definidos em fases que representariam a população da região. Como uma viajante que procura conhecer mais por onde passa, procurei entender como as sociedades pré-coloniais se instalaram ali. Por meio das leituras, compreendi que essas sociedades formaram uma comunidade “nova” de indivíduos viventes¹¹².

Interessante notar que as viagens¹¹³ foram, para Emília e Heloísa, quase como um divisor de águas em suas trajetórias científicas e pessoais. Como mulheres poderiam empreender viagens a locais tão distantes? E sozinhas? Primeiro, o pudor feminino parecia não combinar com elas, dado que empreenderam viagens, que, até aquele momento, eram feitas por poucas mulheres reconhecidas na Amazônia¹¹⁴. Em segundo lugar, o espaço masculinizado das viagens e da ciência impedia que mulheres pudessem ascender cientificamente, muitas delas

¹¹¹ Segue a citação de Teixeira (1953, p. 24). É importante ressaltar que essa obra foi trazida apenas como uma referência para contextualizar as possíveis leituras que Heloísa obteve à época de sua pesquisa documental. Evidente que os estudos arqueológicos apresentados por esse autor, nessa citação, já foram rediscutidos e redefinidos pelos autores e autoras citadas anteriormente.

¹¹² Essa discussão está no artigo acima citado de Schaan (2007), o qual traz os primeiros estudos de Meggers e Evans (1954). Não adentrarei na discussão mais profunda do tema, apenas julguei interessante situar o leitor e a leitora que a região marajoara tem um histórico de pesquisa amplo e com trabalhos significativos. E a pesquisa apresentada por essa autora avançou na tese já apresentada por Teixeira.

¹¹³ As obras de Barretto (2003) e Panosso Netto (2005) trazem uma reflexão importante sobre uma construção histórica e da fenomenologia do turismo como conceito para entender que a experiência pode ser um elo a pensar o fenômeno turístico. Viabilizando, desse modo, entender viagens de Emília e Heloísa serem vistas como elementos fenomenológicos e a existência de possibilidades de pensar junto às fontes que elas empreenderiam viagens de conhecimento, o chamado *Grand Tour*, além de utilizarem os equipamentos que constituem a cadeia do turismo, tais como: transportes, guias locais, hospedagem etc. As viagens de campo dessas mulheres podem ser consideradas como os primeiros deslocamentos do *Grand Tour*, a busca pelo conhecimento feito em campo motivava essas mulheres também.

¹¹⁴ Com relação a algumas mulheres a pesquisar o turismo na Amazônia, destaco a obra de Quaresma (2003), autora que realizou uma viagem de campo importante para uma Área de Proteção Ambiental (APA) no começo dos anos 2000 e deixou um trabalho relevante sobre as comunidades pesqueiras e a relação com o turismo que já havia surgido na região da Ilha de Algodão a partir das décadas de 1970-1980. Helena Doris foi uma das primeiras turismólogas a empreender viagens de pesquisa específica para uma produção em turismo no território amazônico paraense. Depois em sua tese de doutoramento, ela investigou a tríplice fronteira Brasil, Venezuela e Guiana, na região do Monte Roraima (RR), e como o turismo acontecia nesse território e sua integração, Quaresma (2008) investigou, ainda, a sustentabilidade dos parques nacionais na Amazônia. Aqui a autora subiu o Monte Roraima para realizar sua pesquisa de campo. Há trabalhos como o de Silvia Cruz (1999) na comunidade da Vila do Pesqueiro/Soure/Marajó (PA), em que essa turismóloga já oferecia as primeiras pesquisas nas áreas costeiras e de proteção ambiental no estado do Pará.

viajavam com seus maridos e ficavam nas sombras deles¹¹⁵. Em contrapartida, Emília e Heloísa não se enquadraram, viajaram sozinhas e acompanhadas pelo sexo masculino, mas mantiveram sua posição de pesquisadoras e de cientistas, de detentoras daquele meio e daquilo que foram realizar, seja no Tapajós ou no Marajó. Elas foram as protagonistas de seus estudos.

Como um dos objetivos desta tese, propus apresentar, brevemente, mulheres que vieram antes de Emília e Heloísa e, assim, trouxe nomes como Elizabeth Cary Agassiz (1822-1907), Octavie Renard Coudreau (1867-1938) e Teresa da Baviera (1850-1925)¹¹⁶. Essas três mulheres tiveram papel importante em viagens de exploração pela Amazônia. Não afirmarei que elas foram as primeiras, mas a historiografia de mulheres viajantes e cientistas expõe um destaque sobre elas. As perspectivas de viagem delas foram bem diversas, ainda assim um ponto as coloca no mesmo patamar: estavam com seus maridos (viajantes/cientistas) ou viajando sozinhas sem a presença masculina, como foi o caso de Teresa da Baviera.

Elizabeth e Octavie viajaram com seus cônjuges e, de certa maneira, assumiram a posição de cientistas ou, pelo menos, relatoras dessas expedições. Teresa da Baviera destacou-se por vir ao Brasil e pesquisar regiões como a Amazônia (Amazonas e Pará), o Nordeste (Ceará) e depois o Sudeste (Espírito Santo) somente junto com “sua dama de companhia”¹¹⁷, esta sendo a primeira mulher a coletar material etnográfico em território brasileiro, em especial, na Amazônia. Essas experiências foram importantes para elas, mas também para as mulheres que vieram depois, como Emília e Heloísa.

Elizabeth Agassiz acompanhou seu marido, Louis Agassiz, em uma expedição pelo Brasil, ainda no século XIX. Pelo que se nota no livro, foi ela quem escreveu o que Dr. Agassiz fez, quais os contatos e as atividades que seguiram durante a exploração. Eles viajaram pelo Brasil entre os anos de 1865 e 1866, e ela desempenhou um papel fundamental ao escrever as narrativas sobre a expedição. É significativo ressaltar que, mesmo que ela não fosse uma

¹¹⁵ Mariana Sombrio (2014) demonstra como muitas cientistas ficaram de fora da lista de marcos importantes na ciência brasileira por, simplesmente, terem seus nomes e trabalhos acobertados pelos seus parceiros, em virtude disso, seus nomes não surgem nas fichas documentais das pesquisas que algumas delas realizaram.

¹¹⁶ Destaco o artigo de Lorelai Kury (2001) em que a autora traz o debate sobre o casal Agassiz e, especialmente, Elizabeth Agassiz, a qual, mesmo não sendo “cientista”, esteve na Amazônia junto a seu marido, Louis Agassiz, em 1865-1866, fazendo pesquisa na região. No livro “Viagem pelo Brasil”, verificam-se pistas de que Elizabeth é quem escreve o texto, sendo possível notar uma escrita em forma de diário (AGASSIZ; AGASSIZ, 2000). No texto “Imperial Ambivalences”, Frederico Ferretti (2017) traz a francesa Octavie Renard Coudreau que, após a morte de seu marido, Henry Coudreau, foi quem assumiu uma viagem ao Amazonas de 1899 a 1906. Então, posso sugerir que Elizabeth e Octavie foram mulheres a fazer parte desse momento científico antes de Emília e Heloísa na região amazônica. Acerca de Teresa da Baviera, destaco o artigo de Lúcio Alcântara (2014) sobre a vinda da princesa da Baviera ao Brasil em 1888, com apoio da família Real Portuguesa. O texto enfoca, brevemente, a biografia dela e destaca sua passagem pelo Nordeste, sobretudo, pelo estado do Ceará e sua capital, Fortaleza, enfatizando sua pesquisa etnográfica na região da costa daquele território.

¹¹⁷ A pesquisa sobre essa naturalista está no *site* Akademie Brasil-Europa (2022), na qual se tem uma pequena biografia enfatizando que Teresa empreendeu sua viagem pelo Brasil apenas com uma dama.

cientista, apresentou a visão de uma mulher que participou e vivenciou parte da história da ciência na Amazônia¹¹⁸.

A vivência em campo de Elizabeth Agassiz marca o que diversas mulheres em viagens faziam naquele momento: escreviam diários¹¹⁹. Como pertenciam, normalmente, a famílias abastadas, essas senhoras sabiam ler e escrever. Então, sua participação em campo era a de contar, em textos, o que seus maridos e elas faziam. Realmente, Elizabeth, em diferentes trechos do livro, narra o que ela e Agassiz realizaram na ocasião em que estavam campo.

Quanto à participação de Octavie Coudreau em expedições pela Amazônia, pelo leituras, também se mostrou interessante. Essa mulher passou de acompanhante para “cientista”, pois seu marido, Henri Anatole Coudreau, morreu em 1899 próximo à região do Rio Trombetas, na missão em que veio fazer pelo Estado do Pará, na Amazônia. Ela precisou assumir a expedição para concluir o trabalho que realizavam. Assim, Octavie tomou “as rédeas” da viagem e seguiu com a pesquisa. A narrativa dela possuía ambivalências, em que eram notáveis os interesses proletários e, ao mesmo tempo, burgueses. Ela mesma parecia viver em um contexto dualístico, por ser uma mulher do mundo urbano que gostava da natureza¹²⁰.

Quando Octavie Coudreau assumiu o lugar de seu marido na expedição pela Amazônia, não tomou apenas à frente de uma exploração científica, a francesa possibilitou que os nomes femininos pudessem ser vistos nas expedições naturalistas. A historiografia da ciência pôde lhe oferecer alguns créditos, pois seu papel de esposa foi além, transformando-se em uma naturalista filosófica, como eram reconhecidos os primeiros exploradores. Octavie enfrentou o luto com a responsabilidade de concluir o que seu companheiro assumiu como missão de investigação. No que concerne à Teresa da Baviera, mantive um pouco de sua história no capítulo sobre Snethlage, posto que nele consegui relacionar sua viagem junto às pesquisas que ligam as duas por meio da etnografia.

¹¹⁸ O livro “Viagem pelo Brasil” tem sua primeira edição em 1867, enquanto o artigo de Kury (2001) trata-se de uma referência importante sobre a viagem deles pela Amazônia. A autora menciona que Elizabeth encarregou-se de redigir a narrativa dos acontecimentos e peripécias que viveram, garantindo um tom pitoresco ao relato: “ela explicou de forma didática as teorias do naturalista e transcreveu cartas e trechos de conferências de seu marido” (KURY, 2001, p. 158).

¹¹⁹ Um livro que me inspirou a entender o universo feminino nas narrativas foi o de Adèle Toussaint-Samson (2003) “Uma parisiense no Brasil”, escrito em 1883. Nele, observei como essa viajante descrevia suas experiências em uma terra estrangeira como o Brasil em pleno século XIX. A escrita leve, mas, em alguns momentos, crítica e com tom etnocêntrico, conseguiu prender-me e fez-me entender como Emília narrava suas pesquisas de campo.

¹²⁰ No texto de Ferretti (2017), evidencia-se o conceito de ambivalências e locais complexos, ao tratar sobre as atividades desenvolvidas nas viagens realizadas por cientistas e suas esposas, dando destaque para as experiências individuais do casal. Há, no texto, uma conceituação interessante que é a de “casais práticos”. O autor sugere essa caracterização ao casal Coudreau. Octavie e Henri realizaram a viagem até determinado momento dividindo atividades, depois, com a morte dele, ela tomou à frente delas. Esse conceito de “casal prático” também pode ser estendido ao casal Agassiz, pois Elizabeth e Louis dividiam suas atividades nas expedições.

Assim, é notável como Emília e Heloísa foram antecidas por outras mulheres na construção do conhecimento científico na região amazônica. O reconhecimento de Elizabeth Agassiz, Octavie Coudreau e Teresa da Baviera, como mulheres viajantes/cientistas, abriu possibilidades para que outros nomes femininos pudessem ser vistos depois. Minha viagem ao lado dessas mulheres foi ganhando corpo e compreendi ter sido um caminho difícil para elas despontarem em suas carreiras científicas.

Retomo minha escrita enfatizando que Emília e Heloísa conseguiram criar condições favoráveis às suas carreiras profissionais e, conseqüentemente, às suas pesquisas. Elas possuíam condições materiais e uma visão de mundo diferente de uma parte significativa das mulheres daquele momento. Primeiro, suas formações educacionais proporcionaram a elas estar, de certa forma, à frente de outras mulheres e até de outros homens.

Uma foi doutora e a outra, professora; títulos alcançados por circunstâncias familiares com base econômica sólida e, claro, por suas formas de trabalhar e buscar o melhor em suas realizações profissionais. De acordo com as leituras de Perrot¹²¹, as mulheres que podiam ter acesso à educação abriam espaços a outras e, assim, criavam-se chances de o feminino ingressar em espaços como as instituições de pesquisa e ensino, entre estes, o MPEG e o MNRJ.

Ao parar e refletir, perguntei-me qual era a função de uma mulher no começo do século XX?¹²² Inicialmente, as mulheres teriam, naquele contexto, dois espaços de trabalho¹²³: dentro de casa, que seria o mais importante; e quando existe atividade fora do âmbito privado, esse é o menos importante. Na verdade, ainda conforme a autora, as mulheres sempre estiveram no campo do trabalho, embora a própria história tenha negado isso. Emília e Heloísa não se encaixavam, diretamente, na “divisão sexual”.

Quando penso nas fontes que me levaram até Emília e Heloísa, debruço-me em algumas questões: quais as motivações dessas mulheres? Que condições as permitiram abrir essas clareiras para a pesquisa na ciência na Amazônia?¹²⁴ Algumas dessas respostas consigo

¹²¹ No livro de Perrot, “Minha história das mulheres” (2019), a autora expõe que o saber não podia ser acessado pelo feminino, pois a razão não condizia com as mulheres. Então, Emília e Heloísa e tantas outras acabaram por quebrar essas amarras e, assim, entraram no campo da ciência e em outras frentes, como a da política.

¹²² Nesse sentido, destaco uma leitura interessante de Perrot (2005), no capítulo “O que é um trabalho de mulher?”, que me ajudou a pensar como essas cientistas são descritas nas fontes e nos trabalhos já escritos sobre elas, nos quais o tom do “trabalho de mulher” aparece nos documentos. Percebi que muitas mulheres já estavam fora do contexto privado, trabalhando nas tavernas, lavando roupas em praças e ali faziam suas articulações em busca de melhores condições de vida. O labor privado, lavar a roupa, tornava-se elo para discutir propostas coletivas, como a alimentação.

¹²³ No embasamento teórico de Perrot, no artigo citado acima, a mulher já era “moldada” a um tipo de atividade laboral, ao passo que a divisão do trabalho era, e ainda continua a ser, carregada pela influência da diferença sexual.

¹²⁴ É interessante retomar o estudo de Gondim (1994, p. 9) em que, ao introduzir seu texto, ela escreve que a procura pelas “Índias” despertou um imaginário poderoso que inventou literalmente a Amazônia, como ela escreve: “contrariamente ao que se possa supor, a Amazônia não foi descoberta, sequer foi construída; na realidade

contemplar na literatura apontada entre a história e o gênero em obras como de Perrot¹²⁵ e reflito no conceito de sororidade¹²⁶. Essa historiadora apresenta como as mulheres saíram de suas casas e começaram a delinear a rua e o espaço público, principalmente, no século XIX; fossem as domésticas ou trabalhadoras das fábricas, cujos espaços comuns eram as lavanderias, fossem as mulheres burguesas, que frequentavam os cafés chiques e os primeiros magazines de moda. O campo científico ainda era um espaço muito masculino, mas essas “frestas” puderam, de certa modo, ampliar essa fronteira na qual o feminino começa a circular pela cidade.

O modelo de trabalho, voltado para as mulheres no contexto sociocultural de Emília e Heloísa, era marcado pelas chamadas “funções naturais femininas”, caracterizadas como domésticas e maternais. Essas funções desenharam as futuras “profissões femininas”: enfermeiras, secretárias, professoras do ensino primário e as mulheres colecionistas que, porventura, eram, algumas vezes, denominadas de naturalistas. Tais atividades precisavam de cuidados, zelo e agilidade delicada¹²⁷. Essas mulheres, normalmente de famílias ricas, mantinham essas atividades como lazer ou poderiam investir nesses estudos, já que possuíam recursos para tal.

Da discussão acima sobre o trabalho de mulher, a atividade de “naturalista”, no final do século XVIII e início do XIX, ainda não tinha sido profissionalizada¹²⁸. Então, as mulheres acabavam por estar nesses cargos que não eram reconhecidos como espaços laborais e muito menos de conhecimento científico. Elas apenas ocupavam um campo que o masculino não parecia querer se identificar e atuar. São em nuances como essas que senti a importância de dialogar com a história e o gênero, questionando como as mulheres conseguiram avançar em um projeto de cientificação e de intelectualização de suas funções.

É importante destacar que os tempos históricos de Emília e Heloísa foram diferentes.

a invenção da Amazônia se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes”. Não tomarei a posição de Gondim como final para pensar a Amazônia, mas noto em seu texto profundos elementos que poderiam ter despertado, tanto em Emília quanto em Heloísa, um imaginário sobre fazer/produzir ciência nesse espaço.

¹²⁵ Em Perrot (1998), as mulheres tiveram, no espaço público, sua saída para a libertação do mundo privado. Essas condições não foram as melhores para algumas, como as trabalhadoras domésticas e prostitutas. Não menos penosa para as mulheres burguesas, que também tiveram de demarcar seu espaço fora da casa.

¹²⁶ Aqui destaco o artigo de Evelyn B. Fernandes (2021), no qual demonstra como surgem as relações de sororidade, principalmente, a partir do movimento feminino, que surgem em integrações entre solidariedade e de estratégias entre as mulheres. Ressalto a obra de Robert Putnam (1997) como seminal para entender sororidade, em especial, quando esse autor analisou as formas de relações políticas, econômicas e sociais nas penínsulas italianas e lançou o conceito de capital social.

¹²⁷ Numa literatura clássica de Keith Thomas (2010) e de Miriam Moreira Leite (2000) acerca da história natural, constata-se que, desde o século XVIII, existiam os “estudiosos curiosos” da história natural e entre eles figuravam as mulheres com trabalhos considerados de menor valor e, por isso, elas estavam em maior número adiante dessas atividades. Normalmente, eram as mulheres da elite que faziam essas ações.

¹²⁸ De acordo com Thomas (2010), os e as naturalistas não tinham reconhecimento de sua atividade.

Emília chegou a Belém em 1905, ainda no período da *Belle Époque*¹²⁹, onde os ares de modernização social, cultural e, pode se dizer, científica estavam na capital do Pará. Já Heloísa ingressou no MNRJ, em 1918, como estagiária e depois passou no concurso público para professora do Museu Nacional em 1925, ainda no começo do XX, no final da década de 1910, passando grande parte pelo Estado Novo (1937-1945) de Getúlio Vargas até em 1938 ser diretora. Foram dois momentos díspares para as mulheres. Percebi, nesses dois períodos, que as mulheres começaram a ter suas dinâmicas modificadas pelo contexto social e cultural naquele momento.

A *Belle Époque* ampliou as fronteiras de Emília quanto ao acesso à ciência, já que Belém era a cidade onde o período de extração gomífera abriu portas internacionais, ao passo que os museus naturais também eram base para atrair investimentos. Além de oferecer um ar “civilizado” para a capital paraense, a sociedade estava imersa nas riquezas do período áureo da borracha. As mulheres das classes abastadas formavam grupos para se encontrarem no Leão na América, a casa da moda na cidade¹³⁰. Da ciência à moda, a cidade de Belém, vivida por Emília, já era diferente para as mulheres brancas da elite social e política da capital. As demais mulheres, negras, escravas e pobres, ainda ficavam nas sombras da história.

Como funcionária contratada, Heloísa ingressou no MN do Rio de Janeiro em 1925 no final da Primeira República (1889-1930)¹³¹, enquanto as movimentações sociais estavam acirradas. O governo Vargas começaria, em termos provisórios, a partir de 1930 a 1937.

Ainda assim, as mulheres pareciam caminhar para a vida pública, e o ingresso de Heloísa A. Torres, no concurso do Museu Nacional, despertou para novas fronteiras, as quais o feminino alcançaria no Brasil, ao iniciar o século XX, antecedendo períodos de transição política no Brasil, como a Revolução de 1930. Um momento em que a organização política e social brasileira é influenciada pelo papel da identidade nacional, e as mulheres teriam um valor

¹²⁹ A obra “Belém: riquezas produzindo a *Belle Époque* (1870-1912)”, de Maria de Nazaré Sarges (2010), foi uma referência importante para entender como a modernização da cidade de Belém, durante a extração da borracha, influenciou os espaços públicos da cidade. O próprio Museu Goeldi foi um desses locais em que a modernização marca, de certa maneira, a entrada de mulheres nesses logradouros científicos. Emília foi a primeira mulher a estar em uma instituição de pesquisa naquele período. Logo após, mais duas mulheres foram contratadas: uma na biblioteca/secretaria, Abigail Esther de Mattos, e a outra auxiliar de escrituração, Anna de Aragão Carreira (CUNHA, 1989).

¹³⁰ A leitura do livro de Sarges (2010) revelou-me como as mulheres das classes econômicas e sociais mais altas da cidade viviam em grupos que representavam a elite da época. Os cafés e as casas de moda na cidade, com os melhores tecidos vindos da Europa, eram o ponto de encontro da classe feminina elitizada.

¹³¹ A Primeira República foi o momento em que o Brasil começou a desenhar as diretrizes republicanas. De acordo com Freire e Penna (2000, p. 68): “[...] foi um processo que combinou afirmação, conformação e agitação do regime”. A sociedade brasileira passou por uma profunda transformação, e as mulheres estavam nessas mudanças à frente da nova política. Mulheres como Bertha Lutz já despontavam no cenário científico e político naquele momento, isso porque ela ingressa no MN, instituição científica, com o cargo de “secretário” (SOMBRIO, 2007).

importante nesse novo cenário, posto que elas “educariam” os jovens brasileiros.

Esses diferentes momentos históricos, sociais e culturais proporcionaram-me olhar Emília e Heloísa de outras maneiras, visto que, além de mulheres das ciências, caminhavam junto às transformações de seu tempo. É emblemático nos escritos de Perrot¹³² quando as mudanças do século XIX para o XX, na França, fizeram emergir o feminismo que reverberou em outros países. A mudança do espaço privado para o público e a busca por direitos como o voto¹³³ foram alguns dos exemplos que podem ter influenciado essas duas cientistas a sair de suas casas e a buscar o novo nessa nova sociedade. De tal modo que as viagens foram alguns desses recursos utilizados por elas para galgar espaços antes masculinos¹³⁴.

De fato, as mulheres realizaram muitas viagens na história da sociedade, mormente, aqui no Brasil¹³⁵. Entre uma espiada e outra que faço, durante minha ida ao MN, ouço o diálogo entre as cientistas. Heloísa pergunta: “Emília, o que você compreendeu dessa viagem acerca do ambiente natural e das populações amazônicas? Ao que Heloísa completa: “fico pensando no que posso encontrar no Marajó. O que será que as populações indígenas deixaram sobre as suas tradições? Essas perguntas aguçam meus pensamentos!”. São essas conversas que me fizeram pensar como essas mulheres se preparavam para suas pesquisas, como se organizavam e trocavam ideias acerca de seus estudos. Nas fontes, é notável como a ciência feita por mulheres já ladrilhava o caminho para as novas cientistas brasileiras.

Anotei essa pergunta de Heloísa para Emília em meu caderno. O diálogo converge para

¹³² Em Perrot (1998), é perceptível a efervescência do público e do privado travada entre os homens e as mulheres. A luta entre o masculino e o feminino transformou os contextos sociais e culturais e influenciou a ciência. A história das mulheres, entre o final do XIX e o começo do XX, aponta para o embate que se tinha entre a divisão sexual. No entanto, Perrot demonstra que essas camadas foram desfeitas ao escrever que as mulheres começaram a galgar espaços quando, por exemplo, as mães ganharam notoriedade ao assumirem suas famílias na ausência dos maridos.

¹³³ O cenário político brasileiro, na década de 1930, foi efervescente. Afinal, antes de Heloísa entrar no MN, a figura de Bertha Lutz despontou como uma das primeiras mulheres a ingressar na instituição. Ainda assim, o que destacou Lutz, no cenário das lutas femininas, foi sua liderança relacionada ao voto feminino no Brasil que, conforme Sousa (2009), foi promulgado em 1932. No capítulo sobre Heloísa, trago melhores referências sobre Bertha.

¹³⁴ Nesse momento, pego meu diário de bordo para fazer algumas reflexões nessa caminhada até aqui. Posso refletir que a viagem, tanto para Emília quanto para Heloísa, tornou-se sua identidade de maioridade. De acordo com Trigo (2013) e Panosso Netto (2005), essa busca pelo desconhecido pode ser uma conexão com o íntimo do ser humano, ou seja, a busca por novas experiências. De certa forma, pode influenciar outras pessoas, como fizeram elas ao se tornarem mulheres da ciência.

¹³⁵ Destaco os diários de viagens de duas mulheres que empreenderam viagem pelo Brasil, em meados do século XIX, e tornaram-se obras importantes. Retomo o diário de Maria Graham (1956) em que ela descreve sua viagem ao Brasil, de 1821 a 1823, com detalhes sobre as paisagens e, maiormente, sobre o povo brasileiro. A outra referência é o livro de Adèle Toussaint-Samson ([1883] 2003), com o título “Uma parisiense no Brasil”, uma francesa que morou no Brasil durante 12 anos e viveu entre idas e vindas no país, narra sua vida e a convivência com o povo brasileiro no período imperial. As subjetividades de Maria Graham e Adèle Toussaint-Samson são elementos que trazem, efetivamente, uma marca para as futuras mulheres que iriam deslocar-se pelo território brasileiro, a marca de “pioneiras” e “aventureiras”, como ressalta Lopes (1998), embora o prestígio de seus trabalhos tenham deixado de lado esses estereótipos.

outra pesquisa realizada por Emília até o Nordeste paraense. Ali, a doutora Emília esteve no começo do século XX e visualizou uma região passando por profundas transformações. Dessa maneira, observei, em seu artigo “*Nature and man in eastern Pará, Brazil*”¹³⁶, escrito na *The Geographical Review*, em 1917, como Snethlage descreveu a paisagem:

To the naturalista the difference between the highland forest, the *matta virgem da terra firme*, and the swamp woods, the *igapó* (of which the *várzea*, the country swampy in winter only, is an importante variety) is of great significance, and it is my conviction, after a tem years’ stay in the country, that it serves even better than the more generally know difference between forest and *campos* to elucidate the question of local races and geographical subspecies in the animal world¹³⁷.

E o diálogo é retomado por Emília: “bem, Heloísa, os tempos passaram, mas acredito que a natureza amazônica, por sua diversidade de espaços, por sua força e presença, ainda prevaleça, sim! O ambiente natural amazônico possui tantas diversidades de animais, plantas e populações que creio que possas encontrar algumas mudanças e outros elementos desde que cheguei ao Pará em 1905”.

Que histórias essas mulheres construíram ao viver em lugares diferentes de seus ambientes familiares? Elas ampliaram trabalhos novos em suas instituições de pesquisa e alcançaram resultados importantes para o conhecimento científico no Brasil e na Amazônia. Poder “ver”, por meio de fontes, suas experiências trocadas em um corredor de uma instituição científica foi instigante. Nada mais comum que conversas sobre pesquisas no local de trabalho. Novamente, Thompson se faz presente em minha narrativa, uma vez que a experiência cria condições para que paradigmas possam ser quebrados¹³⁸. Tanto que essas cientistas alcançaram isso, avançaram em searas nas quais poucas mulheres, e até homens, não chegaram a realizar naquele momento histórico.

A foto, enfim, é feita. As antropólogas Frances Herskovits e Heloísa Alberto Torres marcaram presença na visita de Álvaro Osório ao Museu Nacional, ao lado de Edgar Roquette-Pinto. Todos se dispersam. Emília e Heloísa acenam uma para outra e cada uma delas segue para seus lugares de trabalho. Ao que parece as vidas de Snethlage e Torres, tão pouco faladas

¹³⁶ Esse trabalho será analisado no capítulo sobre as obras de Emília Snethlage.

¹³⁷ Snethlage (1917, p. 42), tradução de Aires (2021): “para o naturalista, a diferença entre a floresta serrana, a *matta virgem da terra firme*, e a mata pantanosa, o *igapó* (do qual a *várzea*, país pantanoso no inverno, é uma variedade importante) é de grande importância, e é minha convicção, após dez anos de permanência no país, de que serve ainda melhor do que a diferença mais geralmente conhecida entre floresta e campos para elucidar a questão das raças locais e subespécies geográficas no mundo animal”.

¹³⁸ A leitura de Kuhn (2013) é bastante apropriada nesse momento, pois a ciência não é um fim, mas um processo de uma pré-ciência – ciência normal – crise/revolução – que retoma a ciência normal. Assim, percebi a forma como Emília e Heloísa ultrapassaram essa “crise” no espaço, no tempo com sua prática científica.

ou discutidas, começam a fazer sentido na história brasileira das ciências. Até o momento, algumas fontes surgem para iluminar essas duas cientistas juntas. Entretanto, indícios¹³⁹ e rastros fazem-me pensar que, mesmo passando pouco tempo juntas, de 1922 a 1929, elas me sugerem trocas de experiências e a atuação relevante no mesmo setor de pesquisa.

3.2 Escritas de si: subjetividades femininas no campo científico

Desse ponto em diante, procurei afastar-me de Emília e Heloísa para deixá-las “falarem de si”. Garimpar o cruzamento de histórias entre mulheres da ciência foi um método significativo para investigar diferentes laços tecidos por elas em percursos diversos¹⁴⁰. Essa teia configurou como a ciência no Brasil tomou forma dentro de instituições como o Museu Goeldi e o Museu Nacional, além de ressaltar o papel de cientistas como Emília e Heloísa. Margaret Rago¹⁴¹ trouxe-me uma leitura acerca de como os sentimentos das mulheres podem ser a chave para entender que suas falas/escritas podem ampliar o olhar acerca da história social. A leitura me proporcionou pensar Emília e Heloísa em escritas de si, em que, mesmo estando ao lado delas na narrativa, existe uma teia em meio a um enredo de relações constitutivas da ciência, do gênero e do turismo no Brasil, da qual elas surgem como protagonistas¹⁴².

Ainda com diferenças de idade e de experiências, elas se encontraram e trabalharam juntas no mesmo espaço científico. Esse é um fio que une essas duas mulheres e reforça a presença feminina, mesmo sendo em menor número, mas estavam ali, atuantes em suas áreas de pesquisa. Até o momento desta pesquisa, as fontes demonstram uma ligação tímida entre elas. Supõe-se o breve tempo de convívio ou até a relação de hierarquia.

Ao escrever acerca dessas mulheres, questionei-me como poderia falar sobre elas sem

¹³⁹ Em “O queijo e os vermes”, Ginzburg (2006) orientou-me como esses indícios e, nesse caso, essa fotografia e outras fontes conseguem criar um cenário ideal para analisar como elas estiveram no mesmo espaço de trabalho.

¹⁴⁰ O livro de McClintock (2010) ofereceu-me uma amplitude de olhar a relação entre gênero e história da ciência, mesmo essa autora tendo como foco a história social. Notei as interações ao presenciar, nas fontes acerca de Emília e Heloísa dentro de seus campos de trabalho, que elas deixaram fluir reflexões fundamentais do modo como essas cientistas, dentro de um cotidiano específico (DIAS, 1998) construíram uma forma de descolonizar a ciência de seu tempo. A desobediência epistemológica dessas mulheres tem como base, também, os estudos que fiz em Mignolo (2007) trazendo para esta tese um olhar sobre a colonização e as suas desconstruções presentificadas nos trabalhos e na vida profissional de Sneath e Torres.

¹⁴¹ Em seu livro “A aventura de contar-se” (2013), Rago transforma a vida de sete mulheres, que vivenciaram momentos da ditadura militar no Brasil, em uma cartografia da superação de vida e, em especial, de como elas contam suas trajetórias. Em seu livro no capítulo “Balizas”, a autora expressa o quanto foi importante a entrada das mulheres na vida pública. Elas saíram de um lugar estigmatizado, excluído historicamente para recriar o universo social e cultural da sociedade. E o mais significativo: tudo feito por elas mesmas. Nessa referência, enxerguei como Emília e Heloísa alcançaram seus lugares, solidificaram suas obras na ciência brasileira e avançaram em fronteiras com linhas rígidas, como era o campo científico.

¹⁴² Novamente quero deixar claro aos legentes a minha escolha em amparar-me nos estudos de Spivak (2010) para dar conta da escrita para a produção deste texto.

usar clichês nos quais o binarismo masculino x feminino ficasse evidente? Finalmente, encontrei, em leituras sobre o estudo de gênero, que essas duas mulheres possuíam marcadores sociais significativos que lhes davam, de certa maneira, elementos para se destacar entre o masculino¹⁴³. Captei em Emília e Heloísa estes marcadores: eram brancas, mulheres que tiveram bases econômicas e culturais familiares importantes e saíram do “lugar de mulher” quando não assumiram papéis de esposas ou mães.

Não foi somente esse aspecto que quis apresentar dessas mulheres: elas possuíam tais características raciais, econômicas e sociais. Vi Emília e Heloísa como duas mulheres que entraram para a ciência com um propósito que está além desses atributos. As suas trajetórias, que são exemplos, uma vez que diversas outras mulheres também se destacaram no campo científico, fizeram parte indissociável da construção da ciência no Brasil. Com os estudos historiográficos feitos para esta tese, é notável e fato que essas cientistas construíram bases para que outras mulheres e eu pudéssemos contemplar o conhecimento científico para além do masculino, para além da figura “do” cientista.

A partir desse ponto, pretendo trazer um pouco mais sobre Emília e Heloísa com foco nas fontes de algumas cartas. Estas são, maiormente, institucionais, ainda algumas delas sejam pessoais e que estão em arquivos e em publicações já produzidas¹⁴⁴. Tratou-se de um material que considere fundamental, dado que percebi essas mulheres “falarem”.

Elas discorrem bastante acerca de suas vidas profissionais por meio de suas obras, em contrapartida, as cartas tornaram-se “janelas abertas” para que eu pudesse adentrar a intimidade delas. Mesmo sendo uma intimidade institucional, como no caso de Emília, ou uma intimidade afeita e própria entre profissionais, como foi o caso de Heloísa com o antropólogo Eduardo Galvão. Evidentemente, evidenciaram-se como fontes relevantes que abrem os próximos capítulos, dando a conhecer essas mulheres cientistas.

Os documentos analisados para a feitura deste capítulo mostraram-me como Emília se destacou por ser a única pesquisadora na seção. Quanto à Heloísa, ainda não era funcionária do MN, uma vez que estava como estagiária de Edgar Roquette-Pinto (1884-1954)¹⁴⁵ e prestaria

¹⁴³ Butler (2017) e Scott (1995) trouxeram-me orientações teóricas e metodológicas acerca do estudo de gênero que ajudam a compreender que essas duas cientistas possuíam diferentes posições dentro da configuração do espaço entre o masculino e o feminino e entre as mulheres de seu período histórico. Vislumbrei as mulheres na ciência para além desse dualismo. Esse entendimento ampliou o olhar que procurei lançar ao longo do trabalho. Todavia, para a análise ao longo da tese, apropriei-me mais atentamente das leituras de Scott em diferentes textos.

¹⁴⁴ Utilizarei algumas cartas institucionais de Emília Sneathage que estão no Arquivo Guilherme de La Penha no Museu Goeldi. Sobre Heloísa, algumas cartas pessoais trocadas entre ela, Eduardo e Clara Galvão, que estão na coleção Pagu de 2008.

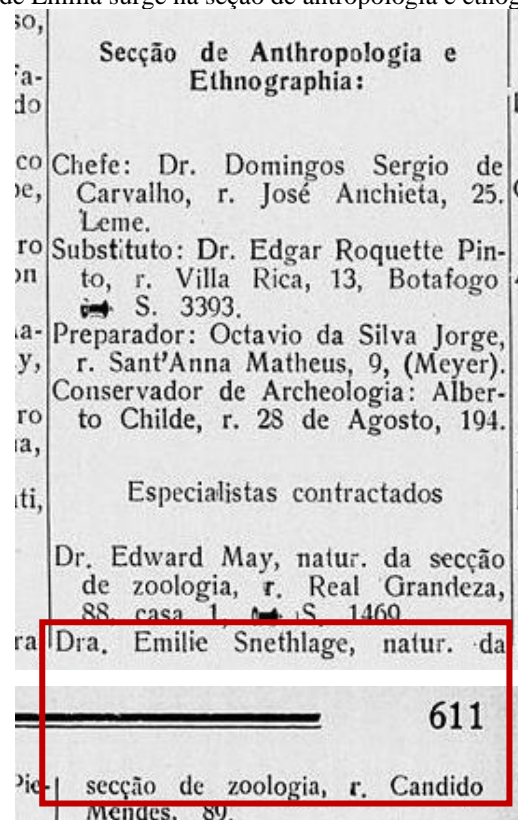
¹⁴⁵ Foi entusiasta da divulgação científica no Brasil na década de 1920. Era formado em Medicina e, no ano de 1906, ele ingressou no Museu Nacional do Rio de Janeiro na seção de antropologia, etnografia e arqueologia (MOREIRA; MASSARANI; ARANHA, 2008).

concurso para professora do Museu Nacional somente em 1925. O caminho de Emília e de Heloísa na ciência também foi cercado pelo masculino.

Evidenciaram-se, em minhas reflexões, que os recintos nas quais estavam eram dominados pelos homens cientistas. Entretanto, a experiência delas e, principalmente, os trabalhos, desenvolvidos por elas na ornitologia e na antropologia, concederam a elas *status* e prestígio. Então, o fato de Emília e Heloísa terem sido as únicas mulheres nas seções de antropologia e etnografia do MN demarcava como o feminino já alcançava locais ainda masculinizados.

Ao sair de cena e deixá-las “falar”, abro a narrativa a partir de Emília Snethlage. Ela chegou ao Museu Nacional em 1922 e, em 1924, é integrada à seção de antropologia e etnografia. Chama a atenção por ser a única pesquisadora naquele momento, como é expresso no documento do Almanak Laemmert de 1924: “[...] especialistas contractados – naturalista da secção de zoologia”, junto a Edward May¹⁴⁶ conforme Figura 3.

Figura 3 – Nome de Emília surge na seção de antropologia e etnografia do MN (1924)



Fonte: Hemeroteca da BND (BRASIL, 2018).

¹⁴⁶ Até o momento, não consegui mais informações sobre Edward May. Nas fontes, observei que ele era o outro naturalista com Emília na seção de etnografia e antropologia. Na pesquisa, constatei apenas que ele esteve junto à equipe do MN quando a cientista Marie Curie e sua filha estiveram no Brasil (BRASIL, 2019).

A presença de Emília Snethlage, nessa seção, representou um horizonte de expectativas para outras mulheres construírem suas trajetórias pessoais e profissionais. Ao deparar-me com as fontes, ficou evidente que o feminino alcançou pouca notoriedade em ambientes científicos. A pesquisa levou-me a contemplar Emília em meio aos outros naturalistas e, assim, sugerir que ela, com seu cabedal científico e 17 anos de experiência no Museu Goeldi, garantiu sua cadeira como naturalista viajante¹⁴⁷. Seu currículo abriu tais “portas”. O trabalho desenvolvido por ela nas viagens realizadas, na gestão do parque zoobotânico e na gestão do Museu Goeldi, deram-lhe espaço para estar junto a outros cientistas.

A escrita de si foi um exercício que verifiquei na obra de Rago, em que notei que o conhecimento sobre as pessoas que desenvolveram, ao longo de um período histórico, uma trajetória na sociedade deixou suas “vozes” no tempo e espaço. Emília Snethlage foi uma delas. Uma mulher cientista na Amazônia do começo do século XX vislumbrou, no Museu Goeldi, sua carreira nas ciências da natureza. A pequena Emília, que saiu dos jardins de sua casa na Alemanha, foi uma das maiores pesquisadoras do MPEG. Seu trabalho ainda hoje mantém-se eternizado na Amazônia, no Brasil e no exterior como referência, sobretudo, na ornitologia.

Para este ponto do texto, trouxe algumas cartas de Emília da época em que estive no Museu Paraense¹⁴⁸. Uma correspondência que trata, principalmente, de trabalho, embora tenha me revelado essa mulher. Uma cientista, uma técnica em sua área e uma gestora, Emília construiu uma carreira dentro do Goeldi. Iniciou como chefe da seção de zoologia e chegou a dirigir a instituição. Contar a história de Emília significa entrar na história do Museu Goeldi. De maneira que vislumbrei mais do que a história de uma mulher em uma instituição científica. Vislumbrei a história da ciência na Amazônia, escrita e produzida por uma mulher, e não só contada, mas experienciada, assim como vivenciou Snethlage durante os 17 anos em que estive no MPEG produzindo conhecimento.

O final do século XIX foi de muitas transformações na Alemanha. Entre 1866 e 1871, o país entrou no processo de unificação, marcado por diversidades políticas pautadas no liberalismo, no nacionalismo e na guerra franco-prussiana¹⁴⁹. Foi nesse cenário que nasceu, no dia 13 de abril de 1868, a segunda filha do casal Snethlage, Henriette Mathilde Maria Elizabeth

¹⁴⁷ Emília Snethlage defendeu seu título de doutorado em 1904. Tendo sido a única cientista no MPEG que possuía o título acadêmico mais alto que os demais cientistas, entre eles Emílio Goeldi e Jacques Huber. No capítulo que desenvolvi sobre ela, contarei mais acerca de sua formação.

¹⁴⁸ Esse material faz parte do acervo do Arquivo Guilherme de La Penha e está a ser inventariado e trabalhado pelo Prof. Dr. Nelson Sanjad, o qual, gentilmente, cedeu-me algumas dessas cartas.

¹⁴⁹ De acordo com Kitchen (2013), a Alemanha começou a realizar internamente desdobramentos sociais, políticos e econômicos que mudariam o cenário do país e influenciariam a Europa. O processo de unificar a nação alemã aconteceu em diferentes frentes, entre elas, despontou o surgimento do liberalismo, depois com o nacionalismo alemão como elementos a dar forma a uma Alemanha renovada.

Emilie Snethlage. A mãe, D. Elisabeth, faleceu em 1872, então, Emília foi educada pelo pai, o pastor Emil-Heinrich Snethlage, e desde pequena interessava-se por leituras sobre a natureza. Seu livro preferido foi de Hermann Wagner (“*Entdeckungsreisen in Feld und Flur*” [Jornadas de descoberta em campos e campinas]). Ela já se interessava pelo mundo natural¹⁵⁰.

Ao tomar notas sobre a vida de mulheres na Alemanha do século XIX e começo do XX, nota-se que elas ainda estavam sob a tutela do pai, dos irmãos e do marido. Ao que parece, Emília estava nessa hierarquia, todavia as fontes revelaram uma diferença. Ela ingressou na escola, deu continuidade em seus estudos com o irmão mais velho e foi melhor do que ele na escola. E daí seguiu sua formação escolar até obter o título de Doutora em Ciências Naturais em 1904 em Freiburg im Breisgau¹⁵¹. Esse foi um fato primordial na história das mulheres na Alemanha, visto que somente em 1891 elas foram aceitas na Universidade de Heidelberg¹⁵².

A mais nova Doutora em Ciências atuou pouco tempo em seu país, isso porque Emília advém de uma tradição masculina das ciências naturais alemã. Entre seus professores, haviam nomes como: Rudolf Blasius (1842-1907), com uma tradição na ornitologia, lia seus artigos quando Emília tinha apenas 11 anos de idade; já na Universidade, dentre os professores destacaram-se o zoólogo August Weissmann (1834-1914) e o paleontólogo Johann Heinrich Conrad Gottfried Gustav Steinmann (1856-1929) e, por fim, aquele que abriu as “portas” para a Amazônia, o ornitólogo alemão Anton Reichenow (1847-1941)¹⁵³.

Interessante notar Emília no meio masculino, em que a sua presença se destaca nesse universo masculinizado da ciência. Ao pensar que as mulheres eram “separadas desse meio”, Emília surgiu como uma figura igual entre os cientistas de seu período e com o reconhecimento de seu trabalho. E foram nessas nuances que a vi impondo-se e realizando o seu trabalho.

Antes de adentrar as cartas de Emília, quero destacar seu trabalho no Museu Goeldi. A viagem entre o Xingu e o Tapajós foi a sua marca como pesquisadora em campo. De longe,

¹⁵⁰ O obituário feito por Emil-Heinrich Snethlage (1930), “Dr. Emilie Snethlage zum Gedächtnis”, tratou-se de uma das fontes mais relevantes sobre a vida de Emília, retratando um pouco de sua infância até chegar ao fim de sua vida em 1929. A partir desse documento, consegui notas nos escritos de Oswaldo Cunha (1989), lançado pelo Museu Goeldi. No final do ano de 2021, entrei em contato, por *e-mail*, com a jornalista e pesquisadora Gleice Mere para esclarecer algumas dúvidas sobre uma parte da vida de Emília antes de sua chegada ao Brasil, ao passo que ela, gentilmente, confirmou-me as notas acima e disse-me que estava a finalizar a obra do sobrinho de Emília, Emil-Heinrich Snethlage, o qual realizou considerações essenciais no tocante às populações indígenas na Amazônia. No mês de março de 2022, o livro ficou pronto, e adquiri o *box* com dois livros, no qual está atualizado o necrólogo de Emília, organizado por Gleice Mere, Rotger Snethlage e Alhard-Mauritz Snethlage, “A expedição do Guaporé (1933-1935), Cadernos de Campo, Publicações e Acervo de E. Heinrich Snethlage” (2021).

¹⁵¹ Informações pessoais de Emília no obituário de Emil-Heinrich Snethlage (1930).

¹⁵² Ao compreender o contexto histórico da formação da nação germânica, constatei, em Kitchen (2013), que as mulheres também tiveram papel essencial não apenas na unificação da Alemanha, mas também na educação.

¹⁵³ O texto de Sanjad *et al.* (2013) é referência fundamental em que o obituário de Emil-Heinrich Snethlage está traduzido, o que me ajudou na leitura sobre a biografia de Emília para a tese.

vejo Emília falando baixinho: “o que preciso levar?” Ela se pergunta ao checar seu material de campo, caso a viagem durasse mais do que 3 dias. “Não vou poder levar muitas coisas sem necessidade. Preciso de alimentos e meus equipamentos de pesquisa: espingarda, caderno de campo, mapas, álcool e vidros para os animais coletados”.

E ela continua em seus pensamentos: “minha equipe é grande e com isso acabarei por levar mais tempo na caminhada, assim como terei de levar mais suprimentos...”. Emília preocupava-se com a viagem, afinal, é uma trajetória não realizada por qualquer outro ou outra pesquisador(a). A fonte escrita de seu relatório demonstra essas preocupações que, possivelmente, teve ao organizar seu campo:

Depois de minhas experiencias acredito hoje, que uma travessia em tres dias é, com effeito, possível (não provável) para gente sem ou quasi sem bagagem, munida de boas armas e de bons caçadores, mas não para uma expedição como a minha, sobrecarregada de muitas coisas supérfluas, e composta pela maior parte de pessoas sem idéa nenhuma de espaço e de tempo, com as quaes o chefe não podia mesmo entender-se sobre a direcção a seguir e o modo de proceder¹⁵⁴.

Emília, realmente, era uma cientista que tinha, nas viagens de campo, sua realização como pesquisadora, dado que gostava da floresta, como escreveram seus biógrafos. Ao estar perto de Snethlage, suponho alguns de seus pensamentos durante a expedição: “lembro-me de que, quando pequena, pelos jardins de minha casa, já fazia anotações e olhava os pássaros. Acredito que daí surgiu minha paixão pela ornitologia. Ah, o Dr. Blasius! Excelente ornitólogo, recebia meus pequenos ‘relatórios de campo’. Mesmo antes de entrar na universidade, ele já tinha publicado meus primeiros escritos científicos no ‘*Journal für Ornithologie*’ [Jornal de Ornitologia]”. E ela sorria ao lembrar de sua infância em Kraatz¹⁵⁵.

As fontes me revelaram a pesquisa de campo como o ápice da vivência profissional de Emília, pela qual pude suggestionar no que tange à sua vida pessoal também. Não que outras atividades, como a administração do parque zoobotânico e as demandas de gestão não fossem importantes. Não obstante, na floresta era o ambiente em que ela, com efeito, parecia estar em “seu lugar”. Assim, vejo o seu relatório sobre sua mesa.

Aproximo-me e leio, porque foi ali que Emília fazia o que gostava, ou seja, estar em campo: “embora reconhecendo isto, eu não me preocupei de coisa alguma nos primeiros dias, e até gostei da idéia de achar-me durante mais tempo numa situação tão interessante no meio

¹⁵⁴ Emília Snethlage, Boletim do Museu Emílio Goeldi (1913, p. 79).

¹⁵⁵ Na recente publicação de Mere, Snethlage e Snethlage (2021), tive a oportunidade de observar a intimidade de Emília na Alemanha por meio de fotos publicadas no livro. Fotos de Milla, como era carinhosamente tratada em seu seio familiar. Em algumas fotografias, ela estava com seus irmãos e sobrinhos, entre eles, o Emil que trabalhou no Brasil. Chamou-me a atenção uma foto dela bem jovem, provavelmente, com menos de 18 anos de idade.

d’esta gente selvagem, mas essencialmente boa e *sympathica*”¹⁵⁶.

A escrita de Emília parece concretizar sua posição de cientista, sua forma de lidar com os manejos do campo e sua maneira de perceber os momentos difíceis, assim como os bons evidenciam a propriedade com que ela se lançava naqueles territórios. As fontes, as leituras feitas, as discussões, com outras e outros pesquisadores, fizeram-me pensar: existia um olhar feminino do campo ou da ciência?

Acredito ser necessário enfatizar que o fato de ser mulher ou homem não tem caráter de marcar “o olhar sobre a ciência”¹⁵⁷. Aqui, paro minha viagem e converso com as minhas anotações de campo: “Emília não tinha uma visão ‘diferente’ da dos homens cientistas. Ela fazia o que lhe competia como uma pesquisadora e sem alardes ou falsetes. Ela era ela mesma, fazendo ciência na Amazônia”¹⁵⁸.

A partir do trecho do relatório acima, espero deixar os legentes com certa curiosidade para saber quem foi essa mulher que passou dias na floresta, mas também organizou, geriu e coordenou um dos espaços mais importantes da ciência na Amazônia: o Museu Goeldi. Novamente, peço licença para usar uma narrativa que mescla o ficcional e o fato para, assim, adentrar o mundo de Emília, pois entendo que essa forma de escrita dá o tom histórico da tese e aquece os sentidos para pensar essa personagem.

Com sua espingarda Flaubert¹⁵⁹ na mão, suor no rosto e visão atenta na paisagem, Emília Snethlage esperava com paciência as suas aves e, assim, entrava em campo. Dias antes, havia enviado uma carta para o Museu solicitando cartuchos, como segue: “além disso, gostaria de solicitar, na primeira oportunidade que se apresentar, seis caixas de cartuchos para Flaubert, dos números 10, 11 e 12 (duas de cada, uma completa e outra pela metade)”¹⁶⁰. Snethlage sabia o que estava fazendo. Sua postura demonstrava versatilidade em lidar com as diferentes formas em que a ciência se apresentava naquele momento.

¹⁵⁶ Relatório da travessia entre Xingu e Tapajós escrito por Emília Snethlage e publicado no Boletim do Museu Emílio Goeldi (1913, p. 79).

¹⁵⁷ Nos estudos que fiz em Scott (1995), notei como a assimetria entre o masculino e o feminino é pautada nas relações de poder, ao passo que a autora enfatiza que o masculino está acima do feminino. Apesar de, no caso de Emília em campo, vê-la como protagonista em suas atividades científicas.

¹⁵⁸ Amparada nas leituras de McClintock (2010) e Mignolo (2007) e Spivak (2010), entendo que o caminhar na vida científica de Emília foi uma quebra nas linhas colonizadoras do campo da ciência ocidental, masculina e positivista. As mulheres eram renegadas, o sexo feminino não estava no racional, o colonialismo científico prevalecia e sua voz era embargada. No entanto, Emília Snethlage rompeu todas essas fronteiras e manteve-se nos espaços de poder científico na Amazônia e no Brasil.

¹⁵⁹ Nas primeiras pesquisas que fiz em algumas referências, como nos escritos de Cunha (1989), chamavam sua pequena espingarda de “Flaubert”. Lendo materiais novos, como o livro de Mere *et al.* (2021), encontro a denominação “Teschin”, um tipo de arma que não utilizava pólvora, ideal para a caça de pequenos animais.

¹⁶⁰ Carta nº 60 de Emília Snethlage, 17/12/1910, Arquivo Guilherme de La Penha, Fundo do Museu Paraense Emílio Goeldi. Gestão Jacques Huber. Correspondência emitida ao MPEG.

O cientista do século XIX e começo do XX tinha de ir a campo e, ao mesmo tempo, lidar com as burocracias das instituições, organizar as informações de campo, por meio de relatórios, depois escrever artigos científicos e, por fim, fazer circular essa ideia¹⁶¹. Emília estava nesses dois contextos: viajava para coletar informações, mas também organizava a viagem, coordenando os aparatos burocráticos das redes de contatos e dos materiais que deveria levar.

Snethlage era bastante organizada, tal como demonstra a carta a seguir, de tal modo que me permito ouvir seu pensamento, e ela diz: “com essas munições, vou poder realizar o trabalho de campo a tempo. A captura das espécies vai ajudar na composição do acervo das aves do Brasil, junto à finalização do Catálogo de Aves Amazônicas”. Essa foi uma das obras que Emília deixou pronta. Já o catálogo das Aves do Brasil, não foi completado.

A leitura que fiz das fontes e da teoria sugeriram-me uma discussão conceitual importante. Pude entender quem foram e como eram vistas essas pessoas que saíram de suas terras para “explorar, descobrir” outros mundos. Com base nessa proposição¹⁶², sugestiono uma reflexão sobre como as mulheres se lançaram e avançaram no campo do conhecimento como cientistas e/ou viajantes. E mais além, a reflexão que fiz ao longo da escrita, mostrou-me suas dificuldades, os objetivos alcançados e suas contribuições no espaço das viagens e da ciência.

Ao mergulhar na hermenêutica do cotidiano¹⁶³ como metodologia de leituras das fontes, supôs que Emília foi uma pessoa “convencional” e, dessa maneira, apresentava-se: usava saias e blusas de manga comprida, mantinha seus cabelos longos e, nas ocasiões de campo, estavam presos. O cotidiano no Museu Goeldi, durante a *Belle Époque*, foi movimentado¹⁶⁴. A capital paraense era um espaço onde o mundo estava a olhar, porque a riqueza da época, a borracha

¹⁶¹ No que concerne à história das ciências, trago a referência de Bruno Latour com o livro “Ciência em ação”, no capítulo “Centrais de cálculo” (2000), nesse autor compreendi que os cientistas criam espaços, seja em campo ou em laboratório, ao passo que, nesses recintos, pode-se pensar a produção científica e que a ciência é construída em coletividade, portanto, a sua circulação é essencial para a criação de redes. E Emília fez isso no Museu Goeldi, como será visto.

¹⁶² Aqui destaco os textos de Bourguet (1997), Dritsas (2005), Lafuente e Lopez-Ocón (1997) e Leite (1997), e percebo, nesse aporte teórico, a relevância de pensar as interações que esses viajantes criaram ao estar em outros locais, longe de suas terras. Para os homens, esses intercâmbios, talvez, devessem ser mais “fáceis” do que para as mulheres, pois eles dominavam o cenário dos deslocamentos e da própria construção da ciência naquele momento.

¹⁶³ A vida da cientista foi para além dos territórios do Museu Goeldi e de suas viagens de campo. Encontrei Emília no dia a dia da cidade de Belém e na troca de mensagens com o amigo e chefe Huber. O cotidiano dela e de Heloísa garantiram minhas bases metodológicas e escrever os capítulos sobre ela, pois, como afirma Dias (1998, p. 232): “a interpretação do cotidiano tornou-se um exercício de perspectiva renovador da historiografia ao se propor a perseguir as vicissitudes de conceitos ou temas da vida de todo o dia, de um prisma relativista e indiferente a parâmetros pré-fixados”.

¹⁶⁴ Em conformidade com Sarges (2010), Belém passou por uma transformação rápida e crescente entre 1840 e 1920. Os relatos dos viajantes, como os de Bates, evidenciam a mudança que a capital sofreu com a introdução da economia gomífera. E, ao percorrer as fontes, observei que Emília Snethlage fez trabalhos importantes no Museu Goeldi, localizando muitos seringais em regiões em que ela pesquisava.

(*Hevea brasiliensis*)¹⁶⁵, transformava o território e, junto a este, as instituições, como o Museu Paraense, eram locais importantes para os estudos da região, inclusive, identificando em que lugar estavam as espécies dessas árvores na região.

Emília tinha formação nas ciências naturais e, mesmo tendo especialização em zoologia, atuou em áreas como a geografia, a zoologia e a botânica. Seus relatórios estavam para além do que sua formação determinava, então, viam-se análises da fauna e flora que revelaram seus diversos conhecimentos. Isso fica evidente em seus trabalhos, como na travessia entre o Xingu e o Tapajós, nos quais ela surge narrando seu olhar de viajante e de cientista¹⁶⁶: “abundam as barracas de seringueiros nas margens e nas ilhas e a borracha que se produz aqui tem a reputação de ser a melhor do Estado do Pará. Já mencionei as tres importantes casas commerciaes de Sta. Julia, S. Francisco e Bocca do Curuá”¹⁶⁷.

Ao que percebo, a borracha surge como um elemento significativo na sua escrita sobre a região. Essa perspectiva, trazida por Emília, faz com que a riqueza e a importância da indústria do látex, em Belém, tornem-se foco das investidas do Museu Goeldi também no espaço amazônico. A geografia local foi escrita em seu caderno de campo, no qual ela comenta: “preciso deixar claro em meu trabalho que as habitações comunitárias têm importância na formação de um cenário onde a produção local é significativa”. E, assim, consta no relatório: “perto d’ellas acham-se roças extensas, em estado de alta cultura, verdadeiros paraizos de fruetas tropicaes, cereaes, etc., que chegarão em breve a tornar este rio independente da importação d’estes gêneros alimentícios necessários”¹⁶⁸.

Fiquei a questionar se essa versatilidade de Emília deveria ir além de suas expectativas como funcionária do Museu Goeldi. A leitura acerca do estudo de gênero, relacionado às mulheres na ciência, ventou-me hipóteses de que as mulheres “deveriam ser além” para se firmarem nos espaços científicos¹⁶⁹. Não obstante, as fontes iluminaram as indagações que “inundavam” minha cabeça ao pensar Emília nesses espaços. E ela sugestionava demonstrar

¹⁶⁵ É conhecida na região amazônica como seringueira ou árvore-da-borracha. De acordo com o *site* da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) (2022), ela se encontra à margem de rios e lugares inundáveis da mata tropical úmida.

¹⁶⁶ No livro de John Urry (1996), “O Olhar do turista”, posso relacionar o olhar de viajante de Emília sobre a paisagem que corre aos seus olhos como também o de uma “turista”. Talvez, em algum momento, Snethlage se desprendia da cientista do Museu Goeldi e aproveitava, pois “os lugares objeto do olhar se predem a motivações que não estão diretamente ligadas ao trabalho [...]” (URRY, 1996, p. 18).

¹⁶⁷ Trecho do relatório de Snethlage, feito no Museu Paraense (1913, p. 57).

¹⁶⁸ Nesse trecho, Emília descreve com precisão como as roças eram feitas nas terras em que havia os seringais. Como se vê, Emília tinha uma “veia” etnográfica (SNETHLAGE, 1913, p. 57).

¹⁶⁹ Em estudos que fiz nas obras de Lopes (1998) e Sombrio (2014), dentre outras que se encontram no texto, notei como as autoras também levantam questões sobre como as mulheres cientistas deveriam superar mais obstáculos que os homens cientistas para que, dessa forma, garantissem que seus estudos estivessem à altura do cargo ou da função que ocupavam.

uma atitude de não precisar sempre “estar acima” do seu profissionalismo, visto que ela agia de acordo com o que o seu cargo demandava. E, até sendo um pouco tendenciosa em minha escrita, Emília era uma cientista dedicada ao seu trabalho e não queria superar ninguém, mas superar-se a cada experiência profissional e alcançar seus propósitos: publicações, viagens de campo e o reconhecimento nacional e internacional de seu nome como importante ornitóloga etc.

Em vista disso, trago Emília para perto e noto essa mulher no seu cotidiano de trabalho. Em março de 1907, com apenas dois anos de sua chegada ao Museu Paraense, Snethlage realizava viagens pela instituição e já desenvolvia intercâmbios em redes científicas significativas. Ela cuidava das trocas e dos empréstimos de coleções do MPEG com outras instituições. Ao que indicavam as fontes, as atividades pareciam ser tratadas com organização e respeito hierárquico em relação ao diretor da época, Jacques Huber (1867-1914)¹⁷⁰. As ações desenvolvidas e as tarefas realizadas, ou não, estavam em suas cartas.

Emília, atenta a seu trabalho e, de certa forma, preocupada com o tempo para a realização das tarefas durante a viagem, organiza uma correspondência para o Dr. Huber; sentada em uma pequena mesa de seu quarto, em uma hospedagem em Unna na Alemanha, ela pensa para escrever a carta e enviá-la ao diretor: “preciso relatar ao Dr. Huber as atividades que fiz aqui. Preocupo-me com o tempo que, de certa maneira, perdi ao transitar entre o escritório da Casa Burrell, na *Rue d’Hauteville*, e o *Jardin des Plantes*, sem conseguir nada de concreto”¹⁷¹. Emília realizava um trabalho importante ao estar nesses locais, pois conversava e criava redes com as pessoas responsáveis, trazendo os resultados de seus trabalhos para o Brasil. Ela mantinha uma preocupação com sua produtividade, assim como muitas e muitos cientistas.

Além dessas atividades, Emília preocupava-se com seus objetos de pesquisa, tais como: as caixas em que as peles das aves eram transportadas e necessitavam passar por fiscalizações. Fico a imaginar a responsabilidade e a inquietação de estar em contato com esses espaços e, nesse meio, tecer as relações científicas com os cientistas, discutir ciência e, ainda, tomar conta dos materiais de pesquisa, como suas caixas com espécimes. Emília era tomada pelo medo de que seu material pudesse ser extraviado. Naquele período, o transporte parecia não ser muito confiável, daí a sua aflição, como evidencia nesta carta:

¹⁷⁰ Em artigo de Cunha (2009), “Jacques Huber (1867-1914)”, o autor apresenta uma biografia do botânico suíço que trabalhou no Museu Goeldi, entre 1895 e 1914, em que fez trabalhos acerca do látex na Amazônia, além de realizar viagens de exploração importantes na Amazônia.

¹⁷¹ Carta nº 74, de 15/03/1907. Emília escrevia para o diretor do Museu Jacques Huber. Arquivo Guilherme de La Penha, Fundo do Museu Paraense Emílio Goeldi. Fundo Emília Snethlage. Correspondência emitida por Emília Snethlage ao MPEG. A carta não foi transcrita, fiz uma breve apresentação dela no texto acima para criar a narrativa.

É que, além de tudo isso, fiquei o tempo inteiro tomada por um medo terrível de que a caixa pudesse ser irremediavelmente extraviada. Visto que Buisson não se encontrava, entreguei as caixas destinadas a Paris pelo Sr. Dücke ao chefe do Departamento de Entomologia, que se comprometeu a dar-lhes destino correto¹⁷².

Novamente, contemplo Emília no meio masculino. Notei nas fontes como ela descrevia a sua relação com outros cientistas, de modo que continua sua correspondência: “todos os homens do Museu com quem tive contato foram muito gentis e cooperativos, sobretudo, o Sr. Ulnépaux, o conservador de aves e mamíferos, que disponibilizou para mim as coleções¹⁷³”. Por isso, são nessas situações que vejo Emília como uma mulher e uma cientista a desenvolver suas capacidades dentro de instituições como o Goeldi. Ela teve seu espaço como cientista e realizava seu trabalho como qualquer outro ou outra pesquisador da época.

Ao visualizar Emília nessas cartas, senti o quanto o trabalho feminino na ciência, de certa maneira, foi esquecido, visto que a posição dela à frente de espaços científicos e sua relação direta com outros pesquisadores pareciam ficar nas sombras. No entanto, as suas preocupações, com as ações desenvolvidas e com todo o restante da viagem, demonstravam que mulheres cientistas como ela mantinham, sim, um *status* científico.

Em vista disso, a tese veio desvelando a significância dessas mulheres, e Emília provou isso realizando seu trabalho, ao que revelaram as fontes, obtendo a confiança de seus superiores para realizar tais viagens, e mais, sendo respeitada por sua formação, uma vez que ela era doutora em história natural.

As mulheres faziam diferença naquelas situações abrindo espaços e caminhos para outras. Na ocasião em que ela viajava entre a Europa e a América Latina contribuía para a própria concretização da ciência no mundo ocidental, fortalecendo laços científicos e redes internacionais de conhecimento. Emília Snethlage conseguiu escrever no Museu Paraense não somente a história dessa instituição, mas também a sua própria história como pesquisadora, cientista e gestora.

A vida de Snethlage, no Museu Paraense, mudou quase que drasticamente por seus trabalhos nas áreas da ornitologia, na proporção e na responsabilidade que ela acabaria tendo no começo do ano de 1914. Novamente, abro o véu da história e sento-me ao lado de Emília. Vejo-a sentada na pequena sala de estar, onde residia nas dependências do Museu Goeldi. Seus pensamentos sobre o trabalho e preocupações pareciam saltar de sua mente: “estou finalizando o relatório da travessia entre o Xingu e o Tapajós, mas não consigo deixar de me preocupar com

¹⁷² Carta nº 74, de 15/03/1907. De Emília para Huber. Arquivo Guilherme de La Penha, Fundo do Museu Paraense Emílio Goeldi. Fundo Emília Snethlage. Correspondência emitida por Emília Snethlage ao MPEG.

¹⁷³ Correspondências que estão no acervo do MPEG e contam a história de Emília, Carta nº 74. 15/03/1907.

Dr. Huber. Essas crises de apendicite pelas quais ele vem passando desde final do ano de 1913 estão ficando mais sérias¹⁷⁴. Mas acredito que ficará bem e poderá ver o trabalho final do relatório da travessia e o Catálogo de Aves Amazônicas”.

Emília não sabia que o ano de 1914, além da I Guerra Mundial, também trazia perspectivas não muito boas em alguns sentidos para ela. O trabalho avançava no Museu, e ela continuava a se envolver e a demarcar ainda mais seu espaço na instituição. Porém, com o agravamento da doença de Huber e, em seguida, sua morte, Emília entrou para o rol de diretores do Museu Paraense. De forma abrupta, embora ela tenha encarado de maneira profissional e com respeito e carinho pelo seu chefe e amigo¹⁷⁵.

Em 18 de fevereiro de 1914, o Museu Paraense e a sociedade paraense receberam a notícia do falecimento de seu diretor, Jacques Huber. Um dia após a morte de Huber, um jornal local da época noticiou:

Finou-se hontem, depois de uma curta moléstia que zombou mesmo de uma intervenção cirúrgica enérgica e oportuna. O sr. dr. Jacques Huber, botânico e naturalista notável, diretor do Museu Goeldi onde há muitos annos vinha desenvolvendo a sua fecunda actividade scientifica¹⁷⁶.

Emília era a única que possuía atributos de formação e científicos para ocupar o cargo, além de reconhecimento pelo trabalho realizado no Museu até aquele momento. Ainda assim, ela imaginava que sua vida profissional fosse mudar em tão pouco tempo? Parece que sim. Emília Sneathage assumiu, interinamente, a direção do Museu Paraense¹⁷⁷ e deu continuidade às atividades de pesquisa em campo, concomitante aos serviços burocráticos, que a instituição demandava.

Cartas e correspondências sobre o recebimento e o envio de material biológico e botânico faziam parte do contexto gestor daquela instituição. Desse modo, sentada à mesa que fora de Jacques Huber¹⁷⁸, Emília organizou as correspondências recebidas ao longo da semana. Estas cartas eram de museus e instituições científicas de diferentes partes do mundo.

Avisto um funcionário que chega até a sua sala e deixa mais uma carta e diz: “Dra.

¹⁷⁴ Cunha (2009) apresenta, na biografia de Jacques Huber, que o diretor do Museu Paraense sofria, desde outubro de 1913, com crise de apendicite e foi cuidado, na época, pelo Dr. Pereira de Barros. Infelizmente, a situação de sua saúde foi piorando até 1914 quando faleceu.

¹⁷⁵ Tomo a liberdade de escrever dessa maneira, uma vez que, nas cartas trocadas entre Sneathage e Huber, ela sempre o tratava como seu chefe e amigo.

¹⁷⁶ Jornal Estado do Pará, Propriedade de uma sociedade anonyma, 19/02/1914. Fonte da Biblioteca Nacional Digital, Acervo Hemeroteca Digital (BRASIL, 2020).

¹⁷⁷ Nos próximos capítulos, abordarei mais sobre a gestão dela no Museu.

¹⁷⁸ Huber falecera a uma hora da manhã, no dia 18 de fevereiro de 1914, em Belém do Pará (CUNHA, 2009).

Emília, chegou, nesta manhã, mais uma correspondência”. Emília olha para as várias cartas em cima de sua mesa, suspira levemente e responde: “obrigada, vou colocar junto às outras”. A morte repentina de Huber pode ter deixado em Emília certo peso ao se tornar a nova diretora do Museu, quase que “da noite para o dia”. Todavia, ela parece continuar firme em seu propósito de trabalho, abrindo a carta que foi emitida em 23 de fevereiro de 1914, ainda endereçada ao “Diretor do Museu Goeldi”, e lê¹⁷⁹:

Fui instruído pelos curadores do Museu Britânico a transmitir a você a expressão de seus melhores agradecimentos pelo presente mencionado do outro lado, que você teve o prazer de fazer com eles. Eu tenho a honra de ser, senhor. Seu servo obediente.
Assina: L. Fletcher¹⁸⁰.

Aqui reflito sobre o impacto que Emília poderia ter sentido ao se deparar com o universo da gestão museal e tomar em mãos o futuro da ciência na Amazônia. As exigências e as responsabilidades do cargo de diretora do MPEG emergem nas correspondências, ainda endereçadas ao Diretor Huber, mas que, naquele momento, chegam às mãos de Snethlage. O tempo ditou a função de gestora, as atividades surgiram e Emília trabalhou para manter o Museu Paraense em sua linha de atuação e, mormente, a continuar as redes nacionais e internacionais da construção científica na amazônica.

Destemida, descrevia um de seus biógrafos¹⁸¹, uma mulher estrangeira na Amazônia construindo o caminho da ciência que culminaria em produções importantes na região, como: o Catálogo de Aves Amazônicas, a Travessia do Xingu e Tapajós e outras obras que serão analisadas no Capítulo 3 desta tese: homem e natureza no Oeste do Pará, Brasil; estudos nos rios Iriri e Curuá; e mais dois trabalhos inéditos sobre o Xingu.

Farei uma breve análise de sua tese de doutoramento sobre a musculatura dos artrópodes no capítulo a seguir. A trajetória dessa mulher chamou a minha atenção. Uma figura feminina que, em pleno começo do século XX, ocupou espaços institucionais e percorreu paisagens por onde poucas mulheres passaram. E, principalmente, por ajudar a escrever a história das ciências, do gênero e do turismo na Amazônia.

A seguir, em minha caminhada, preparei as malas e fiz uma viagem para meados dos

¹⁷⁹ Carta do *British Museum (Natural History)* / *Cromwell Road, London, S.W.* 23/02/1914. Arquivo Guilherme de La Penha, Fundo do Museu Paraense Emílio Goeldi. Gestão Jacques Huber assumida por Emília Snethlage após a morte do diretor. Correspondência passiva ao MPEG.

¹⁸⁰ No começo do ano de 2020, iniciei um trabalho voluntário no Arquivo Guilherme de La Pena e a leitura e a digitalização de todo o material referente à gestão de Emília Snethlage, porém, com o decreto da pandemia da Covid-19, as atividades presenciais foram suspensas. Essa é uma das fontes que fiz uma tradução livre do texto original em inglês com o auxílio de ferramentas de tradução.

¹⁸¹ O pesquisador Rodrigues da Cunha (1989) do Museu Goeldi.

anos de 1920, final do governo provisório, que abriria portas para a Revolução de 1930, e depois o Estado Novo no Brasil, deslocando-me para o Rio Janeiro, uma importante cidade naquele momento. Mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais são efervescentes nesse país. E as mulheres começam a ganhar espaço em um plano de transformação nacional. A educação, a ciência e o conhecimento, em passos curtos, começam a ser dados por elas e, assim, chego à Quinta da Boa Vista e encontro-me com Heloísa Alberto Torres ou, simplesmente, D. Heloísa.

Era final de março de 1939 e fazia apenas um ano que D. Heloísa, como era conhecida no Museu Nacional, tinha se tornado diretora, a primeira mulher a dirigir essa grande instituição de pesquisa¹⁸². Olho ao redor e percebo que Heloísa parece um pouco atenta a algumas atividades das quais ela deveria realizar. Entre elas, escrever cartas para seus alunos, futuros antropólogos. Sim, alunos, no masculino. Esse fato é interessante, pois uma mulher está à frente da formação de um conjunto de homens que se tornaram os primeiros antropólogos do Brasil¹⁸³.

Aproximo-me e noto sua movimentação em torno da carta de Charles Wagley¹⁸⁴, seu parceiro de trabalho na formação antropológica pelo MN, e ouço-a falando alto: “preciso escrever para Chuck, ele carece de alguns mantimentos e de orientações para continuar seu trabalho de campo no Rio Araguaia. Minhas instruções devem ser enviadas o quanto antes para que o processo de pesquisa não demore ou fique parado”. Heloísa, ao que notei nas cartas, era bastante preocupada com os seus alunos em campo. De forma que até ligações para as famílias destes ela fazia para dar informações de como estavam¹⁸⁵.

Sigo Heloísa até sua sala e vejo-a lendo a carta que Wagley enviou-lhe em abril de 1939: “cara Dona Heloísa, finalmente estou trabalhando. Depois de algumas dificuldades, cheguei

¹⁸² Em Miglievich-Ribeiro (2015), nota-se o quanto a caminhada de Heloísa foi importante, e sua formação e dedicação ao trabalho a levou a assumir a direção do MN. Entre 1935 e 1937, foi vice-diretora. Sua participação ativa no MN aconteceu também quando Roquette-Pinto deixou a instituição, ficando mais notória a forma como ela encarava o espaço científico, seguindo como diretora até 1955.

¹⁸³ Aqui foi a vez de Heloísa mostrar como conseguiu descolonizar o espaço científico do Museu Nacional quando as primeiras frentes da antropologia brasileiras começaram a se desenvolver, Torres criou espaços e redes para trazer profissionais, como Wagley, para a formação de outros antropólogos, como Eduardo Galvão. Com isso, ela descolonizou uma hierarquia de concepção que a ciência era feita por homens e transmitida por eles. McClintock (2010) esclareceu-me que a hegemonia entre os sexos era uma premissa para compreender a história do gênero entre a vertente da psicanálise e o marxismo.

¹⁸⁴ Este veio para o Brasil com 25 anos e aqui recebeu o apoio de Torres em sua formação. A carta compõe o acervo disponibilizado pela publicação de Mariza Correa e Januária Mello (2008) no Caderno PAGU, em que estão muitas cartas de Heloísa. E esses primeiros alunos se tornaram grandes nomes da antropologia no Brasil e no Estados Unidos. A carta faz parte do acervo de correspondências entre Heloísa e Charles Wagley, nas quais ele era tratado como Chuck. Posteriormente, utilizei outras cartas dela enviadas à esposa de Charles, Cecília Wagley.

¹⁸⁵ Aqui faço um pequeno adendo para contar um episódio triste para Heloísa, para o MN e para a antropologia, de uma maneira geral. A morte de Buell Halvor Quain no Brasil, entre os dias 2 e 3 de agosto de 1939, quando se suicidou em um acampamento indígena. Heloísa passou meses tentando rever os pertences dele, resolver o caso e fechar esse episódio com a família de Quain e sua professora e orientadora, Ruth Benedict (CORREA; MELLO, 2008). Sobre o acontecido, tem-se o romance “Noves noites”, de Bernardo Carvalho (2006), em que se tem uma narrativa ficcional com elementos verídicos sobre os últimos dias dele em campo.

aqui de canoa, depois de uma viagem de onze dias descendo o Araguaia a partir de Leopoldina. [...]. Seu país é lindo e o Araguaia um de seus melhores cenários”¹⁸⁶. Ao visualizar essas primeiras linhas, ela suspira aliviada e balbucia: “ainda bem..., mas e o resto? Como está a pesquisa?”, ela questiona, e a leitura da carta segue:

Estou muito entusiasmado com meu começo. O informante Tapirapé que está vivendo comigo é filho de um de seus chefes e fala um pouco de português. Obtive dele uma lista de palavras e uma idéia geral sobre o que me espera. O mais curioso sobre o trabalho até agora é o que ele me conta sobre o número dos Tapirapé. Baldus escreveu e me disse que havia apenas uma aldeia atualmente. Meu informante me disse várias vezes que eles têm cinco aldeias; apenas uma foi visitada por brancos porque nas outras eles não eram bem-vindos¹⁸⁷.

Nessa carta, apresento Heloísa e começo a oferecer uma visão dela em diferentes arranjos no espaço científico: no gabinete e como professora, sendo que essa última posição foi pouco exercida por ela¹⁸⁸. Heloísa Alberto Torres, realmente, foi uma gestora e, no capítulo sobre ela, que será visto em breve, sua trajetória na gestão e na educação surge em diferentes fontes.

Em uma conversa por meio digital¹⁸⁹ com a professora Dr.^a Adélia Miglievich-Ribeiro, pude dividir com ela algumas dessas questões que envolvem Torres. E percebi que a participação de Heloísa na vida científica no MN e, conseqüentemente, na ciência brasileira se deu por seu labor à frente dessa instituição e com o acompanhamento dos primeiros alunos norte-americanos e brasileiros na antropologia. Tratou-se de um trabalho desenvolvido por ela que pouco se tem discutido em forma de análise histórica no que compete à sua participação na ciência brasileira.

Esse foi um dos pontos em que vi como o problema central desta tese: qual é a importância da atuação das mulheres na história das ciências no Brasil e como se deu a participação específica de Emília Snethlage e Heloísa Alberto Torres na construção das discussões sobre ciência, gênero e turismo na e sobre a Amazônia? Nesse começo de viagem,

¹⁸⁶ Carta de Charles Wagley para Heloísa Alberto Torres, de 24 de abril de 1939, em um dos seus primeiros trabalhos de campo no Brasil. Essa carta foi retirada da obra de Correa e Mello (2008, p. 138), a qual mantive a escrita original como está na coleção PAGU.

¹⁸⁷ Coleção de cartas da obra de Correa e Mello (2008, p. 139).

¹⁸⁸ No livro de Miglievich-Ribeiro (2015), a autora expõe a disputa entre Heloísa Torres, Arthur Ramos e Marina de Vasconcelos pela cadeira de antropologia e etnografia da antiga Universidade do Brasil.

¹⁸⁹ No 1º semestre de 2020, durante a primeira onda da Covid-19 no Brasil, escrevi um *e-mail* para Prof.^a Adélia, fazendo algumas perguntas para entender alguns contextos em que Heloísa esteve, entre eles a sua participação na educação do Brasil. Na resposta, ela me disse que Heloísa foi vista como uma gestora, o que, de fato, confirma-se nas fontes que consegui. Porém, também colhi informações de jornais de alguns cursos de extensão que ela ministrou e serão apresentados no capítulo sobre sua vida profissional. Novamente, agradeço a Prof.^a Adélia por manter esse contato comigo.

vi Heloísa como uma gestora, e sua posição na ciência fez-se por meio da condução do MN, além da sua participação ativa na formação dos antropólogos. O seu papel na ciência não está no laboratório, no gabinete de pesquisa ou no campo, visto que ela atuou na frente burocrática e na formação das ciências sociais brasileira.

Foi outra concepção que refleti sobre essas mulheres cientistas. Ela entrou em cena no campo científico dirigindo o MN e orientando os primeiros alunos de antropologia. A sua participação se mostrou importante, pois Heloísa começou a abrir campos internacionais para a antropologia brasileira. A relação dela com Charles Wagley ocorreu por meio da Universidade de Columbia (UC) e trouxe outros nomes, como Alfred Métraux e, assim, essas redes de contato deixaram um legado significativo para a formação da disciplina no Brasil¹⁹⁰.

Diante desse contexto em que ela estava na direção do Museu, percebi que a interação e até a formação de pesquisadores também foram, demasiadamente, significativos para ela, pois foi uma mulher cientista que auxiliou outros cientistas. Essa também foi uma questão em que poucos trabalhos deram ênfase ao traçar a trajetória dela no acompanhamento e na orientação de pesquisadores, como Charles Wagley, Eduardo Galvão e Castro Faria¹⁹¹. É nesse momento que paro, tomo um gole d'água e, encostada em uma das pilastras do jardim do MN, reflito e escrevo em meu diário de campo: “que interessante! Uma mulher orientando os caminhos do futuro da ciência etnográfica no Brasil”.

Minha viagem, nesse momento, fez-se como uma busca mais íntima para vislumbrar essas mulheres. E, assim, noto D. Heloísa, com seus cabelos sempre bem penteados em formato de grandes coques¹⁹², sentada em sua mesa, em meio a papéis com alguns escritos e algumas folhas em branco, instante no qual começa a escrever suas correspondências aos seus alunos em campo e a responder algumas das cartas que seu querido Chuck¹⁹³ havia lhe encaminhado anteriormente: “querido Chuck, fiquei muito feliz em receber sua carta.

Estou um pouco envergonhada por não ter conseguido deixar de lhe telefonar duas

¹⁹⁰ Essas informações estão na coletânea do Caderno PAGU, de Corrêa e Mello (2008).

¹⁹¹ Pude conhecer um pouco da trajetória desses três antropólogos, por meio da coleção Caderno PAGU, e das relações deles com Heloísa. É notável, para mim, que esses três futuros antropólogos foram “lapidados” por ela quando ainda eram “estudantes” e suas formações deveram e muito às orientações, ao apoio e ao incentivo dela.

¹⁹² Durante minha viagem com Emília e Heloísa, notei como elas usavam seus cabelos, pois o corpo feminino também era um espaço que o masculino queria tomar conta. Os cabelos femininos trazem, ao mesmo tempo, proteção, mas também podem despertar o desejo e a malícia (PERROT, 2019).

¹⁹³ Nas cartas apresentadas em Corrêa e Mello (2008), são perceptíveis o respeito e o carinho entre Charles Wagley e ela. Achei bem interessante ver “essa Heloísa” mais terna, pois naquilo que li sobre ela, as fontes indicavam uma postura mais sóbria e firme. Embora uma pessoa ser firme, não signifique que ela não possa demonstrar carinho por outra. As cartas mostram essa troca de afetos, mas também de respostas quanto à produção e às atividades de campo desenvolvidas por ele.

vezes!”¹⁹⁴. Vejo uma mulher descontraída, mas preocupada com seus alunos. Percebi que a estratégia de Heloísa foi a de manter certo “controle” sobre esses pesquisadores e, com isso, sua participação feminina se reflete na construção do conhecimento científico do Museu. Notei, também, que a ciência também poderia ser feita de afeto e preocupação com o outro.

Por outro lado, ao longo da escrita, espreito mais de perto e enxergo D. Heloísa organizando as atividades que Wagley deveria fazer em campo. Também noto como ela criou uma rede de conhecimentos enviando-lhe livros¹⁹⁵. E ela não deixa de dizer o quanto está trabalhando também, porque foi uma pesquisadora. Assim, seguem alguns trechos da carta:

Estou mandando por este malote um livro recente. Ainda não o li, mas parece que no final há alguma informação sobre as línguas Guaraní. Espero que ajude. [...]. Fico contente em dizer que tenho trabalhado muito desde que você partiu. Me sinto muito bem e feliz quando penso sobre o belo trabalho que você está fazendo. Tentarei obter dados históricos sobre os Tapirapé. Eles podem ser encontrados nos antigos relatórios dos Governadores de Província. [...]¹⁹⁶.

É perceptível quanto Heloísa era organizada, de tal modo que as cartas demonstravam a maneira como ela atuava na formação desses pesquisadores. Enquanto o trabalho no Museu Nacional era desenvolvido por esses jovens em campo que traziam resultados importantes quanto ao conhecimento de grupos indígenas ainda existentes, não somente na Amazônia, mas em outras regiões do Brasil. Essa fonte desmistificou a falácia de que as mulheres não poderiam exercer um lugar de chefia, tampouco no campo da gestão científica. E, mais ainda, que não poderiam formar outros cientistas.

Ao olhar para Heloísa Torres, é visível que sua afinidade com o trabalho foi modelada a partir da influência de seu pai, Alberto Torres¹⁹⁷. Figura importante no Rio de Janeiro, ele foi alcançando espaços e construiu uma carreira educacional e política, que, para os homens, era “normal”, como ainda é. No entanto, para uma mulher pensar em ter uma carreira profissional era uma ideia, praticamente, impossível: “fazer carreira é, de qualquer maneira, uma noção pouco feminina: para uma mulher, a ambição, sinal incongruente de virilidade, parece

¹⁹⁴ Conjunto das cartas contidas na obra de Corrêa e Mello (2008, p. 154).

¹⁹⁵ Com relação a essa circulação de informações vistas na organização dos trabalhos entre Heloísa e Wagley, lembrei-me da leitura que fiz de Kapil Raj (2017), no artigo “*Thinking without the Scientific Revolution* [...]”, e verifiquei que a circulação de informações/conhecimento faz parte do processo de construção da ciência. O conhecimento não pode ser encapsulado, necessita sair de diferentes ambientes e daí criar oportunidades de aprendizado. E, assim, Heloísa fazia com seus alunos em campo, ela enviava os livros, os artigos e outros materiais que auxiliavam no aprendizado deles em campo.

¹⁹⁶ Carta da Coleção Pagu de Corrêa e Mello (2008, p. 156).

¹⁹⁷ O ensaísta Alberto de Seixas Martins Torres foi um líder político abolicionista eleito na Constituinte Fluminense. Foi ministro da Justiça no governo do presidente Prudente de Moraes (1896-1898) e findou sua carreira como Ministro da Justiça (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2015, p. 41-42).

descolada”¹⁹⁸. Essa passagem me fez refletir que, para Heloísa, isso não aconteceu. Pelo contrário, seu pai deixou uma possibilidade de “caminho aberto” para a sua formação. Não foi apenas o nome dele que abriu as portas para suas jornadas profissionais, mas a sua formação educacional e preparação intelectual para ser uma mulher independente.

O sentimento feminino foi, e ainda é, algo realmente a ser pesquisado e ser posto em destaque quando se escreve sobre as mulheres. E eu, como mulher, pude perceber tais sentimentos, mesmo que apenas interagindo em uma tela de computador ou em uma folha de papel, neles consegui imergir nesse universo¹⁹⁹, uma vez que, até então, minhas pesquisas não estavam relacionadas à questão de gênero, em especial, às mulheres. Adentrei a intimidade de Heloísa, na carta a seguir, e foi como se sentasse ao seu lado e pudesse ouvi-la a escrever suas notas em voz alta. A viagem continuou e minhas notas de campo apontaram para seguir a viagem para conhecer o espaço feminino na ciência.

Foi interessante observar, nas fontes, que Heloísa era uma mulher de presença. Isso também é confirmado pelas pesquisas já realizadas por outras pesquisadoras, como Adélia Miglievich-Ribeiro. De modo que, ao deixar Heloísa falar de si, notei como era fora do espaço do Museu Nacional, bem como em uma fonte que expõe o trabalho de pesquisa de campo realizado por Wagley. A carta de nº 31, apresentada a seguir, foi bastante rica, a tal ponto que nela verifiquei detalhes que exibiam a diretora, mas também uma amiga, que parecia preocupar-se com seu colega de trabalho e amigo em campo.

Então, volto ao Museu Nacional e encontro Heloísa sentada à sua mesa, vejo memorandos, ofícios, fotografias de campo, relatórios e tudo o que a direção exigia naquele período. E ela responde a Chuck, em uma correspondência, enviada em 12 de janeiro de 1941, em uma longa nota que trata de trabalho, amizade, cobranças e projetos futuros. Heloísa pergunta a Wagley o que ele anda fazendo, em um tom bem pessoal:

Meu caro Chuck. Ando um tanto curiosa em saber o que é que V. estará pensando de mim; mas se V. é meu amigo quanto eu sou sua amiga não pode ser nada de muito

¹⁹⁸ Nos escritos de Perrot (2005, p. 255), ela expõe como as mulheres tinham poucas chances em ascender socialmente, sobretudo, no que dizia respeito ao ambiente de trabalho e, até mesmo, no do seio familiar.

¹⁹⁹ Antes de iniciar a escrita e, ao longo da produção da tese, consegui fazer leituras sobre o feminino em diferentes frentes: de romances literários até história sobre as mulheres durante as guerras. O texto “Mulherzinhas”, de Louisa May Alcott (2019), fez-me pensar como o espaço feminino é sagrado. A saga de Josephine March é uma viagem a um ambiente no qual as mulheres lideravam, lutavam, riam, choravam e escreviam sobre seus cotidianos. Já a leitura de “A guerra não tem rosto de mulher”, da jornalista ucraniana Svetlana Aleksievitch (2016), foi uma imersão dolorosa por páginas nas quais a dor, a tristeza, a fome, a morte, mas também o amor, a felicidade e a compaixão fizeram parte do cotidiano feminino de mulheres telefonistas, enfermeiras, franco-atiradoras, pilotas de tanque e voluntárias durante a II Guerra Mundial. Elas estavam à frente do Exército Vermelho Russo. Foi uma experiência importante para a escrita dessa tese ler esses livros. Ao longo do texto, eles emergem junto às intimidades dos universos de Emília e Heloísa.

ruim. Você tem antes de tudo de desculpar o meu silêncio e eu tenho quase que certeza que no correr da leitura desta carta toda a sua queixa há de desaparecer²⁰⁰.

Foi esse tom pessoal que me levou a pensar como essas mulheres atuavam na construção da ciência. O meu ser mulher permitiu-me ir além do racional científico, tive a oportunidade de enxergar uma história escrita e feita com outros olhos e sentimentos. As lutas de Heloísa podem ser analisadas como as descritas por Tamara Davidovitch, sargento militar que descreveu que, mesmo no meio de um exercício militar, conseguiu colher flores e colocá-las em sua arma²⁰¹. Assim, talvez, tenha sido a lida de Heloísa no campo científico brasileiro, cercada de homens prontos para atacar no front e não deixar o “inimigo feminino” avançar no campo de batalha. Ela abriu fronteiras e colheu flores no meio desse “campo minado masculino” da ciência.

A carta continua; inclino o corpo para ver o que Heloísa escreve e vejo como a atuação dela na antropologia também foi essencial para os estudos relacionados às investigações sobre as populações indígenas brasileiras. O estudo de Charles Wagley tinha como principal foco a investigação dessas comunidades, e Heloísa acompanhava de perto o trabalho dele:

Encontrei umas fotografias da primeira viagem do SPI aos Tapirapé. Entre elas, há uma da viagem através do campo em que se vê a índia dentro da rede, carregada por dois homens, a tal índia que serviu de introdutora ao grupo de civilizados. Esta fotografia, infelizmente, está muito apagada, mandei fazer um desenho calcado sobre o documento; ficou muito bom.

Acompanhou a pesquisa e a preparação do material a ser enviado a campo, mas também as atividades dos pesquisadores. O trabalho dela é visto fora dos documentos oficiais do Museu Nacional, e D. Heloísa esteve ligada à investigação etnológica, sua visão, além da pesquisa na área, deixava Wagley no caminho para o futuro da antropologia, que depois daria espaço para outros nomes, como Eduardo Galvão e Castro Faria.

A carta expressa uma rede de relacionamentos feita naquele momento para que os trabalhos do MNRJ pudessem render frutos vindouros. Heloísa era articulada a tal ponto, que pensava em praticamente tudo o que pudesse reunir, não somente informações, mas uma organização que pudesse emaranhar pessoas, instituições e projetos para avançar na pesquisa científica no Brasil. E a escrita segue:

Agora, com relação ao plano do Métraux: acho muito bom, mas é preciso V. dizer a ele que qualquer coisa a ser feita no Brasil tem que ter o Museu Nacional à frente; é a

²⁰⁰ Cadernos Pagu (CORRÊA; MELO, 2008), Carta de nº 31, de Heloísa para Wagley.

²⁰¹ Entrevista feita por Aleksievitch (2016) para compor seu livro sobre a participação de mulheres na II Guerra Mundial.

única coisa de que eu faço questão, mas eu faço questão cerrada disso. Você poderá dizer que eu mandei dizer isso a ele²⁰².

Aqui constatei a força e a firmeza dela, marcando seu espaço como gestora, mas também levando consigo o nome da instituição à qual se dedicou por muitos anos e, para garantir o seu lugar na ciência brasileira, enfrentou muitos embates. Os embates políticos giravam em torno do campo político do governo brasileiro, e as pesquisas antropológicas realizadas naquele período. É necessário também enfatizar que havia recados diretos de Heloísa para outros pesquisadores, homens, especialmente, de dentro, como Othon Leonardos, e de fora, como Métraux, do Museu Nacional.

Deixo a sala de Heloísa para rever algumas anotações em meu caderno de viagem e refletir sobre determinadas questões. Ao longo da escrita e pesquisa de campo, nas referências e nos registros de fontes de processos judiciais, por exemplo, as mulheres apareciam com estereótipos e alguns perduram até os dias atuais, como: “históricas, depravadas, de má fama, desordeiras, mulheres vagabundas”²⁰³.

Quando verifiquei a historiografia das mulheres no mercado de trabalho, apareciam em funções informais como lavadeiras e vendedoras de rua e não tinham direito à renda; em outros casos, como o das mulheres solteiras, deveriam viver sem “um casamento” e tentar se manter sem dotes. Evidente que Heloísa alcançou um espaço mais amplo, estudou, tornou-se professora e gestora, e, mesmo com esses elementos, não deixou de ser alvo desses estereótipos.

Ainda na carta, é notável como a luta de Torres, na gestão do MNRJ, foi intensa, do mesmo modo que os primeiros sinais de que sua passagem pelo Museu Nacional também estiveram cheios de intrigas e de lutas em tons sexistas. Em virtude disso, contemplo uma parte de sua escrita para seu amigo Chuck:

Recebi uma longa carta de Othon Leonardos²⁰⁴, a que não pude ainda responder. Nem sei se responderei. Há dias um rapaz do Museu recebeu uma carta dele que é um libelo de tentativa de desmoralização do Museu e em parte da minha pessoa. Se V. o avistar prefiro que não fale de mim.

²⁰² Cadernos Pagu (CORRÊA; MELO, 2008), Carta de nº 31, de Heloísa para Wagley.

²⁰³ No texto de Dias (1995, p. 35), evidencia-se como as mulheres sofriam ataques direcionados às suas identidades e particularidades.

²⁰⁴ Há, no livro de Miglievich-Ribeiro (2015), referências sobre os momentos tensos entre Heloísa e Othon devido a uma exposição que foi realizada em Portugal. No decorrer de minha pesquisa, encontrei uma entrevista de Othon Leonardos, na qual comentava sobre algumas peças que faziam parte de uma coleção na área de mineralogia que foram guardadas por Torres durante uma reforma do Museu Nacional e sobre as eleições para a direção do Museu. Não entrei em detalhes sobre esses temas, ressalto apenas que há fontes que mostram divergências grandes entre eles.

Parece que o embate com o masculino não era somente no campo científico, estava, também, na gestão e na disputa pelo poder desse espaço. Essa carta despertou minha ansiedade para saber qual teria sido esse debate entre Heloísa e Othon, por isso, registrei, em meu caderno de campo, que deveria investigar esse estranhamento entre eles. Novamente, peço licença aos leitores da tese para saltar até a década de 1970 quando Leonardos concedeu uma entrevista.

Ao ler a narrativa dele, é notável o quanto o jogo de poder no Museu era arraigado, tanto que chamou minha atenção a forma como ele se dirigiu a ela em alguns momentos durante a sua fala, o tom um tanto ríspido quando ele comentava sobre a coleção mineralógica: “essa coleção veio para o Museu Nacional, foi abandonada, estragada e acabou a Heloísa Alberto Torres botando tudo em caixote para fazer aquela reforma de pintar o Museu”²⁰⁵.

Em seguida, ele retomou o assunto e fez duras críticas à gestão de Heloísa: “essa coleção também foi toda posta fora pela Dona Heloísa Torres. Ela está viva. Quem quiser perguntar a ela pode perguntar. É incrível o terremoto que aquela mulherzinha causou no Museu Nacional. O pessoal não acredita”²⁰⁶.

A partir dessas falas, confirmei o que encontrei em minha pesquisa bibliográfica: que Heloísa teve fortes embates no MNRJ. Para mim, surgem os duelos entre o masculino e o feminino, ainda assim não poderei deixar de assinalar, nesta tese, que a maneira como alguns homens se referem às mulheres no plano do poder político e, nesse caso, científico, tem, normalmente, uma forma agressiva e até misógina de ser expressa²⁰⁷. Prossegui na leitura da entrevista e chego ao comentário sobre as eleições do Museu, em que Othon foi enfático: “e, porque houve eleições na época em que a Dra. Heloísa Torres era a ditadora do Museu – na época da ditadura, cada diretor era um ditadorzinho [...]”²⁰⁸.

Retorno ao meu campo de pesquisa e continuo minha viagem ao trajetória de Heloísa no Museu Nacional do Rio de Janeiro quando ela ingressou como estagiária de Roquette-Pinto, em 1918, tendo sido aprovada como professora em 1925 e, em 1938, tornou-se a primeira

²⁰⁵ Trecho da entrevista de Othon Henry Leonardos, em 1976, para o projeto “História da ciência no Brasil”, desenvolvido entre 1975 e 1978 e coordenado por Simon Schwartzman (LEONARDOS, 2010, p. 4).

²⁰⁶ Trecho da entrevista de Othon Leonardos (LEONARDOS, 2010, p. 6).

²⁰⁷ Quero deixar claro aos legentes que não tomei partidos a favor ou contra, tanto relacionada à Heloísa A. Torres quanto a Othon, pois as fontes, até o encerramento da tese, não me proporcionaram afirmar quem estava “certo ou errado”. O que pretendi enfatizar foi que a luta entre o masculino e o feminino, em algum nível de *status* social, político e científico, envereda por essas “acusações” de cunho machista, misógino e preconceituoso. E a literatura reforça que as mulheres, quando tomam partido em algum momento ou cenário de poder, são taxadas de “loucas, histéricas” etc. (DIAS, 1995).

²⁰⁸ Outro momento da entrevista de Othon (LEONARDOS, 2010, p. 61).

mulher a dirigir a instituição²⁰⁹. O trabalho dela, ao longo dos anos, teve como destaque a figura de gestora, mas antes, como a antropóloga, empreendeu uma viagem ao arquipélago do Marajó em busca da história da cerâmica indígena amazônica. Fontes, como cartas utilizadas, livros e artigos²¹⁰, demonstraram-me o caminho de glória, mas também de intrigas e lutas que Heloísa enfrentou ao tornar-se “Dona Heloísa”. Esse campo de ação entre o feminino e o masculino, na história das mulheres na sociedade ocidental, fez-se presente em toda a minha investigação²¹¹.

Depois de fazer essa parada e pensar o que as mulheres da ciência do começo do século XX passaram, escrevi em meu caderno de campo que as lutas são rompantes que todos os seres humanos travam uns com os outros em vários momentos da história da humanidade. A percepção histórica do anonimato feminino e de suas lutas, por assim dizer, na formação de uma história social, são perceptíveis e claras²¹². Pude olhar essas mulheres, como “excluídas”, escondidas e até renegadas da história científica do Brasil e da Amazônia. Assim, minha escrita procurou apresentar como elas alcançaram seus objetivos e deixaram um legado importante na história das ciências, do gênero e do turismo na região.

Olhei para Heloísa, e ela, sentada diante de sua mesa, encaminha o fim da escrita de sua carta para Chuck. Ela mira seu olhar para o vazio, pensa no que escreveria e retoma as suas linhas:

Chuck, eu acredito que V. já estará cansado de ler e por isso aqui fico. Sempre sua velha amiga – como dificilmente V. encontrará outra na vida – que se lembra sempre de V. com a maior amizade e grandes saudades. Quem sabe se V. não estará jantando aqui em casa daqui a uns quatro meses? De qualquer maneira, este ano com certeza. [...] Um grande abraço, tão grande quanto as saudades de H²¹³.

Vejo como as relações constroem-se nesses cenários. Homens e mulheres dividindo alegrias e conflitos. As mulheres que seguiram a carreira científica passaram por muitas lutas para serem reconhecidas como tais no território brasileiro. E com relação à ciência na Amazônia, essas conquistas não foram menos difíceis. Heloísa viveu com intensidade sua passagem pelo MNRJ, uma intensidade que, de certa maneira, moldou a estagiária, a professora,

²⁰⁹ O artigo de Corrêa (2003) foi uma referência importante para montar esse quebra-cabeça acerca de Heloísa. Nele são relacionadas suas conquistas, mas também as agruras que ela passou durante o período da gestão do museu.

²¹⁰ Leituras feitas em Corrêa (2003) e Miglievich-Ribeiro (2015).

²¹¹ Nos trabalhos de Dias (1995) e de Marina Maluf (1995), li um referencial importante acerca da vivência de mulheres brancas, com posses e educação no século XIX e começo do XX, em que entendi que elas também travaram suas lutas pessoais, sociais e culturais para se manterem. Consegui encaixar Emília e Heloísa nesses contextos, apenas para entender seus universos que eram, até certo ponto, parecidos.

²¹² A leitura de diferentes obras de Perrot (1988; 1998; 2019) iluminou a compreensão de como a história demonstra a exclusão das mulheres, de modo que na ciência não foi diferente.

²¹³ Última parte da carta de nº 31 que Heloísa escreveu para Wagley em 1941 (CORRÊA; MELLO, 2008).

a antropóloga, a gestora e a amiga que se revelou nas fontes, e essa carta é um exemplo.

Certamente, é um pouco difícil escrever sobre mulheres quando se é mulher, pelo menos, é o que sinto em alguns momentos quando me vi imersa nesse universo e nessa viagem por meio da história das mulheres na ciência, posto que, como uma aprendiz de “historiadora”, não posso me deixar contaminar pelas subjetividades. Assim, coloco-me como Josephine March²¹⁴, no sótão de sua casa em Concordia, sentindo-me como ela a procurar um fio que pudesse conduzir minha escrita. De modo que encontrei nas fontes e até um pouco na minha própria vida, como acadêmica, como interagir com as experiências dessas duas cientistas.

Ao retomar minha escrita, noto que a vida de gestora de Heloísa chama atenção para os diversos universos sociais, científicos e políticos em que esteve envolvida. Torres criou círculos sociais que foram além das paredes e campos de pesquisas com o masculino²¹⁵. Ela manteve contato com outras mulheres, sejam da ciência, como Emília, na ocasião em que trabalharam na mesma seção no Museu Nacional, e como Bertha Lutz que também foi sua colega de trabalho; sejam companheiras/esposas de seus alunos, que depois se tornaram colegas de trabalho e amiga, como Cecília, consorte de Charles Wagley²¹⁶.

De 1939 a 1957, as correspondências entre Charles e Heloísa foram intensas, pois o trabalho no Museu Nacional seguia na construção de quadro de profissionais que seriam formados pelo MNRJ e outras instituições de ensino/pesquisa internacionais, como a Universidade de Columbia, dos Estados Unidos da América (EUA). E no meio dessas articulações de viagens, ocorre a chegada de novos alunos para a pesquisa, como foi o caso de Nelson Teixeira e Eduardo Galvão. Heloísa envolvia-se em círculos mais íntimos, como o da família de Wagley²¹⁷.

Permitam-me, novamente, dar um salto temporal nessa viagem, utilizar a ocasião em

²¹⁴ No livro de Alcott (2019), *Jô*, como era chamada Josephine, era uma das quatro filhas que escrevia suas intrépidas histórias. Mas, sua grande obra foi escrever a história de sua família, baseada nas vivências e experiências, principalmente, das mulheres da família March. A leitura me trouxe um pouco dessa aproximação ao pensar, por exemplo, em Heloísa e sua trajetória no MN.

²¹⁵ Miglievich-Ribeiro (2015) oferece uma compreensão interessante acerca dos círculos sociais de Simmel, publicado em 1908, quando diz que a sociedade moderna se constitui de uma individualização a partir da construção de diversos círculos sociais. E Heloísa estava inserida em diversos deles, inclusive nos círculos familiares de seus alunos/pesquisadores, como será visto ao longo dos capítulos.

²¹⁶ Na obra de Corrêa e Mello (2008), há cartas interessantes que mostram a relação dela com Cecília, entre 1946 e 1951, e essas fontes surgiram para que eu pudesse olhar Heloísa envolvida em afetos e conversas femininas, mesmo quando o assunto era o trabalho de Wagley, nos Estados Unidos ou no Brasil. Mesmo as cartas contendo temas ligados à ciência, às pesquisas, etc., os contextos ultrapassavam o formal do tema de trabalho. Esses convergiam para a compra de objetos, cartas de afetos entre ela e os filhos deles. Enfim, escolhi trazê-las ao longo da escrita da tese para sentir um pouco mais essa relação entre o racional e o emocional envolvido nesses círculos sociais e científicos.

²¹⁷ É importante deixar claro para a (o) leitora (o) que a escolha pelas cartas entre Heloísa e a família Wagley foi por demonstrar esse lado fora do MN, fora das linhas científicas.

diferentes perspectivas, sair de 1941 e ir até 1946. Assim, retirei-me do MN quando Heloísa finaliza a carta que enviaria para Chuck. Ela a coloca no envelope, fecha e deixa em um canto da mesa, sai de seu gabinete com passos fortes e atravessa os corredores do Museu. Vou ao seu encaço e encontro-a em sua casa, ela se senta no sofá e toma a carta de Cecília²¹⁸, esposa de Wagley, com o rosto sereno, e a vejo sorrindo. Sento-me em uma pequena cadeira próxima a dela e consigo ouvi-la ler a correspondência:

Querida Heloísa, tenho planejado lhe escrever já há tempos, mas o meu tempo é tão escasso que mal sobra para ler um jornal com as notícias do dia. [...] A nossa vidinha está mais ou menos organizada e as crianças se habituando aos poucos. [...] Betty já sabe contar até 2 (que progresso hein!) e toda vez que avista dois barcos subindo o rio me avisa para vir correndo ver – dois barcos! [...] Bill assim que acorda pula no carrinho, mas infelizmente a mãe, além de ama seca, é cozinheira, arrumadeira etc. etc. Eles já se habituaram com a idéia de ir comprar carne, comida e ice-cream, Betty lembra sempre²¹⁹.

Após ouvir essas palavras, compreendo o sorriso dela. São escritas mais leves, é o cotidiano de uma família amiga, conforme indicam as fontes. Contemplar Heloísa assim, mais descontraída, foi interessante, não apenas por estar em seu ambiente privado, porque essa cientista também construía uma rede de contatos pessoais que foram importantes para a solidificação do conhecimento científico brasileiro. E outras cartas seguem a demonstrar que não só o cotidiano da família Wagley era interessante para ela, mas também outros entrelaçamentos que se davam entre ela no Brasil e Charles nos EUA naquele momento para a formação da antropologia brasileira.

As correspondências possuíam um intervalo longo, conforme referência do Cadernos Pagu sobre as cartas de Heloísa²²⁰. Então, um ano depois, em 6 de junho de 1947, Cecília escreveu para Heloísa contando como Wagley trabalhava muito:

Chuck está precisando das férias mais do que ninguém: esse ano que findou foi “brabo” mesmo, pois a combinação Columbia e Guggenheim é de esgotar qualquer um. Ele manda dizer a você que está cuidando do seu pedido sobre informações sobre gravuras e que lhe escreverá oportunamente²²¹.

Verifico que a saga de Heloísa em manter relações com os EUA foi importante, não

²¹⁸ “Quando o casal Wagley e as duas crianças, nascidas no Brasil, Isabel (Betty) e William (Billy), foram para os Estados Unidos, dona Heloísa quase tinha se transformado na ‘vovó Lisa’ – personagem que receberá cartas também de Cecília” (CORRÊA; MELLO, 2008, p. 129).

²¹⁹ Carta de nº 61 de Cecília para Heloísa, Nova York, 13 de junho de 1946 (CORRÊA; MELLO, 2008, p. 283).

²²⁰ Na obra de Corrêa e Mello (2008), as autoras explicam que as cartas possuem uma ordem cronológica para melhor compreender os fatos ocorridos e, de fato, algumas delas têm intervalos extensos, que não prejudicaram o andamento da escrita da tese e a compreensão dos acontecimentos analisados.

²²¹ Carta de nº 62 que Cecília escreveu para Heloísa em 1947 (CORRÊA; MELLO, 2008, p. 285-286).

somente para a formação de Charles como antropólogo, mas também para o futuro da disciplina no Brasil.

Nesse cenário, vi-me em um Brasil que, desde o final de 1920 e o começo de 1930, estava entrando em uma atmosfera de transformação ainda marcado pelo autoritarismo, pela mudança de percepção quanto à liberdade e por uma onda “cívica” para a sociedade brasileira²²². Época em que Heloísa estava engajada na formação de uma rede feminina científica brasileira. Em uma nota do Jornal “O Paiz”, de 1926, ela surge na comissão da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, junto a outras mulheres, como Emília Snethlage e Berta Lutz²²³. Vejo Heloísa inserida nesse campo em que a ciência também se fazia pelos pensamentos políticos em voga.

Ao tomar minhas anotações para continuar a viagem, percorri o ano de 1925 em duas notas de jornais da cidade do Rio de Janeiro que chamaram minha atenção por trazer como título as seguintes frases: “Mais uma victoria do feminismo [...]”²²⁴. E outra: “uma victoria que faz honra ao feminismo brasileiro [...] a que concorreram vários candidatos, **a senhorita Alberto Torres** (grifo nosso) conquistou brilhantemente, conforme noticiamos hontem, o primeiro lugar”²²⁵. Essas notícias fizeram-me pensar que a conquista de Heloísa foi um evento significativo no qual as mulheres alcançaram um notável prêmio ou algo parecido naquele momento.

Historicamente, esse concurso levou uma mulher a ser reconhecida. Ao ingressar numa das maiores instituições museais do Brasil, em plena década de 1920, o Museu Nacional do Rio de Janeiro, em meio a outros quatro candidatos homens, Heloísa Alberto Torres abriu suas táticas para concretizar seus desejos. Esse tipo de fonte levou Torres a ser enaltecida, ao que me questiono: será que ela sempre foi exaltada? Será esse o ponto o começo da formação e a inserção do feminino no universo científico brasileiro? São questões como essas que procurei construir nos caminhos que me levaram pela história das ciências, do gênero e do turismo.

Depois desse deslocamento no tempo, sento-me em um canto do Museu Nacional, perto de uma pilastra, paro, abro meu caderno e começo a refletir sobre essa primeira parada. Emília

²²² No livro “O que há de novo sobre o Estado Novo? Autoritarismos e democracia”, organizado por Freire *et al.* (2019), no capítulo de Lucia Oliveira, foi possível entender esse momento em que o país esteve, perceptível nas fontes como a posição de Heloísa no Museu e, em outras áreas, estava, intimamente, ligada a esse contexto. As políticas nacionalistas estavam em volta de muitas decisões, inclusive, na ciência. No capítulo específico sobre Heloísa, enfocarei mais esse contexto histórico.

²²³ Nota do Jornal “O Paiz”. Fonte da Biblioteca Nacional Digital, Acervo Hemeroteca Digital (BRASIL, 2018; 2019).

²²⁴ Notícia vinculada ao jornal “O Paiz”, de agosto de 1925. Fonte da Biblioteca Nacional Digital, Acervo Hemeroteca Digital (BRASIL, 2018; 2019).

²²⁵ Jornal “Correio da Manhã”, de setembro de 1925. Fonte da Biblioteca Nacional Digital, Acervo Hemeroteca Digital (BRASIL, 2018; 2019).

e Heloísa possuíram uma trajetória significativa na ciência brasileira, já apresentada por outras e outros pesquisadores. Vejo minha responsabilidade crescer para estar ao lado delas durante as próximas páginas da tese, mas também me senti amparada nas experiências delas²²⁶. Consigo entender que o caminho que elas escolheram foi tortuoso, mas não ao ponto de elas se deixarem abater por algumas agruras. Tanto que aquilo que vem daqui em diante é um roteiro cheio de descobertas, que deixa qualquer viajante com o desejo de aprontar as malas e cair na estrada.

A seguir, volto à companhia Emília Sneath. Ao lado dessa alemã, retomo minha viagem pela ciência no Brasil, a partir da vinda dela da Europa para ocupar uma função na seção zoologia no Museu Paraense, tendo, em seu trabalho no Goeldi, uma vitrine de como essa mulher vivenciou os papéis de pesquisadora, naturalista e gestora de uma instituição de pesquisa. Passando por momentos importantes de seus trabalhos e trazendo à tona o universo entre esse ser masculino e o feminino no campo científico, em especial, na Amazônia.

²²⁶ As teorias escolhidas por mim, como: Thompson, Perrot, McClintock, deram-me bases importantes para compreender o caminhar na relação história, gênero e turismo. E a historiografia dos estudos já realizados de Emília e Heloísa, como em: Junghans, Miglievich-Ribeiro, Cunha, Ewbank moldaram meu olhar sobre a vida dessas mulheres.

PARTE III – AS MULHERES CIENTISTAS E EU EM TRAJETÓRIAS, LUTAS E REALIZAÇÕES

4 EMÍLIA SNETHLAGE: DOS JARDINS DA MINHA CASA PARA OS TRÓPICOS AMAZÔNICOS

Emília visita, desde pequena, no jardim de sua casa, na cidade de Kraatz, para olhar as plantinhas que estão ao redor. Anota em seu caderno de campo o que vê, sentindo-se uma naturalista. Quem sabe uma cientista? A pequena Emília sonhava e já realizava sua aspiração em entrar para o mundo das ciências da época da escrita de pequenos relatórios para o Dr. Rudolf Blasius, que publicava as anotações dela no “*Journal für Ornithologie*”²²⁷. A menina cresceu, tornou-se uma cientista e atravessou oceanos até chegar à Amazônia para deixar sua marca na ornitologia brasileira e internacional. Ajudou na formação de uma das instituições de pesquisa mais importantes do Brasil e da América Latina, além dos estudos na floresta amazônica, o Museu Paraense Emílio Goeldi.

Neste capítulo, fiz uma viagem com Emília Snethlage desde sua saída da Alemanha. Conto, brevemente, sua trajetória familiar, sua vida na pequena aldeia de Kraatz, junto a seus irmãos e seu pai, pois sua mãe morreu quando era bem pequena, além de sua relação com a natureza, porque ela fazia pequenos relatórios de campo em seu jardim. E como foi sua formação desde a escola para professora até sua formação no doutorado em ciências naturais.

Na sequência, a escrita trará as viagens de Emília pela Amazônia, principalmente, quando esteve no Museu Paraense, instituição que a recebeu em Belém do Pará em 1905, e nela Snethlage fez sua carreira, contribuindo muito para as pesquisas e a notoriedade do MPEG. As viagens de campo de Emília Snethlage resultaram em publicações cânones em áreas como a ornitologia, a geografia e a etnografia. Essas foram algumas das áreas em que essa cientista atuou. Sua carreira findou no Museu Nacional do Rio de Janeiro ao realizar sua última viagem para o estado Rondônia.

4.1 Da Alemanha ao Pará: a vida no Museu Paraense Emílio Goeldi

Minha viagem continua, agora terei a companhia dessa prussiana de rosto fino, pele

²²⁷ Escrito por Osvaldo Rodrigues da Cunha (1989), um de seus biógrafos.

branca e olhar sereno²²⁸, até um pouco tímido, talvez (Figuras 4 e 5). Conheci Emília em minhas pesquisas para fazer o projeto desta viagem doutoral. Não ouvi falar dela antes disso e, às vezes, senti-me um pouco constrangida por não saber que o Museu Goeldi, instituição a qual conheço, teve, em seu quadro funcional, uma mulher como Emília. Embora minha tese possa ser mais um dos trabalhos já feitos sobre ela, espero poder dar conta de apresentar, em outra perspectiva, o que ela realizou. Será um pedido de desculpas? Não sei, talvez. Em contrapartida, neste momento, posso afirmar que a conheço e nunca me esquecerei de Emília.

Como tenho feito na tese, aqui entrarei no texto ao lado de Emília. Dividir com ela sua caminhada de pesquisa na Amazônia em dois tempos distintos e relacionais, o tempo da experiência vivida por Emília e o tempo atual com ela. O tempo do encontro com essa cientista. Diria, então, trataram-se de tempos cruzados que se reinventam pela reflexão e escrita histórica.

Nessa viagem de tempos, procurei averiguar o mais próximo possível como essa mulher cientista atuou nos anos em que estive no Museu Goeldi e, por mais 7 anos, no Museu Nacional. As fontes que obtive, até o momento de conclusão desta tese, auxiliaram-me a sentar ao lado de Snethlage para compreender sua trajetória nas ciências brasileira e internacional. Senti, também, um pouco de suas agruras ao longo desses mais de 20 anos no Brasil.

²²⁸ Em maio de 2021, entrei em contato com a Prof.^a Dr.^a Miriam Junghans por *e-mail*, depois, conversei por telefone para fazer algumas perguntas mais específicas sobre Emília e, ao final, aprendi mais ainda sobre essa cientista. E uma das informações, Dr.^a Miriam destacou que, ao longo dos anos pesquisando essa cientista, percebeu que Snethlage se considerava prussiana. De fato, Emília (1868) nasceu antes de a Alemanha unificar-se com o Estado da Prússia entre os anos de 1866-1871 (KITCHEN, 2013).

Figuras 4 e 5 – Emília Snethlage na Alemanha (esquerda) e no Museu Goeldi.



Fonte: A foto da esquerda pertence ao acervo da pesquisadora Miriam Junghans (2021)²²⁹ e a da direita está no site do Museu Goeldi (2018) no Acervo Fotográfico.

A Europa do final do século XIX passava por transformações profundas nos contextos sociais, políticos, econômicos e culturais. A unificação do Estado alemão aconteceria a partir de 1866 e encerraria aproximadamente em 1870-73. A Prússia e a Alemanha do Norte estavam em guerra para tentar realizar a união desses Estados-nação²³⁰. Nesse efervescente cenário histórico, a pequena Emília nascera em uma família protestante na Prússia, a segunda filha de quatro irmãos. Mesmo diante de todos esses acontecimentos que mudariam o mundo europeu, principalmente, Milla, como era chamada por seus familiares, cresceu, tornou-se doutora em ciências naturais e chegou à Amazônia.

Emília era esperta e, segundo seu sobrinho Emil-Heinrich Snethlage (1897-1939),

²²⁹ Solicitei a autorização para inserir a fotografia na tese diretamente com a Dr.^a Miriam Junghans, que conseguiu a imagem diretamente com a família de Snethlage quando estive na Alemanha realizando seu doutorado. Essa foto está publicada em seu artigo *Among birds and net(work)s: material and social practices in the trajectory of ornithologist Emilie Snethlage (1868-1929)* de 2016.

²³⁰ No livro de Kitchen (2013), tem-se um breve apanhado da história da Alemanha de 1800 até o início do século XXI. Na obra, é possível notar como as mulheres alemãs obtiveram um espaço, um pouco mais flexível, no que concerne à sua inserção em espaços públicos, como nas escolas e depois nas Universidades, e assim ter garantias de uma boa formação educacional. Sugere-se que Emília pôde aproveitar essa transformação social para conseguir entrar na Universidade e obter seu título de Doutora. Emília foi uma das poucas mulheres, 137 exatamente que, em 1905, cursavam cursos superiores na Alemanha.

estava até mesmo à frente de seu irmão mais velho, Victor Snethlage (1867-1943), em algumas atividades das matérias de formação humanística. O pai de Emil, Victor, era professor do ginásio na cidade de Unna, Alemanha. Essa menina já estava preparando seu caminho para a vida na ciência? Poderia ser uma possibilidade.

Também acredito ser interessante referendar que, devido aos pais de Snethlage estarem ligados a uma comunidade religiosa, acabava por deixar um legado cultural e educacional diferenciado na aldeia em que eles moravam²³¹. Então, o acesso ao latim, ao grego e a uma base teológica trouxeram importantes benefícios para a formação dessas crianças²³².

Ainda sobre a vivência dela na Europa, entre as pesquisadoras, como Miriam Junghans²³³, notei que Emília teve uma vida ligada à educação. Snethlage foi, por 10 anos (1890-1900), preceptora em outros países, como: Suíça, Irlanda e Inglaterra. A formação dela, pelo que investiguei, foi bastante diversificada. Isso vem acrescentar mais predicados à cientista de saias, como o conhecimento de outras línguas. Emília lia muitos autores alemães, os quais foram sua referência quanto à sua área na ornitologia.

A produção de Emília já se fazia presente antes de ela se tornar doutora na Alemanha. Ela já havia publicado um trabalho, aos 18 anos, na Sociedade Alemã de Ornitologia de Berlim em 1888. Rudolph Blasius era quem presidia a instituição. O trabalho de nº 108 foi o de Emília acerca dos Relatos de Avistamentos, ao lado de outros pesquisadores da área. Assim, Snethlage já trilhava seu caminho nas ciências naturais²³⁴.

A preparação para uma boa viagem se faz pelo estudo do roteiro pelo qual se passará. Detalhes de como chegar, de onde se alimentar e hospedar, assim como o que conhecer e falar com as pessoas, é fundamental²³⁵. Do mesmo modo fiz com a vida profissional de Emília. Procurei ler o máximo da historiografia sobre ela e, igualmente, quem as escreveu. Homens e mulheres foram meus guias nessa viagem. Eles me trouxeram aspectos de Emília no campo profissional e, bem discretamente, no campo pessoal. É significativo notar, entre seus biógrafos,

²³¹ A Dr.^a Miriam Junghans, em palestra proferida na Semana Emilie Snethlage de 23 a 27 de agosto de 2021, pelo Canal Avistar Brasil (www.avistarbrasil.com.br), em homenagem à Emília como a pioneira na Ornitologia no Brasil, falou sobre a vida de Snethlage na Alemanha. E contou que a relação dos pastores religiosos com o mundo natural era muito comum, daí entendi o porquê de Emília ter sido tão ligada à natureza.

²³² Obituário feito por Emil-Henrich Snethlage (1930). Essas informações também foram discutidas em conversas com os professores Nelson Sanjad e Miriam Junghans acerca de sua vida antes de chegar à Amazônia.

²³³ Palestra da Avistar Brasil (2021).

²³⁴ Todas essas informações foram apresentadas pela Dr.^a Miriam Junghans e com fontes cedidas pelo Museu Nacional por Marco Crozariol, pesquisador do Museu de História Natural do Ceará, “Prof. Dias da Rocha” durante a Semana Emilie Snethlage em agosto de 2021.

²³⁵ Os estudos do turismo, em sua prática, apontam que o roteiro turístico deve conter esses elementos para que o turista possa usufruir melhor de sua viagem. Além disso, a roteirização garante aos empreendimentos, aos trabalhadores da área e ao setor público que organizem melhor os equipamentos e os espaços nos quais a atividade se desenvolverá (LOHMANN; PANOSSO NETTO, 2008).

dois homens e uma mulher a escrever acerca de Snethlage. Isso também me faz perceber duas escritas sobre ela, as quais têm muito a revelar ao longo do trabalho. Acredito ser importante essa “diferença” nas escritas, pois foi significativo averiguar as disparidades sobre os olhares acerca da mulher, de Emília Snethlage.

Ao ver o nome de Emília Snethlage na pesquisa sobre mulheres cientistas na Amazônia, tive uma visão geral de como ela era particularizada como cientista e mulher. Dentro de uma perspectiva das referências sobre ela e de pesquisa de campo realizada, Snethlage aparece como uma mulher que tinha noção de sua posição de cientista em um universo masculino.

Emília era uma pesquisadora que publicava seus trabalhos com o nome abreviado. As obras acerca dela e as conversas com pesquisadores demonstram-me que sua marca “masculina” está além da abreviação de seu primeiro nome. Alcança a ênfase dada quando seu nome aparece no masculino ou abreviado, escondendo, de certa forma, seu sexo. Ela era vista a partir de seus atributos e feitos científicos no meio em que circulava.

Chego a Belém no ano de 1907. A cidade parece uma extensão de uma Europa em plena floresta Amazônica. Praças, ruas largas e pavimentadas, bondes, mulheres de chapéu e homens de bengalas na Avenida Nazaré com a Quintino Bocaiuva²³⁶. Caminhando um pouco mais, contemplo o Museu Paraense. Encontro Emília no Prédio administrativo, hoje chamado de Rocinha, sentada em sua mesa com cartas e alguns jornais.

Ouç-a comentando com Goeldi a lista de passageiros do Rio Pardo do dia 19 de junho de 1907 para Europa²³⁷: “Dr. E. Snethlage... hum, parece que minha identidade continua ‘secreta’, Dr. Emílio!” Ela solta um breve sorriso nos lábios. E Emílio responde: “a senhora é muito especial Dra. Emília, talvez seja importante esse suspense!”.

Assim, passo a conhecer a mulher cientista em terras amazônicas, ambiente em que fez seu trabalho ultrapassar fronteiras, inclusive, as de gênero na ciência. Ao olhar nas fontes, Emília se via como uma mulher que sabia aonde estava e que seu espaço era demarcado. Contudo, precisava pormenorizar a diferença sexual, pois o gênero²³⁸ acaba moldando as relações sociais entre homens e mulheres. Talvez essa não identificação de Emília, por meio de seu nome, tornou-se uma estratégia de se impor nesse campo masculinizado que era o da ciência

²³⁶ No livro de Sarges (2010, p. 19), a Belém de 1900 passava por grandes transformações. Ao lado do luxo das praças, ruas limpas, espaços científicos como o Goeldi, o intendente Antônio Lemos empreendeu na capital, também, políticas de “higienização”, como a criação de leprosários, hospitais de mendicância e orfanatos fora do centro da cidade. Nas palavras da autora: “no final do século XIX e início de XX, assistia-se, na sociedade brasileira, a transformação do espaço público, do modo de vida, a propagação de uma nova moral e a montagem de uma nova estrutura urbana, cenário de controle das classes pobres e do aburguesamento de uma classe abastada”.

²³⁷ Jornal do Commercio (1907) Amazonas. Brasil. BND, Hemeroteca (2018).

²³⁸ Como informam Butler (2017) e Scott (1995).

no início do século XX no Brasil e na Amazônia. Essas elucubrações advêm da pesquisa de campo no Museu Goeldi e das leituras de autoras e autores que escreveram sobre Snethlage²³⁹.

Acredito ser interessante ressaltar e sugerir, naquele momento, que Emília era consciente de sua condição social: mulher, cientista, solteira e expatriada. Ela sabia de sua “obscuridade”, mas isso não a deixava presa em seu sexo, nem na condição social a ele associada. Ela demonstrava sua força em seu trabalho e o respeito com seus pares na ciência, os homens.

Uma figura feminina, em pleno começo do século XX, ocupou espaços institucionais e percorria paisagens nas quais poucas mulheres passaram. Uma mulher com títulos acadêmicos, muita produtividade e mais ainda “competências, habilidades e zelos com trabalhos em Museu”, assim dizia Emílio Goeldi²⁴⁰. Sua história contribuiu e tem ainda a contribuir para escrever a história das ciências na Amazônia.

Essa marca no nome de Emília Snethlage se fez presente em muitas fontes que vi ao longo das investigações. Pareceu uma coisa simples, ou sem razão de se analisar no início, mas não era bem assim. Percebi que essa abreviação do primeiro nome dela era uma tática para manter seu espaço na ciência. Essas táticas femininas eram diversas para se colocarem no espaço público. Ao longo da construção deste trabalho, notei como o sexo feminino era moldado social e culturalmente pela sua introdução nos territórios sociais, culturais, políticos e científicos. Enquanto o gênero organizava socialmente o lugar da mulher tanto no espaço público quanto no privado²⁴¹.

Na escrita do autor Campos Veras²⁴², Emília não parecia ser uma cientista, mas, sim, uma dona de casa, falando de seus cabelos, entre outras características: “[...] dava-me mais a impressão de uma senhora honrada sertaneja, trabalhada pelos cuidados domésticos, do que uma famosa desbravadora de florestas”²⁴³.

Ao longo de minha viagem com essas duas mulheres, Emília e Heloísa, notei como a

²³⁹ Pesquisa de campo realizada no Museu Paraense Emílio Goeldi entre junho e agosto de 2018, onde pude ler algumas cartas que o professor Dr. Nelson Sanjad me disponibilizou para conhecer a vida de Emília. As conversas em seu gabinete sobre a história dela foram essenciais para pensar quem era Emília. Além das leituras dos trabalhos da Dr.^a Miriam Junghans (2008; 2009; 2010; 2011; 2016).

²⁴⁰ Texto jornalístico produzido por Cunha (1985) sobre a futura funcionária do Museu Paraense.

²⁴¹ Destaco a passagem de Pedro (2005, p. 88): “o uso da categoria de análise ‘gênero’ na narrativa histórica passou a permitir que as pesquisadoras e os pesquisadores focalizassem as relações entre homens e mulheres, mas também as relações entre homens e entre mulheres, analisando como, em diferentes momentos do passado, as tensões, os acontecimentos foram produtores do gênero”.

²⁴² No seu texto “Destinos...”, Campos Veras descreve Snethlage sob uma perspectiva masculina, bastante comum, para sua época, caracterizar uma mulher como Emília a partir de atributos masculinos (1935).

²⁴³ Dessa forma, o gênero na história aparecia com juízos de valor, como demonstra Maria Odila L. Dias (1995) acerca das mulheres brancas, pobres e sem instrução no século XIX, retrato social que perdurou durante o início do século XX.

condição de ser mulher em um universo masculino, o científico, era pautado, amiúde, por masculinizar as mulheres que realizavam atividades de pesquisa como as de Emília, por exemplo. Ir para a floresta sozinha, caçar e andar com outros homens não era “coisa de mulher”.

Faço essa parada no texto narrativo para refletir sobre esse aspecto e retomo a uma das problemáticas da tese: “qual foi a relevância da participação de Emília Snethlage e Heloísa Alberto Torres na produção de conhecimento e compartilhamento de saberes científicos na Amazônia e como construíram suas trajetórias profissionais/científicas nas instituições em que trabalharam?”.

E começo a delinear que, na participação delas, eram reconhecidas por seus feitos científicos, como foram os de Emília. Mesmo que esse reconhecimento tivesse como apoio a figura masculina, suas conquistas foram bases importantes para pensarmos a atual condição da mulher cientista em instituições como o Museu Nacional e o Museu Goeldi²⁴⁴.

E como uma boa viajante à procura do conhecido, do desconhecido e do conhecimento, retomei algumas de minhas anotações e verifiquei indícios a demonstrar que Emília somente foi reconhecida porque ela mantinha um quê de masculino. Como se vê nas fontes: “ao examinar-se a vida máscula da Dra. Emilia Snethlage, tinha-se a impressão de que ella procedia desse paiz exquisito, afastado de nós na distancia e no tempo. Ella era, pelas tendencias do espirito e pela tempera do character, um homem, em toda a extensão moral da palavra”²⁴⁵. Aqui é perceptível como o estudo do gênero pode reforçar que as mulheres para serem reconhecidas tinham de ser caracterizadas como homens.

A maneira como os homens procuravam masculinizar as mulheres era evidente a todo modo. Em virtude de uma tradição da gramática normativa, os títulos acadêmicos eram masculinos, desse modo, as mulheres eram masculinizadas nos espaços que podiam alcançar. Essa abreviação dos títulos, sempre no masculino, teve, nas fontes, descobertas interessantes. Ao longo do texto, a historiografia desvelou essas nuances e, assim, minha escrita procurou fluir como água entre pedras, abrindo, paulatinamente, caminhos no conhecimento no tocante ao papel da mulher na história das ciências na Amazônia e no Brasil²⁴⁶.

²⁴⁴ A partir de McClintock (2010), averigui que a configuração feminina, nesse universo masculino do espaço e da produção científica no começo do século XX, não foi muito sutil, mas Emília conseguiu passar por eles realizando seus trabalhos e estando à frente de muitas pesquisas que poucos homens cientistas realizaram na época. Isso foi também um processo descolonizador que Snethlage empreendeu no Museu Goeldi.

²⁴⁵ Campos Veras (1935, p. 4).

²⁴⁶ Ao estudar a questão do conceito de gênero na história, detive-me em autoras como Judith Butler (2017), Joan Scott (1995) e Joana Pedro (2005), pois estas possuem uma construção da disparidade entre as palavras sexo e gênero, bem como apresentam suas constituições sociais e culturais. Foi uma escolha difícil de determinar que autoras poderiam colocar-me em uma posição objetiva para escrever e pensar acerca dessas mulheres. Ao mesmo tempo, oferecer caminhos novos a pensar o gênero livre de um binarismo. Dessa maneira, procurei possibilidades de dizer que essa construção de uma ciência feminina esteve pautada em bases masculinas, mas que essas cientistas

Emília parece ser tragada por juízos de valor, em que as mulheres sóbrias, que tinham certa rigidez e lançavam-se na carreira acadêmica e profissional na qual tão somente os homens estavam, eram rotuladas com características masculinizadas. Assim, novamente, o gênero revogava a personificação dessas mulheres como “um tipo masculino”, ou deveriam se sobrepor às “suas sensibilidades para alcançar a racionalidade de um homem”²⁴⁷. Dito de outro modo, as suas características femininas deveriam ser tingidas de masculino para se manterem naquele cenário científico e sociocultural da sua época.

A fala de Campos Veras em homenagem à Emília deixa pistas de como as mulheres e o mercado de trabalho eram campos de batalha discretos. Essas percepções fizeram-me compreender que “o trabalho de mulher” era caracterizado com sua natureza feminina, materna, delicada e zelosa²⁴⁸. Novamente, o gênero define o que é o trabalho feminino e o masculino²⁴⁹. Então, Emília quebrou essa barreira, em que as mulheres “deveriam” ocupar espaços menos “perigosos” e mais “delicados”.

Ela atravessou uma área de floresta na Amazônia, onde nenhum outro pesquisador já havia passado. Caçava nas matas, dormia à beira de rios. Ela não levantou bandeiras ou falas acerca dos direitos das mulheres para irem a campo. Snethlage apenas fez seu trabalho e, com ele, pôde romper a cortina grossa desse ambiente e dessas falas masculinizantes na ciência²⁵⁰.

Uma das salas no prédio administrativo do Museu Paraense é o gabinete de Snethlage. Distancio-me e observo o espaço, com estantes, muitos livros. Em uma mesa, encontro um livro em que aparecem os nomes de todos e todas servidores(as) federais do Brasil. Aproximo-me e leio no Almanak Laemmert do Estado do Pará: “Museu Goeldi – Director: Dr. Jacques Huber;

usaram táticas para burlar esse universo masculinizado, como muitas outras antes de Emília e de Heloísa fizeram. As fontes mostram tal aspecto ao longo da narrativa do trabalho.

²⁴⁷ Nas leituras que fiz de Butler (2017), novamente, é nítido o dualismo. Consigo enxergar que Emília e Heloísa tinham marcadores sociais importantes: eram brancas, possuíam uma família com posses econômicas e conseguiram destacar-se fora dos “ditos padrões femininos” de sua época: em que as mulheres estavam para se casar, serem esposas e terem filhos. Scott (1995) e Haraway (1995) reforçam também que os espaços masculinos e femininos pareciam ser “demarcados”, em que os homens e as mulheres, que ficavam no campo científico, tinham seus limites e fronteiras de atuação.

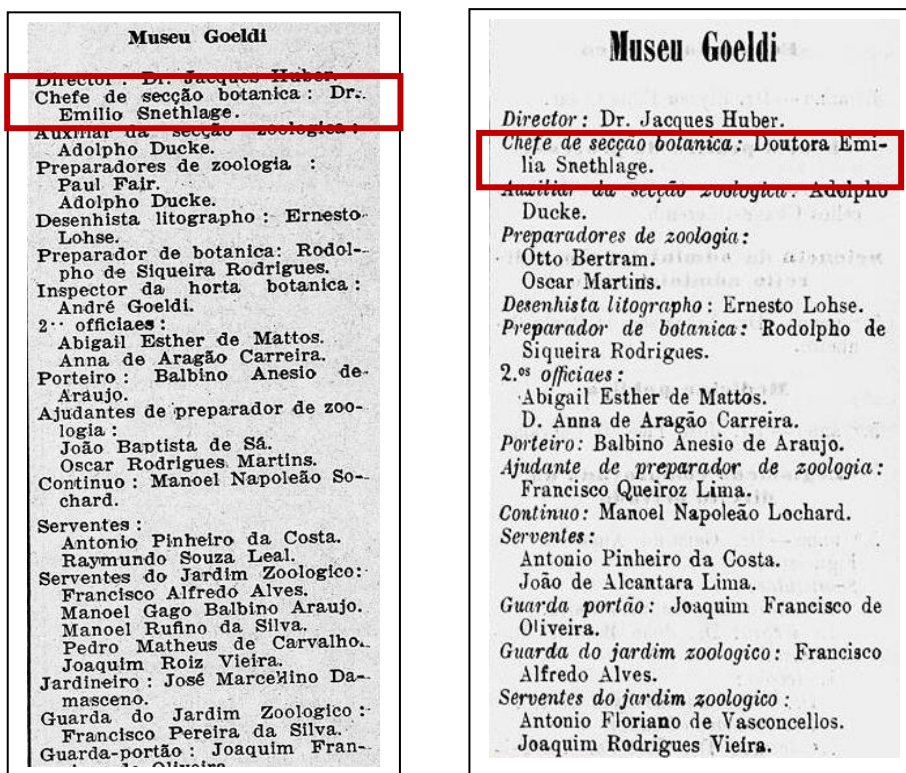
²⁴⁸ Segundo Perrot (2005), Leite (2000) e Thomas (2010), o trabalho feminino possuía uma característica diferente do labor masculino. Interessante perceber essas nuances: para a mulher, o delicado, e para o homem, o rígido.

²⁴⁹ Michelle Perrot (2005) aponta que as características de trabalhos, como de secretárias, enfermeiras e professoras de ensino primário, eram para ser desenvolvidos por mulheres. E na ciência, o gabinete era, talvez, mais bem indicado para uma mulher do que o campo.

²⁵⁰ Aqui quero deixar claro que defendo uma posição feminista na ciência. Acredito ser importante referendar o trabalho de pesquisadoras no Brasil e pelo mundo no campo científico, social, político e cultural (SAFFIOTI, 2013; DAVIS, 2018; GONZALEZ, 2020). Porém, a narrativa em que trago Emília e, mais à frente, Heloísa não pode entrar em anacronismos históricos. Por isso, exponho que elas, em seus contextos históricos e sociais, não expressavam, diretamente, essas questões das pautas feministas na ciência. Daí a importância de ter no gênero essas bases conceituais, que, mesmo não sendo claras naquele momento, demonstravam suas lutas e buscas por melhores condições em seus espaços de trabalho.

Chefe de secção botânica: **Dr. Emílio** Snethlage²⁵¹. Isso no ano de 1908. Paro e continuo a contemplar o grande livro e, em 1911, o Dr. Emílio tornou-se **Doutora Emília** Snethlage (Figuras 6 e 7)²⁵². Realmente, até sua identidade tornou-se um desafio para Emília, que trabalhava na seção de zoologia, e não botânica como consta nos documentos a seguir. Todavia, pelas fontes, ela não pareceu incomodar-se com isso, posto que esse espaço surgiu como seu refúgio e sua força para seguir.

Figuras 6 e 7 – Nome de Snethlage grafado no masculino (1908) e depois no feminino (1911)



Fonte: Hemeroteca da BND (BRASIL, 2018).

Após ler os documentos, percebo o quanto Emília tem um mistério, mas não no sentido negativo. Pelo contrário, um mistério bom a ser desvelado por outra mulher. E nada mais empolgante do que assoalhar caminhos e conhecer pessoas diferentes em uma viagem²⁵³. Ao deslocar-me pela trajetória de Emília Snethlage, entro cada vez mais na história das ciências na

²⁵¹ Fonte da Hemeroteca da BND (2019) em que surge o nome de Emília no masculino. Quero ressaltar que a fonte está incorreta, pois, Emília Snethlage trabalhava na seção de zoologia do Museu Paraense, e não na seção de botânica como informa o documento.

²⁵² Recorte das fontes obtidas pelo *site* bndigital.bn.gov.br, sem restrição de acesso ao arquivo.

²⁵³ No livro de Trigo (2013), a viagem é um processo de conhecimento que pode transcender o simples e deslocar-se. Ela pode ser a busca de si em outros lugares e até em estar com outras pessoas. Dessa forma, sinto-me quando estou nessa peregrinação ao lado dessas duas cientistas. Uma busca por mim mesma na academia, como professora e como pesquisadora na área do turismo.

Amazônia. E sigio descobrindo o quanto essa cientista foi importante para o campo científico aqui na região. E, assim, continuei minha saga ao lado de Emília tentando manter-me no seu dia a dia no Goeldi e ouvindo as histórias de suas pesquisas de campo.

A região Amazônica, sob o apogeu do mercado da gomífera²⁵⁴, vivia os melhores momentos de uma sociedade que almejava o desenvolvimento e os bons costumes, ainda pouco “desenvolvidos” no Brasil. As províncias do Amazonas e do Grão-Pará viviam uma “guerra particular” para se tornarem vitrine do látex da região amazônica para o mundo. “Foi a economia da borracha que facultou às elites das duas províncias [Amazonas e Pará] uma aproximação social e cultural com a Europa, já de muito cultivada [...]”²⁵⁵. Dessa maneira, ainda era a Belém em que Emília estava: um fervor cultural, social e político que pairava na cidade.

Belém era uma cidade que abrigava pessoas de diversas nacionalidades naquele momento em que a economia saltava com a exportação da borracha. No Museu Goeldi, criou-se um celeiro de cientistas, que tornariam o espaço um local em que a ciência encontraria com toda a grandeza amazônica. Emílio Goeldi, ao chegar em Belém, tomou a responsabilidade de dirigir o Museu de História Natural da cidade e da região e erigiu ali um “templo para os intelectuais [...] Ele [Goeldi] exigiu que todos os contratados residissem nas dependências da instituição, tal como acontecia com o Museu de História Natural de Paris”²⁵⁶. E assim viveu Emília entre o trabalho e o particular, entre o público e o privado.

Significativo notar essa mobilidade de Snethlage entre o Museu Paraense e a sociedade local. Notei, nos escritos de Sanjad, que a construção desse espaço científico não foi tão fácil. Desapropriação autoritária, regime disciplinar severo, entre outros elementos, foram exigências que Emílio colocou na sua “colônia científica”²⁵⁷. Parece que o viver científico no Museu

²⁵⁴ No Pará, até o começo do século XIX, a economia do Estado estava focada nas “drogas do sertão” (canela, cravo, frutas etc.). Com relação à borracha e ao mercado da gomífera, este se iniciou na segunda metade do XIX, “[...] é que o Pará adquiriu um relativo desenvolvimento econômico em decorrência da produção e exportação do látex determinado pelas exigências da indústria internacional” (SARGES, 2010, p. 91).

²⁵⁵ Tomei também por base o livro da Prof.^a Dr.^a Ana Maria Daou, geógrafa da UFRJ, intitulado “*A Belle Époque amazônica*” (2004). Nessa obra, é visível como o embate entre Pará e Amazonas criou, de certa maneira, contextos para que essas cidades pudessem desfrutar do que mais moderno, em relação à cultura e à ciência da extração da borracha, havia naquele período. O próprio Museu Goeldi realizava trabalhos acerca da importância do látex para região.

²⁵⁶ A obra de Nelson Sanjad, “*A Coruja de Minerva*” (2010), foi uma leitura importante para conhecer a história da criação do Museu Goeldi e de toda história em torno da ciência que foi formada, produzida e divulgada a partir dessa instituição de pesquisa na região Amazônica. E foi significativo conhecer essas nuances sobre como viviam os pesquisadores(as) e trabalhadores(as) em geral nesse espaço. Além de apresentar que os principais cargos eram de estrangeiros, como Jacques Huber (Suíça), Hermann Meerwarth (Alemanha), Adolph Ducke (Trieste, que era uma cidade da Áustria, mas que hoje é italiana) e, por fim, Emília Snethlage (Prússia).

²⁵⁷ Interessante notar como o Museu, no início de sua construção, causou certo “dano” à população local e, em certos momentos, sendo preconceituoso com os residentes ao redor. É o jogo do dito “desenvolvimento”, que, para

Paraense nem sempre foi tranquilo ou de glórias. Seus funcionários(as), sejam pesquisadores(as), técnicos(as) e demais trabalhadores(as), estavam sob as rédeas de seus diretores. De tal modo que público e o privado se misturavam no mesmo local.

Depois de notar essas questões, procurei enxergar como Emília estava inserida na sociedade belenense. Ao ver as diferentes nacionalidades que circulavam na cidade, retornei ao prédio da rocinha e visualizei-a tomando um café e conversando com a bibliotecária, Abigail de Mattos, sobre a noite agradável no casamento do cônsul da Suécia, Ernest Paschen, e a baronesa, Jutta von Dungen.

Tudo isso aconteceu na casa do cônsul da Alemanha em Belém. Um casamento à altura da *Belle Époque*, como Emília lê para sua colega de trabalho na nota do jornal: “durante os actos fez-se ouvir a senhora Franz Berringer, irmã da nubente, acompanha ao piano pelo maestro Paulino Chaves [...]. A noiva vestia rica *toilette*, sendo a sua grinalda artisticamente feita de botões naturais de laranjeira”²⁵⁸.

As duas parecem deliciar-se com a notícia bem descrita no jornal. E Abigail comenta com Emília: “Doutora, a senhora esteve lá e viu esse belo arranjo? Imagine! Botões de laranjeira? Será a última moda em Paris?”. Emília sorri e responde: “sim, Abigail, uma bela grinalda, tudo muito delicado e de acordo com a ocasião. Porém, eu não sei lhe dizer se os botões de laranjeiras estão em moda em Paris, mas aqui parece que sim”. E, ao fim, as duas riem e seguem para mais um dia de trabalho no Museu.

Nessa edição do Jornal Estado do Pará, de quinta-feira de 1916, percebi que, mesmo com o regime rigoroso, que detinha possíveis brechas, imposto por Goeldi aos seus colaboradores, havia, talvez, uma diferença para os(as) cientistas/pesquisadores(as). Emília possuía um grau, era Doutora na sua área, talvez usufrísse de mais liberdade ao entrar e sair de seu espaço de trabalho e moradia, que era o Museu Paraense. Essa fonte representou um indício importante para compreender que as mulheres circulavam pelos espaços científicos e privados, da/na *Belle Époque*, em Belém.

A discussão aqui é a de que Belém estava no rol das capitais que cresciam economicamente, mas também aglutinava pessoas que formavam uma elite social, política e intelectual. A lista de pessoas presentes, no casamento do casal de nobres, demonstra a presença

se ter ganhos, outros devem perder. Como demonstrou Sanjad (2010), a ciência naquele momento foi colocada em primeiro lugar.

²⁵⁸ Encontrei essa fonte na Hemeroteca da BND do Jornal Estado do Pará, de 20 de janeiro de 1916 (BRASIL, 2019). Bastante interessante, porque foi a primeira vez que vi o nome de Emília longe da ciência. Ela estava em uma roda “de amigos”, em uma festa, em um cenário bem pessoal. Observa-se, então, que Emília circulava nos espaços privados da cidade, principalmente, naqueles em que os estrangeiros que residiam na capital estavam.

dessa classe burguesa, que seguia crescente durante o apogeu da produção e da exportação de borracha na região. Emília estava nesses ambientes sociais, interessante notá-la circulando em meio a diferentes pessoas, que não eram cientistas, ou ligadas diretamente ao campo científico²⁵⁹. Ali ela representou a ciência na cidade, pois já era diretora do Museu e, desse modo, foi colocada na nota do Jornal: “seguiu-se o jantar, no qual tomaram parte, além do sr. Franz Berringer, consul do Imperio Allemão e senhora, os srs. Arthur Seligman, consul da Bolivia, e senhora, [...] Carl Ludwig e senhora; Dr. Theodoro Braga e senhora, [...] dra. Emília Snethlage, diretora do Museu Goeldi [...]”²⁶⁰.

Com base nessa fonte, parei e refleti durante a caminhada ao lado de Emília. E algumas questões vieram à minha mente e coloco-as no meu caderno de campo. A primeira delas foi de que Snethlage já parecia estar ambientada em Belém, participando de círculos sociais fora da atmosfera científica do Museu Goeldi. Sua participação no casamento surgiu como uma pista para evidenciar que seu prestígio, como diretora de uma instituição de pesquisa como o Goeldi, tinha certo peso na sociedade naquele momento. Em virtude disso, as mulheres demonstravam o alcance de seus espaços, mostrando que, mesmo invisível para o grande público científico, ela estava ali com participação ativa no cenário histórico, social e cultural da cidade.

Um ano antes, em 1915, Emília surgia nas notícias sobre o progresso e as atividades realizadas no Museu, já sob a sua direção. A Assembleia Legislativa descrevia o trabalho feito por ela, destacando suas viagens nos rios Xingu, Iriri e Curuá. Segundo os representantes do Estado, o cientista Adolfo Ducke e ela enriqueceram as coleções do Museu Paraense com as viagens realizadas e com as diversas espécies que ganharam espaço na coleção museológica:

Ambas essas excursões contribuíram consideravelmente para o aumento das colleções scientificas do estabelecimento, sendo que a primeira foi também de apreciável resultado geográfico, por haverem sido percorridos vastos trechos de terras desconhecidas, das quaes se levantou planta²⁶¹.

Essa fonte reforça o quanto o trabalho desenvolvido por ela fazia diferença no cenário de incremento do Museu. Sua gestão foi, também, importante e marcou a sua posição como

²⁵⁹ Acerca desse debate, faço breve referência à tese de Tavares Junior (2012) em que a educação, na cidade de Belém, em meados do século XIX, com a criação da Escola Normal, contrastava com as transformações que aconteciam quanto ao acesso ao conhecimento na capital. O alcance dos estudos convergia com a divisão de classes e com o acesso étnico e sociocultural. Assim, a discussão sobre uma determinada classe social ascender aos projetos de conhecimento amplia o debate que faço aqui sobre Emília estar em determinados ciclos sociais.

²⁶⁰ São apenas algumas personalidades que surgem na nota do Jornal Estado do Pará de 1916, entre outros nomes, estão pessoas ligadas ao consulado da Suíça e a outros nomes, os quais, até o momento, não descobri (BRASIL, 2019).

²⁶¹ Mensagem do Congresso Legislativo do Pará, 1915, do Dr. Eneas Martins, governador do Estado, texto contido na Hemeroteca da BND (BRASIL, 2019).

pesquisadora e diretora.

Essas fontes mapeadas indicaram quanto o seu trabalho no Museu foi relevante. Sua participação nessa instituição, mesmo que, pouco, demonstrou como sua trajetória, em um espaço feminino, deixou marcas e indícios de que mulheres cientistas tiveram um papel fundamental na construção de uma historiografia da ciência no Brasil, em especial, na Amazônia. A partir desses elementos, narrei sua caminhada no Goeldi e na relação que esse espaço tinha com o Brasil e com exterior. Minha viagem ficou mais cheia de elementos que demonstram como o feminino, mesmo que invisibilizado, estava presente na ciência brasileira.

Emília era a única mulher com o mais alto grau acadêmico na instituição, depois da morte de Huber e de outros funcionários do Museu. Ela poderia ter se sentido sozinha naquele momento? Essa foi a indagação que pairou ao ler mais e mais sobre o momento que antecedeu a I Guerra Mundial. Notei que Snethlage cumpria com afinco e, inclusive, reconhecimento de sua posição como diretora das atividades do Museu Paraense, entre 1914 e 1917, como trazem as fontes de sua gestão.

Entre fevereiro de 1914 e abril de 1917, Emília Snethlage dirigiu o Museu Paraense, assumindo desde a organização de produtos a serem levados a feiras internacionais a intercâmbios de espécies animais entre museus ingleses, alemães e o Goeldi. Cartas, ofícios e memorandos são algumas das fontes que demonstraram que ela assumiu essa responsabilidade muito abruptamente, mas que ela conseguiu manter a instituição funcionando²⁶². São nessas pistas que vejo Emília tomando seu lugar, que ia além da cientista. Uma mulher que criou possibilidades para se manter nesse espaço, além de abrir portas para outras mulheres.

O ano de 1914 foi o começo das novas atividades de Emília. Correspondências demonstraram que ela já recebia incumbências para dar conta das trocas de espécies entre o Museu Paraense e museus como o de Londres: “*Carta do British Museum (Natural History) / Cromwell Road, London, S.W.* “Fui instruído pelos curadores do Museu Britânico a transmitir a você a expressão de seus melhores agradecimentos pelo presente [...]”²⁶³. Vejo Emília envolta nessas correspondências e penso quanto trabalho teve de acumular. Contudo, ao estar perto dela, durante minha viagem, senti que se entregava ao seu trabalho.

Ao que indica a fonte, o Goeldi continuava a despontar como instituição forte na pesquisa científica no Brasil e no exterior. As correspondências demonstram uma volumosa

²⁶² Em fevereiro de 2020, iniciei, como voluntária, a digitalização do material pertencente ao acervo do período da gestão Emília Snethlage no Goeldi, no Arquivo Guilherme de La Penha/MPEG. Comecei com as documentações de 1914 e até o decreto da pandemia da Covid-19, em março, já havia digitalizado até o ano 1917.

²⁶³ Acervo do Arquivo Guilherme de La Penha Fundo Emília Snethlage. Data: 23/02/1914 / Do Diretor do Museu para Emília – assunto: envio de espécies do Brasil, do Museu para o Museu História Natural de Londres.

troca de informações, livros e, principalmente, objetos entre museus. Em 1º de julho de 1914, Emília recebeu uma correspondência do *Kgl. Universitäts-Bibliothek München*, em que essa instituição agradeceu o envio do Volume XVIII do Boletim do Museu Paraense²⁶⁴. Percebo as trocas culturais e, sobretudo, científicas realizadas naquele momento. Como Snethlage manteve essa rede de contatos, conseguiu garantir ao Goeldi um patamar elevado em suas discussões nacionais e internacionais. Tais dinâmicas demonstram como a história das ciências estava ligada a essas redes de conhecimento²⁶⁵.

Como Emília entrou no cargo da Direção do Museu Paraense abruptamente, muito trabalho acumulou-se. Embora, pelo que vi durante minha viagem de pesquisa, Snethlage tenha parecido organizada. Entre março e abril de 1914, há uma troca de correspondências interessantes entre o Museu Goeldi e o Governo do Estado para enviar um mostruário de peças que deveriam participar da Exposição de Londres em maio desse mesmo ano. Dessa forma, vejo Emília lendo um ofício, do dia 28 de março 1914, da Associação Comercial do Pará: “solicita ao Museu Goeldi um mostruário para a Exposição de Productos Tropicaes em Londres, junto da comissão que se reunia na Secção de Agricultura (19:30 as 21:30); o mostruário deveria estar pronto até 5 de maio de 1914”²⁶⁶.

Em seguida, vejo-a chamando por Abigail e Anna em seu gabinete para organizar o mostruário, separar as peças etc. “Meninas, venham até aqui, por favor. Recebi ontem esse ofício solicitando material para a Exposição de Londres e precisaremos organizar os materiais e listas do que o Museu irá contribuir”. As únicas mulheres da instituição se reúnem e trabalham em conjunto. Emílio Goeldi foi um diretor à frente do seu tempo ao trazer para o quadro de funcionários de uma instituição pública as mulheres.

É evidente que dividir um salário por duas pessoas não era tão digno, e nunca será, pois o direito de uma ou um trabalhador é ter seu salário. Apesar de todo modo, pensei como uma iniciativa pioneira naquele momento, tanto que analisei que o estudo do gênero se faz por esses eventos que marcam a história. Tais fatos não parecem tão “corretos”, mas ajudaram a pensar o que hoje se compreende acerca das mulheres nos espaços científicos²⁶⁷.

²⁶⁴ Acervo do Arquivo Guilherme de La Penha Fundo Emília Snethlage (BRASIL, 2020).

²⁶⁵ No texto de Cyrus Mody (2016), “*The Professional scientist*”, fica claro como as cartas entre cientistas e técnicos sustentaram a configuração da história das ciências como um processo contínuo por meio desses personagens. Penso Emília como uma cientista que integrou uma rede internacional de conhecimento ao estar à frente do Goeldi e manter as atividades com outras instituições e pessoas da ciência naquele momento.

²⁶⁶ Acervo do Arquivo Guilherme de La Penha Fundo Emília Snethlage (BRASIL, 2020).

²⁶⁷ Durante minha pesquisa de campo, conversando com Prof. Nelson Sanjad, ele me chamou atenção para esse fato. Obviamente, hoje tal ato de Goeldi é uma afronta a qualquer trabalhadora ou trabalhador. Embora, no seu livro: “A coruja de Minerva” (2010), ele já apontasse tal “novidade” no funcionalismo público brasileiro e na sua fala durante a Semana Emília Snethlage, no dia 25 de agosto de 2021, pela Avistar (2021). Ele deixa evidente o pensamento progressista de Emílio Goeldi em trazer mulheres para aquele Centro de Pesquisa, destacando o

Dessa maneira, Abigail e Anna saem do gabinete e começam a organizar o pedido para a exposição. O trabalho de Emília continua: respondendo as cartas dos museus, organizando o parque zoobotânico e deveria, ainda, pensar em suas viagens de campo pela região e para o exterior. Mesmo com todas essas atividades, elas conseguem entregar os pedidos. Vejo Anna perguntar à Abigail: “Abigail, você viu a animação da Dra. Emília ao entregar os produtos para Associação Comercial? Ao que esta responde: “sim! A doutora ficou muito contente, porque tudo foi enviado dentro do prazo e de pronta organização. Acredito que nosso trabalho está sendo reconhecido”.

Entre 29 de março, data do primeiro ofício, e 25 de abril de 1914, Emília recebeu um ofício no qual a Associação Comercial do Pará agradeceu pelo material recebido: “[...] ofício de nº 20 enviado do Museu, por Snethlage, o mostruário para exposição e dos mapas que foram também solicitados no pedido anterior; agradece a “promptidao” e o atendimento do pedido solicitado. Remete: Presidente da Comissão Sr. [ilegível] Ferreira Teixeira”²⁶⁸. Snethlage dedicou-se, com outras mulheres para manter as ações do Museu Paraense em várias frentes. Desde a parte essencial das pesquisas científicas até atividades mais corriqueiras demandadas naquele momento.

Afasto-me um pouco e observo sua dinâmica, uma mesa repleta de documentos, listas de espécies. E, por ali, fazendo companhia, está seu gato Maracajá. Entre a escrita de uma carta e outra, orientações aos outros servidores do Museu, Emília recebia o afago de seu animal de estimação. Outra figura que despontava na companhia dela eram os macacos. Ela chegou, até mesmo, a levar o “Chico” para a casa de sua família na Alemanha, todavia ele não se deu muito bem no frio europeu e morreu. Antes disso, Chico “se divertiu” bastante nas cortinas da residência da família Snethlage²⁶⁹. Mediante esse cenário, vejo-a responder a muitas cartas do exterior, pedidos do governo do Estado e tudo que a direção do Museu Goeldi demandava.

Nesse momento, parei, brevemente, minha viagem, sentei-me em um canto, peguei minha caneta e meu caderno de campo e pensei em algumas hipóteses sobre a vida dessa cientista. Ao ver Emília à frente da direção do Goeldi, consigo enxergar, a partir das leituras que fiz sobre gênero e ciência, que esse lugar ocupado por ela garantiu possibilidades para

trabalho delas com elogios. Realmente, naquele período histórico, foi um salto para as mulheres no espaço público institucional em Belém e no Brasil.

²⁶⁸ Acervo do Arquivo Guilherme de La Penha Fundo Emília Snethlage. Doc. 7: Carta: Associação Comercial do Pará, dia 25 de abril de 1914. “Exma. Snra. Dr.^a Emília Snethlage D. Director Interino do Museu Goeldi” (BRASIL, 2020).

²⁶⁹ Dos dias 23 a 27 de agosto de 2021, o Canal Avistar Brasil (www.avistarbrasil.com.br) apresentou a Semana Emília Snethlage, em homenagem à Emília como a pioneira na ornitologia no Brasil. Durante o programa, pelo canal do *YouTube*, seu sobrinho-neto, Alhard Snethlage, falou sobre a ida do macaco Chico à Alemanha, além de outros momentos sobre a história de tia Milla, como Emília era chamada pela família.

outras mulheres, visto que, por sua posição como Doutora e seu trabalho a ser desenvolvido com muito afinho e resultados, expressos pelo próprio Goeldi e Huber, Snethlage quebrou a primeira fronteira do gênero: não foi diretora por ser uma mulher e ser “sensível ao cuidado e à atenção” como as mulheres eram vistas quando em alguma função²⁷⁰. Emília tinha atributos científicos e administrativos para atender às necessidades daquela instituição. Ela não era “cuidadora” do Museu por ser mulher, era uma funcionária com qualidades profissionais que a direcionaram para aquele status.

Essas conquistas, no entanto, não foram tão simples tampouco sem momentos difíceis para ela. De fato, a disputa entre o masculino e o feminino esteve presente na vida de Emília, principalmente, quando assumiu a direção interina do Museu Goeldi, mediante a morte de Huber, o período da I Guerra Mundial e o Brasil tendo declarado guerra à Alemanha junto com Portugal. Nesse momento, vi-me em meio às tramas que parecem roteiros de filmes de suspense. Emília começou a ser alvo de calúnias, suspeitas de contrabando e até de realizar atividades impróprias dentro do Museu Paraense. Será que era por que ela era uma mulher?

Entre os anos de 1920 e 1921, o jornal O Estado do Pará, em Belém, noticiava acontecimentos sobre o Museu Paraense relacionados ao contrabando de material científico e a atitudes suspeitas da diretora da instituição. Nesse momento da minha viagem, sinto certa apreensão e procuro saber o que aconteceu nessa ocasião com Emília. Chego a uma visita ao Museu Paraense um dia depois da notícia em que ela precisou abrir algumas caixas, que deveriam partir com ela para Alemanha e que o funcionário do governo do Estado, sr. Eladio Lima, encarregaria o sr. M. Braga Ribeiro para conferir o conteúdo.

Os episódios aconteceram entre final de junho e início de julho de 1920. As notícias nos jornais da capital dão conta da averiguação do conteúdo das caixas e da idoneidade de Emília, ao que é levado a cabo o que ela fazia no Museu, inclusive, dando destaque aos gastos que se faziam nessas viagens, recebimento de fundos para a pesquisa. Definitivamente, as notícias pareciam pôr em dúvida o seu trabalho e o seu caráter. Depois da análise dessas fontes, voltei a estar perto de Emília e notei o ar de preocupação, ao mesmo tempo, surgiu certa firmeza em sua atitude ao realizar o procedimento de conferência do conteúdo. Observo-a ler o jornal O Estado do Pará de 21 de junho de 1920:

Num dos vapores que devem sair deste porto com destino á Europa, ao que nos informam, serão embarcadas 28 caixas contendo espécimens vários angariados pelo

²⁷⁰ Em leituras de Perrot (2005; 2019), compreendi que, a partir dos séculos XVIII e XIX, com a industrialização, criou-se o “trabalho de mulher”, sendo as operárias as primeiras a terem esse “novo espaço”. Uma divisão sexual do trabalho. A mulher teria o potencial de ser mais cuidadosa, por isso, o trabalho na educação e na enfermagem.

Museu Goeldi e pertencentes á senhora Emilia Snetelage, funcionaria do mesmo estabelecimento. Esses espécimens destinam-se á Allemanha²⁷¹.

Emília parece pensativa, mas segue sua rotina no Goeldi. Preparando seus relatórios, respondendo às cartas de instituições nacionais e internacionais. A diretora não parece se abater, pelo menos, externamente. Mas o que será que ela sentiu dentro de si? Não saberei, no entanto, como mulher e pesquisadora, posso imaginar a sua mágoa e, talvez, certa indignação.

Ao que tudo indica, esses foram um dos primeiros momentos de dificuldade que Emília enfrentou no término da I Guerra. Parece que a alemã não era mais bem vista na instituição e na cidade. Museu Goeldi, de certa maneira, pertencia a uma “parcela” significativa da elite belenense²⁷². Assim, as notícias nos jornais oferecem possibilidades de entendimento, de que ela deveria tomar mais cuidado, uma vez que olhavam tudo o que acontecia dentro e fora da instituição.

Com esse acontecimento, Emília se preparava para receber um funcionário do governo para conferir o conteúdo. A viagem para Alemanha estava atrasada por conta desse “contratempo”. Todavia, ela seguia suas atividades normais, aguardava a verificação e tendo preparado uma lista com todos os espécimes que continham na caixa, além de prestação de contas de fundos financeiros que ela recebeu de instituições estrangeiras. Parecia que Snetelage não se abalava com isso. Ela estava ali com os funcionários do parque zoológico, verificando as jaulas de animais e realizando as várias outras ações do Museu naquele momento.

Dias depois, precisamente no dia 6 de julho de 1920, por volta das 8 da manhã, Emília estava pronta para receber a visita do sr. M. Braga. Por perto, sempre estava Oscar, seu companheiro de viagem, e Abigail, a outra funcionária do Goeldi. Enquanto conversavam, Oscar pergunta à Emília: “Doutora, o que eles irão fazer com a sua caixa?”. Ela responde: “eles apenas irão conferir o conteúdo, Oscar. A caixa é do Museu Goeldi. Tudo que está dentro dela, está aqui na lista que preparei”. E Abigail completa: “isso mesmo, a Dra. Emília já havia enviado a nossa lista ao Governo, e contém tudo o que está dentro das caixas, acredito que não teremos problemas”.

O acontecimento tinha interesse público, em virtude disso o mesmo jornal publicava uma nota sobre a verificação do conteúdo que aconteceria naquele dia, feito pelo funcionário do governo. Assim, noticiava O Estado do Pará:

²⁷¹ Fonte Jornal O Estado do Pará, 21/06/1920 (BRASIL, 2018).

²⁷² Em Sanjad (2010, p. 220), é notável a importância do Museu Paraense para a cidade, e a construção de uma nova sociedade no Pará, com projeto político republicano que estava nascendo, destaco esse trecho: “[...], o Museu tornou-se parte importante da identidade local, desejosa de estender sua educação e refinamento para as massas, de incorporá-las em um projeto modernizante que acreditava estar inaugurando”.

O dr. Eladio Lima, secretario geral do governo, convidou ao sr. M. Braga Ribeiro, em officio, para assistir hoje, ás 8 ½ da manhã, no Museu Goeldi, á abertura das caixas que deviam seguir para a Allemanha com a directora daquelle estabelecimento e que contêm varios especimens naturaes para estudo e classificação scientifica. Esses especimens serão conferidos pela lista que aquella funcionaria enviou oportunamente ao governo do Estado.

Dessa forma, a verificação da caixa ocorreu normalmente. As listas foram conferidas, os exemplares contados, e tudo o mais que o Governo desejava saber acerca das coleções que ela levaria para Alemanha. Tal “cerco” foi criado após as animosidades da I Guerra. Mesmo tendo encerrado, os ventos da desconfiança, que pairavam sobre o Museu Goeldi e sobre Emília, continuariam na mira dos olhares, sobretudo, os masculinos.

Recordo-me da biografia de Cunha sobre Emília quando este narrou a visita do naturalista francês Paul Serre, o qual fez um comentário não muito agradável no tocante à presença de Sneath no Museu: “o tal naturalista francês, cheio de desdém, chegou ao ponto de escrever que todo o Museu do Pará desprendia um *odor germânico*”²⁷³. A nota escrita na biografia de Cunha traz o antigermanismo causado pela I Guerra.

Acredito ser interessante fazer uma breve discussão acerca de como parte da história social tem demonstrado como as mulheres eram tratadas. Como irracionais, loucas, sem aptidões para trabalhos técnicos e muito vulneráveis às emoções. O estudo do gênero tem contribuído para possibilitar pensar tais condições em que as mulheres eram colocadas. Principalmente, quando estas começaram a ocupar determinados cargos no setor público. Notei, nas fontes, que Emília foi inserida em situações que poderia ter, sim, sua responsabilidade. Pelo fato de ela ser mulher, sugere-se que a situação foi emblemática devido a esse fato.

O episódio acima não trata, diretamente, de um ataque à “mulher” Emília, de certa maneira, ao feminino, nem de histeria ou algo parecido. A figura da mulher na sociedade, há muito, era vista com ambiguidades, sendo a caracterização delas ligadas à natureza, sempre as colocou como indivíduos incapazes de assumir determinadas ações²⁷⁴. A questão da verificação das caixas pode dar sinais de que Emília não era capacitada para organizar tais materiais.

Além disso, as animosidades criadas, após a I Guerra Mundial, com a Alemanha deixaram cicatrizes nas relações diplomáticas, as quais chegaram até o poder no Museu Paraense naquele momento. O estudo sobre o Museu Paraense, que compreende ainda o período imperial e o começo da República, apresenta detalhes de que esse espaço era disputado política,

²⁷³ Biografia de Cunha (1989, p. 92).

²⁷⁴ O artigo de Magali Engel (2015), sobre a relação entre o feminino e o estudo da psiquiatria, trouxe-me pistas para compreender como as mulheres eram vistas seres apenas emocionais e incapazes de estarem no convívio social quando elas saíam de seus “papeis” na condição de mãe, de esposa, de filha etc.

social e economicamente²⁷⁵.

Depois disso, parecia que as coisas voltariam ao normal no Museu Paraense; ainda com a efervescência da I Guerra, notei em volta que a “normalidade” pairou até julho de 1920 quando outra notícia no jornal trouxe à tona um possível “contrabando científico”, em que a questão com as coleções que Emília levaria em viagem para a Europa. O tema foi tratado como algo que o Governo do Estado deveria apresentar explicações aos fatos anteriormente narrados acerca das caixas. A nota no jornal explica isso:

Para evitar duvidas relativamente a factos da administração e direcção scientifica do Museu Goeldi, a Secretaria Geral do Estado faz público que os motivos da viagem da respectiva diretora, dra. Emilia Snethlage fôram conhecidas do governo sendo dada a auctorização á vista da procedência dos mesmos e conveniência do estabelecimento²⁷⁶.

O trecho do documento é longo, mesmo assim procurei realizar uma análise em parte dessa fonte, visto que ela traz muitos indícios importantes sobre esses últimos momentos de Emília no Museu Goeldi. O primeiro deles talvez seja pelas animosidades que ainda ficaram, mesmo no pós I Guerra, entre Brasil e Alemanha. Então, deixá-la poderia criar tensões no governo estadual.

Um segundo indício é de que a permanência de Snethlage, uma mulher estrangeira de origem alemã, em cargo tão importante como na direção do Museu, aumentaria as chances de a instituição continuar em declínio. Esses entraves permaneceriam até meados de 1922.

Essa primeira parte indicou que o governo ainda apresentava respeito pelo trabalho desenvolvido por ela na instituição. A nota traz explicação de tudo que foi feito, do que seria levado em viagem, das trocas de informações e das espécies científicas entre outros museus. Além de reforçar a importância dos estudos que o Museu Paraense fazia dentro e fora do país. A notícia informa, ainda, que tudo que estava com Emília para a viagem foi rigorosamente auditado pelo Governo estadual:

As colleções de aves e a de objectos que interessam a estudos da ethnographia sul-americana, acham-se catalogadas escrupulosamente, tendo sido entregue a relação competente á Secretaria Geral antes de quaesquer denuncias infundadas de desvios de objectos pertencentes ao Museu²⁷⁷.

²⁷⁵ O livro de Sanjad (2010) expõe importantes momentos e as disputas que ocorreram no Goeldi e como elas moldaram, de certa forma, esses momentos desconcertantes para Snethlage. A elite patriarcal da cidade de Belém tomava várias frentes na sociedade, ao passo que o Museu Paraense era um espaço de destaque. Assim, supõe-se que a disputa por estar à frente dessa instituição também foi uma questão de gênero.

²⁷⁶ Fonte Hemeroteca da BND, Jornal O Estado do Pará, 10 de julho de 1920.

²⁷⁷ Fonte Hemeroteca da BND, Jornal O Estado do Pará, 10 de julho de 1920.

São nesses pontos que penso como Emília foi uma cientista que cumpriu muito mais que sua função de pesquisadora. Ela, verdadeiramente, foi também uma gestora e, mais do que isso, soube perseverar no meio desses tempestivos momentos.

A fonte me apontou que as mulheres puderam, sim, conquistar e assumir papéis e espaços importantes na construção da ciência no Brasil. No caso mais específico aqui na Amazônia, isso se deu por meio do trabalho que Emília Snethlage desenvolveu ao longo dos 17 anos em que esteve por aqui. Ela entrou como auxiliar técnica e chegou à diretoria da maior instituição de pesquisa. Seu trabalho foi reconhecido pelas autoridades locais, como o próprio documento mostra. Ao mesmo tempo em que noto esse “reconhecimento e respeito” por ela, também percebi que os olhos do poder local estavam atentos aos acontecimentos.

Ao longo da nota, também surgem informações sobre importâncias financeiras que Emília recebera de instituições internacionais, como a *Bressler Stiftung*²⁷⁸, para desenvolver suas pesquisas. Tal quantia foi dada à Snethlage antes da I Guerra, deixando mais evidente que ela era observada, pois todas as “justificativas” surgem na informação do Jornal. Ao verificar essa fonte, analisei se esses elementos teriam realmente interesses públicos. Ou, será que já havia essa desconfiança com relação à pessoa da diretora? Bem, até o momento, as fontes apresentaram-se como uma luz apontando que uma mulher, uma estrangeira, talvez, não pudesse estar em um lugar como esse.

Por fim, a nota da Secretaria-Geral do Estado continua ao referendar trocas entre os Museus: Paraense e Nacional do Rio de Janeiro, explicando que o Museu Goeldi ofereceu espécies em duplicatas para o Museu Nacional, posto que eles tinham excelentes pesquisadores, mas que não possuíam artefatos para os estudos, incluindo espécies amazônicas. Conclui deixando claro que Snethlage sempre esteve à disposição para esclarecimentos: “finalmente, nunca da diretoria negou informações ou esclarecimentos, nem os recusará, a quem quiser manifestar-se conscientemente sobre o nosso estabelecimento científico, ou os actos de sua administração”²⁷⁹.

Os anos de gestão de Emília foram intensos pelo trabalho que ela desenvolveu como pesquisadora e gestora e pelos acontecimentos que ocorreram entre 1914 e 1917 quando ela foi afastada do cargo em virtude da I Guerra Mundial. Retornando em 1920 e ficando em Belém até 1922. Nesse período, muitas situações fizeram com que ela sentisse certa mágoa, como escreveu Cunha, um dos biógrafos do Museu Goeldi. E o que vem pela frente, com efeito,

²⁷⁸ Nas diversas correspondências do período em que Emília começou a gerir o Museu Goeldi, essa é uma das instituições de pesquisa que mais possuem trocas de cartas.

²⁷⁹ Fonte Hemeroteca da BND, Jornal O Estado do Pará, 10 de julho de 1920.

parece-me que deixou Emília bastante amargurada com o Museu e o Pará. Emília seguiu sua rotina até 1922 no Museu Goeldi. Ela preparava suas viagens, que fazia de 1914 até 1921, para os Rios Iriri e Curuá, depois Rio Negro e, em seguida, em Santo Antônio do Prata, onde se configurou como um refúgio para ela depois desses momentos conturbados que passaria no Goeldi durante e pós I Guerra Mundial.

Em 1922, seguiu para o Rio de Janeiro e foi contratada como naturalista viajante até 1929. Depois de tudo isso, parei, respirei um pouco e tomei fôlego para continuar minha caminhada ao lado dela. Como Emília, não me deixei abater, uma vez que a viagem ainda estava na metade, às vezes, o desejo de voltar para a casa parecia mais próxima²⁸⁰, e pergunto-me se depois disso ela também não desejava voltar para a Alemanha? A minha próxima parada chega a algumas das obras nas quais registram as viagens científicas, as pesquisas de Emília e o que escreveu alguns dos seus trabalhos.

4.2 Viagens pela escrita: cotidiano e descobertas

Nesse item, apresento alguns dos muitos trabalhos realizados por Snethlage. Dentre eles, um inédito que ainda não havia sido traduzido para o português, escrito em alemão, especialmente, para esta tese de doutorado. Debrucei-me em suas obras para conhecer não somente a cientista Emília, mas para tentar alcançar um pouco de sua subjetividade. Como mulher, entender como essa cientista lidava com seu ofício em pleno começo do século XX na Amazônia. Arrumei as malas, peguei meu caderno de campo, minha caneta e parti para o encontro com Emília em suas andanças pelas pesquisas na Amazônia.

Como uma pesquisa de doutorado precisa ter algumas delimitações, assim como uma viagem necessita de um roteiro²⁸¹. Procurei conhecer alguns atrativos, isto é, sete dos quarenta e seis trabalhos realizados e publicados por Snethlage²⁸². São mais de 20 anos de pesquisas científicas, que contemplam desde a sua tese de doutoramento sobre a musculatura dos artrópodes, de 1905, até o texto: *Die Flüsse Iriri und Curua im Gebiete des Xingu*, de 1925. Com isso, decidi fazer um itinerário nessas obras. Como toda viagem, alguns pontos/trabalhos

²⁸⁰ As teorias que referendam o estudo do turismo o caracterizam como uma viagem que tem ida e um retorno para o local onde o indivíduo habita. Assim, toda viagem turística tem um tempo determinado para durar. O próprio conceito de Grand Tour sugere que aquele que viaja em busca do conhecimento voltaria para demonstrar que a viagem o enriqueceu de cultura e conhecimento (BARRETTO, 2003; TRIGO, 2013).

²⁸¹ Com base no Modelo de itinerários de Viagem de Oppermann (LOHMANN; PANOSSO NETTO, 2008), desenhei um mapa para guiar-me nas obras de Emília. A viagem de turismo tem nos itinerários e/ou roteiros turísticos a indicação ao viajante/turista, para que este possa se organizar para conhecer um destino.

²⁸² A dissertação de mestrado da Dr.^a Miriam Junghans traz uma lista completa dos trabalhos de Emília, desde sua tese de 1905 até as últimas obras que Emília contribuiu, as quais foram publicadas em 1936, após sua morte (1929).

ficaram de fora nesse momento. E como viajante, espero poder retomar esse roteiro e caminhar futuramente em outros assuntos nos quais Emília se debruçou.

Os alvitreiros de Emília que escolhi estão no Quadro 1 abaixo, no qual destaquei título, local onde foi realizado, ano de publicação e alguns dados adicionais. Com essas informações, o itinerário ficou mais claro para poder acompanhá-la. A viagem foi marcada pelo que se denominou de “*loop* de múltiplas áreas de destinos”. Partimos da Alemanha até o Brasil, entre o continente sul-americano e o europeu, tanto que muitos foram os destinos que se assemelharam, por fim, retorno ao mundo das ciências²⁸³.

Quadro 1 – Obras escolhidas para a viagem com Emília Snethlage

Título da publicação	Local de pesquisa	Ano de publicação	Observações
<i>Über die Frage vom Muskelansatz und der Herkunft der Muskulatur bei den Arthropoden</i> (Da questão das ligações musculares e da origem dos músculos nos artrópodes)	Freiburg, Alemanha	1905	Tese de doutorado de Emília Snethlage
<i>Zur Ethnographie der Chipaya und Curuahe</i> (Sobre etnografia dos Xipaya e Kuruaya ²⁸⁴)	Brasil, Região do Xingu	1910a	Esse pode ser considerado o primeiro trabalho etnográfico de Emília com as populações indígenas ²⁸⁵ .
A travessia entre o Xingú e o Tapajoz	Travessia Rio Xingu-Iriri-Curuá-Jamauchim-Tapajós	1913	Grande viagem que Emília fez, em 1909, pela floresta, acompanhada por indígenas.
Vocabulário comparativo dos Índios Xipaya e Kuruaya	Brasil, Região entre Xingu e Tapajós	1912	Segundo trabalho etnográfico de Emília pelo Museu Goeldi.
<i>Nature and man in Eastern Pará</i> (Natureza e homem no Leste do Pará)	Brasil, Santo Antônio do Prata	1917	A pesquisa foi realizada no período em que Snethlage ficou fora do Museu Goeldi, em virtude da I Guerra Mundial.
<i>Die Indianerstämme am mittleren Xingu: Im Besonderen Die Chipaya Und Curuaya</i> (As etnias indígenas do Médio Xingu: em especial a Xipaya e a Kuruaya)	Brasil, Região do Xingu	1910b	Terceira e importante pesquisa que Emília realizou sobre o estudo dos povos do Xingu ²⁸⁶ .
<i>Die Flüsse Iriri und Curua im Gebiete des Xingu</i> (Os rios Iriri e Curuá, na região do Xingu)	Brasil, Região do Xingu, Rios Iriri e Curuá	1925	Pesquisa de amplas observações geográficas. Emília trouxe informações que contemplam desde o clima, passando por análises breves geológicas, até observações etnográficas.

Fonte: Diana Alberto (2021) com base nas obras de Miriam Junghans (2009) e Sanjad *et al.* (2013).

²⁸³ “No *loop* de múltiplas áreas de destinos, o turista visita regiões completamente diferentes e viaja para muitos lugares dentro de cada região (LOHMANN; PANOSSO NETTO, 2008, p. 321).

²⁸⁴ Ao longo do texto, utilizarei a nomenclatura Xipaya e Kuruaya de acordo com o *site* Povos Indígenas do Brasil – Socioambiental. Apenas a grafia original será mantida nas fontes (PIB.SOCIOAMBIENTAL, 2022).

²⁸⁵ Artigo novo publicado sobre a obra de Emília Snethlage, por Reinhard M. E. Arnegger e Nelson Sanjad, no periódico Caderno de Traduções de Florianópolis (2021).

²⁸⁶ Outra publicação recente sobre Emília, por Cilene Trindade Rohr e Rosanne Castelo Branco, também no Caderno de Traduções de Florianópolis (2021).

Os trabalhos destacados no Quadro 1 representam o que foi a realização das pesquisas feitas por Emília. Não enfatizo somente a questão espacial nessas obras, mas as áreas em que ela atuou. Snethlage passou da pesquisa em zoologia, em sua tese de doutoramento, até as primeiras pesquisas etnológicas com as populações indígenas, mormente, na região do Xingu.

O que percebi foi um roteiro²⁸⁷ repleto de informações científicas que podem deixar qualquer pesquisador(a) do século XXI pensando: “como ela fez tudo isso?” Inclusive, perguntei-me também, embora, ao longo de minha caminhada, notei como ela estava no lugar certo e na hora certa para garantir, ao Museu Goeldi, depois para o Museu Nacional e para o mundo das ciências naturais, novos rumos para a história das ciências na Amazônia.

A partir desses elementos, visualizei mais a relação dessas viagens com uma nova maneira de pensar epistemologicamente, tendo como base as viagens de campo relacionadas ao *Grand Tour*, pelo qual compreendi o estudo do fenômeno turístico, com seus detalhes no que concerne ao espaço, à relação com as pessoas, às informações coletadas e aprendidas²⁸⁸.

Amparada na leitura feita sobre o estudo do turismo, notei que as viagens de campos de Emília, e de Heloísa, têm como base os deslocamentos que homens de famílias abastadas começaram a fazer pela Europa no século XVIII, de modo que essas viagens tinham como interesse a cultura de outros países.

Em outras obras, como nas de Paulo de Assunção acerca da história do turismo, essa relação entre as viagens de campo e o fenômeno turístico fica mais nítida, pois o autor cita: “a viagem, como meio de instrução, passou a ser uma referência no movimento das ideias no século XVIII”. Esse autor cita que o *Grand Tour* ajudou a favorecer a literatura de viagem²⁸⁹. Tudo isso está presente na escrita de Emília, e suas viagens podem ser vistas como experiências turísticas.

Em vista disso, esta tese se propôs a pensar essas novas perspectivas de investigações da história das ciências e do gênero enviesadas pelo estudo do turismo. A viagem ao lado dessa cientista proporcionou olhar diferentes disciplinas e, dessa maneira, ampliar a relação entre as ciências naturais, humanas e sociais aplicadas.

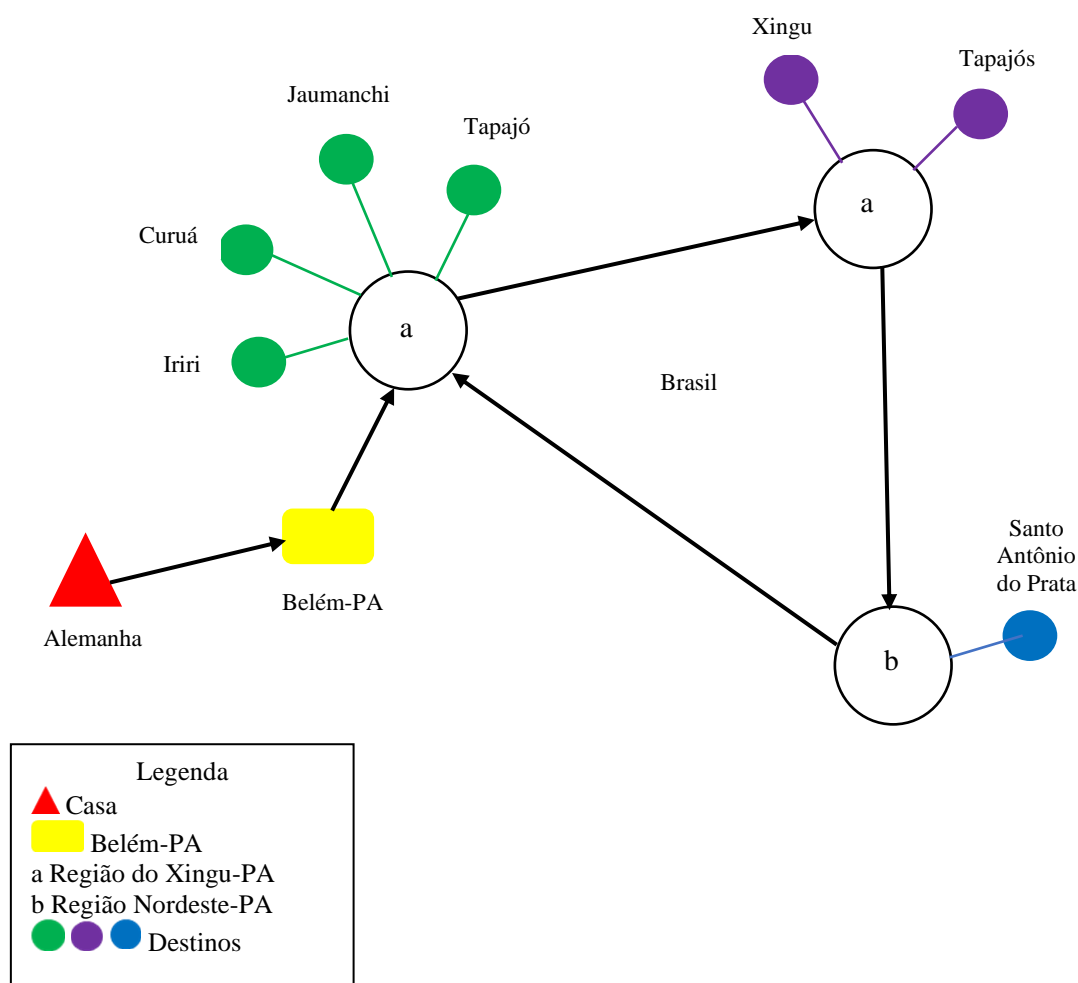
²⁸⁷ Trago a definição de roteiro turístico do Dicionário de Turismo e Termos técnicos (FALCÃO, 2016, p. 623): “Itinerário caracterizado por um ou mais elementos que lhe conferem identidade, definido e estruturado para fins de planejamento, gestão, promoção e comercialização turística”.

²⁸⁸ No livro de Barretto (2003), é possível entender que o *Grand Tour* pode oferecer elementos interessantes para relacionar viagem de campo e o turismo. Com isso, pude conceber que as viagens de campo delas poderiam configurar-se como novo sobre o estudo das viagens de turismo.

²⁸⁹ Trecho de Assunção (2012, p. 38) em que este expõe a relação entre as viagens de naturalistas, as viagens de campo e o *Grand Tour* como essências do que hoje se compreende como turismo.

A viagem está a ser preparada, ao passo que retomo meu diálogo narrativo para juntar-me à Emília. Organizo as malas, preparo o caderno e caneta e olho meu roteiro. A relação visual nos trabalhos de Emília é muito presente, e ela mesma chegou a produzir alguns mapas de suas pesquisas. Antes de mapas, Emília desenhou as figuras que aparecem em sua tese. Inspirada nela, também caracterizei, por meio de um diagrama, o itinerário de suas obras. Saindo da Alemanha até chegar ao Brasil. Na Figura 8, a seguir, constam as imagens de onde saiu Emília e passou nas obras aqui em destaque.

Figura 8 – Itinerário de Emília Snethlage a partir de suas obras escolhidas para a tese



Fonte: Diana Alberto (2021) com base nos padrões de fluxos de turistas de destinos de Oppermann em Lohmann e Panosso Netto (2008).

A Figura 8 acima auxiliou-me a pensar quais caminhos Emília percorreu, por onde ela esteve e em quais locais essas pesquisas foram realizadas. O que são denominados “destinos” foram localidades fixas (comunidades), também rios os quais ela percorreu. A seguir, na análise de seus trabalhos, poderá ser visto como Emília acumulou um profundo conhecimento dos rios

amazônicos, especificamente, no Pará. Entre eles, destacaram-se: Xingu, Tapajós, Iriri e Curuá. Aqui faço um destaque importante para Belém-PA, pois foi aqui que ela escolheu viver, criar seus laços científicos e, de certo modo, afetivo com a região.

O ano era 1904, dia 12 de julho, já na Alemanha unificada no começo do século XX, Emília Snethlage, estudante de doutorado em ciências filosóficas, preparava-se para apresentar sua tese para uma banca, que, provavelmente, era toda masculina na Universidade de Freiburg. Ela parecia calma, seu orientador Herr Prof. Dr. August Weismann (1834-1914) estava lá, e Emília começou a defender suas análises acerca da musculatura dos artrópodes.

Tal estudo foi a quebra de um paradigma, pois, até o momento, a cadeira de anatomia comparada ficou por 50 anos sob a tutela do Dr. Ernest Haeckel (1834-1919), que lecionava nas Universidades de Jena e Leipzig. E Snethlage produziu uma investigação pioneira na área da zoologia naquele momento²⁹⁰.

Meu roteiro inicia na defesa de tese, momento em que vejo Emília começar sua explanação com desenhos feitos por ela a partir de observações microscópicas. A escrita do seu trabalho é bastante objetiva, mas noto a formação bastante diversa que ela possuía desde muito nova. Suas leituras acerca de aspectos botânicos e zoológicos a ajudariam em sua formação e o aperfeiçoamento que fez na Suíça, sobre didática e no francês, também seriam importantes em sua formação. A língua francesa surge em algumas citações de sua tese a partir dos estudos de Henri Viallanes (1856-1893):

*Recherches sur l'histologie des insectes et sur les phénomènes histologiques qui accompagnent le développement post-embryonnaire des ces animax (1882) [...] Quand on examine un faisceau primitif conservant encore ses insertions, on voit qu'il s'attache à une cellule hypodermique toujours un peu plus grosse que ses voisins*²⁹¹.

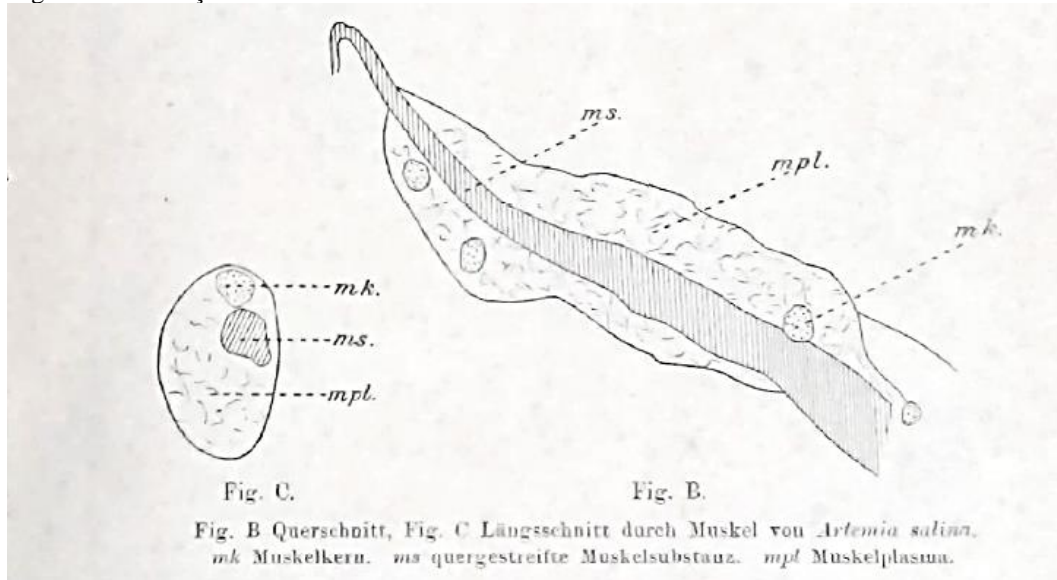
Permaneço no fundo da sala e vejo Emília falar em francês e continuar sua apresentação muito concentrada aos detalhes de sua pesquisa, os doutores parecem atentos às explicações e olham fixos para os desenhos feitos por ela (Figura 9). A escrita de Snethlage tem muitas citações de outros estudos, de maneira que percebi o quanto ela pesquisou bibliografias para embasar suas análises. A tese dela tem características de nossos trabalhos atuais, possui citações diretas, discussões teóricas feitas a partir dessas leituras e análises construídas de seus desenhos,

²⁹⁰ Na palestra da Semana Emília Snethlage, a Dr.^a Miriam Junghans falou sobre essa questão da pesquisa de Emília ser a primeira a ultrapassar aos antigos estudos de anatomia comparada, como as que E. Haeckel realizou.

²⁹¹ Tradução livre: “pesquisas sobre a histologia dos insetos e sobre os fenômenos histológicos que acompanham o desenvolvimento pós-embrionário desses animais (1882) [...] Quando examinamos um feixe primitivo ainda retendo suas inserções, vemos que se liga a uma célula hipodérmica sempre um pouco maior do que seus vizinhos” (SNETHLAGE, 1905, p. 2). Henri Vaillanes foi contemporâneo de A. Weissmann, e fazendo a pesquisa sobre essa citação, notei que os estudos de anatomia animal de insetos de Vaillanes são importantes na área da zoologia.

os quais foram observações a partir do cultivo da *Artemia salina*²⁹², um micro crustáceo que tinha as propriedades que ela buscou para defender sua tese acerca da musculatura dos artrópodes.

Figura 9 – Ilustração da tese de doutorado de Emília sobre cortes da musculatura da *Artemia salina*



Fonte: Diana Alberto (2021) imagem retirada e tratada da tese de Emília em 1904.

Tive a oportunidade de visualizar a tese de Emília na Biblioteca do Museu Goeldi, a qual foi um dos primeiros trabalhos em que notei a essência científica de Snethlage, não entrando na discussão teórica ou técnica de sua tese. Nesse momento, são notáveis alguns detalhes que acredito serem importantes de expor aqui para os leitores. A primeira delas é o único momento em que vejo Emília em sua intimidade. Ela dedica à sua tese para sua cunhada: “à minha diletta cunhada Anna”²⁹³, em que é possível observar as relações femininas se construindo dentro e fora dos espaços científicos.

Tais indícios mostram Emília mais à vontade, tanto que pude notar o quanto tinha esses momentos mais suaves, que também serão vistos adiante em alguns dos seus trabalhos²⁹⁴. Uma escrita mais intimista, mais particular, que deixava cair o véu daquela cientista com o rosto que oscilava entre rígido e sério, como se vê em algumas fotos. Além desse detalhe sobre a

²⁹² Observei algumas notas sobre a *Artemia salina* no artigo “Efeito alelopático e toxicidade frente à *Artemia salina* Leach dos extratos do fruto de *Euterpe edulis Martius*” de Cristina Peitz de Lima *et al.* (2011).

²⁹³ Dedicatória de Emília feita na página logo após a ficha bibliográfica de sua tese. Anna foi esposa de Victor Snethlage. Aqui faço referência à jornalista e pesquisadora Gleice Mere, a qual tive contato por *e-mail* em outubro de 2021. Ela, gentilmente, explicou-me que Anna era amiga de Emília, e que Anna e Victor (irmão de Emília) apaixonaram-se e se casaram. Gleice possui pesquisas de mais de 15 anos sobre a família Snethlage.

²⁹⁴ Ginzburg (2006) auxiliou-me a enxergar Emília em detalhes que pouco têm sido expostos em estudos já realizados. Assim, espero que esta tese possa ampliar o caminho para entender um pouco mais sobre ela.

dedicatória à sua cunhada, outro sinal de sua postura como pesquisadora atenta foi o de citar, em sua tese, seu orientador. Talvez pareça um fator simples, mas ali é notável a deferência dela a Weismann, a quem sua formação, pelo próprio momento histórico, estava ligada ao masculino:

As investigações descritas a seguir foram iniciadas no outono de 1903 e, em sua maioria, realizadas no Instituto de Zoologia da Universidade de Freiburg im Breisgau. Tomo a liberdade de expor esta posição ao [...] Prof. Dr. Weismann pelo apoio e interesse que demonstrou em meu trabalho para expressar meus mais vinculantes agradecimentos²⁹⁵.

Porém, isso não tira dela sua posição de uma pesquisadora com formação avançada, e que seu trabalho foi reconhecido junto aos pares científicos da época. Assim, Emília conclui sua apresentação, conquista a aprovação e torna-se uma das primeiras mulheres doutoras em ciências naturais da Alemanha. Este é o passaporte de Snethlage para os trópicos: uma pesquisa inovadora que atraiu a atenção de pesquisadores como Emílio Goeldi.

Já com seu título de doutora, Emília trabalhou como assistente de zoologia no Museu de História Natural de Berlim, sendo supervisionada pelo Dr. Anton Reichenow (1847-1941). Ao que indicou a pesquisa sobre ela, Emília tinha um trabalho fixo nessa instituição. Embora ainda estivesse em uma posição de auxiliar no Museu em Berlim, que deveria possuir muito mais cientistas, e ela poderia ter ficado à sombra destes.

Trago uma colocação interessante da Dr.^a Junghans, em uma palestra citando Cunha e Côrrea, acerca do futuro dela: “a Emília poderia continuar como auxiliar de zoologia no Museu de Berlim, com Reichenow, ou encontrar outro lugar para a sua vida profissional e, no meio disso, surgiu a oportunidade na cidade de Belém do Pará, Amazônia, Brasil”²⁹⁶.

A partir dessa questão exposta, preparei minhas malas da Europa de volta para a Amazônia. O ano era 1905, Belém vivia sob os ares da *Belle Époque*, onde a limpeza, a organização e o conhecimento parecem ter sido algumas das palavras-chave desse período histórico²⁹⁷. O Museu Paraense surgiu como um ponto de “luz do conhecimento” na cidade-

²⁹⁵ Trecho da tese de Emília “*Die im Nachstehenden geschilderten Untersuchungen wurden im Herbst 1903 begonnen und zum größten Teil im Zoologischen Institut der Universität Freiburg im Breisgau ausgeführt. Ich erlaube mir an dieser Stelle Herrn Geheimrat Prof. Dr. Weismann für die Förderung und das Interesse, welches er meiner Arbeit entgegenbrachte, meinen verbindlichsten Dank auszusprechen*” (SNETHLAGE, 1905, p. 7, tradução nossa).

²⁹⁶ Palestra da Semana Emílie Snethlage (2021) pelo Canal do YouTube Avistar Brasil.

²⁹⁷ Em leituras de Sarges (2010) e Daou (2004), compreendi que a *Belle Époque* amazônica espalhou mais que organização, limpeza e civilidade urbana para as cidades. O conhecimento vindo de instituições de educação e científicas, como o Museu Goeldi, por exemplo, garantiram esperanças de que a sociedade pudesse alcançar outros patamares “civilizatórios e progressistas”.

floresta no meio das terras amazônicas²⁹⁸. Assim, chego à capital do Pará antes do mês de agosto à espera de Emília e procuro conhecer um pouco do espaço que seria mais que seu local de trabalho, tornar-se-ia a sua casa: o Museu Goeldi. Local que se tornou uma espécie de “colônia científica”²⁹⁹ na cidade de Belém e garantia à cidade um ar de progresso e civilidade no coração do Norte do Brasil.

Para entender um pouco mais da dinâmica dessa “colônia científica”, atentei-me às fontes, como os relatórios que o Museu Paraense produzia a cada ano. As dificuldades para imprimir esses volumes eram enormes. No relatório do ano de 1903, publicado somente em 1907-1908, o diretor conta da saga para encontrar uma tipografia para preparar o material científico da instituição: “certo é que o Boletim do Museu não dará por finda tal peregrinação antes de ter encontrado um estabelecimento typographico que cumpra á risca a nossa orientação e procure trabalhar a contento da redacção em todos os sentidos”³⁰⁰. Isso chama atenção, pois, anos mais tarde, Emília encontraria dificuldades para realizar a impressão de seu *Álbum de Aves Amazônicas*³⁰¹.

Não eram só dificuldades, o Museu Paraense despontava como um centro de pesquisa conhecido e reconhecido internacionalmente. As produções científicas faziam parte de trocas com outras instituições internacionais. Os museus são territórios de conexões científico-culturais. Revistas do mundo todo chegavam ao Museu, entre os países destacavam-se: Estados Unidos, Cuba, Jamaica, Guianas, Alemanha, Áustria, Suíça e dos continentes da Ásia e África. A biblioteca recebia publicações como as obras completas de Humboldt e Bonpland e de Barboza Rodrigues³⁰².

Os relatórios trouxeram-me ricas informações sobre como era a vivência no Museu. A

²⁹⁸ Quanto ao conceito de cidade-floresta, tomei como base estudos do Prof. Dr. Agenor Sarraf Pacheco, que, desde 2004, e depois em 2016, investigou as relações do Marajó das florestas nas cidades de Melgaço e Breves e interpretou esses espaços como “cidade-floresta”, em que surgem imbricações entre ser humano e natureza, além das relações de homens e mulheres nas resistências de sobrevivência na Amazônia. A Belém do começo do século XX ainda tinha fronteiras tênues entre a cidade e a floresta: “[...] a cidade-floresta revela-se no intenso diálogo com seus diferentes moradores que permitem captar injunções natureza e cultura em práticas residuais e emergentes, captadas em atitudes de mulheres e homens na busca cotidiana para resolver necessidades, interesses e expectativas [...]” (SARRAF-PACHECO, 2006; SARRAF-PACHECO; CORRADI; BALIEIRO, 2015, p. 69).

²⁹⁹ É sempre importante lembrar que Emílio Goeldi foi quem denominou o Museu como um espaço de dedicação integral à ciência na Amazônia. Por isso, seus cientistas deveriam trabalhar e morar nesse espaço, dedicar-se, integralmente, aos seus trabalhos e às atividades, enquanto ali estivessem (SANJAD, 2010).

³⁰⁰ Relatório do Boletim do Museu Goeldi de 1903, Tomo V, fascículos 1 e 2 (1907-1908).

³⁰¹ Aqui faço um adendo para reconhecer que, até o momento presente, a falta de recursos para a ciência, no Brasil, especificamente, ainda é uma constante na esfera federal. Nos últimos 6 anos, cortes têm sido feitos na área da educação e da tecnologia. No governo de Michel Temer, este aprovou a PEC 55/2016, a “PEC da Morte” com o congelamento por 20 anos em áreas como educação e saúde (BRASIL, 2016). No governo Bolsonaro para o ano de 2022 o corte do Ministério da Educação foi de R\$ 736,3 milhões. Na área da ciência e tecnologia, foram cortados R\$ 8,6 milhões do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (ANDES, 2022).

³⁰² Relatório do Boletim do Museu Goeldi de 1904, Tomo V, fascículos 1 e 2 (BRASIL, 1907-1908).

dinâmica de trocas de informações científicas e o crescimento, tanto do espaço físico quanto da produção científica do Museu Goeldi, são vistos nas obras de edificações feitas no horto botânico, no jardim zoológico, na compra de terrenos e nas obras para garantir ao local melhores condições de trabalho para os funcionários que eram divididos em pessoal: científico, técnico e administrativo.

O Museu Paraense não se fazia apenas por suas produções, seus prédios, o horto ou o jardim zoológico, era também constituído pelas pessoas. De tal modo que não tive como não notar a presença e os papéis, bem definidos, entre os funcionários do Museu. Os relatórios demonstram, além dos serviços e atividades, as funções que cada uma dessas categorias exercia: os ganhos com as pesquisas científicas, as excursões e seus resultados científicos. No entanto, as dificuldades de manter funcionários com baixos salários, doenças e até indisciplinas surgiram nessas fontes.

Interessante ressaltar dois pontos nos quais criei hipóteses da vinda de Emília para Belém. O primeiro ponto diz respeito às dificuldades de encontrar pessoal especializado nas áreas científicas. Como Emílio Goeldi queria formar sua “colônia científica”, seu público-alvo era de cientistas estrangeiros que possuíam doutorado. Devo enfatizar que não existiam universidades no Brasil naquele momento. Assim, não se tinham cientistas para integrar os projetos científicos de instituições como o Goeldi.

Como Emílio Goeldi tinha relações internacionais com instituições europeias e lá se mantinham profissionais formados, sejam homens e, nesse caso, mulheres, como Emília, isso se tornou requisito para ser bem-vindo a Belém. Por isso, Emília se encaixava neste currículo: estrangeira, cientista, solteira e mulher?

Como Goeldi tinha uma visão progressista, ser do gênero feminino não foi um empecilho. Ela foi contratada por ser doutora em zoologia e tinha um currículo para a vaga. Ao que observei nas fontes, Emília não teve dificuldades em se adaptar à língua e à alimentação em campo. Ela ter se acomodado muito bem no tempo local e nos saberes amazônicos.

O segundo ponto refere-se às dificuldades que alguns desses funcionários enfrentariam nos trópicos: como as doenças e o pouco reconhecimento financeiro. Em 1904, a direção fala da morte prematura do geólogo contratado com apenas dois meses de atividades:

Em fins de março chegou aqui o novo chefe da secção geológica, dr. Phil. Max Kaech [...]. Infelizmente, porém, dois meses depois da sua chegada, foi elle atacado pela febre amarella, á qual succumbiu no dia 22 de maio, apesar dos esforços do seu medico assistente, dr. Luciano de Castro e da dedicação das irmãs de caridade que por ordem do Exmo. Sr. Dr. Governador se occuparam do tratamento do doente. Assim foi, mais uma vez, frustrada a tentativa da Directoria de preencher essa vaga tão

sensível no quadro do pessoal científico³⁰³.

Será que Snethlage tinha conhecimento dessas “provas” para ser cientista na Amazônia? Ou será que eles achariam que ela desistiria da vaga por ser mulher e ter medo de morrer? Penso ser importante orientar aos leitores que o *Grand Tour*, já mencionado, configurava-se como uma prática de viagem de conhecimento para os homens. Nesse momento da tese, reflito que foram questões que os estudos sobre o gênero fizeram-me pensar sobre as viagens de Emília e depois de Heloísa³⁰⁴. Pelo que constatei, Emília tampouco se preocupou com isso, uma vez que produziu muito durante os 17 anos em que esteve aqui.

No relatório de 1904, a vaga de Emília parecia não ter encontrado um titular. Doenças e outras dificuldades faziam com que o Goeldi tivesse uma rotatividade muito grande de pessoal científico, principalmente, estrangeiros:

Em junho demittiu-se do seu cargo o dr. Gottfried Hagmann, que durante dois annos e meio prestara os seus serviços ao Museu como auxiliar scientifico de zoologia e ultimamente também como bibliothecario. Quanto ao primeiro cargo, permaneceu vago durante o 2º semestre; o segundo foi, pelo Director, confiado ao chefe da secção botanica.

Foi nesse cargo, um ano depois, em 15 de agosto de 1905, que Emília Snethlage desembarcava em Belém do Pará. Para ser auxiliar científica de zoologia, em que se tornaria a primeira mulher a ser contratada como cientista em uma instituição científica no Brasil no começo do século XX.

No ofício de nº 61, do dia 24 de agosto de 1905, o diretor interino do Museu, Dr. Emílio Goeldi, envia um documento à Secretaria da Justiça, Interior e Instrução pública com o pedido para o cargo e o salário para Emília, a serem oficializados pelo governo do Estado do Pará:

Exmo. Sr. Dr. Sec. da Justiça, Interior e Instrucção Pública. Peço as necessárias providencias para que pela Secretaria da Fazenda seja entregue para esta Directoria a quanti de 3:500,000 (Três contos, e Quinhentos Mil reis) destinados as despesas com as vindas dos novos especialistas para o Museu (auxiliar de zoologia e chefe de secção de geologia), sendo que metade dessa importância já foi adeantada por mim pessoalmente na Europa, para facilitar e acelerar a viagem da Dra. Emília Snethlage, contractada para o primeiro dos referidos cargos – Ass. Dr. Emílio Augusto Goeldi³⁰⁵.

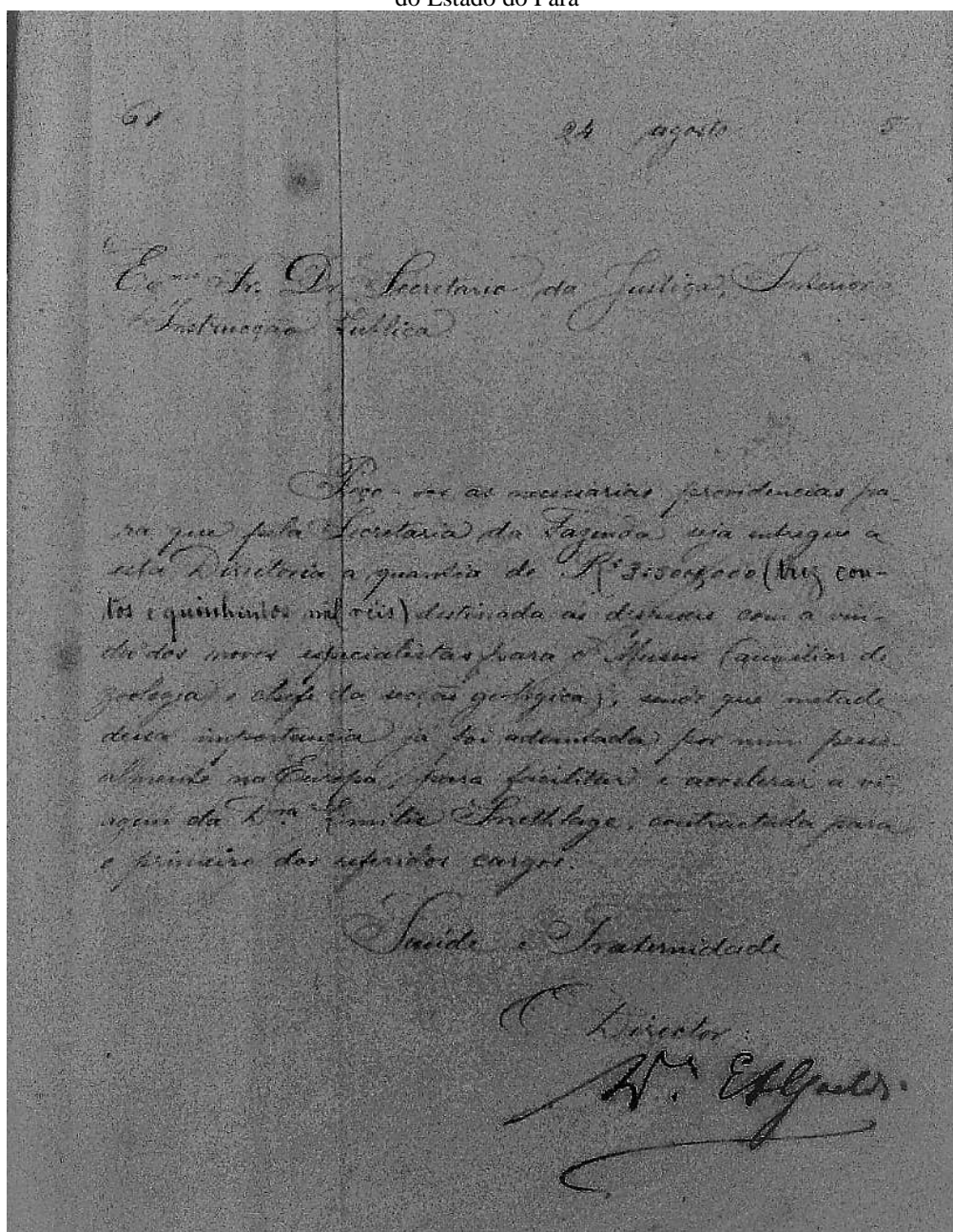
³⁰³ Relatório do Boletim do Museu Goeldi de 1904, Tomo V, fascículos 1 e 2 (1907-1908, p. 24).

³⁰⁴ As viagens de *Grand Tour* podem ser concebidas com tais feitas por essas duas cientistas, pois toda a prática turística, seja de massa, de turismo de base comunitária, cultural etc., pode ser uma experiência de saber. Aqui também acreditei ser interessante levar em conta que esses homens e mulheres da ciência poderiam, com essas viagens, tratar-se de “turistas do saber”, suas excursões tornarem-se as primeiras “experiências turísticas” (BARRETTO, 2003; FIGUEIREDO, 2010; PANOSSO NETTO, 2005; 2022).

³⁰⁵ Fonte de Acervo Guilherme de La Penha, transcrita pela autora da tese.

As informações que constam, nesses documentos, são imprescindíveis, dado que provam como Emília alcançou degraus significativos para ladrilhar os caminhos da história das ciências, seja na Amazônia, seja no mundo. Emília foi reconhecida como funcionária pública, com um ordenado financeiro e uma posição dentro do Museu Goeldi, como demonstra a Figura 10 a seguir.

Figura 10 – Ofício em que Emília Snethlage é reconhecida como funcionária do Museu Paraense pelo Governo do Estado do Pará



Fonte: Pesquisa no Arquivo Guilherme de La Penha, MPEG/MCTI (2020).

A fonte acima confirma o início da trajetória de uma mulher cientista que escolheu vir para os trópicos e experienciar as atividades científicas em suas diversas formas: no gabinete,

na condução de um jardim zoológico, na gestão de uma importante instituição de pesquisa e, principalmente, no campo: a floresta amazônica povoada de nativos, diaspóricos e estrangeiros³⁰⁶. Emília criou expectativas, vivenciou, construiu experiências e quebrou as barreiras do domínio masculino na ciência naquele momento³⁰⁷. A seguir, trago as obras em que o campo foi o lugar de suas estratégias para garantir e reafirmar a escolha que fez ao vir para a vaga do Museu Paraense.

4.2.1 As viagens da cientista Emília Snethlage

Para embarcar com Emília Snethlage em suas pesquisas pela Amazônia, começo organizando meu roteiro de viagem. Documento que Emília, provavelmente, também detinha ao adentar a floresta para investigar os rincões da região amazônica. Novamente, peguei minhas anotações anteriores, meu caderno de campo, lápis e caneta. Procurei refletir sobre o caminho a ser tomado. A viagem não é um mero percurso de um lugar a outro.

Trata-se de um elemento que liga a busca pelo desconhecido, ou pelo conhecimento, no caso de Emília. Ao pensar sobre essas viagens de Emília, mergulhei em minha formação de turismóloga³⁰⁸, e perceber que essa movimentação dela e, mais à frente, de Heloísa Alberto Torres tem me trazido luz quanto às minhas pesquisas sobre fenômeno turístico e à história do turismo no Brasil e na Amazônia³⁰⁹.

O estudo do fenômeno turístico acontece desde que se tem historicizado os grandes movimentos humanos. Desde a Grécia antiga, os jogos olímpicos e as peregrinações até chegar

³⁰⁶ Aqui faço referência a Stuart Hall (2013) ao tratar o conceito de diáspora e adaptá-lo, o que Emília acabou fazendo ao vir para Amazônia. Aqui ela encontrou seu lócus de trabalho, mas também seu lugar de vida, mesmo voltando à sua terra natal na Alemanha, sugestivo pelas fontes que ela fez esse movimento diaspórico para a região dos trópicos também pelos sentimentos que esse território provocou nela de sentir-se parte desse espaço.

³⁰⁷ Aqui, novamente, reporto-me a Thompson (1998), quando este expõe que as experiências, vivências e expectativas movem os sentimentos humanos. E foi assim que vi o movimento de Emília em busca de seu lugar como cientista na Amazônia.

³⁰⁸ Aos legentes da tese, informo que, até o momento final da escrita deste trabalho, minha experiência em ser uma turismóloga a pesquisar na história tem sido enriquecedora para entender a profissão de cientistas dessas duas mulheres, e suas viagens acabaram por se interlaçarem na minha caminhada acadêmica e profissional. A história delas me motivou a continuar a entender como o turismo pode ser pensado por meio de elementos históricos e que as mulheres podem ser personagens nesses contextos.

³⁰⁹ O turismo, nesta tese, surgirá por delineamentos teóricos que procurei fazer ao longo da escrita do trabalho. Não fiz conceituações sobre o turismo, mas o relatei diretamente às viagens que essas mulheres cientistas, e viajantes, realizaram. Logo, obras de Pires (2001), de Assunção (2012) e de Castro, Guimarães e Magalhaes (2013) auxiliaram-me a entender que está em processo de construção a pesquisa sobre a história do turismo no Brasil. Assim, desde o *Grand Tour*, passando pelas viagens de exploração, estas têm sido as principais fontes em que surgem elementos como lazer, atrativos, festivais culturais etc. E moldam-se como caminhos para refletir que essa atividade pode ser pensada diferente das iniciais teóricas que ligam o turismo somente como uma atividade econômica (SANTOS FILHO, 2005). Essa atividade tem caráter econômico, mas, antes disso, é um fenômeno social (PANOSSO NETTO, 2005; TRIGO, 2013).

ao século XVIII-XIX com o chamado *Grand Tour*, o estudo do turismo encontra-se nesse meio³¹⁰. Para a tese, acreditei ser interessante relacionar as viagens de Emília e de Heloísa a partir da perspectiva do *Grand Tour*, pois, nesse tipo de viagem, o conhecimento era seu principal motivador. Assim, sugestiono que a compreensão da atividade turística pode ganhar mais elementos teóricos e epistemológicos a partir desse tangenciamento teórico entre a história o turismo.

Em seguida, caminho pelas avenidas da *Belle Époque* paraense, próximas ao Goeldi, vejo a ampliação de obras recém-realizadas no parque, e percebo que: “Do lado da avenida Gentil Bittencourt foi construído um portão de ferro o qual conduz a uma rampa calçada com paralelepípedos de granito”³¹¹. Era começo de junho, e as estações das chuvas diminuem para que o calor amazônico possa reinar. Emília, ao chegar ao Museu, em 1905, foi encarregada do serviço de medição meteorológica, que depois passou a ser de outro funcionário: “o serviço meteorológico, que durante o anno transacto era confiado primeiro á Dra. Emilia Snethlage, depois (do mez de Abril em deante) ao Sr. Ernesto Lohse [...]”³¹².

Enfim, chego ao Goeldi e vejo Emília em meio a ofícios e cartas de recomendações, como para o coronel Ernesto Accioly e outros donos de seringais na região, que iria ajudá-la em seu retorno ao Tapajós e ao Xingu³¹³. Ela chama Abigail e Anna para orientá-las quanto às atividades de rotina da biblioteca e da inscrição de fichas, elas ouvem Emília e retornam aos seus lugares. E logo entra Oscar, trazendo sua tábua de mapas e sua espingarda. Dessa vez, ele não acompanharia a senhorinha Dr.^a Emília, que faria a viagem apenas com os indígenas da região.

Na mesma sala, está Jacques Huber, que pergunta à Emília se ela tem tudo o que precisa para se encontrar com os seus contatos ao longo da viagem e prossegue: “espero que Dr.^a não seja surpreendida novamente pelas fortes águas do Xingu, e que sua viagem entre para a história do Museu Paraense e para a ciência na Amazônia!”. Emília olha para Huber, dá um ar de sorriso, e responde: “a Amazônia, caro amigo e diretor, é um mundo que está entre o bem e o mal”³¹⁴. E

³¹⁰ Leituras de Barretto (2003) sobre a historicidade do turismo e de como surgiu a compreensão desse fenômeno.

³¹¹ Relatório Boletim do Museu Paraense, item “Terrenos e edificios” (1913 [1910], p. 8).

³¹² Relatório Boletim do Museu Paraense, item “Serviço metereológico” (1909 [1907], p. 19).

³¹³ Emília já havia tentado fazer esse trajeto, mas não conseguiu devido à subida das águas e das fortes correntezas das cachoeiras como ela narra ao iniciar o relato: “a 22 de dezembro, tendo chegado até ao pé das grandes cachoeiras de cima, que n’este tempo já não se podiam passar em canoa sem perigo de vida, tive de regressar” (SNETHLAGE, [1909] 1913, p. 50).

³¹⁴ No livro de Marcia Naxara (2004), evidencia-se como o Brasil e, por consequência, a Amazônia são vistos como universo que, para os primeiros viajantes, estava em dualidade: bem/mal, urbano/campo, civilizado/selvagem. Isso por muitos anos perdurou e, quiçá, ainda na época de Snethlage, essa referência ainda constava em seu pensamento e, conseqüentemente, em sua escrita como surge ao longo de seus trabalhos. A descoberta do Novo Mundo, em especial, a América, trouxe debates importantes entre Humboldt e Hegel. O

do pouco tempo que tenho aqui, compreendi que são as águas, por exemplo, quem dita o tempo de ir e de voltar de uma viagem. Ela completa: “e entrar para a história? Não sei, mas que trarei muitas de lá, com certeza!”.

E assim começa a segunda tentativa da travessia do Xingu ao Tapajós. Nesse momento, minha viagem está em torno de sua escrita³¹⁵. Emília faz uma longa viagem até chegar à região na qual começaria sua expedição. Primeiro transportada em barcos e depois a pé³¹⁶. A primeira impressão ao ler o relato de Snethlage diz respeito à sua proximidade, consciente ou não, com a dos viajantes do XIX.

Em alguns momentos, vislumbrei Emília imersa em uma subjetividade, próxima ao olhar artístico e às pinturas dos primeiros exploradores do Brasil e da Amazônia do XIX, como Johann M. Rugendas (1802-1858) e Jean Baptiste Debret (1768-1848), e da Amazônia no século XIX. A escrita de Emília parece permeada de detalhes ao estilo de Auguste de Saint-Hilaire (1799-1853)³¹⁷. Desse modo, leio Emília no relatório da Travessia do Tapajós e Xingu ([1909] 1913, p. 55):

Quanto á vegetação gozei aqui pela primeira vez um espectáculo que só se pode ter nas cachoeiras e mesmo aqui só no principio da vasante; todas as pedras d’esta cachoeira estavam cobertas de verdadeiras almofadas de Podostemaceae. O desenvolvimento d’estas plantas minúsculas e graciosas podia ser estudado aqui em todas as suas phases [...] até as camadas espessas e luxuriantes da folhagem plenamente desenvolvida á flor d’agua, até as milhares e milhares de florsinhas que elevam suas mimosas corollas brancas em galinhos transparentes de côr de rosa³¹⁸.

A escrita de Emília oferece um tom romantizado dos naturalistas do XVIII e XIX, em que a natureza reinava e os conceitos de civilização e cultura tinham como parâmetro o

primeiro era entusiasta do cenário, admirava sua complexidade, enquanto Hegel era antievolucionista e dizia que a região Sul das Américas não tinha condições de desenvolvimento. Essas reflexões ajudaram-me a compreender o quanto Emília ainda carregava, em sua essência, esse “ar colonial eurocêntrico”, que se tornou “referência” para o que era selvagem e civilizado, não somente nas Américas, mas para o mundo todo. A vivência dela nos trópicos pode ser vista em uma convivência que mesclou com esse mundo amazônico representatividades e desmonte dessas referências coloniais ao se ver a relação mais próxima com os indígenas e, ao mesmo tempo, o preconceito.

³¹⁵ Procurei trazer alguns pontos de cada produção dela. A partir de determinados elementos, alinhavo uma narrativa para cada expedição.

³¹⁶ Emília inicia a viagem no começo de junho de 1909, passando por locais como Forte Ambé, auxiliada por Ernesto Accioly de Souza. Dia 5 de julho, ela chega à Cachoeira grande do Iriri, em seguida, está em Santa Júlia. Até final do mês de julho, ela percorreu inúmeras cachoeiras até encontrar com sua equipe de indígenas. No dia 13 de agosto, Snethlage já estava na região do Curuá. Ela ficou doente durante a viagem. Já no dia 28 de agosto, ela foi para Jamauchim. No começo de setembro, dia 3, ela e sua equipe alcançam o rio, mas a viagem ainda demoraria, e somente no dia 23 de setembro, depois de 26 dias de expedição, despede-se de seus e as suas companheiras indígenas de pesquisa. Emília findou a viagem no dia 16 de outubro de 1909.

³¹⁷ Rugendas e Debret foram um dos primeiros viajantes a pintar o Brasil, e com eles chegaram outros artistas e cientistas. Saint-Hilaire construía as imagens por meio de suas palavras. O debate interessante trazido por Naxara (2004) é de que a arte e a ciência faziam parte de um modelo de exploração da natureza selvagem brasileira. Os sentidos e as emoções estavam ao lado do conhecimento que esses naturalistas produziam para a Europa.

³¹⁸ Travessia do Tapajós ao Xingu, Snethlage ([1909] 1913, p. 55).

Ocidente³¹⁹. Países como França, Inglaterra e Alemanha despontavam como espaços que discutiam esse desenrolar de uma nova visão de mundo. E Snethlage trazia em sua bagagem uma base dessa visão acerca da natureza e do ser humano em harmonia³²⁰.

Na trajetória de Emília, emergem aspectos que pouco se pesquisou, a exemplo de sua escrita com forte toque etnográfico. Sim, uma ornitóloga Doutora em filosofia natural escrevia com desenvoltura o seu campo. Detalhes sobre as moradias, os instrumentos de caça, os meios de produção de subsistência, tudo fazia parte de sua narrativa, como verifiquei nesse artigo e nos demais que serão apreciados. A antropologia alemã, assim como a escola antropológica francesa, tem a característica de ser feita com detalhes, organizada por temas, com a descrição destes elementos: casas, instrumentos utilitários e rituais. Significativamente, um olhar minucioso sobre a cultura material³²¹.

No ano de 1910, ela publicou dois trabalhos com a marca da antropologia alemã: “*Zur ethnographie der Chipaya Und Curuhaé*” e “*Die Indianerstämme Am Mittleren Xingu: Im Besonderen Die Chipaya Und Curuaya*”³²². Nesses artigos, notei toda a desenvoltura de Emília no campo da etnografia. Os detalhes que apresentou em ambos os relatórios deixam evidente a influência na descrição minuciosa que a vertente da etnografia alemã caracteriza seus textos. Os estudos versam acerca da vida dos indígenas encontrados na região do Xingu. Área, inclusive, com um número significativo de trabalhos realizados por ela.

Emília Snethlage também deve ser lembrada como uma etnógrafa. Os cientistas alemães, como Koch-Grünberg e Curt Nimuendajú, e ela produziram pesquisas importantes

³¹⁹ Leituras de Naxara (2004) dão conta dessa caracterização.

³²⁰ Interessante o trecho que Naxara (2004, p. 75) trata da visão acerca dessas construções conceituais da diferença do mundo civilizado e do selvagem: “a postura romântica, voltada para os sentimentos e emoções e a veneração da natureza; o historicismo voltando-se para as raízes do povo como forma de alcançar e definir a identidade”.

³²¹ Na palestra da Semana Emilie Snethlage, questioneei ao Prof. Nelson Sanjad com relação a essa escrita com tom antropológico de Emília, ao que ele explicou que Snethlage tinha certa influência da antropologia alemã, a qual é muito próxima da antropologia cultural. Acerca da antropologia alemã, tive contato com o livro de Renate Viertler (2017), no qual encontrei textos importantes sobre a antropologia alemã. No capítulo 9, encontrei dados para fundamentar essa relação de Emília e sua linha antropológica em seus textos. O primeiro ponto é a formação dela em filosofia natural (*naturphilosophie*), que era filosofia romântica das primeiras décadas do século XIX e tinha base nas investigações de natureza transcendental. Os estudiosos dessas áreas, normalmente, eram zoólogos, suponho por isso que a formação de Snethlage também tenha sido influenciada pela zoologia. Logo que os estudiosos da escola científica começaram a criticar a ausência de dados mais rigorosos, a filosofia natural entrou em declínio e foi separada das ciências empíricas. Quanto à forma da descrição nos textos de Emília, observei na mesma leitura que essas tradições descritivas vêm do surgimento da institucionalização da antropologia, por meio, sobretudo, dos museus de história natural. Os museus etnográficos influenciaram bastante cientistas alemães a estudarem as populações primitivas, e o Brasil era um dos países onde esses homens e mulheres, como Emília, lançaram seu olhar etnográfico para a região. É importante dizer que as escolas antropológicas francesas, a partir de Emilie Durkheim, Marcel Mauss etc., também eram pautadas por particularidades observadas (MARTINS; GUERRA, 2013).

³²² Os títulos em português, respectivamente, são: “Sobre a Etnografia dos Xipaya e Kuruaya” (ARNEGGER; SANJAD, 2021) e “As etnias indígenas do Médio Xingu: em especial a Xipaya e a Curuaya” (ROHR; BRANCO, 2021).

para o Museu Goeldi. Em leituras para a tese, notei que Emília foi uma pessoa significativa na tessitura de redes germânicas para a pesquisa na região amazônica. Devo enfatizar que ela alcançou resultados científicos com seus trabalhos acerca das populações indígenas na região do Xingu, principalmente, quando revelaram esse aspecto da cientista que estava no mesmo nível de pesquisa como as Koch-Grünberg e depois com Nimuendajú.

Acredito ser importante enfatizar nesse texto que Emília fez coleta da cultura material dos povos indígenas Xipaia e Kuruaya. Seu trabalho com essas populações reforçam o papel etnográfico que ela exerceu durante sua estada no Museu Goeldi. Com Emílio Goeldi, Koch-Grünberg, Curt Nimuendajú e ela, eles representaram uma classe científica alemã alinhada a produções científicas importantes. Assim como o trabalho na zoologia, em especial, ornitológico de Emília também ficou marcado internacionalmente, pois o Helmut Sick³²³ dedicou sua obra “Ornitologia brasileira” para Snethlage.

Quanto a outras mulheres além de Emília e Heloísa a realizar pesquisas na Amazônia, destaco a vinda da também alemã Teresa da Baviera para o Brasil ainda no século XIX para realizar uma expedição que teve apoio da corte portuguesa, visto que ela era prima de D. Pedro I³²⁴. Em 1888, ela chega ao Brasil para prosseguir com as pesquisas iniciadas por Spix e Martius. Ela empreendeu viagens pelo Norte, em especial, Belém, onde entrou em contato com Museu Paraense por intermédio de Emílio Goeldi. Depois, passou pelo Ceará, no Nordeste. Depois esteve no estado do Espírito Santo no qual produziu um livro à parte.

Teresa escreveu, em seu livro, em formato de diário, que um dos objetivos de sua viagem era coletar material etnográfico no Brasil. Algo que ela fez no Ceará e levantou material e informações sobre povos indígenas no estado do Amazonas com as populações Mundurucu, visitando territórios no braço esquerdo do Rio Negro. Esteve na região da costa do Ceará relatou seu encontro com as populações tupis³²⁵. Teresa é considerada a primeira mulher a coletar material etnográfico. Assim, Emília tornou-se a segunda mulher a coletar material etnográfico na região Amazônica.

Acreditei ser interessante expor aos leitores esse lado da Emília Snethlage etnógrafa. Vejo-a fazendo diversas anotações durante as viagens à região do Xingu como mencionado nos

³²³ Helmut Sick nasceu na Alemanha (1910-1991) naturalizou-se brasileiro. É considerado o maior ornitólogo brasileira pela sua obra e sistematização de seu trabalho ao longo de 50 anos. Seus documentos estão hoje a ser organizados pelo MAST (MAST.BR, 2022).

³²⁴ Aqui tomei nota do artigo de Leite (2000) em que a autora enfatiza o papel das mulheres viajantes no Brasil e cita a vinda de Teresa, princesa da Baviera.

³²⁵ Trago informações de textos de Alcântara (2014) em que o autor apresenta o prefácio do livro “Minha viagem aos trópicos brasileiros” e nele é descrita em mais detalhes a passagem dela por Fortaleza. Quanto às informações dela na região amazônica estão no *site* <http://www.akademie-brasil-europa.org> (2022) em breve nota biográfica dessa mulher cientista.

seus textos, e lá encontrei ricos detalhes sobre as comunidades Xipaia e Kuruaya. Elementos como moradia, modos de vestir, instrumentos de caça e de uso doméstico estão entre os itens que os etnógrafos de tradição alemã tinham como base para descrever uma sociedade.

Então, vejo a seguinte passagem em seu relatório etnográfico dos Xipaia e Kuruaya acerca das moradias: “a maloca de Manoelsinho, a única que vi, como já falei, dava a impressão de ser um pouco provisória. Era retangular, sem paredes fechadas, mas com um telhado enorme, apoiado em cima de postes”³²⁶. Realmente, foi uma caracterização intensa, e ela alcançou um nível importante para os estudos etnográficos do Museu Goeldi.

No outro texto, também de 1910a, sobre os indígenas da região média do Xingu, Emília elencou até seis povos indígenas, entre eles: Xipaia, Kuruaya, Araras, Assurinis, indígenas denominados “Caraiá” no Iriri e a população indígena do Salto do Cachimbo. Em cada uma deles, Snethlage descreveu sobre moradias, instrumentos e tipos corporais. Um trabalho em que é perceptível sua dedicação à ciência. Parecia não haver limites para o trabalho dela, sendo confirmado quando notei sua pesquisa no Xingu que até escavações arqueológicas Emília Snethlage fez, como se tem nesse trecho:

Encontrei Accioly no Iriri, quando, eventualmente, passava por mim com seu transporte motorizado. Ele me presenteou algumas pequenas cabeças de animais e cacos feitos de argila recebidos de moradores seringueiros que viviam um pouco acima de Santa Júlia. No caminho de volta, eu mesma fui ao local para organizar escavações. Contudo, devido ao solo duro, tivemos que nos limitar a recolher os fragmentos que não eram numerosos e, na sua grande maioria, mal conservados e espalhados pela superfície de uma roça³²⁷.

Observar Emília em campos tão diferentes de sua formação torna a pesquisa da ciência na Amazônia mais significativa, porque fontes apontaram que as mulheres estavam, nesse caso, Emília Snethlage, indo além, demonstrando sua capacidade de produção de conhecimento, mas também de firmar sua posição no mundo masculino da ciência.

E o trabalho de Snethlage continua. Em seu artigo sobre a travessia, noto como Emília escreveu com detalhes sua relação com a população indígena, destacando desde a sua equipe de viagem passando pelas comunidades indígenas com as quais ela entra em contato. Tratam-se de narrativas interessantes que levam as pessoas que leem a conhecer cada uma dessas comunidades.

Emília já havia feito um trabalho etnográfico sobre os Xipaia e Kuruaya, intitulado: *Zur*

³²⁶ Descrição feita por Emília Snethlage (1910a) no artigo “Sobre a Etnografia dos Xipaya e Kuruaya” (ARNEGGER; SANJAD, 2021), com traços marcantes da antropologia alemã (VIERTLER, 2017).

³²⁷ Aqui Emília Snethlage (1910b) escreveu no item II. Restos de cerâmica sobre os achados de pedaços de artesanato no Xingu. Ela chega a ter contato com outros tipos materiais arqueológicos (ROHR; BRANCO, 2021).

Ethnographie der Chipaya und Curuahe, que foi traduzido, e sua referência consta nesse estudo³²⁸, sendo este considerado seu primeiro trabalho etnográfico no Museu Goeldi.

Em outro momento específico da história de Emília, nota-se a relação dela com os cientistas Koch-Grünberg e Eduard Seler. Em certa ocasião, ela havia encaminhado seu material a Koch-Grünberg, embora com relutância, visto que dizia a ele não ser etnóloga, ou uma profissional que pudesse realizar tal trabalho. E ele insiste, pois gostou muito do texto. Ali sua familiaridade com antropologia alemã esteve presente, porque a descrição que realizou estava adaptada aos moldes dessa tradição³²⁹.

E a saga de Snethlage pela incursão na etnografia prossegue em outro momento de sua trajetória, especificamente em 1914, com um pedido de Eduard Seler, chefe da seção americana do Museu Etnológico de Berlim³³⁰. Para realizar a pesquisa, Emília solicitou instruções a ele, recebendo uma resposta pouco amigável e menos ainda encorajadora: afirmou que o trabalho poderia ser feito por qualquer pesquisador.

Contudo, Emília não se intimidou com a resposta, de modo que devolveu como réplica que “agradecia muito as instruções dadas”, enfatizando que o trabalho deveria, de fato, conter detalhes, que parecem pouco admiráveis, por isso a importância das orientações. Na carta, ela usa o recurso de escrita no masculino e diz que “ainda era **um iniciante** nesse trabalho de coleta etnográfica”³³¹.

Nada melhor que ler a escrita de Emília e entender sua posição nesse universo masculino da ciência, quer no campo da ornitologia, quer no da etnologia. Nesse momento, faço um entrecruzar de fontes e datas de 1913 e 1914 para expor os detalhes da sua escrita acerca das populações indígenas, cujos resultados são de sua pesquisa e de sua presença na ciência realizada no Goeldi naquele momento.

Emília não se escondeu, ainda que, às vezes, omitisse seu primeiro nome, ou não

³²⁸ O referido texto foi publicado apenas em alemão, em Berlim, na revista *Zeitschrift für Ethnologie* (1910, p. 612-637) (JUNGHANS, 2009). Hoje, no entanto, tem-se a publicação traduzida por Arnegger e Sanjad (2021), utilizada na tese.

³²⁹ A descrição de características físicas, a língua, as artes e as tradições faziam parte de uma formação dos viajantes que empreenderiam nas explorações, tornando-se um dos predicados guardados pela antropologia alemã (VIERTLER, 2017).

³³⁰ Aqui tomei a liberdade narrativa para dar um salto no tempo cronológico de modo a apresentar essa questão da presença da etnografia na vida profissional de Emília.

³³¹ Esse episódio na trajetória de Emília foi muito bem contado pelo Prof. Nelson durante a Semana Emilie Snethlage. Na pesquisa de campo, já havia feito a leitura completa da carta no Museu Goeldi. Trago outros detalhes: nessa carta, Emília trouxe a notícia da morte prematura de Jacques Huber e de que teve de assumir a direção interina com urgência do Museu Goeldi, ressaltou o trabalho que realizaria com os indígenas, já exposto anteriormente pelo próprio Dr. Seler e, por fim, escreveu sobre as redes de relações que se deveriam criar para que as pesquisas com os indígenas ocorressem. Carta de Emília Snethlage para Dr. Eduard Seler – 17/03/1914. Fonte do Arquivo do MPEG (2018).

“corrigisse” seu nome grafado no masculino: “Emílio Snethlage”, como surge em algumas fontes. Assim, ela descreve suas notas etnológicas acerca das populações:

Quanto ao exterior, os Chipaya assim como os Curuahés são gente de estatura media ou pequena, musculosos e bem feitos, com as mãos e os pés finos, o ventre um pouco proeminente, mas não adiposo. A sua côr é um pardo bronzeado, tirando pouco ao vermelho. Entre os Curuahés, especialmente entre os homens d’esta tribu, observei em alguns casos um typo mais alto com cabellos annellados e com o nariz mais forte e mais curvado, emquanto o typo geral dos Chipayas e da maior parte dos Curuahés lembra um tanto o japonéz. Esta semelhança salienta-se mais em pessoas que usam o cabelo curto³³².

Parece que as “orientações” do ilustríssimo Dr. Seler foram interessantes para Emília. Ou o resultado do trabalho dela é que foi relevante para ele, visto que “qualquer pesquisador” poderia realizar a pesquisa.

As relações femininas também fizeram parte da vida profissional de Emília. Pude supor, em minhas reflexões, uma possível dinâmica de trabalho entre as funcionárias do Museu Goeldi, Abigail e Anna – mas não foi comprovado em fonte – pelo menos, até o momento de fechamento da tese –, ligações entre elas e outras mulheres cientistas em outras instituições. Como trabalhavam na mesma instituição, conjecturei uma relação de trabalho entre essas três mulheres. Embora tenha notado, em suas narrativas, que Emília fez o que nenhum outro pesquisador fez, ou se houve, foi pouco. Emília fazia questão de dar nome aos seus acompanhantes, mesmo quando eram indígenas.

Ou seja, ela não se colocava como viajante onisciente e onipresente, na verdade, como parte de um grupo que interagiu e colaborava entre si. Para ela, a viagem era uma experiência coletiva, com exceção das oportunidades em que, de fato, viajava só³³³. E ela foi além: nomeou todas as mulheres que participaram de sua exploração na travessia do Tapajós ao Xingu.

A relação entre mulheres constrói-se não somente por meio de amizades ou no trabalho. Essa relação pode até ser distante fisicamente e, mais além, revelar a distância de classe, de raça e cultural. As mulheres têm o espaço privado e o público como seus núcleos de convivência³³⁴. Entre arranjos, hierarquias, escolhas e expectativas, criaram, e ainda criam, esses elementos dinamizados³³⁵. Na ciência não seria diferente. Os espaços científicos eram bastantes

³³² Snethlage ([1909] 1913, p. 60).

³³³ Até o momento não se tem nenhum registro de outra cientista ou homem cientista que tenha nomeado sua equipe de campo, ou seus guias locais. Pelo menos no Museu Goeldi, Emília foi a primeira.

³³⁴ Perrot (1988) escreveu que as mulheres dos séculos XVII, XVIII e XIX criavam seu próprio coletivo e suas sociabilidades, estas advindas de suas lutas domésticas por melhores salários dos maridos operários, da busca por alimentos para seus filhos, o pão.

³³⁵ Aqui trago como referência a obra de Natalie Zemon Davis (1997), que demonstra como três mulheres, bastante diversas, conseguem imprimir na história feminina com as escolhas, os arranjos e a busca por um futuro diferente.

masculinizados, de maneira que essa integração feminina era praticamente inexistente. Afinal, elas começaram a entrar nas universidades apenas no século XVII (Itália)³³⁶.

Nessa viagem, notei que Emília sabia construir as relações dentro e fora do espaço científico. De tal forma que manteve uma rede de contatos, de diretores de importantes museus, passando pelos donos de seringais, fazendeiros da região, até os seus guias de viagens – maioria deles indígenas. No relatório da travessia do Tapajós ao Xingu, é notável como ela lidava com as populações indígenas:

[...] Porem, o facto que aqui mais me impressionou foi o meu primeiro encontro com indios selvagens. Pertenciam elles ás tribus dos Chipayas e Curuahés e tinham descido o Curuá para ir ao encontro do coronel Ernesto, que costuma visitar annualmente a primeira maloca do Curuá, a do Chipaya Manoelsinho, para trocar perolas (missanga), machados, facas, etc., contra as ubás que estes indios sabem fazer á perfeição e que servem como meios de communicacão em todo o Iri e Curuá³³⁷.

Aqui evidencia-se Snethlage seguindo os passos de seu diretor e amigo, Emílio Goeldi, que fez os primeiros trabalhos etnológicos, os quais ela deu continuidade na produção de trabalhos na etnografia no Museu Goeldi. Prosseguiu nessa área de pesquisa etnológica na instituição e depois ficaria à sombra de outros pesquisadores etnográficos, que chegariam ao Goeldi.

Um deles foi o seu amigo Curt Unkel, depois Curt Nimuendajú, seria o expoente da etnografia amazônica e brasileira. Emília fez grandes arranjos e criou redes de conhecimentos para que Nimuendajú alcançasse o *status* de importante etnógrafo do Museu Paraense³³⁸. A história não expressa, ainda, a contribuição significativa de Snethlage na formação da etnografia de Curt Nimuendajú.

Emília não era diferente dos primeiros colonizadores, tinha sua visão etnocêntrica e de que a civilização tinha como referência o Ocidente. Então, em seus trabalhos, há evidências de que ela mantinha uma posição de dualidade entre a colonizadora e o colonizado. Embora mantivesse respeito por eles, sobretudo, porquanto seu trabalho, em muitas ocasiões, realizou-se tão somente porque eles não a abandonaram quando, por exemplo, adoeceu de malária na

Elas marcaram a modernidade na história social e, maiormente, na história das mulheres. Vejo Emília assim: entre mulheres que não eram cientistas e mulheres indígenas, fazendo história feminina na Amazônia.

³³⁶ No texto de Schiebinger (2001), apresentam-se as primeiras mulheres que receberam graus universitários somente a partir do século XVII, em 1678 e 1732, respectivamente, em Veneza, Helena Cornaro Piscopia, e depois na Bolonha, a física Laura Bassi.

³³⁷ Snethlage ([1909] 1913, p. 58).

³³⁸ O artigo de Sanjad (2019) é uma leitura que desvenda essa relação entre Emília e Curt, uma vez que o autor revela quanto os esforços de Snethlage foram essenciais para que Nimuendajú concretizasse o alicerce das pesquisas e das produções etnológicas do Museu Paraense.

travessia: “Não obstante esta indiferença aparente o tudo me fez uma impressão de cortesia e formalidade completas, muito surpreendentes em selvagens que costumamos considerar como pouco mais adeantados que os animais³³⁹ .

Nesse trecho, nota-se como Emília carregava sua bagagem cultural, além de sua ciência eurocêntrica, além disso como ela fazia parte daquele universo científico, em que eram feitas as observações necessárias, de acordo com sua visão colonial. Emília fazia ciência, escrevendo a história do conhecimento das populações ameríndias na Amazônia. E “seus índios”³⁴⁰ estavam ali junto com ela.

Eles realmente não só ajudaram a remar os barcos para ela, na verdade, carregaram sua bagagem, caçaram o alimento na floresta para que pudessem comer, além de guiá-la floresta adentro. Evidenciando o quanto foram companheiros nas horas boas e ruins. A seguir, destaco alguns desses momentos da equipe de pesquisa da Dr.^a E. Snethlage: “Quando cheguei lá na manhã, achei além dos quatro guias arranjados por Manoelzinho, tres voluntários para acompanhar-me. A nossa companhia de viagem consistia assim de oito pessoas, quatro homens e quatro mulheres. [...]”³⁴¹. Eram os “seus índios”:

Os fugidos estavam aparentemente sem armas e instrumentos, vivendo á maneira de selvagens, quebrando os cascos com pedras, etc., e por isto **os meus índios** pensavam que havia aqui um bando viajante d’aquelles índios carajás, tão temidos no Xingu por causa da sua ferocidade. Os meus companheiros tão alegres e corajosos em geral, mostravam n’esta ocasião um medo quasi incrível³⁴².

Estes eram: Maitumá o indígena mais velho; João que compreendia um pouco o português; Topá, o “moço alto e bonito”; e um quarto indígena que Emília não recordou o nome ao escrever o relatório (Figura 11). O trabalho de Emília ficou apontado por ela, e as imagens reforçam a sua ligação com a etnologia por descrever e registrar. Além de evidenciar sua relação de coletividade científica com essas pessoas.

³³⁹ Snethlage ([1909] 1913, p. 64).

³⁴⁰ Coloquei entre aspas, pois era como Emília tratava os guias que a acompanhavam, denominando de “meus índios” nessa e em várias outras ocasiões, como será visto no artigo do Iriri e Curuá.

³⁴¹ Snethlage ([1909] 1913, p. 72).

³⁴² Snethlage ([1909] 1913, p. 85) com grifo da autora da tese.

Figura 11 – Topa, João e Maitumá, companheiros de viagem de Emília Snethlage



Fonte: Foto adaptada pela autora a partir do texto de Snethlage da Travessia do Xingu ao Tapajós (1909).

Com relação às mulheres indígenas, estas tiveram papel importante na viagem, uma vez que trouxeram à Emília Snethlage um referencial ainda não visto: apresentá-las como “colaboradoras”. Assim, elas surgem na narrativa de Snethlage. As indígenas, Comaicarú, Umarú e Parimarú, eram mulheres que tomei como companheiras de Emília, posto que também realizavam o trabalho da ciência, apesar de não aparecerem nas revistas científicas.

Seguem trechos em que duas delas se revelam na escrita de Snethlage: “Comaicarú, que ocupava o lugar principal, era ainda, embora já fosse mãe de um filho adulto, muito vistosa e até bonita, com feições finas e juvenis e mostrava-se digna e affavel ao mesmo tempo [...]”³⁴³.

No campo, por trás de uma equipe científica, existe um trabalho invisível, dado que é preciso que alguém carregue equipamentos, cozinhe, levante acampamento, trabalho que, ainda, não emerge nas conclusões de uma produção na ciência. Aqui vi Snethlage, mais uma vez, avançando na história das ciências na Amazônia, porquanto narra com detalhes como elas estavam na caça e na coleta da equipe: “na tarde do dia seguinte Parimarú achou um ninho de ovos de tracajá e alguns bulbos subterrâneos de uma marantacea, que os índios chamavam hothin-á e cujo sabor lembra um pouco a batata do reino”³⁴⁴.

Quanto ao estudo do gênero, percebe-se como teoria abrindo possibilidades de refletir que a investigação sobre as mulheres na ciência não é apenas de relações entre masculino e o feminino, mas de como estas observaram e pensavam as outras mulheres ao seu redor. De tal

³⁴³ Snethlage ([1909] 1913, p. 72).

³⁴⁴ Snethlage ([1909] 1913, p. 81).

maneira que se entende que Emília não só observava as mulheres indígenas, mas que as trazia para próximo de sua vivência e experiência na ciência da Amazônia, mesmo que ainda fosse uma relação colonial.

Ao contemplar a viagem de Emília entre o Tapajós e o Xingu, notei como a borracha teve um papel importante na sua jornada. Ficou claro nas fontes, principalmente as que trazem os relatórios do Boletim do Museu Paraense, como a exploração e o descobrimento de outras áreas em que as seringueiras eram abundantes. Há, nesse mesmo relatório, um estudo feito por Huber acerca de pesquisas realizadas por ele e que foram escritas em alemão³⁴⁵. Efetivamente, a borracha foi uma espécie muito importante para o Museu, assim como para Emília Snethlage.

Noto, nas fontes, como o papel da borracha na expedição de Snethlage trazia os nomes importantes dos principais donos de seringais, como do Senador José Porfírio Miranda Júnior, que possuía reservas de gomífera entre o Iriri e do Curuá, conforme narrou Emília³⁴⁶:

Foi em primeiro lugar o Sr. senador J. Porphirio Miranda Júnior, intendente de Souzel e proprietário de importantes territórios no Xingu assim como de todos os seringais até agora explorados nos rios Iriri e Curuá. Já quero dizer aqui que, se esta vez alcancei o fim proposto, o êxito feliz é devido ao interesse afável e á iniciativa enérgica com que o mencionado cavalheiro quiz aceitar o meu pedido. Elle tomou logo as medidas necessárias para facilitar de todas as maneiras a expedição projectada e garantir-me o apoio de seus auxiliares em todos os logares por onde por ventura passasse.

O senador José Porfírio auxiliou Emília em sua expedição. As documentações expõem o respeito que havia entre ela e tais figuras importantes. É evidente que a hierarquia, o poder político e as questões de gênero contavam muito nesse processo, pois viajar pela Amazônia, sozinha, no começo do século XX, sem apoio dos que conheciam a região, deveria ser difícil³⁴⁷. Emília, no entanto, parece que soube posicionar-se e fazer o seu trabalho com esse apoio, sem se submeter a tais “correntes de força” masculinas.

Outra figura masculina foi Ernesto Accioly, o qual cuidou do transporte de Emília ao longo de todo o trajeto, assim como fez o contato entre ela e os indígenas dos povos Xipaias e

³⁴⁵ Huber apresenta um artigo em língua alemã sobre um estudo acerca do gênero da *Hevea*. Ele abre com uma nota em português explicando a escrita acerca da importância da pesquisa: “continuando os meus estudos sobre o genero *Hevea*, tenho agora de apresentar aos leitores d’este Boletim alguns artigos á primeira vista desconexos, porem todos inspirados pelo desejo de elucidar os problemas intrincados das affinidades entre as espécies, variedades e formas d’este genero e da sua distribuição geographica, fornecendo assim uma base mais segura para tratar-se das questões praticas que se prendem á nomenclatura commercial do producto e á selecção methodica dos typos mais apropriados para a cultura systematica”. Boletim do Museu Paraense, Jacques Huber (1913, p. 199).

³⁴⁶ Snethlage ([1909] 1913, p. 51).

³⁴⁷ Aqui faço referências, novamente, aos trabalhos de Quaresma (2003; 2008), em que essa turismóloga enfrentou dois campos de pesquisa muito particulares. Primeiro, o litoral do Nordeste amazônico e depois a tríplice amazônica. Ambientes diferentes, mas, de acordo com as pesquisas, territórios nos quais o turismo se mostrou como atividade importante a ser investigada.

Kuruayas. Foi quem “montou” a equipe de indígenas que acompanhou Emília, de forma que ela fez grande deferência a ele no relatório, afirmando que ele deveria entrar para os bônus da ciência na região, em virtude de sua colaboração, como ela mesma escreve:

Se foi o senador Porphirio Miranda que me abriu as portas do successo, posso dizer que o coronel Ernesto Accioly me conduziu até quasi ao termo. Elle não somente me ofereceu hospitalidade nas suas canoas durante mais de 6 semanas, mas também deu-me as mais preciosas informações sobre os rios Iriri e Curuá, que elle explorou o primeiro e dos quaes é o melhor conhecedor. De importância ainda maior para a sorte da minha viagem foi o facto que, usando de sua influencia com os indios Curuahés e Chipayas elle me procurou os guias necessários para atravessar a região inexplorada entre o Curuá e o alto Jamauchim. Basta isto para mostrar em que alto grau o mencionado cavalheiro tem direito não só á minha gratidão, mas também á do mundo scientifico que se interessa pela exploração das regiões desconhecidas do interior do Brazil³⁴⁸.

Desse modo, é notável como Emília dividiu seus créditos com essas pessoas, que sequer estavam dentro de uma instituição de pesquisa. O domínio científico do cientista, quanto às suas produções, parece se diluir em meio a essas manifestações. Concluo que, talvez, Emília também fosse umas das primeiras cientistas a nomear mulheres e homens em sua produção e a reconhecer que aquele dono de barco foi importante para a conclusão do seu trabalho³⁴⁹.

Como Belém, no começo da década de 1910, ainda respirava ares da *Belle Époque*, ao passo que a borracha, como visto anteriormente, era pauta das discussões científicas do Museu Goeldi, Emília também escrevia acerca de onde estavam esses locais, como as três principais casas de borracha da região:

Já mencionei as tres importantes casas commerciaes de Sta. Julia, S. Francisco e Bocca do Curuá. Perto d’ellas acham-se roças extensas, em estado de alta cultura, verdadeiros paraizos de fruetas tropicaes, cereaes, etc, que chegarão em breve a tornar este rio independente da importação d’estes gêneros alimentícios necessarios³⁵⁰.

Ao destacar os espaços nos quais essa espécie se encontrava, Emília levava dados fundamentais para o Museu Goeldi sobre tal produção. Além de informações científicas, a localização desses seringais seriam a “bússola” para ela chegar ao fim da expedição.

“A primeira maloca do Curuá, que se encontra depois de 8 dias de viagem (no verão,

³⁴⁸ Snethlage ([1909] 1913, p. 53).

³⁴⁹ Os cientistas sempre tiveram pessoal técnico para produzir sua ciência. Desde aquele que preparava os vidros para as experiências químicas até as populações tradicionais que indicavam a direção dos rios, os nomes dos animais etc. No texto de Iwan Morus (2016), compreendi como esses técnicos e artesãos ficaram à sombra dos pesquisadores. Havia uma disputa política, de propriedade do conhecimento entre essas duas classes. Ao que notei, Snethlage conseguiu manter certo respeito de seus acompanhantes e, em certos momentos, ela os reconhece como ajudantes em suas produções.

³⁵⁰ Snethlage ([1909] 1913, p. 57).

em igarité) é a de Manoelsinho, índio inteligente e enérgico, que passou alguns anos entre os civilizados na região de Forte Ambé onde elle adoptou o costume de vestir-se e de usar cabellos cortados”³⁵¹. Mais uma vez, o masculino está presente junto à Emília, Manoelsinho, o “indígena inteligente”, auxiliou-a organizando a equipe e apresentando informações pormenorizadas da região. Ao ver toda essa relação com o masculino, penso que Emília detinha posição relevante nesse jogo entre os sexos e o gênero.

Acerca do conhecimento que possuo sobre a teoria da viagem, considere refletir como elas contemplavam diferentes frentes: movimentos, errância, aventura, paixão, liberdade, conhecimento³⁵², além de possuir um percurso mínimo a seguir, com início, meio e fim. As viagens devem ter um roteiro, e nele existir elementos que guiem esses viajantes. As terras dos seringais serviram de localização por onde Emília se movimentava, como ela escreve:

No dia 13 de Agosto passámos a ultima barraca de seringueiro e entramos na região deshabitada que separa o território do senador Porphirio das terras dos indios. Na tarde do 15 chegamos á maloca de Manoelsinho, tendo passado algumas horas antes o Morro pellado, a mais alta elevação nas margens do baixo Curuá³⁵³.

Com base nessa e em outras notas, percebi como os seringais serviram de localização para Emília. Há outro trecho em que Snethlage falou do sr. Xisto Corrêa, já no final da caminhada, e por ter passado por alguns problemas:

Pareceu-me agora que já não estivéssemos longe do termo da viagem e aparentemente os indios eram da mesma opinião. Pelas informações que tinha tido julguei poder alcançar em poucos dias as primeiras barracas de seringueiros do sr. Xisto Corrêa, acima das cachoeiras grandes, e esta minha opinião foi confirmada por Maitumá³⁵⁴.

A saga de Emília continuou quando esta chegou à barraca do sr. Ursulino, mais antigo seringueiro da região: “já na manhã de 23 continuei a descida até á barraca do Sr. Ursulino Francisco de Barros, o mais antigo dos seringueiros do Jamauchim, acima das cachoeiras”. Na escrita de Emília, senti o quanto ela contou com o apoio de tantas pessoas, mas também de como a natureza foi sua aliada, uma vez que ela também possuía conhecimento sobre a

³⁵¹ Snethlage ([1909] 1913, p. 59-60).

³⁵² No livro de Onfray (2009, p. 13), ele descreve que o viajante “[...] concentra estes tropismos milenares: o gosto pelo movimento, a paixão pela mudança, o desejo ardoroso de mobilidade, a incapacidade visceral de comunhão agrária, a vontade de independência, o culto da liberdade e a paixão pela improvisação de seus menores atos e gestos”. A partir desse trecho, enxergo Emília cheia de paixão pela floresta, ansiosa por mais mobilidade e a vontade de buscar independência ao produzir seus trabalhos.

³⁵³ Snethlage ([1909] 1913, p. 68).

³⁵⁴ Snethlage ([1909] 1913, p. 80).

geografia local. Em vista disso, os seringais foram para Emília sinais de um caminho construído para a ciência.

Considerei a travessia do Tapajós ao Xingu como a primeira importante “saga” científica. E, por isso, concentrei-me em detalhes poucos vistos. Para fechar essa viagem, observei algo ainda escasso e em processo de investigação nas narrativas de viajantes e cientistas: a alimentação³⁵⁵. Evidentemente, autores brasileiros como Câmara Cascudo e Buarque de Holanda já dissertaram sobre o tema da alimentação³⁵⁶, ainda assim, na viagem de Emília, notei a afinidade dela com a sua alimentação em campo, com os hábitos alimentares dos indígenas e a sua relação com a fome.

Com base na escrita do texto, defini seis pontos importantes em que Snethlage não somente delinea sua afinidade com a descrição dos hábitos alimentares dos povos indígenas, como a alimentação surgia ao longo da escrita da viagem. Percebi também sua relação com a fome, um aspecto muito particular e íntimo. Uma viajante narrar a fome que sentiu ao tentar atravessar as florestas da Amazônia realmente foi bastante significativo. Próximo ao final da narrativa da expedição científica, Emília já se preocupava mais em ter alimento para ela e sua equipe, do que com a conclusão da viagem.

A primeira vez que surgiu a alimentação, na sua escrita, foi no final do mês de julho, na área do Iriri inferior. Emília disse que a pescaria e a caça ainda davam conta da alimentação, enquanto ela ainda se hospedara em casas/fazendas da região: “a pescaria e, até agora, mesmo a caça dão resultados riquíssimos, de maneira que no curso da nossa viagem nunca foi preciso comer carne secca, comida quase obrigatória do seringueiro e do cachoeirista d’outros rios”³⁵⁷. A abundância de alimentos ainda existe, e a não preocupação com a falta destes nem ocupou os pensamentos dela.

Como em qualquer viagem, seja turística ou com outras motivações, a alimentação é parte importante. As pessoas viajam também para comer. Atualmente, a gastronomia é um dos segmentos que mais crescem no mundo, e a história tem demonstrado que a alimentação faz parte da formação sociocultural de um povo³⁵⁸. Mesmo Emília não tendo objetivo de viajar para

³⁵⁵ Para esse item, li alguns capítulos de duas dissertações que tiveram como foco a alimentação e as viagens. Em linhas gerais, as obras de Marília da Silva (2008) e Samuel Geraldino (2015) expressam como as narrativas dos viajantes carregavam a apropriação e o olhar sobre a alimentação nos trópicos. Às vezes, passando despercebida, outras com tons etnocêntricos e algumas vezes com significativa importância para aquele viajante.

³⁵⁶ Luís da Câmara Cascudo, na obra *A História da Alimentação no Brasil* (1967), e Sergio Buarque de Holanda, na *Visão do Paraíso* (2000), apresentam os cotidianos e os hábitos da população brasileira em suas diferentes vertentes sociais, entre elas, a relação com a comida. São obras significativas que me auxiliaram a compreender como Emília via esses hábitos, os descrevia e até degustava desses gostos e sabores brasileiros.

³⁵⁷ Snethlage ([1909] 1913, p. 57).

³⁵⁸ No livro de Assunção (2012), no capítulo sobre Alimentos e sabores do Brasil, demonstra-se que a alimentação brasileira foi uma produção cultural ampla, que integrou diversos hábitos alimentares, tais como os de habitantes

“comer” ou degustar uma culinária indígena, também comungava do cardápio de seus guias, como descreve neste trecho: “N’este tempo estavam descobertas muitas praias tanto á margem como em forma de ilhas que nos forneceram abundante quantidade de ovos de tracajá³⁵⁹”.

O trabalho etnográfico de Emília continuava com descrições de como os indígenas se relacionavam com a alimentação. Um ponto interessante foi a procura de mel que sempre faziam ao avistar uma árvore na qual se encontrava o alimento. Snethlage estava à mercê do tempo dos seus guias, assim a caminhada deles teve várias paradas. Junto a isso, ela descreveu um cardápio digno de uma viajante na floresta amazônica, comendo frutas, castanhas e o tão cobiçado mel:

De fructas encontrámos principalmente urna, chamada isari pelos índios (espécie de Hymenaea, Jutahy) e ás vezes castanha, que parece ser mais freqüente do lado do Jamauchim que do Curuá. Também comemos palmito, que encontrámos nos assahysaes abundantes dos valles. O mel era uma comida predilecta dos índios. Elles não podiam passar perto de uma arvore onde tinham descoberto um ninho de abelhas, sem cortal-a, embora isto ás vezes nos causasse uma demora de muitas horas³⁶⁰.

Com a narrativa acima, evidencia-se o quanto essa cientista participou da vida daqueles que a ajudaram a alcançar os resultados de sua pesquisa. Mais uma vez, Emília demonstrou seu papel de pesquisadora, sua firmeza científica e pessoal de estar nesses ambientes fazendo ciência na Amazônia.

Ao observar a fonte do relatório da travessia, vejo Snethlage narrando as dificuldades que enfrentaram na expedição. Ao mesmo tempo, ela não deixa de compor suas escritas etnográficas. O texto, a seguir, traz uma descrição muito interessante da dieta dela e da equipe, isso acontece em meados do mês de agosto, como se nota:

Apesar da profusão de caça comemos pouca carne. A minha espingardinha só dava para pássaros pequenos [...] O João matou um mutum, o Topa um jacamin e foi tudo. [...] Nos dias terceiro e quarto o nosso regimen foi tirado da classe dos reptis. [...] Os igarapés, muito seccos n’este tempo, formavam uma espécie de poços, onde os índios pescavam com timbó. [...] Os peixes ficaram ao principio inquietos, aparecendo na superficie cada vez mais freqüentemente e finalmente vieram a boiar estonteados ou mortos. Os índios então colhiam-os, embrulhavam-os ás dúzias em folhas e assavam-os no fogo. Era, aliás, pouca coisa e só servia de tempero á farinha³⁶¹.

originários, dos africanos e das tradições portuguesas. Tudo isso, atualmente, é tomado pelo Turismo como elemento para criar os segmentos e parte do mercado turístico.

³⁵⁹ Tracajás são uma espécie de cágado da Amazônia, mas eles estão em outras partes do Brasil, de acordo com ICMBio (BRASIL, 2021, p. 1): “*Podocnemis unifilis* ocorre no Brasil, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Guiana, Guiana Francesa e Suriname. No Brasil, ocorre em todos os estados da região Norte e nos Estados de Goiás e Mato Grosso, na região Centro-Oeste. A espécie vive em uma ampla variedade de habitats, tais como: grandes rios, lagos, lagos de meandros, pântanos, brejos e lagoas, e em rios de águas brancas, claras e pretas”.

³⁶⁰ Snethlage ([1909] 1913, p. 65).

³⁶¹ Snethlage ([1909] 1913, p. 770).

É notável como a variedade de alimentos foi diminuindo, uma vez que Emília sempre enfatizava tal fato ao narrar. A nutrição era com pouca carne vermelha (caça), depois alimentavam-se de alguns pássaros pequenos, seguido de répteis, como jabotis, e a seguir o consumo de peixes com pouca farinha – esta era principal acompanhamento deles³⁶². Notei a preocupação com o futuro da viagem de pesquisa, o que me fez refletir no modo como ela estava realmente imersa em sua missão de cumprir a travessia, embora preocupada consigo mesma e com todos.

Emília descreveu os hábitos alimentares dos indígenas e como foram as refeições durante a viagem. A imersão no campo está na sua escrita, não somente por narrar os fatos, mas também por participar deles e sentir a angústia de estar sem alimento suficiente. Concomitantemente, tendo uma experiência na sua prática científica. Refleti que a narrativa de Emília emoldurou a importância de cada momento em que ela passou e a sua integração total com a cultura indígena. A seguir, na narrativa dela, surge a questão do gênero bastante marcada, em que se percebe que a vivência dela no campo foi imprescindível:

As nossas horas de refeições eram bastante irregulares; dependiam do que de comestível se encontrava pelo caminho. Às vezes, quando tinha sobrado um resto do jantar, almoçávamos já na manhã, antes de continuar viagem. [...] A cozinheira servia sempre em primeiro lugar o marido e em seguida os outros homens segundo a idade. As mulheres comiam por último³⁶³.

No início de setembro, ela narrou que a farinha havia acabado e que eles começaram a sentir fome, não encontravam os peixes, a caça e até os ninhos de ovos de tracajá, assim como outros alimentos parecem que desapareceram. O primeiro pensamento diante dessa adversidade fez imaginar se Emília desistiria ali, mas como voltar? Porém, eles encontram alimentos. O trecho, a seguir, também me casou certa angústia:

[...] e às 4 horas do dia 7 de Setembro pudemos continuar a viagem. Foi tempo, pois já soffriamos fome. Farinha não havia mais, peixes não se encontravam no rio n'este lugar, nem caça no matto, de maneira que passámos o dia 6 sem comida nenhuma. Na tarde do dia seguinte Parimarú achou um ninho de ovos de tracajá e alguns bulbos subterrâneos de uma marantacea, que os indios chamavam hothin-á e cujo sabor lembra um pouco a batata do reino. No acampamento d'esta noite o João matou tres peixes, curimatás (*Prochilodus spec.*) e se isto não chegou a fartar 8 pessoas, ao menos

³⁶² No texto de Geraldino (2015, p. 2), as expedições do século XIX, no Brasil, expressavam que: “[...] os relatos de viagem da época nem sempre traziam muitas informações detalhadas sobre os costumes alimentares e culinários dos locais visitados”. Mesmo assim, Emília escreveu com detalhes como foi a alimentação, e isso se torna um ponto importante sobre a análise de sua vida científica, fornecendo informações significativas para o futuro dos costumes alimentares na Amazônia.

³⁶³ Sneath (1909) 1913, p. 78).

nos deu ocasião de acostumar-nos ao modo de vida que tínhamos a seguir durante mais de duas semanas³⁶⁴.

A narrativa de Emília no tocante à sua alimentação termina no 10º dia da caminhada, ainda em setembro. Ela afirmou ser a principal preocupação a alimentação: “já mencionei que agora ainda mais que na travessia, grande parte do nosso tempo era ocupada pela procura da comida”³⁶⁵.

Suas preocupações desaparecem quando a abundância de alimentos começou a surgir para equipe de Snethlage, de modo que o objetivo de finalizar a travessia foi retomado em seus pensamentos. A sorte retornou e o consumo de peixes aumentou, fato que ela relatou: a fartura no consumo de raízes coletadas pelas mulheres. Por fim, surgiram, no cardápio da alimentação, uma entrada de castanhas-do-Pará, como prato principal, os tão famosos ovos de tracajá, finalizando com o disputado mel de abelha. Soou parecer um verdadeiro banquete com tradições francesas³⁶⁶.

Dessa maneira, notei como Emília contou sobre a alimentação e como esta teve papel fundamental em sua trajetória nessa viagem. Ela conseguiu trazer aos leitores de sua obra o caráter científico na escrita etnográfica, como também impôs uma segurança no que fazia mesmo que, por alguns momentos, essa firmeza prussiana titubeasse. E foi desse modo que Snethlage seguiu com seu propósito e com a promessa feita a Huber: de levar muitas histórias de volta dessa travessia.

O terceiro e o quarto trabalho de Emília Snethlage que apresento são: “*Nature and man in Eastern, Pará*” (Natureza e homem no Leste do Pará) e “*Die Flüsse Iriri und Curua im Gebiete des Xingu*” (Os Rios Iriri e Curuá na Região do Xingu)³⁶⁷. Nessas pesquisas, notei que ela escreveu em um tom mais tranquilo, sem grandes problemas enfrentados durante a expedição. Embora sejam notáveis a força da escrita de Emília, sua organização, a quantidade de dados e a apresentação deles, marcas de sua narrativa.

Emília olhou para o campo com uma visão holística da região. Nesses artigos,

³⁶⁴ Snethlage ([1909] 1913, p. 81).

³⁶⁵ Snethlage ([1909] 1913, p. 82).

³⁶⁶ As leituras de Marília Silva (2008) e Geraldino (2015) expressam a importância da influência europeia no hábito alimentar do Brasil. O estudo desses autores tem como base a cozinha francesa, visto que esta deixou traços marcantes, como a organização dos pratos, o ambiente da cozinha e sala de jantar e a importância de alimentar-se por questões de necessidade básica, mas também de sentir prazer ao se nutrir.

³⁶⁷ Esses trabalhos já foram analisados pela Dr.^a Miriam Junghans, em 2009, em sua dissertação e ajudaram-me a pensar outras questões em minha reflexão, como os rios e os elementos culturais. O *Nature and Man in Eastern in Pará* foi escrito em inglês e não tem tradução para o português, o título e o texto tiveram uma tradução livre da turismóloga Jamyle Aires. Quanto ao texto *Die Flüsse Iriri und Curua im Gebiete des Xingu*, foi traduzido para o português pelo Prof. João Poça para esta tese.

publicados em 1917 e 1925, respectivamente, Snethlage surgiu com uma produção ampla que perpassa a hidrografia local, os aspectos biogeográficos, zoologia, botânica e, novamente, a escrita etnográfica.

Para que os leitores possam ter uma ideia de suas pesquisas, expus pontos não tratados como no trabalho anterior. Acredito que, dessa forma, nossa viagem fugiu da monotonia. Portanto, nessas expedições, vejo-a, novamente, debruçada nos elementos hidrográficos, em especial, na descrição dos rios e da floresta. Diferente do trabalho anterior, é o olhar dela sobre os rios e a comida e como se produzia, por exemplo, a farinha³⁶⁸.

Procurei revelar a relação dela agora não somente com os indígenas, mas descrevendo o trabalho nesses espaços com os colonos (cearenses), e os frades capuchos de Santo Antônio do Prata, além dos comerciantes, dos coletores de borracha e dos barqueiros. Nesse contexto, a questão das raças esteve presente quando verifiquei como algumas manifestações culturais, como o boi-bumbá, moveram algumas questões nela de cunho etnocêntrico.

Nessa parte final de minha viagem, dividi em três momentos esses dois relatórios. Apresento, no primeiro, Emília e os rios; no segundo, Emília e as relações de trabalho; e, por fim, Emília e a cultura local. Fiz uma mescla dessas obras, destacando tais elementos que surgiram nas suas narrativas. Ao olhar Snethlage por essa perspectiva, compreendi como ela criou estratégias de trabalho ímpares e experimentou momentos diversos na sua vida de cientista na Amazônia.

Ao verificar essas duas obras de Snethlage, notei como ela detinha conhecimento de geografia, o que, conseqüentemente, ajudou-a a descrever parte significativa da hidrografia amazônica por onde esteve. Em sua viagem a Santo Antônio do Prata, descreveu os principais afluentes do rio Guamá, onde apresentou a distância entre outros dois importantes caminhos hidrográficos, o rio Maracanã e o Rio Prata. Essa descrição foi essencial, pois a localização em mapas dessa região ainda era insipiente.

Essa viagem de Emília à região do Prata abriu possibilidades de conhecimento hidrogeográfico, em que aproveitou para, também, entender os recursos florestais e geológicos presentes, demonstrando seu conhecimento amplo em campo, como se nota a seguir:

From the station Igarapé-assu onward-about halfway tetween Pará and Bragança – the country takes on a more picturesque lokk, the road leading alternately through *terra firme* and extensive swamps, both richly wooded. The *campos* remain hidden to the

³⁶⁸ A dissertação de Natascha Penna dos Santos (2016) traz a trajetória de um agricultor da região bragantina, Senhor Benedito. Em sua pesquisa de campo, a autora apresenta a identidade da população da cidade de Bragança com a farinha. Esta, como será vista em outras referências, é um alimento importante na dieta brasileira, em especial, a amazônica.

left. They are most extensive on both sides of the little coast river Quatipurú, but separated from the railway by a girdle of forest land of more or less considerable width³⁶⁹.

Ao refletir acerca da tese central deste trabalho, vejo Emília avançando em suas pesquisas, o que demonstra como ela utilizou de estratégias para se manter nesse espaço masculino da ciência. A relação entre homens e mulheres no campo científico criou, e ainda cria, campos de luta. Ao que me parece, Snethlage ampliou o seu front e conseguiu, dessa maneira, progredir cada metro, conseguindo manter-se viva e atuante.

No texto dos Rios Iriri e Curuá, na Região do Xingu de 1925, Snethlage surge com uma ampla quantidade de dados, enquanto a organização e a análise dessas informações mostram-me sua capacidade de produzir investigações que serviram de base para outros trabalhos para o Museu Paraense, que reverberam até hoje. Como tema principal do artigo, Emília conseguiu fazer uma significativa análise geográfica da região, como escreveu:

Os diversos afluentes maiores também fluiriam mais ou menos de sul para norte, como já se pode ver pela localização e principal extensão longitudinal de sua área de escoamento: o Novo Iriri e o Rio Novo entre o Xingu e o Iriri, o Rio Catete e eventualmente o Rio Branco entre o Iriri e o Curuá³⁷⁰.

Snethlage narrou, em seu artigo, a descrição dos rios amazônicos. Seu olhar acerca do espaço influi nela a figura dos viajantes naturalistas do século XIX, ao notar certa leveza em sua narrativa³⁷¹, ao mesmo tempo, carregada de uma firmeza científica, que a faz diferenciar-se de muitos pesquisadores de sua época.

Essa diferença poderia ser a sobrevivência dela no campo científico? Perguntei-me e respondo talvez. Snethlage possuía atributos importantes para dizer que ela “não necessitava fazer a diferença”, cumpria seu ofício, pois obteve preparação tal. Desde sua formação inicial na Alemanha, passando por suas experiências de campo, ela acumulou um conhecimento profundo de algumas áreas sobre as quais pesquisava, sendo a parte geográfica uma delas.

A nota, a seguir, é um dos ápices do item sobre os rios Iriri e Curuá no texto. Emília, com sua base etnográfica alemã, dividiu o texto em diferentes itens, em que o primeiro descreve

³⁶⁹ Snethlage (1917, p. 44): “Da estação Igarapé-Assú em diante – mais ou menos na metade do caminho entre o Pará e Bragança – a região ganha um aspecto mais pitoresco, com a estrada alternando entre terra firme e extensos pântanos, ambos ricamente arborizados. Os campos permanecem ocultos à esquerda. São mais extensos em ambos os lados do pequeno rio costeiro Quatipurú, mas são separados da ferrovia por um cinturão de terreno florestal de largura mais ou menos considerável”. Tradução de Jamyle Aires (2021).

³⁷⁰ Snethlage (1925, p. 1).

³⁷¹ No texto de Naxara (2004), os viajantes do XIX tinham, em suas narrativas, uma compreensão romantizada do mundo natural. A poesia seria, então, o melhor instrumento para expressar o que se estava sentindo. Assim, noto como Emília, também em sua escrita, desvelou um olhar romântico acerca da natureza amazônica.

a hidrografia e aqui a escrita dela é rica em detalhes, apresentando seu olhar acerca da região estudada por ela:

Se alguém se deixa atrair pela ideia de que está diante da verdadeira continuação do baixo Iriri, dada a direção geral do Curuá a montante de sua foz, sua abundância de água e sua maior navegabilidade, tal opinião é, a meu ver, refutada sem maiores dificuldades pela diferença de suas águas e por suas condições de fluxo. Diferentemente do Iriri, que é raso, de marés transparentes, límpidas, verde-azuladas, que tanto acima quanto abaixo da boca do Curuá deslizam lentamente todo tempo ao longo dele, é um rio cujas águas logo se vê que são escuras, cuja correnteza é forte e cuja profundidade é relativamente considerável³⁷².

Emília utilizou uma escrita leve ao falar das cores dos rios, e como eles se relacionam, parecendo, em alguns momentos, que os rios são como suas aves, que trazem a ela um afago na alma ao estudá-las. Sua paixão pelas aves e pela floresta fica nítida em sua escrita. Isso nem um pouco encobre o caráter científico de sua pesquisa e suas análises, na verdade, é uma mais de suas estratégias de ser uma cientista na Amazônia.

Quando retorno ao texto *Nature and Man in Eastern Pará*, percebi que nele Emília deixou escapar sua emoção e seu amor pelo trabalho. A floresta era o lugar dela, o lugar que escolheu para trabalhar e para viver. Em suas notas no texto sobre a região do Prata, ela narrou suas caminhadas pelo local:

The virgin forest, which some Years ago still surrounded the place quite closely, has now retreated a good deal. To the northwest, where the *igapó* of the Rio do Prata and the hills of the watershed make farming impossible, the forest may be reached in a twenty-minute walk, and from there it stretches away almost indefinitely, covering hills and valleys with its deep green shade. [...] and in the region between the Xingu and the Madeira, from which its green waves still sweep on to the west, surging up and covering the first chains of the Andes, only to be stopped by the bleak winds of the *Páramo*³⁷³.

Snethlage gostava de estar na floresta. Suas caminhadas iam além da pesquisa de campo, noto como ela, ao retomar na memória suas anotações, parece sentir um prazer e torna a vivenciar o espaço que a acolheu. Emília assemelha-se aos Páramo, como uma mulher solitária, mas não estava sozinha, a natureza era sua companhia. Parecia estar no ermo, mas tinha noção

³⁷² Snethlage (1925, p. 1).

³⁷³ Snethlage (1917, p. 45): “A floresta virgem, que há alguns anos ainda rodeava o local bastante de perto, retirou-se agora bastante. Para chegar a noroeste, onde o igapó do Rio do Prata e as colinas da bacia hidrográfica impossibilitam a agricultura, a floresta pode ser alcançada numa caminhada de vinte minutos, e a partir daí estende-se quase indefinidamente, cobrindo colinas e vales com a sua sombra verde profunda. [...] e na região entre o Xingu e o Madeira, de onde as suas ondas verdes ainda varrem para oeste, subindo e cobrindo as primeiras cadeias dos Andes, apenas para serem travadas pelos ventos sombrios do *Páramo*”. Traduzido pela autora com a versão gratuita do tradutor (www.deepl.com).

de onde estava e, principalmente, sabia o porquê de estar lá.

Os estudos de Emília avançaram na parte ornitológica e agregavam outras disciplinas, como a geografia, já demonstrada anteriormente. Tendo como base o estudo da ornitologia amazônica, Sneathlaga avançou em teorias discutidas há bastante tempo, como a distribuição das aves e de espécies zoológicas, tendo como apoio a biogeografia³⁷⁴. Ela, assim, relatou no texto sobre os rios Iriri e Curuá em 1925:

De modo geral, confirmei tanto nos macacos quanto nos outros mamíferos a regra por mim há tempos notada nas aves amazônicas de que os vertebrados terrestres locais tendem a se dividir em subespécies bem definidas (as chamadas subespécies geográficas) quanto mais estejam adaptados à vida no interior da mata virgem de terra firme³⁷⁵.

A fonte acima corrobora com a noção de as investigações de Emília trouxeram resultados fundamentais para a produção do Museu Goeldi. As publicações dela alcançaram espaços de destaque na ciência naquele momento.

Emília Sneathlaga, realmente, teve, e têm, muitas histórias para contar. Sua vida de cientista na Amazônia, além de contribuir com a formação da história das ciências na região, possuiu momentos dignos das narrativas de viajantes e suas “proezas”. Como gostava de estar imersa na floresta, teve muitos bônus em razão disso, tais como publicações importantes, reconhecimento científico nacional e internacional, todavia ela também teve alguns ônus.

Na travessia do Tapajós ao Xingu, passou por muitos percalços com a malária, que a acometeu várias vezes durante essa expedição³⁷⁶. Em alguns momentos, ela acreditou que seus companheiros de viagem iriam deixá-la morrer. Isso não aconteceu, e ela seguiu a trajetória, e “seus índios”, como ela assim os descrevia, não a abandonaram. Emília até doente tirava tempo para fazer pesquisa, como ela escreve:

Infelizmente não pude acompanhá-lo, devido a um acesso de malária. [...] A febre passou em poucos dias e gostei muito da vida solitária, estudando pela manhã as florestas tão bellas e interessantes e a sua fauna e observando á tarde os índios, enquanto trabalhava na conservação da minha casa³⁷⁷.

³⁷⁴ A biogeografia é uma ciência que estuda como são distribuídos os seres vivos no espaço terrestre ao longo de um determinado período. A concepção da biodiversidade na terra também faz parte dessas reflexões (GILLUNG, 2011). Emília Sneathlaga, então, realizou parte de sua pesquisa com as aves a partir desse conhecimento científico.

³⁷⁵ Sneathlaga (1925, p. 6).

³⁷⁶ No texto da travessia do Tapajós e o Xingu, Emília descreveu como sentiu medo de morrer, porque os indígenas poderiam não continuar a viagem deixando-a para morrer no meio da floresta. Esse era uma atitude comum entre eles.

³⁷⁷ Sneathlaga ([1909] 1913, p. 69).

Esse, na verdade, não foi único momento mais tenso das viagens que empreendeu. Na pesquisa nos rios Iriri e Curuá, ela, talvez, deva ter passado por um dos momentos mais difíceis de sua trajetória científica na Amazônia. No começo desse relatório, ela comentava de um ferimento em sua mão: “há ainda as leituras feitas no início e no final das observações astronômicas. Meu ferimento na mão e a febre persistente durante minha segunda estada em Santa Júlia (em dezembro) me forçaram a fazer várias interrupções”³⁷⁸. Fiquei instigada e questionei-me: que ferimento foi esse que Emília até descreveu em sua produção?

Para alguns, poderia ser um grande trauma causado pelos rios amazônicos e os animais ali viventes. Para ela, entretanto, foi mais um episódio de suas pesquisas na região, parecia fazer parte do roteiro a ser escrito na página da sua história científica:

Li com grande interesse o que Roosevelt escreveu sobre as piranhas [...] uma mesma espécie pode comportar-se de maneira muito diversa em diferentes partes do rio. [...] As piranhas mordem os remos, diziam eles, e de fato pedaços de madeira foram literalmente arrancados destes pelas inúmeras piranhas. Enfim, após 18 dias brincando com a água sem consequências trágicas, deve-se à minha própria imprudência ter tido o dedo arrancado. A única explicação que encontrei para o comportamento diferenciado desses seres, pelo menos no caso do Iriri, foi que eles conseguem encontrar alimento com mais facilidade nas inúmeras cachoeiras do médio e baixo Iriri, com suas águas turbulentas, do que nas “águas mortas” na porção superior do rio e, portanto, nesse caso são mais inclinados a atacar qualquer corpo em movimento do que no primeiro caso. Aponto essa suposição, porém, como uma possibilidade cercada de todas as reservas. Tal não foi confirmado por observações de outrem em outros rios.

Ela não se intimidou com a situação e ainda escreveu uma análise sobre o ocorrido, fazendo não parecer inoportuno. Pelo contrário, Emília usou seu acidente para confirmar uma teoria já vista por Roosevelt, fazendo, inclusive, questão de falar como aconteceu, em uma escrita de 4 de fevereiro de 1915. Descreveu o incidente quando navegavam o rio em uma canoa, colocou a mão direita na água e foi mordida por uma piranha.

Mais uma vez, a cientista mesmo com o ferimento, que piorava e gangrenava, transformou-se em especialista em primeiros-socorros, tendo ela mesma de amputar o dedo, já que nenhum de seus companheiros quisera realizar tal pedido³⁷⁹. Assim, Emília integrou-se com os rios, com a floresta e os animais amazônicos.

Emília tinha uma rede de relações importantes que garantia a ela estar em diferentes

³⁷⁸ Snethlage (1925, p. 6).

³⁷⁹ Nessa carta, Emília conta ao Prof. Seler que perdeu o seu dedo direito durante a viagem, mesmo assim deveria continuar com seu trabalho. Carta de 4 de fevereiro de 1915 do Arquivo do Museu de Etnologia de Berlim, hoje faz parte do Arquivo Guilherme de La Penha do MPEG.

locais e ser, continuamente, bem recebida, e com respeito como mulher e cientista³⁸⁰. Snethlage parecia encantar as pessoas ao seu redor – de pessoas das classes mais simples aos grandes comerciantes e fazendeiros das regiões por onde ela passava:

Quem é? D. Emília Snethlage, naturalista do Museu Paraense. Anda estudando a avifauna amazônica. O Coronel ficou admirado e, sem poder sofrer o entusiasmo, comentou: “A dona sabe de verdade. Em quatro palhetas, mesmo tropeçando na língua, explicou o que desejava”. Vai só e Deus para o alto Araguaia, acrescentou o comandante. Bicho de pena é com ela. Sabe onde as andorinhas dormem³⁸¹.

Ela era respeitada por seu trabalho e sua posição, embora não somente por essa hierarquia, o que notei, nessa fonte do romance escrito por Morais, foi que o autor revelou a cientista que se fazia presente como pessoa por onde esteve ao longo de sua trajetória.

Deixei para demonstrar, nesses dois últimos textos, como Snethlage lidava com a população local, entre estes os missionários/cearenses da missão de Santo Antônio do Prata; os seringueiros, os caucheiros e os barqueiros das regiões por onde esteve, maiormente, nos rios Iri e Curuá. Notei como Emília emergia nesse campo masculino, na qual mantinha uma posição hierárquica de respeito com esses homens. A luta das mulheres, para se manter nos espaços públicos, era realizada pela presença, mesmo que elas, amiúde, não aparecessem diretamente nesses cenários³⁸².

Uma questão que não havia percebido em outros trabalhos, sobre a vida de Emília em suas caminhadas científicas, compreende as suas incursões, no campo etnológico, relacionadas às missões religiosas na Amazônia. O texto escrito sobre a viagem ao Prata demonstra como escreveu algumas notas sobre essas comunidades religiosas. Não chega a ser um trabalho amplo, contudo, abre espaço para conjecturas interessantes, como a própria religião dela, que era a protestante³⁸³.

³⁸⁰ No livro, Miglievich-Ribeiro (2015) utiliza a teoria de redes de Simmel para caracterizar como Heloísa Alberto Torres circulava entre as diferentes hierarquias e espaços, sejam científicos ou políticos, de sua época. Assim vejo Snethlage imersa em um mundo de pessoas e seus *status* sociais.

³⁸¹ Trecho do romance de Raimundo de Morais, escrito em 1938 (p. 58), no qual ele traz como uma de seus personagens a naturalista Emília Snethlage. O livro conta sobre o cotidiano da vida paraense entre o interior e a capital do Estado do Pará.

³⁸² Aqui faço lembrar das mulheres soviéticas descrita por Aleksievitch (2016), na II Guerra Mundial, estas depois dos acontecimentos, praticamente eram esquecidas e poucas condecoradas pelas forças armadas soviéticas. No livro, as combatentes soviéticas afirmavam em suas narrativas que elas lutavam por um espaço na vitória, e exigiam suas condecorações.

³⁸³ Max Weber (1864-1920) o intelectual alemão considerado fundador da Sociologia moderna, e que descreveu a relação entre religião e economia fundamentando bases para pensar a relação capitalista e a vocação espiritual. A Reforma Protestante ou Protestantismo surge entre os séculos XVI e XVII em que houve a luta entre a burguesia e a Igreja Católica, em que os reis não queria dividir seu poder com o Papa e, por fim, os camponeses não querendo mais servir, viram a Reforma como liberdade (BATISTA, 2013; PEREIRA, GIOIA, 2001). A família de Emília era protestante e suas bases religiosas advém desse contato com uma educação formal e vocacional. Ela escreve

Snethlage parecia ser entusiasta da formação vocacional e religiosa que os missionários franciscanos empreendiam no Prata. De modo que descreveu as edificações, a igreja e o cotidiano, perceptível por intermédio dos afazeres laborais e das práticas cristãs:

The mission and Colony of Santo Antonio do Prata, as it is called, presents quite an agreeable aspect, with its little church in the italian style (the monks are most of them Italians, while the nuns are all of Brazilian descent), its stately convent, and the attractive building which the monks constructed for themselves only a few years ago. the erection of the buildings is in fact all their own work, as is the laying-out of the fields and the cultivation of many of the plantations and orchards³⁸⁴.

O trecho parece remeter aquilo que ela relembra de sua vida na pequena aldeia de Kraatz, onde vivia com sua família rodeada de natureza, dos campos que produziam os alimentos e da vocação religiosa, presente desde sua infância.

Observar a rotina de trabalho de Emília sugere seu cotidiano, posto que, quando fazia suas “pesquisas” no jardim de sua casa, mantinha um hábito de colher suas amostras, estudá-las e depois enviá-las ao Dr. Blausius. Parece-me que a pequena Milla crescera nesse universo entre o labor e as religiosidades. O viver de uma comunidade protestante pode sugerir muito trabalho, uma rotina de atividades religiosas e a liberdade ao conhecimento e ao estudo. Foi desse modo que Emília cresceu, evidenciando, também, suas possibilidades ao deparar-se com as missões religiosas e a possibilidade de lembrar seu passado na Alemanha.

O tema do trabalho foi um dos elementos que também surgiu nas escritas de Snethlage. Ao descrever as comunidades por onde passava, fazia anotações detalhadas das atividades produtivas e das ocupações ali presentes, sobretudo, as que a ajudavam em suas expedições. Assim, notei como as figuras de comerciantes, seringueiros, caucheiros e barqueiros, em sua maioria ligados à extração gomífera na região, mantiveram-se presentes nesses dois artigos³⁸⁵. Essas relações não eram apenas de descrição etnográfica, mas de uma rede de contatos e das integrações entre a cientista e os detentores do conhecimento da região. Destaque especial, na

com entusiasmo a inserção dessas missões religiosas na comunidade do Santo Antônio do Prata. Seu trabalho e a liturgia faziam parte do processo de “desenvolvimento” daquela população, composta, principalmente por indígenas.

³⁸⁴ Snethlage (1917, p. 44): “a missão de colonização de São Antônio do Prata, como é chamada, possui um ambiente bastante agradável, com sua igrejinha de estilo italiano (os monges são em sua maioria italianos, enquanto as freiras são todas descendentes de brasileiros), seu imponente convento e o atraente edifício que os monges construíram para si mesmos há apenas alguns anos. A construção dos edifícios é toda obra deles de fato, bem como o layout dos campos e o cultivo de muitas das plantações e colheitas”. Traduzido por Aires (2021).

³⁸⁵ As relações de trabalho na Amazônia remontam desde o começo dos séculos XVI e XVII. A região tem servido de campo de exploração desde a extração de produtos como o cravo, a canela e a salsaparrilha. E a borracha começa a ganhar força quando Charles Goodyear cria o processo de vulcanização. A partir daí, essa matéria-prima passa a ser explorada na Amazônia, começando por regiões próximas de Belém (PA), depois no arquipélago do Marajó e deste avançando para regiões, como: Tapajós, Madeira, Purus e Juruá. Áreas, inclusive, estudadas por Emília Snethlage (LEAL, 2021, p. 469-470).

excursão dos rios Iriri e Curuá, para o papel dos barqueiros³⁸⁶.

Há trechos muito particulares em que percebo Emília junto desses homens em sua maioria. As mulheres não aparecem nesses textos. Assim, os homens, que faziam parte da rotina de trabalho dela, ajudavam-na na viagem e nos conhecimentos necessários para que ela pudesse realizar suas notas e análises com segurança. Moisés é um nome que surgiu no relatório entre o Iriri e Curuá. é notável a deferência e a confiança que Snethlage depositava nele. Assim como seu “pequeno Oscar”, Moisés abriu literalmente as águas das correntes do Iriri e do Curuá para que Emília pudesse atravessar.

O conhecimento dos comunitários foi, e ainda é, de muita relevância para as pesquisas na região amazônica. Diversos e diversas naturalistas tinham nessas pessoas a representação de um guia para adentrar a região e entender a dinâmica socioambiental da Amazônia³⁸⁷. Assim vi Emília falando acerca de seu barqueiro:

Poderia muito bem ser uma mera planície de várzea bastante alargada que, devido à sua cobertura florestal, furta à vista as colinas e cumes. Aliás, o meu piloto Moisés, de histórico muito confiável, afirmou com absoluta certeza que no dia 13, isto é, perto do ponto mais meridional que havíamos alcançado, enxergou à distância uma serra por um curto período de tempo³⁸⁸.

O piloto Moisés parecia ter diferencial na equipe de Snethlage, tanto que essa não seria a primeira vez que ela falaria no relatório sobre ele. O barqueiro surgiu em outras oportunidades, de modo que vejo como ela se diferenciava ao se manter nesse ambiente masculino, sendo respeitada e realizando o seu trabalho, como foi demonstrado no resultado da publicação.

Não apenas Moisés foi o “seu barqueiro”, mas Emília tinha uma equipe que cuidava dela, que mantinha a segurança, ao longo do percurso, da “doutora que sabia, de um tudo³⁸⁹”. Nesse momento, ela se refere aos seus barqueiros:

Entre as demais plantas das quais tiramos algum proveito prático, gostaria de citar a “casca preciosa” (*Aniba canelilla*), cuja casca nos proporcionou um saboroso chá

³⁸⁶ Ainda segundo Leal (2021), os trabalhadores amazônicos, envolvidos nas zonas de seringais, estavam diretamente ligados ao capitalismo mercantil, sem salários ou direitos. Essas pessoas já chegavam com dívidas a serem pagas com trabalho. A mobilização de mão de obra era grande para cobrir extensas áreas de floresta, e esses trabalhadores, principalmente homens, advinham de diversos estados do país, como Ceará, Maranhão, Piauí, entre outros. Além desses migrantes, também estrangeiros portugueses e indígenas faziam a linha de frente da extração da borracha.

³⁸⁷ Em trabalho recente, Dr. Lucas de Araújo (2021), orientado pelo Prof. Dr. Agenor Sarraf, lança luz sobre a produção científica no arquipélago marajoara no século XVIII e discute como vestígios arqueológico na região de Breves, em especial, despertam para a ciência que integrava os museus brasileiros e internacionais. A visão das comunidades locais e seu cotidiano era parte da narrativa de homens e mulheres.

³⁸⁸ Snethlage (1925, p. 2).

³⁸⁹ No romance de Moraes (1938), Emília era como um oráculo, que sabia de tudo e mais um pouco, sobretudo, dos bichos de pena, como diziam os personagens do Coronel e de sua esposa, D. Vitorina.

quando acabou o café, e a *Ravenala guianensis*, cujas largas folhas parecidas com as de banana nos serviam para tentarmos proteger-nos da chuva e com as quais meus barqueiros preparavam abrigos primitivos, porém bastante duráveis, para suas redes durante a estação chuvosa no alto Curuá.

Além de guiá-la pelos rios da Amazônia, Snethlage era cuidada para não ficar no relento ao longo de suas expedições. Embora esse detalhe não fizesse muita diferença para ela, que dormiu em cima de um pedral no Tapajós e, em outras noites, cobrindo-se apenas com algumas folhas grandes durante as chuvas.

A extração da borracha, nesse momento em que Snethlage realizou suas viagens pela Amazônia, era elemento importante da história do trabalho na região. É significativo entender que a comercialização da borracha amazônica demandava um grande contingente de pessoas, entre eles os cearenses³⁹⁰ que aparecem no seu artigo “*Nature and Man in Eastern Pará*”. Diferentes funções foram criadas para dar conta da demanda comercial do látex amazônico, mas a forma como esses trabalhadores eram arregimentados e, na sequência, postos em suas campanhas pela extração nos campos de seringais, caracterizando o trabalho escravo na Amazônia do século XX e tendo como seu sustento a dívida por trabalho³⁹¹.

Nos relatórios de Snethlage, esse lado “pesado” do trabalho não surge, talvez pela posição de cientista, ela deveria manter determinados limites em sua escrita. O que surge é um outro lado do trabalho desses homens. Isso abre possibilidades para pensar que esses momentos poderiam ser mais leves para eles. Mesmo sendo um trabalho perigoso e cansativo, deveria ser menos penoso, talvez do que estar nos caminhos das seringueiras e ainda ter que pagar uma dívida sem fim.

Foi interessante notar os escritos de Emília sobre esses trabalhadores, uma vez que descreveu começando pelo comerciante e, assim, imprimiu uma “hierarquia” de todos os que a ajudaram. Em seguida, passando pelos seringueiros até chegar aos barqueiros. Emília, novamente, conseguiu oportunizar uma identidade, ainda que generalizada, para esses homens, que também fizeram parte das produções científicas, como se vê na fonte:

³⁹⁰ A obra da Prof.^a Dr.^a Franciane Gama Lacerda (2010, p. 16) foi importante para que entender que o movimento migratório de centenas de pessoas do estado do Ceará para Amazônia não significou apenas um arregimento de trabalhadores, homens principalmente, para a floresta, tratou-se de um fenômeno social, como ela apresentou na introdução: “[...] experiência é social, ela foi também individual e única para cada migrante, embora, na historiografia que se debruçou sobre o tema, não raro, todos sejam chamados de “cearenses” ou simplesmente de “flagelados”, numa tentativa de homogeneizar as múltiplas vivências desses homens, mulheres e crianças”.

³⁹¹ Conforme Leal (2021), o mundo do trabalho amazônico, ainda nos dias de hoje, traz a herança do trabalho escravo dos seringais. A força de trabalho era angariada de outros estados e até de outros países. Estes já saíam de suas cidades com dívidas. Esse trabalhador, pobre e, muitas vezes, sem instrução, já acumulava contas com transporte e alimentação. Ao chegar ao campo de trabalho, eram as ferramentas e os mantimentos para sobreviver, no local de trabalho, que se somavam à dívida inicial. Como resultado, havia um endividamento contínuo. A autora cita, ainda, Euclides da Cunha para dizer que este viu na Amazônia a “escravização por dívida”.

Quanto ao tipo de assentamentos menores, deve-se distinguir: barracões, barracas de seringueiros e barracas de caucheiros. Os proprietários dos barracões, geralmente casarões imponentes com vários cômodos fechados, ainda que constituídos por meras paredes de barro ou de trançados de palha, são comerciantes, funcionários dos dois verdadeiros grandes proprietários do rio, Ernesto Accioly e Adolpho Castello Branco³⁹².

A etnografia alemã de Emília torna-se presente outra vez. Sua narrativa expressa o que avistou em sua viagem, conseguiu, assim, transmitir suas informações de forma clara. Além dos dados de campo, percebi também como ela se aproximava do espaço e da comunidade local, tornando possível conhecer tais pessoas, de outras maneiras, para além da vida nos campos de borracha.

As observações de Snethlage e a sua pesquisa demonstraram como o mundo do trabalho, na Amazônia do período da borracha, pode ser entendido a partir do olhar dessa cientista. A análise etnográfica dela expressou o cenário da produção gomífera a partir de um outro viés quando descreveu como eram as residências e as atividades dos seringueiros e dos caucheiros:

As barracas menores dos seringueiros, que se ocupam da exploração dos pés de *Hevea* localizadas sempre nas proximidades do rio, têm localização fixa há anos e por isso, ao serem construídas e equipadas, são calculadas para suportar um determinado período de tempo, ainda que muitas vezes sejam extremamente simples. A primeira coisa que um seringueiro iniciante deve fazer é verificar cuidadosamente a quantidade de seringueiras em sua área que estejam aptas para o corte e, em seguida, conectá-las por caminhos os mais práticos e retos possíveis³⁹³.

Essa descrição parece simples, conquanto que, ao narrar como viviam esses trabalhadores, Snethlage transmitiu que o trabalho na Amazônia possuía uma dinâmica espacial de classe³⁹⁴, tanto que, em sua escrita, brota uma maneira mais objetiva de descrição dessas funções, sem perder de vista o que era um labor pesado e de servidão. Ressalto, ainda, que a utilização do termo classe surge como senso comum, não como categoria de análise.

A função do(a) explorador(a), do(a) naturalista e do(da) cientista desde o começo do século XIX era a de apenas descrever o que via: colher informações com os “nativos”,

³⁹² Snethlage (1925, p. 19).

³⁹³ Snethlage (1925, p. 20).

³⁹⁴ Ao pensar no aspecto da classe, Thompson (1998) esclareceu-me que, na investigação histórica da consciência de classe, há a existência dos conflitos. Logo, o trabalho na Amazônia, relacionado à extração da borracha, possuía diferentes interesses, entre quais os dos comerciantes da região da floresta e da classe burguesa que eram os políticos e detentores das terras dos seringueiros.

decodificá-las e, por fim, produzir seus relatórios³⁹⁵. A ciência escrita e produzida somente era reconhecida por aqueles(as) considerados conhecedores, por terem algum tipo de grau de conhecimento. Emília Snethlage, porém, outra vez demonstrou estar em outro patamar e com outras estratégias para a produção do conhecimento científico na Amazônia.

Assim como fez na travessia do Tapajós ao Xingu, nomeando os e as indígenas de sua equipe e referendando o apoio de pessoas de sua rede de contatos, ela também fez referências e agradeceu aos seus companheiros de viagem, os barqueiros:

[...] não posso deixar de dedicar algumas palavras especiais aos meus leais companheiros de viagem, os barqueiros – também conhecidos como “cachoeiristas”. Cuidadosamente selecionados, após demorada prova de suas habilidades [...] os barqueiros formam uma verdadeira elite da população ribeirinha, tanto no aspecto físico quanto moral, pois é preciso desenvolver em alto grau características muito especiais para se tornar apto ao seu trabalho difícil e cheio de responsabilidade³⁹⁶.

Se os e as indígenas foram importantes para que Emília pudesse atravessar uma região, praticamente, desconhecida, como o Tapajós e o Xingú, os barqueiros formaram a melhor equipe de guias locais³⁹⁷ para que ela pudesse navegar pelos rios Iriri e Curuá.

Snethlage conseguiu trazer, para a pesquisa na Amazônia, uma visão inovadora sobre aqueles(as) que estavam por trás de toda a organização de uma viagem como essa, que durava dias e até semanas para acontecer. Ela demonstrou que, para conhecer a Amazônia, não bastava deter um título de doutora. Como cientista, ela precisava do outro, necessitava conhecer tais pessoas³⁹⁸ e ter apoio destes para cumprir suas missões. A ciência feita por essa mulher foi de experiências e de vivências que ultrapassaram o campo científico. Dessa maneira, Emília reconheceu aqueles(as) que detinham o conhecimento do universo natural amazônico.

Ao findar esse capítulo, verifiquei como Snethlage lidava com as tradições culturais locais. Notei que ela detinha certa curiosidade e investigava essas manifestações por relatos não muito extensos, mas que ficaram registrados em suas narrativas e produções científicas. Neles,

³⁹⁵ Segundo Morus (2016, p. 97), a composição do campo científico tem, em seus fundamentos, uma “tropa” de trabalhadores de apoio para garantir essa construção e a produção do conhecimento. Percebi, nas viagens, Emília que tinha um “trabalho coletivo que estava por trás do gênio” (tradução nossa), nesse caso a gênia.

³⁹⁶ Snethlage (1925, p. 8)

³⁹⁷ Procuo explicar aqui que os guias locais, nesse caso os companheiros de trabalho de Emília, podem ser comparados aos atuais guias de turismo regional. Estes são pessoas qualificadas para acompanhar grupos e/ou pessoas nas cidades (FALCÃO, 2016).

³⁹⁸ No livro de Krippendorf (2001), compreender a relação entre o turista e a comunidade local é imprescindível para entender como o desenvolvimento do turismo pode acontecer em determinados espaços turísticos. Para o autor, as relações de trocas no turismo são desiguais entre o turista e o autóctone, pois o primeiro acaba por utilizar e explorar o espaço alheio e sai deixando, na maioria das vezes, mais problemas do que renda naquele local. Apesar de não terem conotação turísticas, verifico que as primeiras expedições na Amazônia foram marcadas por essas trocas de conhecimento com uma balança desigual entre colonizadores e colonizados.

encontrei uma Emília com a alma dos viajantes do XIX exibindo seu ar colonial e etnocêntrico, em que seu trato com os indígenas havia ambiguidades, eles a serviam, e ela manifestava afeto por eles. Tal descrição denota que essa posição colonizadora dela era ambígua. Nada de diferente do que se poderia esperar de estrangeiros olhando a Amazônia sob seu viés eurocêntrico, do lado dos ditos “civilizados”³⁹⁹.

Começo a destacar, novamente, a alimentação no texto de Snethlage. Como visto no texto da travessia, o olhar dela em relação às produções alimentícias e às populações amazônicas alimentavam-se é perceptível. Ela própria descrevia suas dietas alimentares com as populações indígenas, principalmente. Os viajantes desde o século XIX também dedicavam alguns momentos de suas investigações a relatar os modos e os hábitos alimentares amazônicos.

A relação da comida dos brasileiros, em destaque das populações amazônicas, e a visão colonial também estiveram envolta de etnocentrismos. Os hábitos alimentares estão diretamente ligados ao mundo natural e selvagem no qual o Brasil ainda estava imerso. Assim, os viajantes deparavam-se com a cultura alimentar nos trópicos com uma diversidade de alimentos, entre aromas, sabores, quantidades e qualidades excepcionais. Entre elas, a utilização das farinhas em troca do pão, comumente utilizado na Europa para acompanhamentos⁴⁰⁰.

Emília descreveu como a farinha era produzida na missão em Santo Antônio do Prata, em que há uma mistura entre a curiosidade de uma viajante e um olhar científico acerca daquele momento, como pode ser visto a seguir:

Farinha – making was just going on, and I was shown the process. The manioc root is first soaked in running water in a special recesso of the little brook near the house, then peeled and triturated on a special instrument, the *raladór*. The yellow mass resulting from this is then put into a *tipity*, a long, tightly plaited basket of palm fibers, which is slung to a beam of the roof and stretched to its utmost possibility by a stone suspended on its free end. The pressure thus produced draws out the poisonous juice still contained in the mass and helps to dry it. Several hours’ roasting over a slow fire in a large metal basin with continual stirring completes the process, whose final product is the White or yellowish *farinha d’agua*, the principal and most necessary food of the Paraneze, be he Indian or Brazilian⁴⁰¹.

³⁹⁹ Segundo Naxara (2004, p. 24), o Brasil era visto como terra ainda longe da civilidade e, conseqüentemente, a população brasileira estava afastada desse universo de civilidade que o continente europeu já vivenciava. Segundo ainda a autora, “Natureza, no entanto, sempre presente quando se tratou de pensar o Brasil”.

⁴⁰⁰ Sobre a farinha e outros alimentos, Silva (2008, p. 40) relata: “para os viajantes do século XIX, os alimentos que mais chamavam a atenção eram as misturas que envolviam o feijão preto, as carnes e a farinha – de milho ou de mandioca – as sopas, e as frutas; não por serem desconhecidos, mas pela maneira de consumo diferente daquela feita na Europa. As nossas farinhas eram excentricidades enquanto substituto do pão tradicional”.

⁴⁰¹ Snethlage (1917, p. 47): “a produção de farinha estava acontecendo e me foi mostrado o processo. A raiz da mandioca é primeiro embebida em água corrente em uma reentrância especial do riacho próximo à casa, depois descascada e triturada em um instrumento especial, o ralador. A massa amarelada resultante disso é então colocada no tipiti, uma longa cesta de fibras de palmeira bem entrançada, que é pendurada em uma viga do telhado e esticada ao máximo por uma pedra suspensa em sua extremidade livre. A pressão assim produzida retira o suco venenoso ainda contido na massa e ajuda a secá-la. Várias horas de torrefação em fogo lento em uma grande bacia de metal

A descrição feita por Emília oferece detalhes quanto aos instrumentos como o tipiti, o ralador e o forno, que era a bacia de metal⁴⁰². A natureza pesada do trabalho também aparece, pois narra como os produtores ficam por horas mexendo a farinha em um lugar quente perto de uma grande fornalha. Por fim, ela enfatizou, como outros viajantes já haviam descrito, que a farinha faz parte da dieta do paraense e do brasileiro de modo geral.

Não somente a alimentação fez parte do repertório científico de Emília Snethlage, visto que, ao averiguar os indícios das fontes estudadas sobre essa cientista, nota-se que ela também se interessava pelas lendas populares, principalmente quando ligadas à sua narrativa científica. Ao descrever sobre a fauna nos rios Iri e Curuá, em especial, sobre os peixes da região, ela fez uma referência sobre o poraquê amazônico (*Electrophorus electricus*)⁴⁰³, e junto com sua observação científica, Emília narrou como algumas mortes misteriosas eram relacionadas à lenda da mãe d'água⁴⁰⁴:

Vimos, por sua vez, o poraquê [...] Costuma-se ouvir que, quando há acidentes de barco, bons nadadores – todos barqueiros – desapareciam de repente na água e só reapareciam já mortos ou não reapareciam. É comum dizerem que a “mãe-d'água”, a cobra-d'água gigante anteriormente mencionada, que é importante protagonista nas lendas dos rios e cujo arquétipo pode ser a sucuri, vomitou ou engoliu o homem em questão. Não me parece fora de questão que, em acidentes tão inexplicáveis, tenha sido o poraquê a criatura que atordoou os nadadores, que então afundaram e foram levados pela correnteza ou apenas lançados a terra como cadáveres. Claro, trata-se novamente de uma conjectura que precisa ser confirmada por observações mais numerosas e precisas.

O mundo dos rios amazônicos tornou-se espaço das escrituras dos primeiros cronistas e viajantes da região. Eles próprios, já conhecendo um pouco desse universo natural e de seus elementos, criaram ligações e um olhar, ainda que, às vezes, distanciado, dessas vozes do imaginário hídrico, da floresta e do ar⁴⁰⁵.

com agitação contínua completam o processo, cujo produto final é a farinha d'água branca ou amarelada, o principal e mais necessário alimento dos paraenses, sejam eles índios ou brasileiros”. Traduzido por Aires (2021).

⁴⁰² Segundo Santos (2016), o tipiti e o ralador são instrumentos importantes na feitura da farinha. Normalmente, o tipiti é feito de palha, como os indígenas faziam e ainda fazem.

⁴⁰³ Segundo o ICMBio (BRASIL, 2021, p. 1), “os poraquês são peixes cuja principal característica é a emissão de fortes descargas elétricas de até 650 volts. Mesmo sendo um dos maiores vertebrados da Amazônia, atingindo até 2,5 metros de comprimento, pouco se conhece sobre a biologia da espécie em ambiente natural”.

⁴⁰⁴ Trago o estudo de Silva e Pacheco (2015, p. 131), uma vez que estes compreendem que a Amazônia revela uma integração com os seres da floresta e das águas. Os autores trabalham o conceito de encantados e apresentam que: “o universo da encantaria tem sido estudado através das narrativas orais amplamente diversificadas. A categoria e as relações entre seres humanos e encantados são descritas com certa “hierarquização”. [...] os encantados podem emergir da mata (curupira, anhangá, caruana) e do fundo (caruana, oiara, oiara preta, oiara branca)”.

⁴⁰⁵ A dissertação de Jerônimo Silva (2011) revelou-me que os encantados na Amazônia ultrapassaram a fronteira territorial quando migrantes nordestinos para cá vieram em 1950, como a encantaria que aqui floresceu foi além

No caso dos encantados da Amazônia, presentes em suas narrativas, as criaturas das águas e da floresta não só faziam parte do imaginário, como do cotidiano deles, ao relatar que esses elementos sobrenaturais estavam a serviço do bem e do mal⁴⁰⁶.

Esse universo sobrenatural, em que a Amazônia é posta desde suas primeiras incursões estrangeiras, traz diferentes questões que podem ser discutidas nas narrativas de Emília. Outro momento interessante em que a vi imersa nesse campo foi o momento em que ela se deparou com uma das manifestações culturais que reúne elementos do colonizador, das populações indígenas e dos africanos: o boi-bumbá. Desde trabalhos como da travessia, Snethlage escreveu sobre as danças dessas comunidades ao falar dos folguedos dos povos indígenas Xipaias e Kuruayas. Quando estive no Prata, Emília narrou como o boi-bumbá acontecia, deixando transparecer seu etnocentrismo, e pouco acostumada, talvez, com aquelas dinâmicas.

Como uma de suas marcas na escrita, Snethlage dedicou uns bons momentos de narrativa sobre esse folguedo popular:

Only the naturalista who has for years in the country and come into intimate contact with all classes and races and knows the conditions of life in Brazil can appreciate the multitude and the importance of the cultural and racial problems that still require solution. [...] Every Sunday and holiday, at night, a peculiar musical noise (it hardly could be termed music in our sense of the word), drumming and trumpeting on strange instruments, interrupted by monotonous chanting [...] a sort of pantomime that invariably ended with the killing of the ox (*mantando o boi*). That was the famous *boi-bumba*, the popular summer entertainment of the Amazonians. Even in the capital, the boi-bumba is a favorite spectacle with the lower classes, and its noise often enough heard from afar in the main streets and open places of the suburbs⁴⁰⁷.

Snethlage tocou em um assunto pouco discutido por ela: a raça. A partir das fontes de sua escrita e na pesquisa de campo, percebi, em sua “formação antropológica” alemã, que esse tema pouco é apresentado em outros relatos, mas, nesse texto, em especial, evidencia-se seu

das águas e das florestas, ganhou também o ar. A história de vida de algumas mulheres demonstrou essa versatilidade em que as entidades amazônicas podem atuar.

⁴⁰⁶ Sobre o imaginário dos rios, ressalto o trabalho de Gondim (1994) quando descreve que os cronistas se deparam com o espaço amazônico e com rios, como lugares de caminhos e de representações daquelas populações. Para Pizarro (2012, p. 188), o mundo dos encantados amazônicos é um terreno de vozes contraditórias, e que existe um espaço específico, como “[...] uma espécie de Olimpo, de santuário profano de figuras ligadas à água doce ou à selva, que se recriam e se transformam permanentemente”.

⁴⁰⁷ Snethlage (1917, p. 49-50) “somente o naturalista que tem há anos no país e entra em contato íntimo com todas as classes e raças e conhece as condições de vida no Brasil pode apreciar a multidão e a importância dos problemas culturais e raciais que ainda requerem solução. [...] Todos os domingos e sextas-feiras, à noite, ouvia-se um barulho musical peculiar (dificilmente poderia ser chamado de música no nosso sentido da palavra), batuque e trombeta em instrumentos estranhos, interrompidos por cânticos montanhosos [...] uma espécie de pantomima que invariavelmente terminava com a matança do boi (*mantando o boi*). Esse foi o famoso *boi-bumbá*, o popular entretenimento de verão dos amazônicos. Mesmo na capital, o *boi-bumbá* é um espetáculo favorito das classes mais baixas, e seu barulho é, frequentemente, ouvido de longe nas ruas principais e lugares abertos dos subúrbios. Traduzido pela autora com a versão gratuita do tradutor (www.deepl.com/translator).

olhar colonial acerca da interação das raças no Brasil.

Quando os alemães chegaram ao Brasil, por volta do século XIX, principalmente, como imigrantes, estavam à procura de criar colônias em busca de formar um mercado e essas terras eram vistas como uma extensão do Império alemão no além-mar. Eles não vieram apenas para entender a cultura brasileira, mas para terem consumidores dos produtos vindos da Alemanha. Entre as questões que notei ao estudar sobre esses europeus, a raça se tornara uma preocupação científica para eles, mas também social: a de pensar o futuro de uma nação com alto grau de mestiçagem como o Brasil⁴⁰⁸.

Ao que refleti nos estudos sobre Emília Snethlage, de certa maneira, são notáveis os resquícios desse pensamento acerca das raças. Até onde consegui alcançar as leituras e a imersão nas fontes, não apresenta algum comentário, ou aponta diretamente a eugenia como uma possibilidade de mudança na sociedade brasileira, muito menos amazônica. Emília parece muito sóbria ao falar sobre o tema da integração das raças. Apesar de ser necessário assentar aqui algumas de suas colocações, como a registrada no final do artigo dos rios Iriri e Curuá:

Na composição da população do Iriri-Curuá, as três principais etnias que habitam o Brasil podem estar implicadas em igual medida. Enquanto elementos não miscigenados, são sobretudo os índios que tomam a dianteira, pelo menos por enquanto. Em contrapartida, são os mulatos dos mais diversos graus de miscigenação que predominam na população não indígena ou entre os parentes dos membros da classe dominante, mas ao lado deles há uma parcela de brancos não miscigenados e de índios mestiços. Sobre os mulatos que se fazem conhecer por seu lado mais detestável enquanto investidos nos inúmeros cargos oficiais de menor importância em Belém e, em sua maioria, estão representados por mestiços de pele bem escura [...] Ao mesmo tempo, são alegres, normalmente bondosos, ainda que facilmente dispostos ao barulho e à discussão, e cegamente devotados ao patrão que os trate bem e sobre eles se imponha⁴⁰⁹.

O assunto foi posto com muita cautela, mas que deixou escapar como ela e outros alemães enxergavam a mestiçagem como um caminho “perigoso”, que seguia na contramão da criação de uma sociedade mais bem-educada e preparada para o progresso.

Tais análises são um esforço para entender como as raças caracterizam os modos e as vivências no Brasil, com destaque para a compreensão da população amazônica. Tal análise é também por ela feita no fim do texto *Nature and Man...*, como se vê:

⁴⁰⁸ A obra de Lisboa (2011) apresenta como alguns autores de língua alemã no Brasil tiveram bastante influência na história do Brasil. Esses imigrantes deixaram estudos e preocupações. Entre elas, estavam, por exemplo, a mestiçagem brasileira. Os estudos das raças, de um país mestiço, chamaram muito a atenção desses estrangeiros, e alguns deles dedicaram estudos sobre os “tipos brasileiros”, e como eles viam tal assunto. E que a eugenia, uma ciência prática do período, seria um caminho importante para transformar o Brasil em um país mais civilizado e, literalmente, branco.

⁴⁰⁹ Snethlage (1925, p. 22).

But as it is rather looked down upon and proclaimed as shocking by the educated people, it really has somewhat degenerated, and the opportunity to study it is not very favorable. [...] However, relics of Indian and negro superstitions are distinctly traceable in it, and the whole has been modified, as is so often the case, by the highest of the three races. This may be inferred from the time at which the pantomime is performed, being St. John's day in Amazonia, and the Epiphany in the South of Brazil⁴¹⁰.

A mestiçagem não era o foco do trabalho dela, contudo sua escrita tendeu a apresentar essas questões, que sugerem o debate sobre a visão colonial existente na época. Emília deixa claro no texto que a manifestação tem a participação das três raças, porém a raça superior (branca) fez melhoramentos na manifestação quando sincretizou o dia de São João, festa de tradição católica.

A narrativa de Snethlage seguiu um caminho metodológico da descrição das populações tradicionais da Amazônia. Indígenas, caboclos e colonos foram objetos de investigação, a partir dos quais a cientista conseguiu trazer à tona o cotidiano amazônico mediante a sua leitura sobre a natureza. A experiência dela no campo demonstrou a visão holística que possuía do espaço amazônico em todas as suas formas: animais, florestas, rios e a população local.

Comecei a entender que Emília Snethlage cercou-se de elementos que a levassem a produzir um conhecimento genuíno da Amazônia. Essa alemã demonstrou que a natureza amazônica é carregada de informações e teses científicas que até hoje somam estudos na região e em outros lugares do Brasil. Ela manteve uma rede de contatos que a permitiu alcançar resultados importantes a respeito da história das ciências na Amazônia. Sua relação com seus companheiros foi além do serviço prestado, Emília, dentro de seus limites, referenciava aqueles e aquelas que a induziram nos caminhos mais difíceis, mas também mais bonitos dos trópicos.

Ela passou por questões difíceis, que, sem dúvida, estavam ligadas ao seu sexo, ao feminino. Uma mulher à frente de uma instituição de pesquisa como Museu Goeldi causou, certamente, espanto, desencadeando a luta pelo poder científico, social, cultural e econômico, as quais a instituição tinha no Estado do Pará naquele momento. Ela, porém, não precisou se “vestir de homem”, no termo literal, para enfrentar essas adversidades. Ainda assim, sua identidade não exposta em seus trabalhos foi uma tática. Emília foi ela mesma por trás da

⁴¹⁰ Snethlage (1917, p. 50): “Mas, como é bastante desprezada e proclamada como um tiroteio pelo povo educado, ela realmente degenerou, e a oportunidade de estudá-la não é muito favorável. [...] Entretanto, relíquias de superstições indígenas e negras são claramente rastreáveis nele, e o todo foi modificado, como tantas vezes acontece, pela mais alta das três raças. Isto pode ser inferido a partir do momento em que a pantomima é realizada, sendo o dia de São João na Amazônia, e a Epifania no Sul do Brasil”. Traduzido pela autora da tese durante a pesquisa de campo.

abreviação do seu primeiro nome, firme e enfrentando o que estava diante de si. Homens que a faziam parecer que desistiria com facilidade de estar onde esteve.

Minha viagem com Emília aproxima-se do fim, visto que ela ficou no Museu Goeldi até 1922, ocasião em que fez ainda o que pôde para permanecer na instituição, todavia as animosidades e, ao que parecia serem forças exteriores, queriam que ela estivesse fora dali. O Goeldi já não era mais o mesmo por não ter mais seus principais pesquisadores, dado que Snethlage era uma das últimas funcionárias do período de Emílio Goeldi e de Jacques Huber⁴¹¹. Fato que me permitiu refletir se ela não se sentiu sozinha ao voltar e enfrentar as questões que foram postas contra ela.

A I Guerra Mundial influenciou a ciência na Amazônia. Emília Snethlage e Curt Nimuendajú enfrentaram uma campanha difamatória por suas origens germânicas. O antigermanismo, na América Latina, no Brasil, na Argentina, no Chile e no México, foi bastante forte. Ela foi afastada primeiro do cargo da direção, depois de seu cargo como chefe de seção de zoologia, em virtude de o Brasil declarar guerra à Alemanha.

Emília se importava com as questões da violência na região, notável no texto sobre o comentário da morte de Manoelsinho⁴¹², assim suponho que ela se preocupava com as tensões desencadeadas pela I Guerra. Ela queria apenas continuar seu trabalho, mas não pôde. Então, partiu para Santo Antônio do Prata por meses até a poeira da guerra baixar. Pelo menos, conjeturo ser o que Snethlage pensava⁴¹³.

Emília retomou em 1919 às funções no Museu como consta na mensagem do Governador Lauro Sodré: “Voltou as suas funções de chefe de secção de zoologia do Museu Goeldi, da qual o governo a dispensara, a sr.^a dr.^a Emília Snethlage, que esteve afastada de seu cargo durante algum tempo, assumindo igualmente o exercício as funções de diretor do estabelecimento”⁴¹⁴. Snethlage retornou, mas enfrentaria, talvez, questões mais delicadas relacionadas à sua pessoa, isso, ne verdade, pareceu ser um baque contra ela.

Para averiguar tais questões de perto, vou ao Museu Goeldi no dia 19 de abril de 1921,

⁴¹¹ Cunha (1989) deixa claro, na biografia sobre Emília, que ela voltou, mas que o Museu Paraense não seria mais o mesmo. No contexto do começo da década de 1920, o Pará enfrentaria uma crise, e o Museu estava apenas cumprindo algumas atividades básicas. Ela estava lá, como escreveu Cunha (1989, p. 93), “mantendo as aparências”. As questões com relação à guerra e aos outros problemas enfrentados por ela, como as denúncias sobre roubo de carnes, entre outros episódios, talvez tivessem a deixado com a ideia de partir para outros caminhos.

⁴¹² Ela comentou sobre a morte desse indígena, que sempre estava ao seu lado durante as pesquisas na região. Emília se preocupava com as populações indígenas na região amazônica (SNETHLAGE, 1910a).

⁴¹³ Cunha (1989) escreveu que Emília passou o tempo de seu “retiro” fazendo o que gostava: pesquisando a fauna e a flora amazônicas.

⁴¹⁴ Hemeroteca da BND, Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Estado do Pará em sessão solenne de abertura da 2ª reunião de sua 10ª legislatura a 7 de setembro de 1919 pelo Governo do Estado Dr. Lauro Sodré (BRASIL, 2018).

em que li, no jornal Estado do Pará, a notícia sobre o furto no Museu Paraense: “[...] repetidos escandalos no Museu Goeldi [...] tenho notado um movimento extraordinário no portão [...] uns saindo com paneiros cheios, outros com embrulhos volumosos [...], e ainda outros, como carne e peixe enfiados no cipó [...]”⁴¹⁵. A nota no jornal era anônima para que o Governador tomasse conhecimento e providências quanto às acusações. Sabe-se que naquele momento o estado estava no auge da crise gomífera. Enquanto o Museu também passava por dificuldades financeiras, inclusive, de funcionários, de mais baixa ocupação, com salários atrasados.

Com isso, percebi certo alvoroço no Museu, direciono-me pela entrada da Avenida Gentil Bittencourt e vejo Abigail, Anna e Oscar conversando com o jornal do dia nas mãos. Parecia não ser outra coisa sobre a qual falavam. Paro, termino de ler a nota e vejo o que suponho o pior nessa “denúncia”: “em casa dos empregados solteiros e residentes dentro do estabelecimento é um verdadeiro escândalo, pois entram e saem mulheres da vida duvidosa sem o menor respeito a direção e as famílias lá residentes”⁴¹⁶. Notei que essa deve ter sido a questão de maior importância para a conversa dos três, e na cidade toda.

A partir daí, Emília enfrentaria uma mistura de desconfiança, a ter de lidar sozinha com os poderes externos que surgiam na busca por um novo diretor do Museu Goeldi. As denúncias foram esclarecidas pelo senhor Francisco de Queiroz Lima, 1º preparador do Museu: segundo esse funcionário, os empregados de baixa renda recebiam da diretora ajuda quanto a alimentos quando sobravam carnes ou peixes. Com relação ao outro trecho da denúncia, na instituição não entravam mulheres de vida duvidosa⁴¹⁷.

Aqui ressalto aos leitores, a partir da discussão de gênero⁴¹⁸, de que como não se tinham “provas” da incompetência profissional de Emília, os ataques, ao que indicaram as fontes, deram-se por meio da questão da sexualidade e da moral familiar. Esse debate é importante, porquanto aqui se evidencia que mulheres como Sneathlage eram alvo desses comentários.

Ainda de acordo com a fala de Francisco Lima, na nota do Jornal de 20 de abril de 1919, a diretora esteve com o Governador, Souza Castro, para tomar as medidas cabíveis aos eventos. Emília teve uma audiência com o Governador na época e, pouco depois, articulou-se para viajar ao Rio de Janeiro, uma vez que recebeu um convite de Bruno Lobo aceito para fazer uma visita, ainda em 1921. Logo depois, ela trabalharia como naturalista viajante: “acaba de chegar ao Rio

⁴¹⁵ Hemeroteca da BND. Jornal Estado do Pará, terça-feira, 19 de abril de 1921 (BRASIL, 2018).

⁴¹⁶ Aqui novamente referendo que essas denúncias atingiram Emília por meio dos roubos, e a questão das “mulheres de vida duvidosa” estava relacionada a Curt Nimuendajú, que era solteiro. Hemeroteca da BND. Jornal Estado do Pará, terça-feira, 19 de abril de 1921 (BRASIL, 2018).

⁴¹⁷ Hemeroteca da BND. Jornal Estado do Pará, terça-feira, 20 de abril de 1921 (BRASIL, 2018).

⁴¹⁸ Para esse ponto, amparei-me em notas de Scott (1995) e Schiebinger (2001).

de Janeiro, a dra. Emília Snethlage chefe da secção de zoologia do Museu Goeldi, que vem em visita ao Museu Nacional, a convite do professor Bruno Lobo diretor do Museu Nacional”⁴¹⁹. Assim, Snethlage deixaria o Museu Paraense e o Pará. São suposições, mas ela talvez sentisse que não era mais ali o seu lugar, depois de tais acusações, que não eram relacionadas diretamente ao seu trabalho, mas, de certa maneira, atingia à sua pessoa, à mulher que era⁴²⁰.

Emília Snethlage chegou ao Museu Nacional do Rio de Janeiro, em 1922, com novas perspectivas de trabalho e outros horizontes, tendo como projetos conhecer outras regiões do Brasil e realizar muitas outras expedições: “o Tribunal de Contas, em sessão de ontem [10 de novembro de 1922], das Camaras reunidas, resolveu o seguinte: com a Dra. Emília Snethlage e Edward May, para servirem de naturalistas viajantes do Museu Nacional”⁴²¹. E lá, na secção de etnografia, é que ela e Heloísa encontrar-se-iam, tendo essa experiência de Emília sido marcada pela recente entrada de Heloísa no MNRJ. Eram duas mulheres cientistas que fizeram de seus trabalhos estratégias para se manterem no espaço masculinizado do campo científico.

Conquanto Emília tenha passado pouco tempo no Museu Nacional, foram exatamente 7 anos, sua produção foi muito intensa. Ainda em 1922, ela iniciou algumas expedições pelo Rio de Janeiro. Entre o ano de 1923 até janeiro de 1924, ela empreendeu uma viagem para o Estado do Maranhão. Nesse momento, viajou com seu sobrinho Emil-Henrich Snethlage, e a marca que ela deixou no estado foi a de realizar a primeira lista de aves do Estado do Maranhão⁴²².

Entre março de 1924 e abril de 1925, Snethlage fez uma viagem pela Europa. Sugere-se que, nessa viagem, Emília foi pesquisar espécimes nos museus europeus para comparar com outras aves de fora do contexto amazônico. Nesse mesmo ano, Emília tornou-se membro honorária da Sociedade Alemã de Ornitologia (*Deutsche Ornithologische Gesellschaft*). Tendo como destaque um de seus trabalhos sobre a região Nordeste, em evidência o Estado do Ceará, com o título: “*Neue Vogelarten aus Nord-Ost-Brasilien*”⁴²³.

⁴¹⁹ Hemeroteca da BND. Jornal Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 1921 (BRASIL, 2018).

⁴²⁰ Em seu texto, Cunha (1989) apresenta mais detalhes da saída de Emília e deixa indícios em sua narrativa que Emília estivesse magoada com as questões colocadas.

⁴²¹ Hemeroteca da BND. Jornal Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1922 (BRASIL, 2018). Ressalto, também, quanto à contratação de Emília, efetivada em julho de 1922, segundo as fontes que o zoólogo Marco Crozariol, na palestra da Avistar (2021), informou: “1 de julho de 1922, Naturalista Viajante, com horário de trabalho de 11 horas da manhã até as 16 horas da tarde (rotina)”, Avistar Brasil (2021).

⁴²² Até o momento, pouca foi a documentação que consegui relacionada ao período de Emília Snethlage no Museu Nacional, apenas alguns jornais pela Hemeroteca da BND. Assim, todas as informações que constituem o período da cientista na instituição vieram da palestra de Marco Crozariol, proferida na Semana Emília Snethlage, organizada pela Avistar Brasil. O pesquisador utilizou para essa apresentação três fontes: publicações científicas/bibliografia sobre Emília Snethlage; espécimes e etiquetas do MNRJ e jornais, cartas e diários de campo, tudo em um acervo no Museu Nacional. Com base nesse material, construí essa apresentação do tempo em que Snethlage esteve por lá.

⁴²³ Trabalho publicado no *Journal für Ornithologie*, Berlim, v. 72, n. 3, p. 446-450, 1924 (JUNGHANS, 2009).

Nesse trabalho de campo, descobriu a espécie *Picumnus limae* (picapauzinho-da-caatinga) e homenageou seu preparador, Francisco de Queiroz Lima, o mesmo que foi ao jornal Estado do Pará esclarecer sobre as denúncias feitas contra a instituição e a direção do Museu Paraense em 1921. Emília, talvez, tenha reconhecido o apoio dado naquele momento tão difícil pelo qual ela e a instituição passaram.

Mesmo Sneathlage estando próxima aos 60 anos de idade, continuou a viajar, a pesquisar e a realizar ainda muitas coletas ornitológicas. Entre os anos de 1925 e 1926, ela angariou mais 1050 espécimes. Não foi um trabalho fácil, porque coletava e depois organizava as coleções. Nesse período, há o trabalho desenvolvido por ela no Estado do Espírito Santo. Em uma primeira visita ao local, Emília coletou 137 espécies e, dessa viagem, escreveu um trabalho que seria publicado apenas em 1927: “*Ein neue Cuculidae aus Südbrasilien*”.⁴²⁴ Esse também foi um importante estudo para a região.

Sneathlage, contudo, não só viajava, também era reconhecida e recebia títulos em significativas instituições de pesquisa e academias científicas. Em 26 de outubro de 1926, a exemplo, ela se tornou uma das primeiras mulheres a ser membro correspondente, conforme as fontes que pesquisei, da Academia Brasileira de Ciências (ABC). Junto de Emília, estava a cientista Marie Curie.

Emília era a cientista que buscava ultrapassar suas barreiras de formação. Aqui reforço que essa era a sua estratégia para estar e “sobreviver” no campo científico. Ela produziu uma investigação sobre ninhos de ovos a partir de estudos de pranchas do pesquisador Karl Schreiner⁴²⁵. Ela se dedicava à pesquisa em outros segmentos científicos e alcançava resultados importantes, como fez com essa pesquisa.

Para os anos de 1927 e 1928, Emília direcionou suas pesquisas para a região Sudeste, depois Centro-Oeste e para o Sul do Brasil. Entre os meses de março e maio de 1927, Sneathlage fez uma expedição pela região mais alta do Rio de Janeiro, nessa viagem, coletou aproximadamente mais de 150 aves. Depois passou por estados como São Paulo, Goiás, Tocantins e Mato Grosso. No período entre maio e dezembro, essa cientista coletou, aproximadamente, 1058 aves. Com base nas informações da minha pesquisa, notei uma alta capacidade de coleta e de processamento desses espécimes.

Parece que nada impediu Emília de continuar seu trabalho, visto que, em 1928, ela fez

⁴²⁴ Trabalho publicado no *Ornithologische Monatsberichte*, Berlim, v. 35, n. 3, p. 80-82, 1927-1928 (JUNGHANS, 2009).

⁴²⁵ Esse foi um importante pesquisador, dado que fez um estudo sobre a descrição de ninhos e ovos das aves do Brasil, de acordo com Marco Crozariol, na palestra sobre Emilie Sneathlage, pela Avistar Brasil (2021).

uma grande viagem em que passou pelos estados do Sul e voltou ao Centro-Oeste do Brasil. Ela esteve no Paraná, em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, no Mato Grosso do Sul e Mato Grosso e, novamente, sua capacidade de coletar aves se mostrou de novo, com 1074 aves. Os ornitólogos do século XXI devem se perguntar como essa cientista conseguiu tal fato? Em minhas elucubrações, ousou dizer que Emília era metódica, organizada e, o principal, amava o que fazia.

O ano de 1929 chegou e parecia trazer muitos sinais para ela de que seria uma de suas últimas viagens. Emília acreditava no presente. Talvez por isso, seu trabalho era tão completo e diverso. Ela queria viver o Brasil, como viveu uma boa parte da Amazônia. Sua paixão pelos trópicos estava nessa imersão em campo e nessa robusta coleta de dados para suas investigações.

Os desafios da cientista alemã continuaram. Emília também encarnou uma montanhista no Espírito Santo, escalando o Pico da Bandeira⁴²⁶, na época o mais alto do Brasil, hoje trata-se do terceiro, ficando atrás dos Picos da Neblina e 31 de Março no Estado do Amazonas. Segundo as fontes, o guia perdeu-se dela, e Snethlage enfrentou sozinha baixas temperaturas, dormindo ao relento e com muita chuva⁴²⁷.

Não quero deixar a última viagem de Emília em tom muito nostálgico e tampouco triste. Acredito que Emília não queria deixar sua última impressão dessa maneira. Como mulher forte, cientista decidida, provavelmente não queria ver sua derradeira imersão no campo dessa forma. Assim, em 21 de outubro de 1929, rumou para Porto Velho, Rondônia, para explorar a região do Rio Madeira. Ambiente em que foi possível visualizar Emília bem e tranquila, conforme registrado em sua carta de 4 de novembro de 1929, na qual falava da viagem, dos novos estudos que faria e das pessoas que encontrava pelo caminho.

O campo das viagens científicas, sempre tão masculino, oferecera uma surpresa à Emília em sua última excursão, isso porque encontrou, pela primeira vez, de acordo com ela, uma colega cientista. Fato que a deixou muito feliz, descrevendo seu encontro com Margaret Elizabeth Fontaine (1862-1940), lepidopterologista de Norwich, Inglaterra:

Em minhas viagens, é muito frequente eu encontrar colegas, mas aqui encontrei uma colega pela primeira vez. Lógico que era uma inglesa, Miss Fauntaine [*sic*], especialista em borboletas e lagartas, sendo também logicamente uma filha de pastor de aldeia como eu, isto é, *mutatis mutandis*, [...] no interior teve a oportunidade de desenvolver sua aptidão para as ciências naturais, no que recebeu apoio, e quando o pai faleceu – o que significou andar com as próprias pernas –, ali achou a sua

⁴²⁶ Informações atuais sobre os pontos mais altos do Brasil em Brasil. ICMBio, Parques Nacionais do Brasil (2021).

⁴²⁷ Marco Crozariol, em sua palestra, citou um texto escrito por Bertha Lutz (1958, p. 42), no qual ela descreveu esse momento difícil para Emília Snethlage.

profissão⁴²⁸.

Emília encontrou uma colega cientista, sim, uma mulher, que, como ela, criou seu próprio caminho para estar no mundo da ciência e também fazer história. Parecia que esse encontro marcava a presença de mulheres cientistas na Amazônia. Suas estratégias, vivências e expectativas no labor científico integraram-se quando elas se encontraram na região de Rondônia. O encontro foi breve, depois cada uma delas foi para seu destino, Miss Fontaine viajou com destino ao Pará e ela para margem esquerda do rio.

Emília Snethlage, então, seguiu viagem para Guajará-Mirim de trem entre os dias 12 e 13 de novembro de 1929. Ela desembarca em Porto Velho, no dia 23 de novembro, e hospedou-se no antigo Hotel Brasil. Acredito que Emília, nessas duas noites anteriores, organizou seu roteiro de viagem, suas anotações, seus equipamentos, como suas espingardas e seus mapas da região para explorar uma área ainda não estudada por ela. Deveria estar muito entusiasmada com essas novas possibilidades.

Em contrapartida, parecia que tantos anos na floresta e tendo de enfrentar elementos adversos, como as doenças (malária), ficar dias sem comer, dormindo poucas horas, enfrentando tempo de muito calor, muita chuva e frio cobraram do corpo dessa cientista. Em virtude disso, as fontes apresentam que Emília não se sentiu bem entre 23 e 24 de novembro. No dia 24, parecia estar melhor, sem necessidade de um médico, mas na madrugada do dia 25 de novembro, em seu quarto, ela teve uma “syncope cardíaca”. Quando uma das funcionárias do hotel foi levar seu café, viu Emília em um sono de sua última viagem sem retorno⁴²⁹.

Roquette-Pinto, então diretor do MNRJ, recebeu um jornal com a notícia da morte de Emília. Seu enterro foi um momento interessante, uma vez que a cidade acompanhou o funeral da senhorinha doutora. Muitas pessoas compareceram e flores foram deixadas em sua sepultura. Anos depois, no dia 9 de setembro de 1964, Bertha Lutz enviou uma carta ao Governador do Território de Rondônia, Major José Manuel Lutz da Cunha e Menezes solicitando para que pudessem ser prestados cuidados no túmulo de Snethlage e realizar uma futura homenagem da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino⁴³⁰ para a cientista.

⁴²⁸ Carta de Emília para a família, que está no obituário de Emil-Henrich Snethlage, já o texto em português consta no artigo de Sanjad *et al.* (2013).

⁴²⁹ Marco Crozariol informou na palestra que esses dados se encontram, em documentação, em uma caixa no MNRJ: alguns jornais enviados ao diretor Roquette-Pinto do MNRJ; o documento escrito do laudo da morte de Emília. Assim, como segue no texto sobre o seu enterro documentado em um jornal da cidade.

⁴³⁰ Essas notas estão nas fontes do acervo digital do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, referente ao Fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, pesquisado pela autora em 2019. Trata-se de um memorando de 9 de setembro da FBPF, respondido em 16 de outubro de 1964, pelo então governador. Na resposta, há uma descrição contando sobre a procura do túmulo de Snethlage, a qual não foi encontrada, e uma certidão de óbito, encaminhada junto ao documento. Brasil. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro (2019).

Como uma de suas aves, Emília Snethlage voou para outros ares, soando até que ela não havia morrido, que se encantou junto de outros seres pelas florestas da Amazônia. Ela deixou alguns materiais de campo, e uma de suas últimas anotações aconteceu no dia 15 de novembro de 1929, em Guajará-Mirim, onde ainda coletou 120 aves. Ao retirarem seus pertences do quarto no Hotel Brasil para enviá-los ao Rio de Janeiro, essas aves estavam em um caixa. Suas espingardas, três no total, além de uma máquina fotográfica com algumas chapas⁴³¹.

Além desses objetos de campo, Snethlage também levava consigo uma pequena árvore de Natal de brinquedo. Segundo a pesquisa de campo, a festa de Natal era importante do país de onde Emília vinha. Como estava no final do ano, ela já devia estar se preparando para a data⁴³². Posso especular tão somente que ela deveria comemorar sozinha ou que teria planos e a oportunidade de estar com a família na Alemanha. Outros pertences, que parecem não ter muita importância, foram de dois pentes e duas escovas de cabelo⁴³³. Notei que, na maioria de suas fotos, seu cabelo mantinha-se sempre preso, embora ela cultivasse um imenso cabelo, meio ondulado, cobrindo por completo suas costas, como se vê na Figura 12.

Lembro-me de que, na viagem entre o Tapajós e o Xingu, Emília dividiu com alguns dos seus companheiros indígenas o uso desse utensílio, que, para muitas pessoas, sobretudo, para as mulheres, talvez seja bastante íntimo: “foi uma festa da qual os índios aproveitaram para fazer toilette, tomando banho, nadando e mergulhando á vontade; pedindo-me emprestados os meus pentes, que sempre tinham excitado o seu interesse especial, para arranjar os cabellos compridos”⁴³⁴.

⁴³¹ Marco Crozariol disse que tal material foi para o Museu Nacional, uma lista com os pertences dela, ao passo que algumas coisas foram enviadas à Alemanha para a sua família.

⁴³² Durante a palestra da Avistar Brasil (2021), a Dr.^a Miriam Junghans disse que o Natal era uma festividade significativa para a família e das tradições religiosas que Emília seguia.

⁴³³ Muito peculiar esses itens de seus pertences, os pentes e as escovas dela. Na palestra da Semana Emilie Snethlage, na Avistar Brasil (2021), Marco Crozariol chamou-me atenção sobre esses objetos e o cabelo de Emília, que não sabia que eram tão compridos.

⁴³⁴ Snethlage ([1909] 1913, p. 80).

Figura 12 – Talvez uma última imagem de Emília Snethlage deixando seus longos cabelos serem vistos por completo



Fonte: Arquivo do MNRJ, do Pesquisador Marco Crozariol (2021)⁴³⁵.

Despeço-me, finalmente, de Emília. Tomo a liberdade de trazê-la de volta ao Pará para o Museu Paraense. Olho à minha volta e a imagem que vejo é a dela caminhando pelas calçadas da Avenida Gentil Bittencourt, com suas frondosas mangueiras, no entorno do Jardim Zoológico do Goeldi. Emília com suas longas saias, cabelo preso pelo calor devido ao verão amazônico, porém grisalhos pelo tempo, desvelando muitas experiências. Ela aparenta calma e caminha a passos firmes, de quem sabia o que veio fazer na Amazônia, o local que, além do seu lugar de trabalho e de pesquisa científica, foi sua vida. Snethlage deixou passos de quem fez sua morada no meio da floresta, local de que gostava estar e ali experienciou, vivenciou e deixou-se levar pelas coisas que de melhor viu em seus sonhos na pequena aldeia de Kraatz.

⁴³⁵ A imagem foi gentilmente cedida pelo pesquisador Marco Crozariol apenas para ser divulgada nesta tese de doutorado. Agradeço, prontamente, pela colaboração no trabalho.

5 HELOÍSA ALBERTO TORRES: DE PROFESSORA SUBSTITUTA À “D. HELOÍSA”

A jovem Heloísa (Figuras 13 e 14) vivia, em sua casa, a efervescência das conversas de intelectuais e políticos na capital do Brasil, Rio de Janeiro, no começo do século XX. Ouvia seu pai, o intelectual Alberto de Seixas Martins Torres, fazer preleções sobre o futuro do Brasil sob a égide do governo patriótico.

Alberto Torres foi um nome importante na política do Brasil no final do século XIX, mesmo com suas posições contraditórias ao defender uma “teoria de elementos puros”, especialmente, pelo olhar sobre a educação como foco da valorização das massas⁴³⁶. Esteve ligado ao partido republicano e foi abolicionista, ingressou na política como deputado federal pelo Rio de Janeiro e, no ano de 1896, foi convidado pelo presidente da República, Prudente de Moraes, para ser ministro da Justiça⁴³⁷. Nesse ambiente, Heloísa nasceu e foi “preparada” para seu futuro no cenário científico brasileiro.

Figuras 13 e 14 – Duas fases: a jovem Heloísa Alberto Torres e “D. Heloísa”



Fonte: Foto da esquerda Cadernos Pagu (CORRÊA; MELLO, 2008) e da direita Blog da CCHAT (2018).

⁴³⁶ No livro da professora Adélia Miglievich-Ribeiro (2015), foi possível contemplar essa face contraditória de Alberto Torres, em que, por um lado, estão discursos racistas, ao mesmo tempo, ele escreveu sobre a importância da educação como um projeto nacional.

⁴³⁷ A história do pai de Heloísa pode ser vista em Lima (1935), “Alberto Torres e sua obra”. Alberto Torres (1865-1917) foi um nome proeminente na construção do cenário político do Brasil do final do século XIX e começo do XX. Sempre foi uma referência para Heloísa, e o nome dela, conforme pesquisas de campo, foi em homenagem ao pai.

Posso sugerir que o futuro de Heloísa poderia estar naquelas conversas, pois Edgar Roquette-Pinto, que trabalhava no Museu Nacional do Rio de Janeiro, era amigo de seu pai. Quem sabe ela já estivesse de olho em seu futuro na pesquisa antropológica? Na sala de sua casa, via aqueles dois homens e perguntava-se: “será que o Museu Nacional já teve alguma mulher na sua direção?”. Naquele momento, pude contemplar em seus olhos os planos para o futuro da ciência brasileira a ser sonhado ali, naquela sala, entre conversas e cafés.

Neste capítulo, trarei aos legentes desta tese outra viagem. Agora em um tempo diferente: primeiras décadas do século XX, em um período que compreende o ano de 1925 até a década de 1940. A princípio, julguei que poderia ser um tempo muito expansivo, ainda assim fiz paradas diferentes na vida de Heloísa Alberto Torres. Na primeira estação, viajarei com ela por sua entrada no MNRJ, no concurso para professora substituta. Esse momento revelou nuances, demasiadamente, relevantes sobre o papel feminino nas funções públicas no Brasil.

Ao deslocar-me com ela no tempo, notei momentos admiráveis pelos quais passou: de professora à diretora do Museu. Encontrei, nesse caminho, embates de poder entre Torres e figuras masculinas e femininas. Embora tenha visualizado uma Heloísa mais pessoal, preocupada com seus amigos e amigas, mesmo em um ambiente de trabalho no MNRJ.

O segundo momento de minha viagem com H. A. Torres passou por contextos específicos que desnudam faces ainda pouco exploradas dessa cientista-gestora⁴³⁸. São instantes curtos e muito significativos que, para mim, revelaram o papel para além do Museu Nacional. Os silêncios da história, em que as mulheres se encontram, foram quebrados ao ver Heloísa ministrando cursos de história, geografia e, até mesmo, participando de concursos de miss Brasil. Acredito que foi muito importante estar ao lado dela nessa viagem, como fiz com Emília, e observar a atuação de Heloísa em campos nos quais seu nome é praticamente esquecido, como nos estudos sobre o indigenismo no Brasil.

Por fim, minha viagem tem como destino final a Amazônia, em especial, o arquipélago de Marajó. Nesse campo dos encantados dos Aruanas⁴³⁹, Heloísa deu um “salto” em sua carreira

⁴³⁸ Utilizarei esse termo por ter sido a forma como consegui enxergar Heloísa: uma cientista, por trabalhar e fazer pesquisa, de gabinete e de campo, mas também por ter exercido, a maior parte do tempo de vida profissional, cargos de gestão no MNRJ.

⁴³⁹ O livro de Zeneida Lima (1992) é uma leitura importante para entender os elementos espirituais do Marajó e sua relação com a história da arqueologia marajoara. A obra conta como ela foi preparada para ser a primeira mulher pajé da região marajoara. A relação dos encantados sempre fez parte do imaginário e da cultura no arquipélago de Marajó, e a Pajé Zeneida Lima teve uma trajetória muito particular nesse universo místico. A história dela não deixa de estar ligada às histórias de Emília e Heloísa, pois ela também enfrentou obstáculos e criou suas táticas para ser e manter-se nesse universo espiritual dominado por homens. As figuras dos caruanas, que são os guias espirituais que acompanham, estão representados por elementos da natureza, sobretudo, as águas doces dos rios e igarapés e da água do mar. Os primeiros povos indígenas amazônicos fazem parte também da narrativa das memórias dos marajoaras.

profissional na antropologia ao empreender, em 1930, uma viagem que lhe rendeu o *status* de pesquisadora de campo e garantiu, mais ainda, a credibilidade em suas investigações sobre a cerâmica marajoara, que avançou de seu gabinete para o trabalho de campo. Além de destacar sua relação, por meio do MNRJ, com o Museu Paraense Emílio Goeldi e as pesquisas arqueológicas e etnográficas na região amazônica.

5.1 Rompendo fronteiras: uma cientista em zonas de influência

Minha viagem agora tem como destino a capital do Brasil da década de 1920. Arrumei minhas malas, peguei meu caderno de campo e preparei-me para embarcar pela companhia de navegação “Lloyd Brasileiro” para o Rio de Janeiro. Como todo(a) viajante, passo por atrasos, coisas que só quem viaja entende. Organizei minha passagem para o dia 20 de abril, porém pego o jornal “Estado do Pará” do dia 15 de abril de 1920 e vejo que a companhia de navegação está com problemas com seus horários de chegadas e partidas das embarcações: “A agencia Lloyd Brasileiro em Belém é uma repartição que deixa muito a desejar [...] Informaram de lá que a chegada [do pacote Rio de Janeiro] seria ante-hontem, ao meio-dia [...] foi transferida para as 2 da tarde, depois para as 4 e afinal para hontem de manhã [...]”⁴⁴⁰.

Ao ver essa notícia fiquei em dúvida sobre minha ida, mesmo assim, mantenho a esperança de partir para o Rio e encontrar com Heloísa. E vejo as situações que muitos turistas⁴⁴¹ enfrentam no século XXI quanto a atrasos em suas partidas, não parecem ser novas.

É nesse contexto, ao iniciar minha viagem com Heloísa A. Torres, que percebo que o final do século XIX e o começo do XX pareciam trazer novos aspectos para a sociedade, em especial, para as mulheres. Noto espaços nunca conquistados por elas a dar ares de se abrir, apesar de estarem na formação da camada burguesa. O coletivo burguês aparece com o advento do capitalismo e, com ele, novas alternativas de conviver socialmente, assim como a utilização das capacidades mentais, e ressalto mais ainda, esse coletivo era um espaço masculino⁴⁴².

Vi Heloísa imersa nesse universo envolvente que oferecia às mulheres novos espaços

⁴⁴⁰ Fonte da Hemeroteca da BND (BRASIL, 2018; 2019; 2020; 2021; 2022), Jornal “Estado do Pará”, dia 15 de abril de 1920, notícia “Coisas do Lloyd”.

⁴⁴¹ Turistas são as pessoas que utilizam os equipamentos turísticos ao deslocarem-se de seu destino habitual para os espaços turísticos, e o transporte é um dos elementos essenciais na estrutura da dinâmica do fenômeno turístico (BARRETTO, 2003; LOHMANN; PANOSSO NETTO, 2008).

⁴⁴² O capítulo “Mulher e família burguesa”, de Maria Ângela D’Incao (2015), é um texto que apresenta de onde Heloísa surge como vivente da sociedade carioca, capital do Brasil, naquele momento, um lugar em que os privilégios burgueses eram estridentes, tanto que não posso deixar de referendar que ela emerge nesse cenário como a filha de uma família burguesa, mas que não foi preparada para viver no seio privado de um lar e, por exemplo, ser mãe. Na verdade, parece ter sido preparada para o espaço público, para ser uma cientista.

dentro de casa e da intimidade do lar. Ainda que, diante de toda essa vibração dos ventos modernos da burguesia, transformou-se em diferentes caminhos feitos por elas: as mulheres burguesas eram preparadas para o lar, para o espaço doméstico. Entretanto, Heloísa não enveredou por essa porta, foi para a rua, fez concurso público e tornou-se a primeira professora substituta do Museu Nacional.

Assim como fiz no capítulo de Emília Snethlage, informo aos leitores da tese que utilizarei diálogos e uma narrativa, em parte ficcional, para conduzi-los durante minha viagem com Heloísa Alberto Torres. Tomo esse caminho por sentir-me mais próxima dela e para garantir um roteiro cheio de histórias sobre essa cientista. Portanto, em alguns momentos, integrar-me-ei à narrativa para criar o ambiente histórico temporal acerca da vida dela e da entrada no MNRJ ao Marajó.

Para conhecer o Rio de Janeiro, voltei-me à literatura dos viajantes e nela encontrei detalhes significativos sobre essa cidade e sua paisagem natural mesclada com o espaço urbano sendo construído. Alguns meses depois, mais ou menos em julho de 1920, parto para a cidade maravilhosa. As escritas dos viajantes são quase uma propaganda dos espaços brasileiros⁴⁴³.

A narrativa condiz ao momento em que o navio se aproxima da baía de Guanabara, e reporto-me à leitura do casal Agassiz que assim descreveu ao chegar em 1865: “a paisagem tornava-se cada vez mais grandiosa a medida que nos aproximávamos da entrada da baía, guardada de ambos os lados por altos rochedos em sentinela”⁴⁴⁴. É evidente que a escrita de Elizabeth Agassiz foi no século XIX, mas poucas mudanças poderiam ser vistas na imagem da capital carioca no começo do XX. Cheguei, no mês de agosto, à cidade, onde Heloísa Alberto Torres viveu e trabalhou.

A primeira notícia que encontro sobre Heloísa está registrada no jornal sobre um casório. O casamento na sociedade burguesa tornou-se um dos elementos importantes para criar uma base humana para garantir subterfúgios para que homens e mulheres⁴⁴⁵ forjassem um ideal

⁴⁴³ Na obra de Assunção (2012), as viagens feitas por estrangeiros no Brasil, principalmente a partir do século XIX, com a abertura dos portos feitas por Portugal, atraiu muitos viajantes, entre eles homens e mulheres. O autor considera essas narrativas como possibilidade de “propaganda turística” para o Brasil.

⁴⁴⁴ Trago a narrativa do casal Agassiz e, como outros(as) autores(as), demonstra a escrita do livro feita por Elizabeth. Em poucos momentos, parece que Louis tomou conta da escrita de sua viagem, porque ela sempre se refere a ele realizando as atividades de pesquisa. A descrição do espaço natural do Rio de Janeiro torna-se interessante de ser destacado, posto que as viagens de navio eram os principais meios de transporte (AGASSIZ; AGASSIZ, 2000).

⁴⁴⁵ Compreendo que, atualmente, esse binarismo homem e mulher já está ultrapassado, mas contextualizo o começo do século XX, fazendo referência à leitura de Scott (1995), em que a autora desconstruiu esse binarismo homem x mulher, e reitero que o gênero se caracteriza como uma categoria de análise na presente tese. Ao contemplar Emília e Heloísa, vejo nelas representatividades de estratégias em que as mulheres ampliavam seus caminhos na vida pública, construindo debates sobre gênero, que foram para além de seus países, de suas casas etc. e avançaram para que mulheres como eu pudessem encarar o estudo de gênero com outro viés.

social de família. Os relatos de viajantes sobre a vida das mulheres no Rio de Janeiro no século XIX demonstram como a instituição matrimonial era um elemento que detinha a atenção desses exploradores⁴⁴⁶. Nesse momento, permaneço sentada em uma praça no centro do Rio de Janeiro para organizar meu roteiro de viagem quando pego o jornal “O Paiz”, de quinta-feira, 5 de agosto de 1920, e leio a seguinte notícia:

Realizou-se o casamento da senhorita Adelaide Ferreira, com o Dr. Ary de Oliveira, advogado nesta capital [...] Serviram de *demoiselle d'honneures* as senhoritas Heloísa Alberto Torres, Eloá Travassos, Moema de Oliveira, Alice Barros Franco, Maria Emília Ferreira e Jacy Gargia [...]⁴⁴⁷.

Encontro Heloísa no ambiente da elite carioca, uma vez que seu nome surgiu na nota sobre as damas de honra do casório a desfrutar de uma rede social diferente da qual, em seguida, colocar-se-ia como elemento principal. As redes criadas por Heloísa Alberto Torres tornaram-se focos de estudos importantes para a ciência brasileira, pois ela estava nos círculos sociais científico e político brasileiros⁴⁴⁸.

O cenário que encontro com essa notícia demonstra como as mulheres desse período contribuíram para concretizar os ideais burgueses ao casarem-se e terem maridos que possuíam certo nível de profissionalização. Outra questão que me chamou a atenção foi que o marido é apresentado como “o Dr., o advogado” e, portanto, ele tem um “título”. Já a esposa é apenas a senhorita fulana de tal que parece não ter precedentes ou um título para além de ser a futura esposa do Doutor. Acredito ser interessante ressaltar tais nuances, pois Heloísa enveredou para outro caminho para ser a mulher burguesa do Rio de Janeiro do começo do século XX, ela escolheu criar alianças científicas e ter um título de “professora” e o de “Dona Heloísa”.

A nota do casamento em que vi Heloísa fez com que retomasse meu caderno de campo e começasse a traçar o caminho no qual a encontraria e depois avançar em minha expedição na cidade carioca. E assim o fiz, segui para a Rua das Laranjeiras até a casa de Heloísa, alguns anos mais tarde, precisamente em 1925. Percebo uma movimentação em sua casa, naquele instante, sua mãe D. Maria José, sua irmã Marieta e o irmão Alberto⁴⁴⁹ parecem disputar, com

⁴⁴⁶ Leite (1984) escreveu sobre o olhar acerca das mulheres brasileiras por meio das narrativas de viagens feitas, principalmente, por estrangeiros no século XIX. A documentação e a organização da obra trouxeram-me reflexões importantes sobre essas mulheres na capital carioca, época em que Heloísa ainda estava próxima a esse período.

⁴⁴⁷ Fonte da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital (BRASIL, 2018).

⁴⁴⁸ A rede de sociabilidade de Heloísa é um ponto interessante expresso na obra de Miglievich-Ribeiro (2015). Pela teoria dos círculos sociais de Simmel, a autora descreve como H. A. Torres ampliou sua convivialidade dentro de diferentes espaços científicos e mostra que essas redes de contato não deixam de reverberar para o campo político, como será visto a seguir neste capítulo.

⁴⁴⁹ A família de Heloísa Alberto Torres era composta por sua mãe Maria José Xavier da Silveira, a irmã Maria Alberto Torres, conhecida como Marieta, e o irmão Alberto Torres Filho, que foi o único a ter filhos (dois). Pouco

alegria, a leitura do jornal do dia. O pai de Heloísa faleceu em 1917 e não viu a filha entrar na carreira pública da ciência brasileira.

É uma manhã de sábado, começo do mês de julho, e sigo pelo pátio adentro repleto de flores e começo a ouvir Marieta dizendo à irmã: “Heloísa, você nem nos contou que se inscreveu para o concurso do Museu Nacional para professor substituto em antropologia e etnografia? Olha seu nome aqui na lista dos inscritos! E você é a única mulher entre os candidatos!”. Marieta lia o jornal carioca “Correio da Manhã”, de 2 de julho de 1925⁴⁵⁰. Dona Maria José mantém-se sentada na sala, olha e abre um sorriso no rosto e comenta: “seu pai deve estar radiante, pois os livros dele sobre antropologia estão rendendo frutos!”. O irmão Alberto também sorri e diz: “minha irmã concorrendo a uma vaga para professor do Museu Nacional, isso é o futuro do feminismo!”⁴⁵¹.

Heloísa olha para os três e sorri. Seus olhos grandes não deixam de revelar alegria e orgulho. Sim, orgulho de concretizar seu futuro no cenário da ciência, campo que seu pai também fez estudos e defendeu durante sua vida intelectual e política, mesmo com suas contradições. Torres, naquele instante, já parecia vislumbrar seu futuro e concretizar as novas mudanças na família burguesa.

Ela entraria para o espaço público, faria diferente do que uma parte significativa das mulheres de sua época fazia, que era se casar, cuidar da família e dos filhos e filhas da pátria. No começo do século XX, as mulheres ainda estavam eclipsadas pelas sombras da vida domiciliar, mesmo com algumas delas, como Heloísa, prestando concurso público e outras entrando no mercado de trabalho das fábricas, por exemplo, ainda se mantinham divididas entre o trabalho e os cuidados com os filhos⁴⁵².

Ao observar essas questões, anotei em meu caderno de viagem que as mulheres brasileiras começaram a configurar uma nova experiência social no campo do trabalho. O cotidiano e suas estratégias começaram a delinear uma perspectiva nova acerca da vida feminina no espaço público⁴⁵³, e a entrada de Heloísa no MNRJ, por intermédio do concurso, não passou

tive conhecimento sobre o irmão de Heloísa durante a pesquisa. Sobre sua irmã, li em trabalhos, como os de Miglievich-Ribeiro, que ela trabalhou com Heloísa no Museu Nacional.

⁴⁵⁰ Sai uma pequena nota do Jornal “Correio da Manhã”, Rio de Janeiro, de 02/07/1925, a fonte é da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital (BRASIL, 2020).

⁴⁵¹ Segundo Miglievich-Ribeiro (2015), a rica biblioteca do pai de Heloísa ficou com os filhos: Heloísa e Marieta herdaram as obras de antropologia, sociologia e ética, enquanto Alberto ficou com os livros de direito.

⁴⁵² O artigo de Hildete P. de Melo (2019, p. 159) apresenta como as mulheres, brancas e negras, tendo iniciado sua vida nos espaços das fábricas com a urbanização brasileira, a partir da década 1920, ainda se viam como mães e depois trabalhadoras. O processo de assalariamento cresceu entre elas, mas “[...] esse processo de inserção das mulheres no mundo do trabalho fora de casa não permitiu que perdessem sua identidade de mães/esposas”.

⁴⁵³ Aqui me amparo em Thompson (1981; 1998) para reafirmar que as estratégias femininas se forjaram nessa luta feita em seus cotidianos, entre o espaço privado da casa e o público das fábricas naquele momento histórico no

despercebida no meio da sociedade carioca. Alguns dias depois, novamente li notas sobre o “feito” dela em se candidatar à vaga, ser classificada em meio a candidatos homens e, mais ainda, ser aprovada.

Dois dias depois, começo a procurar notícias sobre o concurso nos jornais e encontro os periódicos “Gazeta de Notícias” e “O Jornal”, do dia 4 de julho de 1925, os quais noticiam que o ministro da Agricultura informou ao diretor do Museu Nacional sobre os candidatos inscritos, dentre eles, Heloísa:

[...] inscreveram-se no concurso para o preenchimento do cargo de professor substituto da secção de Anthropologia e Ethnographia [...] os seguintes candidatos: Jorge Henrique Augusto Padberg, senhorita Heloísa Alberto Torres, Francisco de Borja Mandacaru de Araújo, Raymundo Lopes da Cunha e Cornelio José Fernandes Netto⁴⁵⁴.

Heloísa surgiu, então, no meio masculino, e causou certo alvoroço sua candidatura ao concurso. Uma mulher no meio de homens para ser professora de uma instituição de pesquisa como o MNRJ? Esta deve ter sido uma das várias perguntas que os e as cariocas devem ter feito ao ler os jornais. Compreendo que ainda sendo a mesma notícia, embora em diferentes periódicos jornalísticos, indica o quanto o protagonismo de Heloísa repercutiu naquele momento. Isso me fez retomar minha problemática de tese e afirmar que essa foi uma das estratégias dela em se firmar no espaço científico, ao tomar iniciativa de concorrer à vaga para professor da instituição⁴⁵⁵.

Então, percebi como o caminho de Heloísa estava a ser traçado desde cedo para sua vida em alguma função pública no Rio de Janeiro e depois se estenderia ao contexto nacional. A estratégia feminina para permanecer no campo científico se fortalece nesses movimentos em que vejo mulheres, como H. A. Torres, a concorrer às primeiras vagas em concursos públicos no Brasil. A abertura para elas na função pública foi tardia, ainda assim foi o começo para que suas experiências pudessem dar ao estudo de gênero novos patamares na história das mulheres no campo científico.

A construção realizado por meio das fontes, à época do concurso em que Heloísa

Brasil. Mesmo ainda estando sob o jugo de estarem presentes na vida familiar, elas percorriam em caminhos para ampliar suas participações em movimentos por melhores condições de trabalho e salários no Brasil (MELO, 2019).
⁴⁵⁴ Rio de Janeiro, 04/07/1925 os jornais “Gazeta de Notícias” e “O Jornal” são da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital (BRASIL, 2019).

⁴⁵⁵ A leitura que fiz de McClintock (2010) foi essencial para inserir, nesta tese, a posição das mulheres mediante um colonialismo, marcadamente, masculino na ciência, assim como nos espaços em que os homens lutavam entre si. Ao Heloísa ingressar no MNRJ, território falocêntrico do conhecimento, abriu chances de compreender a descolonização dos espaços institucionais públicos do Brasil.

participou, foi, por demasiado, interessante de ser analisada. Em virtude disso, tomei meu caderno de campo e passo a escrever como, desde a inscrição até sua aprovação no concurso, movimentou as notícias na capital carioca. Antes de Heloísa Alberto Torres, é importante lembrar de Bertha Lutz⁴⁵⁶, que foi uma das primeiras mulheres a conquistar o espaço científico no Brasil, também no Museu Nacional.

Averiguar a trajetória de H. A. Torres significa entender como o feminino abriu espaço na ciência e, desse modo, conseguiu romper barreiras para que hoje muitas mulheres ocupem espaços nas universidades, nos institutos de pesquisas, nos cargos políticos, entre outros.

Retorno para minha viagem em busca da caminhada de Heloísa e sua entrada no MNRJ. Como presenciado em dias anteriores, a família Alberto Torres estava em festa com a inscrição dela. Acompanhei pelos jornais os desdobramentos do concurso, pois a notícia fazia parte do dia a dia da sociedade carioca.

E, no dia 15 de agosto de 1925, estou sentada na Confeitaria Colombo⁴⁵⁷, tomando um café e comendo um pastel de nata, folheio os periódicos “O Jornal” e o “O Paiz” quando tomo conhecimento das colocações dos candidatos e, em primeiro lugar, surge o nome de Heloísa: “Foram classificados: em 1º lugar – D. Heloísa Alberto Torres; 2º lugar – Jorge Henrique Augusto Padberg e Raymundo Lopes da Cunha; 3º lugar – Francisco de Borja Mandacaru, e em 4º lugar – Cornélio José Fernandes Netto”⁴⁵⁸.

A partir das notícias, compreendo o espaço em que Heloísa ampliou para outras mulheres e como sua trajetória de vida ligou-se a uma elite social que não deixava de ser política, como será visto mais à frente. Minha reflexão ao ver o nome de H. A. Torres, em primeiro lugar em um concurso público, é a de que as mulheres ao se lançarem no caminho da

⁴⁵⁶ Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976) foi um nome importante para o movimento feminino no Brasil. Bióloga de formação, fez concurso público para o Museu Nacional em 1919, sob a direção de Bruno Lobo. Bertha ingressou no MN para formar o corpo de funcionários que passava por escassez naquele momento (SOUSA, 2009). Bertha protagonizou a formação pelo voto feminino no Brasil, além de ter sido personagem relevante na emancipação feminina para a profissionalização e a educação brasileira. Assim como Heloísa, Bertha estudou no exterior, voltou ao Brasil para escrever a história das ciências no Brasil e contribuiu para que outras mulheres pudessem encontrar seus caminhos profissionais e na formação educacional (SOUSA, 2009). Como muitas outras figuras da história, sejam masculinas ou femininas, Bertha Lutz participou de momentos contraditórios na construção da sociedade, como, por exemplo, estar ao lado do governo que deu o golpe militar em 1964 quando foi presidente da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) e congratulou-se com o Presid. Gen. Castello Branco, em carta do dia 14 de abril de 1964, em que ela diz: “[ele] está amplamente credenciado pelos relevantes serviços prestados ao Brasil”; em outro trecho ela propõe: “[...] uma intensa campanha de educação moral e cívica [...] em todo o Brasil, [para desintoxicar] a mocidade do veneno marxista [...]” (BRASIL, 2019, p. 34). Aqui não é o lugar para julgar tais atitudes, apenas observei como um momento histórico e de contradições vivenciado por essas pessoas que estavam à frente da política e da ciência no Brasil, e acredito ser, consideravelmente, essencial abordar tais reflexões acerca dos contrassensos pelos quais todas, Bertha, Emília e Heloísa, passaram em suas vidas públicas.

⁴⁵⁷ Essa confeitaria foi fundada em 1894 por imigrantes portugueses. Sua loja principal fica no centro do Rio de Janeiro. Arquitetura inspirada na *Belle Époque* (FACEBOOK, 2022).

⁴⁵⁸ Os dois jornais trazem a mesma notícia no dia 15/08/1925. Fonte do acervo Brasil. Biblioteca Nacional Digital (2018).

ciência tiveram de tecer e enfrentar as adversidades para se expor e, mais ainda, para garantir suas conquistas.

Pago minha conta na Colombo, tomo os jornais nas mãos e dirijo-me à casa de Heloísa nas Laranjeiras. Se com a inscrição para o concurso estava um alvoroço, com a aprovação, não poderia ser diferente. Chego e observo uma movimentação maior e, além de Heloísa, Marieta, D. Maria José e Alberto, há outras pessoas, entre elas Roquette-Pinto, amigo de seu pai e seu “mentor” no MNRJ. Ela entrou no Museu Nacional em 1918⁴⁵⁹, especificamente na área da antropologia quando pediu, junto a sua irmã Marieta e umas amigas, para realizarem um curso de história natural com Roquette-Pinto que atuava na seção de antropologia e etnografia no MN naquele momento. Ele também foi uma figura masculina que esteve vinculado ao nome de Heloísa em sua carreira científica⁴⁶⁰.

Entre as pessoas na sala de visita de D. Maria José, aproximo-me de Heloísa e Roquette-Pinto e consigo notar uma breve conversa: “Professor Edgar, o curso de história natural foi muito importante para minha decisão em construir minha carreira na área antropológica. Os livros de meu pai, serviram-me muito bem!”. Roquette-Pinto responde: “Heloísa, o mérito é seu! Você estudou e conquistou o seu espaço, seu pai deve estar muito orgulhoso de você!”. Heloísa, meio acanhada, sorri e responde: “sim, deve estar, mas quero lembrá-lo de que auxiliar o senhor nas atividades da seção de antropologia e etnografia no MNRJ foi de suma importância para meus conhecimentos teóricos e práticos”.

Assim como Emília, a figura masculina junto à Heloísa Alberto Torres deixou revelar que essas mulheres, mesmo com os homens ao seu lado, criaram, em seu cotidiano científico, táticas de sobrevivência importantes, contribuindo para tornarem-se personagens femininas da história das ciências⁴⁶¹. Elas operam com as condições humanas e materiais que naquele momento dispõem para traçar suas trajetórias em searas ainda obscuras. Heloísa, ao ingressar no MNRJ, ampliou as possibilidades de outras que já estavam lá, como Bertha Lutz, e para as

⁴⁵⁹ Tomei como fonte o jornal “O Paiz”, de 16/08/1925, em que consta o ano de 1918.

⁴⁶⁰ Na obra de Miglievich-Ribeiro (2015), é evidente como Edgar Roquette-Pinto foi uma figura importante para que ela pudesse entrar no Museu Nacional. A proximidade dele com o pai de Heloísa gerou, por assim dizer, mais uma combinação de fatores para que o caminho dela na ciência ficasse mais “acessível”, embora, na prática, Heloísa tinha vivido outros tormentos, inclusive, por ter o nome Alberto Torres.

⁴⁶¹ Nesse trecho, reporteime ao texto de Joan Scott (1998), no qual ela descortina as diferentes personagens a surgir ao longo de determinado processo histórico, mas eles/elas não figuram como elementos a protagonizar alguma historicidade. Seus corpos, suas funções e seus trabalhos parecem não fazer parte de um universo que pode e deve ser explorado por historiadores. Vejo a trajetória de Heloísa, em se tratando da vivência antes de ser diretora do MNRJ, um pouco sob uma penumbra da história ainda ligada à figura masculina, primeiro de seu pai e depois de Roquette-Pinto. Ao alcançar esses elementos, penso nesse trabalho ampliando o debate sobre a vida dela dentro e fora do Museu Nacional, tendo na figura masculina um “apoio” e dividindo espaços científicos, acadêmicos e políticos e até lutando por eles.

futuras mulheres, seja na ciência ou nos campos tecnológicos.

Ao continuar minha viagem narrativa, destaco três periódicos: “O Paiz”, “O Jornal” e “Correio da Manhã” de 1925. Os dois primeiros são do mês de agosto, dias 16 e 20 de agosto, e o terceiro de 3 de setembro⁴⁶². Da inscrição à sua aprovação, as narrativas apontam que ela quebrou barreiras. Heloísa apareceu como uma “supermulher” por ter concorrido e, mais ainda, por ser aprovada em um concurso, o que parecia uma aventura⁴⁶³. Sua foto é estampada em diferentes jornais da época (Figura 15), e destaco aqui a reportagem do dia 20 de agosto de 1925 de “O Jornal”:

⁴⁶² Essas fontes destacam-se como dados importantes, pois refletem claramente como a mulher, quando realizava algo “fora de sua realidade”, naquele momento histórico e social, parecia ter alcançado o inalcançável. As fontes revelam os silêncios estruturais da sociedade vigente (BRASIL, 2019).

⁴⁶³ Ressalto a fala de Lopes (1998) acerca das mulheres nas ciências e que elas, ao entrarem em campos nos quais o domínio era masculino, “aventuravam-se” em campos difíceis.

Figura 15 – A vitória do feminismo no Brasil

**O concurso da senhorita
Heloisa Alberto Torres,
para o Museu Nacional**

**As provas que ella produzio perante
a Congregação fizeram com que
esta lhe conferisse o 1º lugar
entre os concurrentes por una-
nimidade de votos**

Tem repercutido de modo muito sympathico, nos círculos intellectuaes do Rio de Janeiro, a classificação obtida pela senhorita Heloisa Alberto Torres, para a cadeira de Anthropologia do Museu Nacional. A filha de Alberto Torres, que se revela possuidora do ouro mais



peregrino do talento paterno, se acha incorporada desde 1918 á vida scientifica do Museu Nacional. Ella é um exemplo raro, no nosso paiz, de

Fonte: Adaptação (recorte) do “O Jornal” da Hemeroteca da Brasil. BND (2022) cedido pela D. A Press⁴⁶⁴.

⁴⁶⁴ Transcrição da nota: “o concurso da senhorita Heloisa Alberto Torres, para o Museu Nacional. As provas que ella produziu perante a Congregação fizeram com que esta lhe conferisse o 1º lugar entre os concorrente por unanimidade de votos. Tem repercutido de modo muito sympathico, nos círculos intellectuaes do Rio de Janeiro, a classificação obtida pela senhorita Heloisa Alberto Torres, para a cadeira de Anthropologia do Museu Nacional. A filha de Alberto Torres, que se revela possuidora do ouro mais peregrino do talento paterno, se acha incorporada desde 1918 á vida scientifica do Museu Nacional. Ella é um exemplo raro, no nosso paiz [...]”. Desejo aqui registrar meu agradecimento à D.A Press (www.dapress.com.br) Diários Associados pelo atendimento feito pelo Sr. Diogo Barreto em minha solicitação de aquisição deste e de outros dois documentos para a construção do capítulo sobre Heloísa Alberto Torres.

O feminino na ciência, nesse caso no concurso público, foi uma ousadia da qual H. A. Torres participou e alcançou a primeira colocação frente a quatro homens. Interessante reforçar aos legentes que o próprio jornal masculiniza Heloísa, ao referir-se a ela, como: “[...] possuidora do ouro mais peregrino do talento paterno”. Aliado a isso, refleti que a chegada dela ao Museu foi a ampliação do espaço para as mulheres exercerem cargos públicos no Brasil, ainda que demorassem alguns anos para ser concretizada a entrada de mais mulheres. Tratou-se de mais uma das primeiras táticas que essa cientista demonstrou para ladrilhar seu caminho pela ciência brasileira.

A própria FBPF foi uma das instituições que lutou bastante para garantir às mulheres brasileiras espaço em locais como nos ministérios do governo, em órgãos como o Banco do Brasil (BB), e até houve embates no próprio MNRJ quando anunciou concurso para naturalista/viajante e especificou a vaga somente para “homens”. Desse modo, tomei a liberdade de dividir com os leitores um pouco dessa luta, mesmo não sendo o momento em que Heloísa ingressa no MNRJ, pois acredito ser relevante elucidar essas questões sobre os espaços de lutas femininas no começo do XX, visto que Heloísa fez parte de um deles. Em se tratando desses três exemplos citados anteriormente, a seguir, faço um breve apanhado.

Ao longo de minha pesquisa de campo nos acervos digitalizados, durante a pandemia de Covid-19, descobri, no acervo do SIAN, um arquivo muito interessante da FBPF do período de 1930 até meados de 1960. Nele, encontrei fontes que podem, em uma futura pesquisa, trazer à tona a luta das mulheres nos espaços públicos e políticos do Brasil. Entre os anos de 1933 e 1944, a FBPF tomou frente ao questionar o governo e seus órgãos quanto à entrada de mulheres na composição desses espaços.

São notáveis três situações emblemáticas: a primeira em 1938 quando Bertha Lutz enviou uma correspondência para o presidente da República, Getúlio Vargas, na qual ela e suas federadas mostram-se indignadas com o “golpe inesperado com a reforma do Ministério das Relações Exteriores”. Ela criticou a nova Constituição de 1938 que, com o Decreto-lei nº 14/10/1938, o cargo de embaixador permaneceu sob o domínio do sexo masculino. A carta descreveu todas as legislações anteriores, os ganhos e agora as perdas as quais o feminino vem sofrendo naquele governo⁴⁶⁵.

A segunda situação referiu-se à proibição de entrada de mulheres no Banco do Brasil em 20 de março de 1964, o que motivou a presidente da FBPF a solicitar ao presidente do banco, Nilo Medina Coeli, que revogasse a proibição de entrada de mulheres no BB. Ela citou

⁴⁶⁵ Cartas nacionais e internacionais do Fundo da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino – janeiro a dezembro de 1938. Carta da FBPF para o Presidente da República, s/d, março de 1938 (BRASIL, 2019).

a convenção das Nações Unidas, a qual havia entrado em vigor no Brasil em 11 de novembro de 1963, e argumentou o quanto essa decisão seguia na contramão do progresso a auxiliar as mulheres a alcançar e exercer cargos e funções públicas⁴⁶⁶. Para finalizar, sem apressar o processo de viagem com a Heloísa, destaco um momento interessante, em que elas, mulheres na ciência, tiveram seus “embates”.

A terceira ocorreu alguns anos mais tarde quando Heloísa Alberto Torres, já diretora do Museu Nacional, e Gustavo Capanema, ministro da Educação e Saúde Pública, protagonizaram um episódio importante com Maria Sabina, naquele momento, era a presidente da FBPF. Essa ocasião traz à tona o nome de Emília Snethlage. Em uma carta sem data, de março de 1944, a presidente contestou que o concurso público aberto em 1943, pelo Museu Nacional, ao cargo de naturalista era restrito ao sexo masculino.

A carta é longa, apresenta a importância das mulheres no cenário científico e destaca os nomes de E. Snethlage, primeira naturalista daquele Museu, depois a própria Bertha Lutz, que ainda trabalhava na instituição, e a presidência na pessoa de Heloísa⁴⁶⁷. Logo depois, a FBPF enviou uma carta diretamente à Heloísa Alberto Torres questionando a direção sobre esse edital publicado em 2 de dezembro de 1943, na qual o concurso estava direcionado para o cargo de auxiliar naturalista do MN somente para o sexo masculino⁴⁶⁸.

Esses episódios refletem que o caminho da ciência e de ações, no setor público como um todo no Brasil, teve o protagonismo do papel feminino. As lutas, as táticas de sobrevivências e a presença nesses espaços foram de suma importância para configurar a história das mulheres na história das ciências no Brasil. Os seus cotidianos e suas experiências criaram dados para que pesquisas como essa possam criar olhares sobre a questão do gênero na história das ciências. Amparada na leitura de Odila Dias⁴⁶⁹, li as fontes e fiz uma análise hermenêutica em um exercício do olhar “além” do que estava posto sobre Heloísa, de modo que esses momentos foram significativos para entender o universo, no qual ela e Emília estavam inseridas.

Após esse adendo, retomo meu roteiro de viagem referenciando o teor da escrita das notas jornalísticas, muito característico em apresentar a figura feminina como um “elemento” de excepcionalidade durante o processo, como é visto: “ella é um exemplo raro, no nosso paiz,

⁴⁶⁶ Cartas nacionais e internacionais do Fundo da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino – janeiro a dezembro de 1938. Carta da FBPF para o Presidente do Banco do Brasil S/A, 20/03/1964 (BRASIL, 2019).

⁴⁶⁷ Cartas e correspondências do ano de 1944 – Maria Sabina presidente da FBPF. Carta da FBPF para Gustavo Capanema, Min. da Educação e Saúde Pública, Rio de Janeiro, março de 1944 (BRASIL, 2019).

⁴⁶⁸ FBPF – cartas e correspondências sobre a luta do lugar das mulheres no serviço público no Brasil. Carta da FBPF para Heloísa Alberto Torres, diretora do MNRJ, Rio de Janeiro, março de 1944 (BRASIL, 2019).

⁴⁶⁹ As leituras das fontes partiram dessa visão hermenêutica que tive como base o texto de Dias (1998), em que alcancei o entendimento maior dos cenários onde Emília e Heloísa estiveram.

de dedicação e amor á sciencia [...]”⁴⁷⁰. Nesse momento, percebo como ela parecia diferente das outras mulheres. Até poderia ser, pois Heloísa realmente não estava junto às mulheres de sua época que deveriam casar-se, ter filhos e cuidar de suas famílias. Torres criou perspectivas para sua vida e nelas o caminho para o conhecimento foi sua motivação. E, talvez, por escolher outros caminhos, as notícias sobre sua entrada na vaga para professor substituto reverberavam como algo inusitado e excepcional.

No periódico “O Paiz”, do dia 16 de agosto de 1925, notei um tom menos carregado da notícia como excepcionalidade. O jornal ressaltou a formação de Heloísa, que havia estudado na Inglaterra e possuía conhecimento de línguas estrangeiras⁴⁷¹. A narrativa depois retoma à relação dela com a figura masculina e os nomes de Roquette-Pinto e de seu pai surgem no texto: “[depois de voltar de Londres] a ilustre e talentosa patricia, regressou mais tarde ao Brasil, onde passou logo a ser secretaria do seu pai, o grande Alberto Torres [...]”⁴⁷².

Essa foi outra questão a chamar minha atenção desde que comecei a investigar Heloísa e iniciei minha viagem com ela. A imagem dela está, principalmente, no início de sua carreira ligada à de seu pai, seja no campo científico, seja no político⁴⁷³.

Algumas semanas depois, no mês de setembro, dia 3, surgiu outra nota dedicada ao concurso de Heloísa. Nesta, é perceptível como o feminismo era tratado com indiferença pelas camadas elitizadas da sociedade brasileira, representada pelos cariocas. A fonte do jornal “Correio da Manhã” tem um tom dúbio ao reverenciar a entrada de uma mulher em um concurso público. Enquanto enaltece a vitória de Heloísa como um fator importante para o feminismo, ao mesmo tempo, parece desqualificar o movimento já em formação na Europa⁴⁷⁴: “o

⁴⁷⁰ Acervo da Hemeroteca BND (2022), trecho do jornal “O Jornal”, do dia 20 de agosto de 1925, em que traz uma longa nota sobre a aprovação de Heloísa Alberto Torres no concurso do MNRJ.

⁴⁷¹ Miglievich-Ribeiro (2015, p. 45) assinala que Heloísa “[...] estudou no Colégio Nossa Senhora de Sion em Petrópolis. Antes disso Heloísa e Marieta estudaram na Inglaterra”.

⁴⁷² Acervo da Hemeroteca BND (2018), trecho do jornal “O Paiz”, do dia 16 de agosto de 1925, com o título: “mais uma victoria do feminismo”.

⁴⁷³ Nos trabalhos de Corrêa e Mello (2008), de Miglievich-Ribeiro (2015) e de Ewbank (2017), a figura de Heloísa desponta como protagonista de uma renovação no MNRJ. As autoras apresentam Torres como personagem que abriu as bases para os estudos antropológicos e museológicos, mas, uma vez por outra, em suas narrativas, fica evidente a participação masculina. Ao refletir sobre essa questão, penso nessa relação com o masculino como uma estratégia para manter-se nesses espaços, assim como fez Emília.

⁴⁷⁴ Sobre o feminino, historicamente surgiu na Inglaterra no século XIX, tendo o direito ao voto como principal bandeira de luta e a morte de Emily Davison que, ao jogar-se na frente do cavalo do Rei, trouxe em 1928 o direito às mulheres inglesas de votar. No Brasil, o voto também foi elemento para os primeiros movimentos feministas tendo como destaque o nome de Bertha Lutz. É importante ressaltar que existem, entre o movimento feminista e a teoria, grandes discussões e análises significativas acerca desses elementos (PINTO, 2010). Para complementar o entendimento sobre esse tema, destaco que Butler (2017, p. 21) critica a base universal do feminismo: “a presunção política de ter de haver uma base universal para o feminismo, a ser encontrada numa identidade supostamente existente em diferentes culturas, acompanha frequentemente a ideia de que a opressão das mulheres possui uma forma singular, discernível na estrutura universal ou hegemônica da dominação patriarcal ou masculina”. Nesse

verdadeiro feminismo, isto é, o feminismo que, sem recorrer aos processos violentos, bate-se pela emancipação intelectual e, sobretudo social e política da mulher [...]”⁴⁷⁵. Entendi que ali Heloísa avançou em sua posição na sociedade patriarcal, sendo aprovada no meio de outros candidatos, porém, ao mesmo instante, sofreu o preconceito e enfrentou a ideia de que o feminismo não era feito de “luta”, mas de “oportunidades”.

Quase um mês após a notícia dos inscritos e contemplando as notas em diferentes jornais da capital carioca, vou ao encontro da família Alberto Torres para perceber como foi a aprovação de Heloísa. E, decididamente, o clima parecia ser de festa, muitas pessoas pela casa da família, os intelectuais, os cientistas, entre eles políticos.

Chego mais próximo à sala de estar e vejo D. Maria José e Heloísa juntas tomando café e ouço a mãe: “minha filha, como foi o encontro com o Sr. Presidente?”. Torres responde: “Ah, mamãe! Foi muito breve, mas ele disse que ficou muito feliz por minha vitória. Disse que o futuro do Brasil está nas mulheres brasileiras, as que cuidam de suas casas e daquelas que encontram seu caminho no serviço público!”.

E o diálogo continua: “Heloísa, você acredita que as mulheres realmente podem alcançar outros espaços, como a política, por exemplo?”. Ela responde: “minha mãe, a sociedade brasileira já está recebendo a presença de mulheres em muitas frentes, sejam no campo do conhecimento, sejam no concurso ao qual participei. Seja na política, provocando debates quanto à participação feminina no voto, seja dentro de nossos lares com nossas famílias. São diferentes situações em que estamos, mas preferi percorrer o caminho da ciência, dentro de meus limites e o que foi posto a mim. Homens como Dr. Roquette-Pinto nos trazem tranquilidade para seguirmos nossos sonhos”.

No dia 4 de setembro de 1925, uma nota no periódico “O Jornal” confere que Heloísa Alberto Torres “e o Ministro Viveiros de Castro agradeceram, ontem, ao presidente da República, [...] o natalício do ministro e a aprovação no concurso para professor substituto”⁴⁷⁶. A vida de Heloísa parecia estar traçada ao campo científico e político.

A influência de seu pai, Alberto, pareceu deixar em Torres essa relação com o mundo político. Sua posição dentro do Museu indicava sua postura firme, às vezes, austera, recordada por alguns, mas seu compromisso com a ciência e a sociedade brasileira, seja com as mulheres,

sentido, entendo que o movimento feminista não é único nem singular, ao passo que a teoria sobre o feminismo pode elucidar tais lacunas e reducionismo existentes sobre o tema.

⁴⁷⁵ Acervo da Hemeroteca BND (2022), trecho do jornal “Correio da Manhã”, do dia 3 de setembro de 1925, em que a nota fala sobre o feminismo no Brasil representado pela aprovação de Heloísa Alberto Torres no concurso.

⁴⁷⁶ Acervo da Hemeroteca BND (2018), trecho do jornal “O Jornal” do dia 4 de setembro de 1925, a nota descreve as atividades e as pessoas que estiveram com o presidente da República Arthur Bernardes.

seja com as populações indígenas, era maior⁴⁷⁷.

A relação de seu pai com Roquette-Pinto abriu caminho para que ela entrasse como estagiária, entre 1918 e 1919, desde então até 1922, ela havia realizado trabalhos com o cientista, como aponta a fonte: “A filha de Alberto Torres, que se revela possuidora do ouro mais peregrino do talento paterno, se acha incorporada desde 1918 á vida scientifica do Museu Nacional. [...] Ella esteve, desde 1922, auxiliando os trabalhos da secção de anthropologia”⁴⁷⁸.

Em 1921, Heloísa treinou duas mulheres para auxiliar na avaliação de 1.200 fichas antropométricas sob a coordenação de Roquette-Pinto. Na sequência, também trabalhou na antropometria feminina de 184 moças⁴⁷⁹.

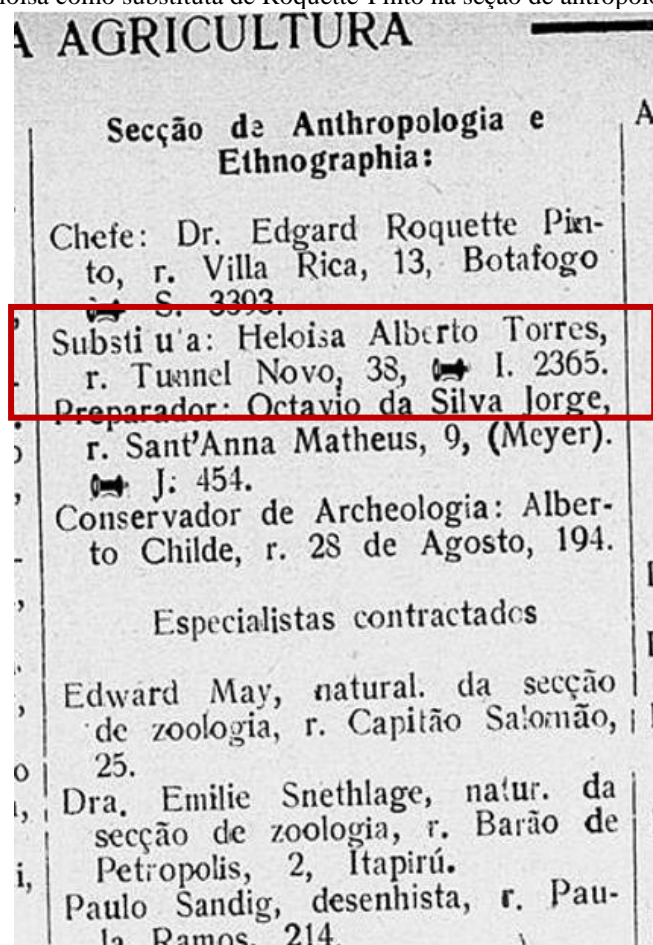
Agora meu roteiro de viagem aponta para o MNRJ, local em que Heloísa firmou-se como professora, sua atuação, no campo antropológico e etnográfico, concretizava-se quando a vejo assumir o cargo de chefe substituta de Roquette-Pinto, como apresenta a Figura 16.

⁴⁷⁷ No trecho inicial do capítulo sobre Heloísa Alberto Torres, Miglievich-Ribeiro (2015) trouxe algumas entrevistas e fontes escritas que pessoas descreviam Torres, nas quais se evidencia que ela possuía uma postura altiva e, ao mesmo tempo, feminina, muito discreta. Sua vida no MNRJ foi uma mistura de conquistas com dissabores de embates intelectuais e de poder que geraram conflitos muito conhecidos como entre ela, Marina de Vasconcelos e Othon Leonardos, que serão vistos adiante na viagem.

⁴⁷⁸ Arquivo de “O Jornal”, ano 1920 a 1929, a fonte está no *site* da Biblioteca Nacional Digital na seção da Hemeroteca. Notícia sobre o concurso do Museu Nacional em “O Jornal” de quinta-feira, 20 de agosto de 1925 Hemeroteca (BRASIL, 2022). Acesso ao documento solicitado via *e-mail* (dapress@dabr.com.br) em 05/03/2022.

⁴⁷⁹ Informações da obra de Miglievich-Ribeiro (2015).

Figura 16 – Heloísa como substituta de Roquette-Pinto na seção de antropologia e etnografia



Fonte: Almanak da Hemeroteca da BND (BRASIL. BND, 2018)

Heloísa tornou-se uma das pesquisadoras importantes do setor, o que traria benefícios e conquistas, mas também alguns embates que depois culminaram, sobretudo, com sua posse à direção do Museu Nacional. Notei nessa fonte que ela alcançou espaço rapidamente dentro do MN entre 1925 e 1927, em apenas dois anos, assumiu o cargo de vice-direção, tornando-se uma das poucas mulheres a estar em atuação naquele setor.

Aqui faço uma parada saudosa em minha expedição e retomo à relação dessas mulheres com as quais resolvi estudar e viajar em suas carreiras. Recordei-me da viagem com Emília Snethlage, que chegou em 1922 ao MNRJ e, em 1927, elas estão juntas: a jovem Heloísa Alberto Torres tornou-se vice-chefe e Snethlage, uma das cientistas mais conhecidas naquele momento. Novamente, a história das mulheres foi concretizada nesse momento: Emília e Heloísa, conforme essas fontes, dividiram o mesmo espaço dessa seção até 1929, com a morte de Emília.

Caminho pela Quinta da Boa Vista numa manhã ensolarada do Rio de Janeiro, desloco-me pelos corredores largos do Museu Nacional até encontrar Heloísa e Emília conversando em

uma sala, em que vejo Emília entrar na sala e comentar: “bom dia, Heloísa! Parabéns por assumir o cargo de chefia de nossa seção. As mulheres nas ciências traçando caminhos para o futuro da pesquisa brasileira!”. Heloísa sentada, de jaleco branco e cabelos arrumados, responde: “Emília, muito obrigada! Sim, estarei agora com essa tarefa de coordenar nossas atividades. Mais trabalho! Mas eu não tenho do que reclamar, foi para isso que fiz o concurso, não é verdade?”. E as duas, em cumplicidade, riem.

Em 1929, Heloísa tornou-se chefe interina da seção de antropologia e etnografia do MN. Emília e ela eram as únicas mulheres: “Chefe-interino: Heloísa Alberto Torres [...], Substituto interino: Dr. Alvaro Fróes da Fonseca [...], Preparador: Octavio da Silva Jorge [...], Especialistas contractadas: Edward May, Emília Snethlage”⁴⁸⁰. Aqui minha pesquisa revelou como essas duas mulheres cientistas participaram da construção da ciência no Brasil em volta do masculino, ampliando espaços no campo do conhecimento. O ano de 1929 seria o último de Emília realizando suas investigações pelo Brasil, em especial, na Amazônia.

Volto-me, mais uma vez, para o diálogo entre as duas e posso levantar a hipótese de que, ao estarem juntas na mesma seção, possivelmente, desenvolveram trabalhos em parceria. Continuei a notar a conversa das duas e sugestiono que ali fora um dos últimos bate-papos entre elas. Emília empreenderia sua viagem ao estado de Rondônia.

Heloísa pergunta à Snethlage: “Emília, você já preparou seu roteiro de viagem até o Madeira? Parece uma trajetória longa, você tem noção por onde irá iniciar a pesquisa?”. Emília informa sobre seu roteiro: “Heloísa, ao chegar em Rondônia, devo pegar o trem para Guajará-Mirim, e de lá ainda não decidi se vou a Tabatinga ou a Jupará. Ainda não conheço essa região do médio Alto Amazonas”⁴⁸¹. E deixo aos leitores essa breve conversa como último contato de duas mulheres cientistas que fizeram história no MNRJ.

Desse modo, segui minha viagem vendo Heloísa crescer no MN, assumir cargos, realizar atividades e ampliar suas pesquisas com as primeiras viagens a campo para pesquisar os sambaquis e, mais tarde, conseguir a importante expedição ao Marajó para conhecer as peças arqueológicas marajoaras. Antes dessas ações, Heloísa participou de um momento um tanto curioso na sua carreira de antropóloga, mas que, na época, era muito importante.

O Brasil que notei em minha viagem, entre 1929 até meados de 1940, parava para saber

⁴⁸⁰ O Almanak Laemmert é um livro em que informações sobre as principais instituições públicas no Brasil surgem de forma ordenada por instituições. Assim, a lista de funcionários do Museu Nacional está à disposição nesse documento e esse trecho é da página 381. Fonte da Hemeroteca (BRASIL, 2018).

⁴⁸¹ Na palestra da Avistar Brasil (2021), a fala de Marco Crozariol sobre as fontes de que dispunha tratavam dessas possibilidades de caminhos pelos quais Emília poderia ter percorrido. Ela foi para Guajará-Mirim, pois de lá escreveu para sua família.

e torcer por suas representantes nos concursos de beleza que aconteciam em alguns estados. Era abril de 1929, lia as notícias do dia sentada no jardim externo do MNRJ quando percebi um movimento entre as pessoas que ali trabalhavam e, ao concentrar-me em suas falas, ouço um casal, a mulher pergunta ao colega: “você viu, foi a D. Heloísa uma das responsáveis pelo resultado do concurso!”. Ele responde: “como ela? Ela foi da banca julgadora?”. Nesse instante, levanto-me e sigo atrás dessa informação.

No dia 16 de abril de 1929, havia saído o resultado do concurso de “Miss Brasil” e o jornal “Correio da Manhã”, do dia 17/04/1929, anunciava que o júri do concurso, após três reuniões, selecionou as candidatas dos seguintes estados: Rio de Janeiro, Paraná, São Paulo, Rio Grande do Sul e Fluminense.

Foi uma disputa apertada pelo que vi no periódico e, ao continuar a leitura, notei que houve a necessidade de uma avaliação das fichas antropométricas e “[...] comparando as fichas recebidas pelos professores: senhorita Heloísa Alberto Torres e Dr. Froes da Fonseca concluiu a comissão poderem todas ser consideradas typos normaes. [...]”⁴⁸². A atuação de Heloísa foi importante nesse concurso, tanto que, na “Revista Vida Capichaba” de 1929, é publicada uma foto dela e Froes com a miss Espírito Santo, como se vê na Figura 17 a seguir.

Devo informar aos leitores que era a antropologia física, inserida na antropometria, que estudava a dimensão e medidas do corpo humano. Um dos expoentes à frente desses estudos era o antropólogo Bastos de Ávila, entre as décadas de 1920 e 1930. Seus estudos tinham como base a raça e a mestiçagem⁴⁸³. Assim, as pesquisas de Heloísa realizaram também estudos antropométricos com Roquette-Pinto. Dessa maneira, a antropologia física entrou como base para equiparar as mulheres na conclusão do concurso de miss Brasil de 1922, e Torres participou desse momento quando a senhorita Olga Bergamini de Sá foi a vencedora⁴⁸⁴.

⁴⁸² Notícia vinculada no noticiário do “Correio da Manhã”, Rio de Janeiro, 17/04/1929, da fonte da Hemeroteca da BND (BRASIL, 2018).

⁴⁸³ O começo do século XX no Museu Nacional Bastos de Ávila teve uma atuação importante na antropologia física no Brasil (GONÇALVES; MAIO; SANTOS, 2012).

⁴⁸⁴ De acordo com a pesquisa que fiz, o primeiro concurso de miss no Brasil aconteceu em 1900, e a primeira a ser registrada como Miss Brasil foi Violeta (Bebê) Lima Castro, seguida por Zezé Leone, em 1922, e Olga B. de Sá, em 1929 (NASCIMENTO; FERREIRA; COUTINHO, 2017; WIKIPEDIA, 2022). Para encontrar mais informações sobre esse concurso, consegui duas fontes do periódico “O Malho”, uma de 1909 em que já se fala de concurso de beleza suburbana no Rio de Janeiro e essa foi Rosalina Frutuoso. No ano de 1914, uma assinante da revista de Belém do Pará informou que foi candidata no concurso, mas que, por um ponto, ela ficou em segundo lugar, seu nome era Angelina Aliverti. Até o momento da conclusão deste capítulo, consegui poucas informações sobre o histórico do concurso, apenas um artigo de evento no *site* da enciclopédia mundial Wikipedia (https://pt.wikipedia.org/wiki/Miss_Brasil), que apresentou uma organização elaborada das informações e com as referências.

Figura 17 – Heloísa Alberto Torres, Glycia Serrano e Froes da Fonseca no concurso de Miss



Fonte: Adaptado pela autora a partir da fonte da Hemeroteca BND (2018)⁴⁸⁵.

Depois da notícia, entendi a vibração das conversas nos corredores do Museu Nacional. Heloísa fazia carreira fora da sua sala de pesquisa e ampliando seus conhecimentos com essas atividades. Ao analisar esse momento, refleti como as mulheres, mesmo em contextos como o de um concurso de beleza, ganhavam lugar na mídia brasileira. E mais ainda, notável como o trabalho de Heloísa garantiu a essas jovens um espaço com certo protagonismo. Então, novamente compreendi a estratégia dela de estar em diferentes espaços e territórios, circulando em diferentes redes, das pesquisas no gabinete de Roquette-Pinto aos concursos nacionais de beleza, como o Miss Brasil.

A parada feita para apresentar os espaços nos quais Heloísa esteve não deixa de lado as relações de poder que teceu para permanecer em espaços representando o viés científico do MN, como nas comissões do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas (CFE) no Brasil, em 1933, que foram imprescindíveis para que ela demarcasse sua performance. Heloísa teve uma atuação muito importante no setor indigenista brasileiro, assim como Emília, manteve contato com Curt Nimuendajú⁴⁸⁶ para diversas pesquisas sobre as populações

⁴⁸⁵ Fonte da pesquisa feita na hemeroteca da BND (2018), página da “Revista Capichaba” de 1929, uma nota sobre o concurso de Miss Brasil.

⁴⁸⁶ Unkel (Curt) Nimuendajú (1883-1945) foi um dos etnólogos alemães que trabalharam no MPEG ao lado de Emília Snethlage e Theodor Koch-Grünberg. Sua participação na etnografia da Amazônia foi significativa em virtude da rede criada, a partir de Snethlage, entre ele e Koch-Grünberg. Eles formaram uma rede de conhecimento etnográfico alemão na região amazônica (SANJAD, 2019).

indígenas, entre 1930 e 1940. Em todos esses lugares em que o masculino predominava, ela tecia relações e estratégias para garantir seu trabalho e sua representação naqueles ambientes.

Nas pesquisas que fiz para elaborar meu roteiro de viagem, Heloísa parecia prosseguir pelo caminho deixado por seu pai. Desde a referência de seu nome até sua posição em campos importantes da ciência, que reverberaram por outros espaços, como o indigenismo e o político, também vislumbram que minhas andanças ao lado de H. A. Torres apresentam muitos elementos a serem descobertos, pois suas redes de sociabilidade realmente eram significativas.

Ao vê-la nesses campos, escrevi em meu caderno de anotações que, para viver no território científico e político, precisou criar estratégias nesses espaços de poder. Tais territórios foram forjados há tempos pelo colonialismo patriarcal advindo da Europa e expressaram que as mulheres estavam distantes desse processo, não só do conhecimento, mas de todo ambiente de relações⁴⁸⁷.

Ao consultar as fontes, pensei o quanto o masculino estava no entorno de Heloísa, assim como de Emília Snethlage. A figura masculina pareceu confrontar tais mulheres, nem por isso suas experiências e táticas para vivenciar a pesquisa e a ciência no Brasil, no começo do século XX, ficaram à mercê dos homens. Heloísa teve como figura principal seu pai, como apresentei anteriormente, e as documentações indicaram essa ligação muito fortemente. Nos jornais, a relação entre ela e Alberto Torres é explícita: “filha do grande Alberto Torres, a senhorita Heloísa continua brilhantemente as tradições paternas”⁴⁸⁸.

Com esses dados, meditei sobre a trajetória de Heloísa e vislumbrei uma mulher branca, da elite, bem-educada, sendo encaminhada para dar continuidade aos passos do pai. Volto-me ao problema de tese: “qual a importância da atuação das mulheres na história das ciências no Brasil e como se deu a participação específica de Emília Snethlage e Heloísa Alberto Torres na construção da ciência na e sobre a Amazônia?” Ao que parece, as estratégias e as construções cotidianas que H. A. Torres empregou, desde sua entrada como estagiária no Museu até o

⁴⁸⁷ Aqui deixo claro aos legente que minha tese tem como base Anne McClintock, pois, ao ver as lutas de Heloísa nesses espaços, procurei ampliar o debate a partir de McClintock (2010) para voltar-me ao pós-colonialismo, apresentado por essa autora ao expressar a introdução do imperialismo, tão contundente que as dinâmicas relacionadas ao gênero foram transformadas e construíram irregularidades brutais. A autora faz-me refletir acerca da posição de Heloísa nesses campos, uma vez que teve de ultrapassar as barreiras da dominação em si, que a ciência já possuía com relação ao masculino, e da colonialidade integrada no ser mulher. Destaco o seguinte trecho: “as mulheres colonizadas, antes da intrusão do domínio imperial, eram invariavelmente prejudicadas dentro de suas sociedades, em maneiras que davam, ao reordenamento colonial de seu trabalho sexual e econômico, resultados muito diferentes dos que obtinham os homens colonizados. [...] as mulheres colonizadas tinham de negociar não só os desequilíbrios em suas relações com seus próprios homens, mas também [...] um violento conjunto de regras e restrições hierárquicas [...]” (MCCLINTOCK, 2015, p. 21). Aqui compreendo Torres a flutuar por esse ambiente colonial científico que a deixava nessa possível situação de ser mulher colonizada, mas que saía dessas “correntes” por abrir novos espaços de debates.

⁴⁸⁸ Acervo da Hemeroteca BND (BRASIL, 2022), trecho do jornal “Correio da Manhã”, de 3 de setembro de 1925.

concurso para professora, assemelham-se à sua influência familiar, paterna especificamente, para criar seu caminho nos campos científicos brasileiros. Enxergo isso com muita positividade, visto que, como Emília, Heloísa criou táticas dentro desses campos masculinizados para entrar e manter-se neles, porque aqueles espaços não tinham ainda aberturas para a construção de um debate sobre o feminino⁴⁸⁹.

Ao pensar sobre isso, compreendi mais uma vez que a experiência de mulheres ao entrar no território do público criou mais ambientes para refletir a história delas na ciência. Não foram caminhos fáceis, o jogo de poder é um elemento fundamental para conjecturar essa discussão entre o feminismo e a ciência⁴⁹⁰, por exemplo. O cotidiano feminino, no campo científico, foi forjado por tortuosas lutas⁴⁹¹, de modo que as mulheres criaram seus espaços e suas relações com o masculino e entre elas. Isso não foi diferente com Heloísa, mesmo ela tendo como base a figura de seu pai e do cientista Roquette-Pinto.

Todo esse contexto acerca da entrada dela no Museu Nacional movimentou diferentes perspectivas em meu roteiro. Assim como outras autoras, como Adélia Miglievich-Ribeiro e Mariza Corrêa, que escreveram sobre ela, mergulhei nesse universo particular da masculinidade como norteadora dos passos e caminhos femininos. A colonização feminina parece envolta nesse simulacro que cria “a vitória do feminismo” com a aprovação de H. A. Torres, como noticiou o “Correio da Manhã”, em 1925, com o título “Uma victoria que faz honra ao feminismo brasileiro”, mas que abaixo dessa superfície de acreditar na mulher em campos progressistas como a ciência, o discurso construído sobre elas ainda é marcado por um preconceito de gênero e colonialismo.

O mês de setembro iniciou-se, e as notícias sobre Heloísa ainda faziam parte da escrita dos jornais no Rio de Janeiro. Minha trajetória continuou a acompanhar Torres, de modo que

⁴⁸⁹ Aqui retomo uma das primeiras leituras que fiz sobre a vida de Heloísa e, ao olhar para trás, vejo Corrêa (2003) reforçar que a presença científica e política dela no cenário da história das ciências no Brasil foi de confronto com esse universo masculino dominante. Heloísa procurou manter-se firme diante de diferentes situações e conseguiu ampliar para outras gerações femininas o campo intelectual brasileiro. Cita autora Mariza Corrêa (2003, p. 19): “a fotografia dela como delegada do Brasil na UNESCO, única mulher numa fileira de homens, é tanto emblemática de sua importância [...]”. Uma construção de um movimento feminino na ciência forjado de erros e acertos que Torres escreveu esse capítulo, assim como eu tateei sua vida como um roteiro sem horário e paradas definidas, apenas continuo a seguir a minha viagem.

⁴⁹⁰ Na obra de Schiebinger (2001), ela traz quatro pontos que fundamentam essa relação de poder das mulheres nos espaços científicos: as instituições científicas podem encorajar ou não as mulheres; a divisão de pôr as mulheres entre o lar e o emprego; o êxito para as mulheres não é simples, depende de outros fatores como guerras, climas políticos etc.; e, por fim, que o mito do progresso não está ligado às mulheres. Essas colocações demonstram como Heloísa abriu o espaço para ela e outras mulheres que viriam depois.

⁴⁹¹ Aqui novamente reporto-me a Thompson (1981, 1998), pois esse autor expressou que os cotidianos e as lutas coletivas constituem uma fonte de conhecimento sobre a história social, e a história das mulheres na ciência surgiu desses combates, desses espaços criados e dessas táticas para entrarem e manterem-se nesses campos, como foi o caso de Heloísa Alberto Torres.

observei um dia em que ela preparava seu novo espaço de trabalho: uma pequena sala com cadeira, uma mesa e, ao fundo, uma estante com livros e diversas fichas antropométricas que analisava desde 1922 quando trabalhava com Roquette-Pinto. Aproximo-me, e ela apanha um jornal em cima da mesa, enquanto balbucia alguma coisa e, em seguida, lê a notícia: “[...] libertando da tutela espiritual do homem e collocando-a no mesmo pé de igualdade que elle, *vis-a-vis* as constituições, o verdadeiro feminismo já se pode considerar triunphante no Brasil”. Parece que Heloísa contempla o jornal e pensa alto: “feminismo triunfante?”⁴⁹².

Ela prossegue e diz para si mesma: “bem, então, se ser aprovada em um concurso é ser feminista, então, já estou no movimento. Fico aqui realizando meu trabalho e acredito também que minha experiência feminista é esta: realizar minhas pesquisas e avançar no campo do ensino da antropologia pelo Brasil”. Eu me afasto, sento-me em um banco no corredor próximo à sala dela e observo minhas anotações apontarem para rumos ao indicar o feminismo de Heloísa sendo ampliado do caminho que seu pai trilhou. Alberto Torres parecia saber que a filha faria escolhas e estas seriam bem diferentes para uma mulher daquela época. Então, tratou-se, verdadeiramente, de uma vitória do feminismo, não como movimento prático e teórico com relação às discussões acerca do tema, mas de construção do debate amparado por esse viés, ladrilhado por Heloísa ao tornar-se candidata aprovada em um concurso público⁴⁹³.

Após verificar como Heloísa interpretou a notícia, olhei o restante do texto e encontro um trecho importante para refletir sobre minha pesquisa: “sem protecção de espécie alguma, apresentou-se ao concurso aberto para o preenchimento daquela cadeira [...]”⁴⁹⁴. Para algum outro tipo de legente, esse trecho não deve chamar tanta atenção.

No entanto, para a minha análise, o periódico permitiu pensar que ela, sendo filha de Alberto Torres, de não ter sido “ajudada”, Heloísa possuía seus méritos. Perspectiva corroborada pelo fato de que ela fazia parte da equipe de Roquette-Pinto desde 1919 quando solicitou estudar com ele. Mediante os fatos, não interpreto como suspeita de ajuda, porquanto, em toda pesquisa, não encontrei indícios⁴⁹⁵ que pudessem sugerir favoritismo ou qualquer tipo de auxílio.

⁴⁹² Acervo da Hemeroteca BND (BRASIL, 2022), trecho do jornal “Correio da Manhã”, de 3 de setembro de 1925.

⁴⁹³ Na França, entre os séculos XIX e XX, eclodiu também como espaço para o movimento feminista quando algumas operárias francesas, entre elas Flora Tristan, reivindicaram melhores condições de trabalho, já que o aumento das fábricas demandava mão de obra de mulheres e crianças. Em outro momento, é preciso destacar que as mulheres francesas reivindicaram que o domínio masculino sob o feminino deveria acabar. A partir dessas configurações sociais e políticas novas e efervescentes, o movimento se tornou forte, posteriormente, uma discussão mais teórica e profunda quando se tratam das relações de gênero (AUAD, 2003).

⁴⁹⁴ Acervo da Hemeroteca BND (BRASIL, 2022) trecho do jornal “Correio da Manhã”, de 3 de setembro de 1925.

⁴⁹⁵ Como Ginzburg (2006), pesquisei vestígios da entrada dela no MNRJ e nenhuma fonte indicou-me qualquer possibilidade de que ela teve qualquer tipo de privilégio para ingressar no Museu Nacional.

Minha viagem, nesta tese, faz a primeira parada ao lado de Heloísa Alberto Torres, uma mulher abrindo caminhos para outras de seu tempo. Ela já possuía colegas de trabalho, como Bertha Lutz, no MNRJ, para dar continuidade às primeiras linhas de frente femininas na pesquisa científica brasileira. Encontrei um cenário um pouco mais propício para as mulheres engajarem-se em campos como no serviço público do Brasil.

Resolvi, então, voltar às ruas das Laranjeiras para refletir um pouco sobre esse primeiro momento com ela. Mais alguns dias se passaram e vejo D. Maria José e Marieta na sala com diferentes jornais sobre a mesa. E Heloísa estava na cozinha trazendo um café para que elas apreciassem enquanto conversavam sobre o futuro da nova professora substituta do Museu Nacional. Entro pela sala e sento-me próximo a elas quando ouço Marieta: “pronto, mamãe, aqui estão os três jornais em que Heloísa aparece nas manchetes. E olhe só, nos três há fotos dela!”. Dona Marieta responde: “sim, fui eu quem dei as fotografias, pois os repórteres pediram-me para conhecer o rosto da nova aprovada no concurso!”.

Depois de vivenciar tudo isso, Heloísa sorri e comenta: “queridas, é apenas um jornal com uma fotografia minha, não há o que mostrar. Afinal, não será ‘a minha beleza’ que irá ajudar-me a fazer pesquisas em antropologia no Museu”. Todas riem. Há um momento de silêncio entre elas. Enxergo como cumplicidade. No momento em que me levanto para sair, ouço D. Maria José: “sim, minha filha, sua beleza talvez não conte muito nesse campo, mas sua força e firmeza, farão de você uma excelente professora e que será conhecida no MN como “D. Heloísa”. Parecia que D. Maria José previa o futuro da primeira diretora do Museu Nacional.

5.2 Para além da gestão: Heloísa em experiências com a educação e o indigenismo no Brasil

Os eventos que se desdobraram desde que Heloísa ingressou no Museu Nacional foram muitos. Ao longo de minha viagem, percebi que ela também avançou em diferentes frentes do conhecimento. As fontes levaram-me a olhar a professora Heloísa inserida na formação educacional brasileira, visto que, além de atuar no MNRJ no âmbito da etnografia, ela esteve à frente da área da geografia, assim como Emília. Heloísa Alberto Torres também participou de diferentes cursos pela “Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro” lecionando algumas disciplinas.

Ao mergulhar nessas fontes, que ainda não foram exploradas por outras e outros estudiosos, pude compreender como sua formação também foi ampla, contribuindo com a área etnográfica e antropológica, com a formação de pesquisadores em antropologia, ou ainda, com

a gestão do Museu Nacional. Heloísa teve uma participação importante, o que me levou a dar ênfase na fase que compreendeu os anos de 1926 a 1929. Como me propus nesta tese, perpasso por diferentes tempos: o tempo em que me coloco na narrativa com ela e faço pequenos recortes temporais para ilustrar algumas das fases que, no caminho da pesquisa, surgiram para mim como novas luzes sobre a vida dessa cientista brasileira.

Dessa maneira, inicio com alguns episódios em que Heloísa lecionou disciplinas de antropologia e etnografia dentro da formação geral da geografia. Essas incursões dela nesse campo pode ser vistas como mais um elemento que essas mulheres tinham para serem “reconhecidas” entre os seus pares.

Não enxerguei diretamente isso nas fontes, ainda assim, pelo que já havia analisado, tanto Heloísa quanto Emília ampliaram seus limites de formação, pois, como não havia oferta de universidades no Brasil e o acesso das mulheres às instituições de ensino superior, mesmo na Europa, ainda era escasso. Assim, notei que elas queriam alcançar outros patamares para seu deleite profissional e pessoal.

Ao ingressar no MNRJ, Heloísa teve a oportunidade de ministrar cursos e, nas fontes verificadas, notei que, em 1925, ano de sua entrada como professora substituta, foi chamada para compor uma junta examinadora de provas para o Departamento Nacional de Ensino destinada a diferentes cidades do eixo Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Ela compunha com outros professores e professoras a 2ª junta que reunia Distrito Federal e os Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo: “D. Heloísa Alberto Torres, D. Rosalina Coelho Lisboa Rademaker e Oscar Prezesodoswk”⁴⁹⁶.

Historicamente, o Conselho Nacional de Educação foi criado pelo Decreto nº 8.659, de 5 de abril em 1911. E, em 1925, com a reforma Rocha Vaz, tornou-se o Departamento Nacional de Ensino, no qual Heloísa também atuou. Essa instituição foi a precursora do atual Ministério da Educação.

Interessante verificar essa movimentação dela, porquanto Heloísa parecia querer ir além como professora de antropologia, alcançar outras áreas de conhecimento e, de certa maneira, ampliar suas redes de contatos e sociabilidade⁴⁹⁷. Ao sair dos limites do Museu Nacional,

⁴⁹⁶ Fonte do jornal “O Paiz”, de 21 de novembro de 1925. Nota sobre as juntas examinadoras para o processo que, provavelmente, estava na fase de mudança do Conselho Nacional de Ensino para o Departamento por meio do Decreto nº 16.782-A, de 13 de janeiro de 1925, em que surgiram as reformulações dos ensinos primário, secundário, profissional e superior (GABLE, 2018).

⁴⁹⁷ A obra da professora Adélia Miglievich-Ribeiro (2015) retoma a discussão sobre os círculos sociais que Heloísa criou ao estar à frente do MNRJ, isso, provavelmente, está ligado à sua inserção em diferentes lugares na educação do Rio de Janeiro e, em seguida, no cenário nacional. As redes científicas e educacionais ficaram nítidas ao levar em conta essa documentação. Heloísa fez parte da formação desses cursos de geografia e neles levou a visão antropológica e etnográfica para o ensino no Brasil.

conseguiu expandir suas redes de relacionamentos e de conhecimento. Logo, Heloísa estaria ministrando curso na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, no Curso Livre de Geographia, entre os anos de 1926 e 1927.

Retomei minha caminhada pelas ruas do Rio de Janeiro no começo do ano de 1926. Era mês de maio e as atividades e as responsabilidades da nova professora do Museu Nacional aumentavam. Sigo até o MNRJ e verifico como Heloísa tem vivenciado sua nova função. Chego à sua sala e percebo-a atenta a alguns livros em cima de sua mesa, cheia de papel e algumas canetas. Não parece desorganizada, na verdade, inundada de tarefas que precisavam ser executadas. Ela mexe em alguns livros e comenta em voz alta: “hum... preciso de alguns livros novos sobre estudos antropológicos e etnográficos para o curso livre de geografia que irei ministrar. Bem, acredito que a linha da geografia e das humanidades pode ser um bom começo para minhas discussões sobre a arqueologia marajoara”.

Heloísa não chegou a ministrar aulas em universidades, inclusive, isso foi uma das brigas narradas em sua biografia, cuja personagem era a professora Marina de Vasconcelos, com quem disputou a cátedra de antropologia e etnografia, que era de Arthur Ramos, na Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi) na Universidade de Brasília (UnB)⁴⁹⁸. A disputa em questão versava sobre quem sucederia Ramos, em contrapartida, Heloísa teve sua inscrição indeferida por não ter diploma de curso superior.

Segundo Miglievich-Ribeiro, os museus passavam a perder prestígio para as universidades. Enquanto, também, uma outra antropologia substituía a antropologia física e das coleções etnográficas. Quanto à Universidade do Distrito Federal (UDF), Heloísa foi assistente de Gilberto Freyre no curso de ciências sociais. Mesmo não tendo uma passagem pelo universo do ensino superior, deixou sua marca como docente no curso da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, posto que sua abertura por essa área não permaneceu à sombra das rodas intelectuais cariocas.

Antes de sair da sala de H. A. Torres no Museu Nacional, detive-me a ouvir um pouco mais sobre como ela preparava suas aulas quando o telefone em sua sala toca: “sim, sou eu. Olá, professor Backheuser. Sim, estou me preparando para o curso! Não se preocupe, tudo está a ser organizado. Já vi meus horários aqui no Museu e tenho a disponibilidade de ministrar as

⁴⁹⁸ No capítulo 2 de seu livro, Miglievich-Ribeiro (2015) apresenta o desenrolar da disputa entre Heloísa e Marina sobre essa vaga no concurso para a disciplina na FNFfi. No meio do embate, estava o professor Arthur Ramos. Segundo a autora, foi a primeira vez que Heloísa travou uma batalha com uma mulher em sua vida profissional. Quando Heloísa realizou o concurso para ingressar no Museu Nacional apenas com homens pareceu ser mais fácil do que concorrer a essa vaga com uma mulher.

aulas. Será um prazer estar com vocês!”⁴⁹⁹. Então, noto como Heloísa estava inserida nos circuitos do ensino, de tal forma que sua participação, nesse cenário, foi significativa para fundamentar suas táticas no campo científico.

Dessa forma, ela ingressou no curso livre de Geographia⁵⁰⁰, instituído pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro e formalizado em “[...] secção do Conselho Director, 3ª ordinária do dia 5 de maio de 1926”⁵⁰¹. Para a criação deste, o presidente Gen. José Maria Moreira Guimarães reuniu um corpo docente bastante diversificado quanto aos temas, contudo, notei, ao aprofundar-me na documentação, que a maioria dos professores era do sexo masculino.

Heloísa destacava-se como uma das únicas professoras que estavam lotadas no segundo período do curso. Novamente, o feminino surge no campo da ciência. H. A. Torres manteve sua tática em estar nesses diferentes círculos ampliando, assim, a sua participação no campo do conhecimento das ciências da natureza, como era a geografia, mesmo possuindo formação em antropologia⁵⁰².

O percurso feito por Heloísa fora do Museu Nacional indicou como as mulheres já encontravam espaços de discussão e protagonismo no campo científico no Brasil. Os meses se passam, e continuei em minha jornada. Próximo à Quinta da Boa Vista, parei para comprar o jornal do dia e pego na banca de revista “O Jornal”, de 10 de setembro. Nele procuro encontrar mais pistas de onde Heloísa estava e também algumas notícias do dia, então, deparo-me com uma pequena nota: “curso livre de Geographia [...] No dia 14, às 16 horas e um quarto a professora Heloísa Alberto Torres inaugurará o curso de ‘Anthropologia e Ethnographia’ que está a seu cargo [...]”⁵⁰³. Ao ler a pequena nota, refleti que ela havia saído de sua fronteira no MNRJ e iniciado sua profissão como docente, pois sua vaga teria sido para professora. Heloísa ingressava no universo do ensino por meio da geografia.

⁴⁹⁹ Fonte da Hemeroteca da BND (BRASIL, 2019). Apresentação do curso livre de Geographia da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro em 5 de maio de 1926. Esse documento conta quem eram os responsáveis pelo projeto do curso. Entre os professores, estavam Dr. A. Couto Fernandes, como um dos presidentes, e Everardo Backheuser, como membro da comissão pedagógica. Ao que consta no documento, somente Heloísa estava como professora, os demais membros do corpo docente eram do sexo masculino. Novamente, a figura feminina surge no meio científico.

⁵⁰⁰ Pelo que se nota nas fontes, o curso oferecido na época era do nível técnico. Eram formações em áreas específicas organizadas por essas associações.

⁵⁰¹ Fonte da Hemeroteca da BND (BRASIL, 2019). Curso livre de Geographia da Sociedade de Geographia.

⁵⁰² A territorialidade das funções acadêmicas e de ensino há tempos continua a separar homens e mulheres na ciência. O texto de Schiebinger (2001) traz uma questão sobre as mulheres que tendem a pesquisar em áreas das ciências humanas. Segundo a autora, os campos da botânica e zoologia eram os mais escolhidos por elas, pois, até financeiramente, os ganhos eram menores. Heloísa seguiu carreira nas ciências humanas, mas entrou em outras áreas, como foi visto na pesquisa.

⁵⁰³ Fonte da Hemeroteca da BND (BRASIL, 2018), notícia do periódico “O Jornal”, do Rio de Janeiro, de 10 de setembro de 1926.

O curso rendeu muita procura como vi nos jornais, uma vez que a formação dava ao aluno o título de “Laureado em Geographia e sciencias correlatas”. Ao ingressarem no curso, todos teriam de assistir às aulas e realizar todos os exames para garantir o seu diploma, como consta no “Art. X – receberão o diploma [...] os alumnos aprovados no alludido exame.”. Percebo Heloísa Alberto Torres a manter seu lugar de destaque no ensino.

Alguns dias depois, vejo-a nos corredores do MNRJ conversando com alguns colegas e ela comenta a seguinte passagem do texto: “parece que terei muito trabalho ainda, o curso está sendo um sucesso! Ouçam este trecho de ‘O Jornal’ de ontem, dia 19 de setembro de 1926: ‘prosseguem com absoluta regularidade e muito frequencia de alumnos as lições do curso Livre de Geographia [...]’”. As pessoas ao seu redor comentam ser consequência dos esforços dos professores do curso. Ao analisar essa passagem, vejo Heloísa sentindo-se orgulhosa, mas não deixa transparecer, e comenta: “sim, estamos fazendo nosso trabalho como professores da nação”.

Aqui, desejo abrir um ponto no meu roteiro na viagem com Heloísa. Ao aprofundar-me nas fontes, percebi que, possivelmente, ela atuou em ações significativas do MNRJ, como datas comemorativas as quais tinham como foco exaltar o nacionalismo brasileiro. Vislumbro a professora Heloísa Alberto Torres tendo como público um grupo de crianças na “Festa da Boa Vontade”, realizada em 18 de maio de 1928⁵⁰⁴. A desenvoltura de H. A. Torres foi demonstrada ao ver escrito como ela se dirigiu a esse grupo tão diferente de seus alunos com formação técnica.

O tema exposto por Heloísa foi sobre a Guerra e, ao fazer uma análise do texto, notei uma relação de compleição do nacionalismo/patriotismo presente no começo do Estado Novo, dado que Heloísa, como todos os intelectuais do seu tempo, bebiam do Positivismo e da crença da ciência. Também reconheço pelas fontes que ela foi favorecida pelo Estado Novo antes e depois. Ainda assim, não afirmo que ela estava ligada ao golpe militar de 1964 no Brasil⁵⁰⁵. A fala dela mantinha um tom um pouco fora dos padrões para crianças, pois era forte. Embora

⁵⁰⁴ Fonte da Hemeroteca da BND (BRASIL, 2018), nota do “Jornal do Commercio”, dia 19/05/1928, sábado, sobre a “Festa da Boa Vontade”, que aconteceu nas dependências do Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista, no dia anterior. Na ocasião, Heloísa falou sobre os problemas causados pela guerra.

⁵⁰⁵ Ao fazer a leitura do texto de Janaina Cordeiro (2019), é notável perceber as reivindicações sociais e políticas das mulheres conservadoras do Rio de Janeiro, as quais estavam, especialmente, ligadas à Campanha da Mulher pela Democracia (CAMDE) na década de 1960. Essas mulheres protagonizaram um movimento político, mesmo que não se identificassem diretamente com as discussões políticas. Elas exerceram um papel fundamental na configuração do ambiente político brasileiro. Saíram do lar para ganhar o espaço público. Ao refletir sobre essa discussão, notei como, mesmo não estando diretamente ligada a grupos políticos como esse, uma vez que não encontrei fontes sobre o assunto até a conclusão da tese, Heloísa poderia encaixar-se nessa perspectiva de estar à frente das lutas pelo bem nacional e pela pátria, ao ter, em espaços dialógicos como o MNRJ, territórios para iniciar o discurso conversador que faria parte da luta política no Brasil.

deixasse bem claro que as crianças daquele período deveriam ter na pátria a sua melhor aliada. Não quero julgar a fala de H. A. Torres, mas quero elucidar aos legentes que ela, verdadeiramente, buscava estar em diferentes espaços da ciência. Em virtude disso, ao fazer uma preleção para um público juvenil, Heloísa utilizou, novamente, suas táticas para estar à frente do campo do conhecimento.

Trago alguns momentos de seu discurso com esse público ao incidir sobre como ela atuava nesses campos da educação. Há uma chamada explícita para que as crianças entendam: elas seriam o futuro da nação brasileira: “É vós, crianças do Brasil, sempre dispostos a inflamar-vos pelos propósitos nobres [...]. Como sois felizes por estardes convidados desde pequeninos a participar nos mais elevados destinos da humanidade!”⁵⁰⁶. Esse trecho deixou evidente o quanto o civismo fazia parte da formação educacional.

E a presença de Heloísa, nesse momento, sugere que ela também era parte dessa força motriz da nacionalidade e da civilidade brasileira. O universo ao qual Heloísa fazia parte era de uma elite branca e abastada a possuir propostas sociais, políticas e culturais voltadas para a exaltação da pátria e do nacionalismo⁵⁰⁷.

Essa configuração refletiu como o governo da época pensava na formação educacional tendo como fonte a pátria e a família. Em outro momento, apresento aos leitores da tese o trecho de uma carta na qual Heloísa cita Santos Dumont, o recado proposto por este tratava do amor à pátria e à família: “amo a minha família mais do que a mim mesmo; amo a minha pátria mais que a minha família, e a humanidade mais que minha pátria”⁵⁰⁸. Como ponto importante é factível conjecturar sobre esse posicionamento dela, pois, de certa maneira, era a sua forma de militar pelo que acreditava. A educação era a base de suas táticas para manter-se no campo científico, ao mesmo tempo, ela flertava com esses ideais nacionalistas que, em um futuro próximo, trariam grandes problemas para a democracia brasileira.

Seu viés nacionalista foi herdado do pai e evidencia o contexto em que ela viveu: tanto a Revolução de 1930 quanto início do Estado Novo. Após a festividade, sigo até a rua das Laranjeiras para averiguar como estava o clima na casa de Heloísa, pois, em seu discurso, ela citou seu pai, Alberto Torres. Vejo-a na sala sentada com a mãe e a irmã lendo o trecho no qual ela fala sobre o pai: “silêncio, meninas, gora falarei sobre papai, escutem! ‘Assim, tendo

⁵⁰⁶ Fonte da Hemeroteca da BND (BRASIL, 2018, p. 3), nota do “Jornal do Commercio”, dia 19/05/1928.

⁵⁰⁷ Reporto-me, novamente, ao texto de Cordeiro (2019) dialogando que o papel das mulheres das classes mais abastadas também foi essencial para pensar um movimento do feminino no espaço público, ao passo que elas, com sua identificação com o lar e com a família, estavam à frente dessas novas dinâmicas sociais, políticas e culturais e, assim, Heloísa também se inseria nesse campo entre o público e o privado.

⁵⁰⁸ Fonte da Hemeroteca da BND (BRASIL, 2018, p. 3), nota do “Jornal do Commercio”, dia 19/05/1928.

cumprido o seu primitivo papel, desvirtuada das suas ações primeiras, posta á nu, em toda a sua hediondez, ‘a guerra matou a guerra’, para usar da expressão concisa e forte de Alberto Torres’. Que bonito, hein?”. As três param por um momento, os olhos parecem brilhantes, talvez de saudades?

Marieta, então, comenta sobre como o pai foi um brasileiro preocupado com a nação: “papai, sabia que, ao entrar para o governo do Brasil, muitos desafios iria passar, e a guerra foi um deles. Ele presenciou, mesmo aqui no Brasil, a I Grande Guerra Mundial com seus desdobramentos tão tristes para a humanidade! Então, Heloísa, sua fala para essas crianças foi fundamental, pois deixou como recado a importância de se manter a paz entre os povos”. E dona Maria José e Heloísa se olham e parecem concordar com Marieta. D. Maria José complementa: “acredito que o papel das mulheres é este: garantir às futuras gerações o conhecimento do seu passado para que o que aconteceu de ruim não se repita no tempo vindouro. Fico feliz de vê-la, Heloísa, falando com a nova geração de brasileiros”.

Essas passagens ficcionais, construídas a partir das fontes, trouxeram para esta tese a reflexão de que as mulheres, independentemente dos espaços nos quais estavam, sentiam-se parte da dinâmica social da época. Permiti-me criar a fala de Marieta para refletir como o masculino foi uma figura importante na vida feminina de Heloísa e de sua irmã. Ao trazer a narrativa da mãe, procurei invocar que ela também, possivelmente, influenciou a vida de H. A. Torres, visto que o papel materno, naquele momento, era crucial para creditar o amparo do discurso nacionalista, e nada mais forte do que a matriarca referendando o papel exercido pela filha professora.

A busca por pistas da história de Heloísa Alberto Torres, em partes, coincide com a trajetória do moleiro Menocchio⁵⁰⁹, sobretudo, quando o tempo transcorre e sua participação em momentos significativos da educação no Brasil, entre 1926 e 1929, desabrocham por entre as fontes. Alguns anos depois, em 1927, em minha viagem, encontrei Heloísa ainda muito ativa na formação técnica educacional no Rio de Janeiro. Heloísa foi ganhando espaço na ciência, o que significa seu deslocamento de uma visão linear sobre a posição em que muitas mulheres estavam, pois o que se viu foi a ampliação do campo de possibilidades para Torres, tanto que sua jornada, nas ciências sociais brasileiras, seria solidificada quando ela empreendesse sua

⁵⁰⁹ A obra “O queijo e os vermes”, de Ginzburg (2006), ajudou-me a compreender como a metodologia na história também pode ser feita por fontes nas quais não há, necessariamente, uma ordem cronológica, pois a trajetória de Menocchio é cheia de idas e vindas quanto às suas falas diante da santa inquisição. Ao longo de meu percurso para escrever sobre Heloísa, deparei-me com muitas fontes que tinham certa cronologia, mas os assuntos eram diversos. Daí fui montando um roteiro para escrever sobre esses indícios dela na educação brasileira, por exemplo.

viagem ao Marajó, fato que visto no próximo subitem⁵¹⁰.

Agora continuo minha caminhada, que também passa pelo desconhecido e atraí-me a seguir⁵¹¹ em busca de elementos para entender como essa antropóloga tornou-se uma figura importante no espaço científico brasileiro. No começo de fevereiro de 1927, encontrei uma entrevista cedida pelo Prof. Roquette-Pinto ao jornal “Correio da Manhã”, em que surgem os nomes de Emília Snethlage e de Heloísa Alberto. Aqui, novamente, as duas estão juntas. Emília ainda era viva e atuava no MNRJ ao lado de Heloísa. Essa fonte ofereceu-me uma oportunidade de entender que, mesmo longe de grandes holofotes, as mulheres cientistas se faziam presentes nos campos das ciências e eram reconhecidas.

Com a linha de atuação do ensino brasileiro, a fala do Dr. Roquette discutiu o papel do Museu Nacional como centro de estudos sobre a história natural. A formação de professores, segundo diz, era um dos principais pilares dos planos do MNRJ. E para formar esses novos estudantes, a base inicial também era lembrada. Então, reforçou em seu discurso que havia também atividades para as idades primárias: “[...] duas vezes por semana, essa sala será reservada às professoras municipais. Virão as turmas de alunos far-se-ão conferências simples e provocadas por uma projecção em tela, a criança terá sua curiosidade despertada e desenvolvido o gosto pelo estudo”⁵¹².

Nesse ponto, nota-se a relação entre Edgar Roquette-Pinto e o papel de Heloísa ao marcar aquela fala para as crianças na Festa da Boa Vontade. Ela estava integrada a um corpo docente preocupado com o futuro das gerações e como cientista e mulher engajada no futuro da nação.

Interessante notar o “plano de ensino popular”, referendado pelo Professor Roquette-Pinto, que expõe que seria lançado o boletim do Museu Nacional com a proposta de ser uma revista de ciência, na qual a divulgação do conhecimento científico seria uma prática para os estudantes do ensino superior e secundário, conforme sua fala:

Meu plano popular de ensino [...] não se limita a isso só. Dentro de alguns meses começará a circular o ‘Boletim do Museu’, criação do professor Arthur Neiva, desenvolvendo e divulgando todo novo aspecto da sciencia. [...] A sciencia, de sorte

⁵¹⁰ No livro de Miglievich-Ribeiro (2015, p. 63), tem-se: “Heloísa era percebida como uma mulher de ciência e, nessa condição, aceita pela comunidade intelectual de seu tempo, majoritariamente formada por homens”. Ao que noto, Heloísa avançou no campo científico, e sua participação, nesses cursos de formação na educação brasileira, registrou momentos significativos em sua carreira profissional.

⁵¹¹ Retomo a leitura de Trigo (2013) na qual o autor afirma que o desconhecido também faz parte do processo da viagem e desta para a compreensão do turismo moderno. Minha viagem ao lado de Heloísa também foi uma viagem turística, pois defini um roteiro a seguir, passei por lugares nos quais conheci a gastronomia local, como a Confeitaria Colombo.

⁵¹² Fonte da Hemeroteca da BND (BRASIL, 2018, p. 3), nota do jornal “Correio da manhã”, de 16/02/1927.

que faremos de tudo para que nelle se possam comprazer os estudantes dos cursos superiores e secundários.

A visão de futuro de Roquette-Pinto foi bastante moderna ao colocar em voga um plano educacional que envolvesse as diferentes bases educacionais. E, ao comentar sobre a importância da divulgação da ciência feita pelo Museu Nacional, cita os trabalhos das duas cientistas que investigo aqui.

Continuo a ler a entrevista, na qual continua a afirmar a existência de três elementos a constituir as bases do conhecimento no MNRJ: o primeiro é o ensino, o segundo ponto diz respeito à pesquisa de gabinete e, por fim, a pesquisa de campo⁵¹³, a qual ele chama de investigação direta da natureza:

É preciso não esquecer, porém, que se o ensino público é talvez a mais linda face do vastíssimo programma de trabalhos do Museu [...] há duas outras preocupações apaixonadoras: a pesquisa scientifica de gabinete e a investigação directa da natureza pelas excursões. Como trabalho de campo temos neste anno as da doutora Snethlage numa grande excursão pelo interior de Goyaz, Matto Grosso, Pará e Amazonas; da professora Heloísa Alberto Torres nos Sambaquis do Sul [...].

O discurso de Roquette-Pinto surgiu como uma reflexão para este trabalho na ocasião em que retomo um de seus objetivos: entender como essas mulheres atuaram nessas instituições e, assim, vejo Heloísa sendo destaque na fala de um dos importantes pesquisadores e expoentes da ciência no Brasil. H. A. Torres firmaria seu espaço com seu trabalho e suas táticas de estar no lugar certo e na hora certa do crescimento do campo científico brasileiro.

A fonte acima fez com que pudesse conjecturar que o futuro de Heloísa, no campo educacional, continuaria, enquanto sua participação como professora do MNRJ, em atividades como essa nos cursos livres, seria um passaporte para a sua carreira dentro da instituição. De fato, essas ações desenvolvidas por ela foram bastante promissoras, pois colocou seu nome e seu trabalho na vitrine do campo científico. Ela permaneceu a ministrar no curso livre ainda em 1927, como demonstrou a pesquisa que realizei em outros periódicos da época.

No ano de 1927, entre os meses de junho e julho, o periódico “O Paiz” trouxe notícias sobre o sucesso do curso, e a procura continuou desde o ano anterior. No dia 26 de junho de 1927, o jornal trouxe a seguinte nota: “Sociedade de Geographia – Na secretaria da Sociedade

⁵¹³ O artigo de Mariza Corrêa (2003) enfatiza o trabalho realizado por Heloísa e sua contribuição para as pesquisas antropológicas que vão além de suas poucas publicações sobre seus trabalhos, mas deve-se enfatizar como ela é citada no campo antropológico e sua herança na formação de muitos pesquisadores na área. O seu trabalho, segundo Corrêa, avançou no sentido de oferecer um olhar acerca do debate da produção científica no campo da antropologia.

de Geographia do Rio de Janeiro continuam abertas as inscrições para o curso de livre de geografia [...]. O curso inaugura-ser-ha a 5 de julho próximo em sessão pública [...]”. Parece uma chamada simples, mas o nome de Heloísa sempre surge nesses anúncios: “O horário das outras cadeiras que completam o curso – oceanographia, ethnographia, ecologia [...] professadas, respectivamente, pelos Drs. Roberto Seild, senhorita Heloísa Alberto Torres”⁵¹⁴.

Na leitura dessas documentações, um detalhe me chamou atenção: em boa parte dos anúncios, o nome de Heloísa não é precedido pela sua formação de professora. As mulheres passaram em muitas épocas por apagamentos de seus nomes e de sua participação na formação do campo científico⁵¹⁵. Desde meados do século XVII até início do XIX, muitas mulheres cientistas ficaram de fora do cenário institucional⁵¹⁶. Ao notar essa ausência da formação antes do nome de Heloísa, percebo como o lugar das mulheres, mesmo estando em espaços como o Museu Nacional, parecia não ser reconhecido como professoras e/ou cientistas, ou doutores, como os homens eram apresentados.

No Brasil, a luta por condições e acesso à educação surgiu fortemente no começo do século XX. No século XIX, a educação feminina começou a ser uma preocupação para algumas mulheres, estas viam que a educação voltada a elas deveria avançar no sentido de a mulher não ser apenas educada para manter seus comportamentos sociais ou sexuais preservados.

A visão de que as mulheres mereciam ter acesso à educação era muito mais além, uma vez que elas deveriam pensar na sua formação como pessoas e seres em desenvolvimento intelectual⁵¹⁷. Assim, a participação de Heloísa Alberto Torres, nesses círculos educacionais, foi imprescindível para marcar a presença do MNRJ na formação educacional do Brasil.

Como Emília, Heloísa também usou táticas para manter sua posição no campo científico, mesmo com sua formação e sua profissão não antecedendo seu nome, ao que parece

⁵¹⁴ Os dois trechos apresentados no texto fazem da fonte da Hemeroteca da BND (BRASIL, 2018, p. 8), nota do jornal “O Paiz”, de 26 de junho de 1927, domingo.

⁵¹⁵ Recordo aqui o trabalho de Sombrio (2007) que discute como as mulheres eram invisibilizadas na configuração da ciência no Brasil. A participação das mulheres em instituições científicas brasileiras foi um marco à parte na história das mulheres, uma vez que, por muito tempo, elas lutaram para conquistar seu espaço nesses lugares, o nome de destaque visto no trabalho da autora foi o de Bertha Lutz.

⁵¹⁶ Novamente, a leitura de Schiebinger (2001) se faz presente, pois seu trabalho evidencia como a história das ciências e do gênero ainda deixa lacunas quanto à participação de mulheres nas ciências e nos espaços de conhecimento. Ao criticar a ausência das mulheres nesse espaço, vejo que, mesmo Heloísa estando no campo do ensino no Museu Nacional, quando sua formação foi suprimida de seu nome, de certa forma, oprime-a como uma profissional que estudou e foi aprovada em um concurso público.

⁵¹⁷ Aqui trago uma leitura muito interessante que descobri ao longo do meu período de pesquisa bibliográfica para a tese. Encontrei um artigo sobre as mulheres na ciência, a referência de Nísia Floresta, com o livro “O opúsculo humanitário” ([1853] 1989). A leitura é antiga, mais antiga ainda foi a vontade da autora Nísia de escrever sobre a preocupação relacionada à educação feminina em meados do século XIX. Sua pedagogia inovadora causou muito espanto para a sociedade da época, mas o que me marcou, e enfatizo aqui, foram as mulheres a trilhar em espaços masculinos e suas lutas foram significativas. Ao relacioná-la com Heloísa, o nome e a formação de Nísia também ficou nas sombras da história das mulheres e da ciência.

ela usou esse “esquecimento” para se impor diante dessa lacuna, abrindo caminhos para o seu futuro. Fato que me faz supor que talvez não soubesse que dirigiria uma das maiores instituições do Brasil, o Museu Nacional. Minha viagem converge nesse ponto e volto ao MN para saber como ela recebeu essas notícias e como, possivelmente, percebeu-se nesse contexto em que foi chamada de “senhorita”.

No começo do mês, fui até o Museu Nacional, chego cedo à Quinta da Boa Vista e sigo até a sala dela. Encontro Heloísa com uma xícara de café perto da mesa cheia de papéis, livros e algumas correspondências. Vejo-a lendo o jornal do dia, sexta-feira, 1º de julho de 1927, e comentando em voz alta a nota: “hum... então, a procura pelo curso parece grande. Preciso preparar-me, pois no dia 5 de julho as aulas iniciam. Deixe-me ver... os horários da minha turma ainda não parecem definidos”. Ela lê: “[...] os horários das outras cadeiras [...] a senhorita Heloísa Alberto Torres [...]”. E ela continua: “Parece que esquecem que eu sou professora, também! Afinal, fui aprovada em concurso público”.

Ao mergulhar nas fontes, percebi que essa fala ficcional dela pode, sim, ter sentido, dado que ela conseguiu uma vaga justa e pelo seu desempenho no concurso para professor substituto no MNRJ. Quando esses meios de comunicação “escondem” sua profissão, evidencia o quanto ela e outras mulheres pareciam criar caminhos e táticas para se manterem. E, assim, ela fez.

Heloísa foi abrindo passagem no MNRJ e deixando sua marca na construção dos planos educacionais, que faziam parte do que Roquette-Pinto vislumbrava para o Museu. E a senhorita Heloísa Alberto Torres torna-se a D. Heloísa, a diretora do Museu Nacional do Rio de Janeiro, a primeira mulher a dirigir essa instituição. Outro aspecto, que pensei trazer acerca da sua carreira, foi sua participação no campo dos estudos indígenas no Brasil, em especial, a relação dela com a Amazônia.

Os anos seguem e aqui volto a fazer um salto para o futuro na vida de Heloísa A. Torres, tendo conhecimento de que ela, entre 1935 e 1937, iniciou sua gestão no Museu Nacional como vice-diretora. Os acontecimentos surgem e vejo-me no meio deles: encontrei uma Heloísa mais madura e com mais responsabilidades. Ela trilhou seu caminho dentro do Museu, o que se reflete nos espaços a serem alcançados. No ano de 1938, ela se tornou a primeira mulher a dirigir o Museu Nacional do Rio de Janeiro⁵¹⁸. A “Senhorita” torna-se “Dona” Heloísa. E a sua

⁵¹⁸ Nas obras de Miglievich-Ribeiro (2015, 2019) e Ewbank (2018) vi como o processo de evolução de Heloísa dentro do MNRJ foi significativo e importante para uma outra fase da instituição, mas também para ela. A entrada dela no campo burocrático foi mais que a presença feminina em um lugar onde nenhuma outra mulher havia chegado. Dona Heloísa marcou uma época no MN, ficando na gestão de 1938 a 1955. E nesse meio tempo ela conquistou admiradores e algumas inimizades, como Othon Leonardos. A participação de H. A. Torres na história da antropologia no Brasil também foi um momento especial, pois ela esteve ligada a diversos círculos nacionais e

formação de professora ainda não surgiu para se solidificar antes do seu nome.

Com esses dados preliminares, permiti-me escrever um roteiro que me levasse a um aspecto ainda não apresentado sobre sua carreira, para além da gestão. Encontrei fontes levando-me a identificar relações por meio de algumas cartas de Heloísa A. Torres com Carlos Estevão, diretor do Museu Goeldi⁵¹⁹.

Nesse contexto, consegui entender um pouco de como ela via a questão dos estudos sobre a Amazônia e as populações indígenas. Com relação à região amazônica e essas populações, também encontrei algumas cartas trocadas entre Curt Nimuendajú e ela entre 1941 e 1942⁵²⁰. Foram momentos importantes que me levaram a constatar a astúcia e as suas táticas para se manter nesse campo da ciência por tanto tempo.

Estou à procura de notícias sobre a nova diretora do Museu Nacional e dirijo-me à Quinta da Boa Vista, chego no começo da manhã e vejo certa movimentação no local, próximo à sala na qual Heloísa trabalha e, ao aproximar-me, constato muitas pessoas em sua sala lhe dando felicitações: “parabéns, D. Heloísa – diz o antigo diretor, Alberto Betim Paes Leme – a sua nomeação foi aprovada com unanimidade pela comissão!”. Heloísa sorri e agradece: “obrigada, Dr. Alberto, foi um processo intenso, esses dois anos como vice-diretora e espero poder fazer jus ao cargo na direção”. Entram outras pessoas, técnicos, pesquisadores etc. e felicitam-na. Parece que a nova gestão iniciou um novo tempo.

Sentei-me em um canto no MNRJ e peguei o jornal, uma quarta-feira, 7 de dezembro de 1938, e leio uma pequena nota na gazeta “A Noite” (Figura 18), do Rio de Janeiro: “Nomeada Diretora do Museu Nacional – a naturalista Heloísa Alberto Torres, por decreto assinado na pasta da Educação pelo presidente da República, foi nomeada para exercer em comissão o cargo de diretora do Museu Nacional”⁵²¹.

internacionais dos estudos antropológicos da época. Os círculos sociais criados por ela estavam entre pesquisadores internacionais e sua “entrada livre” com o presidente da república, Getúlio Vargas.

⁵¹⁹ Essa documentação está no acervo do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), que consegui em 2021, solicitando o material, por meio de *e-mail*, em virtude de não ter conseguido realizar a viagem ao Rio de Janeiro (BRASIL, 2021). São cartas de 1931 a 1944, em que surgem o nome de Carlos Estevão. São correspondências que ele envia à Heloísa, das quais ela responde apenas uma carta.

⁵²⁰ Essa documentação, muito interessante, sobre Heloísa e Curt foi-me cedida por um amigo do curso de história, Prof. André Luis dos Santos Andrade. As fontes estão agora compondo esse último capítulo. São cartas em que Curt Nimuendajú abordou suas pesquisas em algumas aldeias indígenas e alguns problemas que ele enfrentou durante o seu trabalho. São fotografias de algumas cartas e escritos do acervo do MNRJ, Coleção Heloísa Alberto Torres, Seção Memória e Arquivo Histórico SEMEAR.

⁵²¹ Hemeroteca da BND (BRASIL, 2022, p. 2), nota do jornal “A Noite”, em que aparece uma das primeiras fontes que consegui sobre a nomeação de Heloísa para direção do Museu Nacional, quarta-feira, 7 de dezembro de 1938.

Figura 18 – Nota no jornal com a nomeação de Heloísa Alberto



Fonte: Hemeroteca do BND (2022) adaptado pela autora.

Nessa fonte, é notável a concretização de uma carreira que ela, talvez, já pensasse há anos. Lembro-me das palavras de D. Maria José, de que ela se tornaria “Dona Heloísa”, a diretora do MNRJ.

É evidente que a casa da família Alberto Torres estava em alegria. Na rua das Laranjeiras, à noite, a família reunida e alguns amigos próximos, a notícia não poderia ser outra: “viva, Heloísa, a primeira mulher a dirigir o Museu Nacional do Rio de Janeiro, que orgulho, minha irmã”, diz Marieta, chegando à sala com algumas taças com champanhe. Dona Maria José sentada em uma poltrona ao fundo comenta: “minha filhinha, seu pai deve estar muito orgulhoso de você. Imagina, a filha dele à frente de uma grande instituição como MNRJ!”. Heloísa ouve todas essas conversas e diz: “calma, meninas, daqui para frente meu trabalho será dobrado, se como vice-diretora já estava cheia, imaginem agora!”. As três se acomodam na sala de estar e degustam a bebida trazida por Marieta.

Ao passar dos dias, a notícia ganhou outros meios de comunicação, como a revista “O Malho”, do dia 15 de dezembro de 1938: “foi nomeado para o cargo de Directora do Museu Nacional a Senhorinha Heloísa Alberto Torres, antiga funcionária desse estabelecimento cultural”⁵²². Leio para a nota e não percebo tanto entusiasmo quanto foi sua aprovação no concurso para professora substituta. Ainda assim, sigo minha viagem com a nova perspectiva

⁵²² Revista “O Malho” fonte da Hemeroteca da BND (BRASIL, 2022, p. 15), do dia 15 de dezembro de 1938.

dela na gestão do Museu e suas lutas e conquistas dentro desse espaço científico.

As atividades no Museu Nacional são muitas, a década de 1930 teria diversos momentos importantes entre os trabalhos do MNRJ e do Museu Goeldi. Aqui retomo um pouco do cenário que Emília deixou no Goeldi ao vir para o Rio de Janeiro, uma vez que ela saía de uma instituição que estava com sérios problemas financeiros e foi avançando ao longo dos anos. Como diretora, Heloísa continuava a ampliar seus círculos sociais e sua relação com a Amazônia. Sua viagem, em 1930, rendeu-lhe redes de contatos e amizades, dentre elas, Carlos Estevão⁵²³.

Em 1938, as “negociações” para que o Museu Goeldi ficasse sob a responsabilidade do governo federal ia se concretizando. Carlos trabalhava nas diferentes frentes do Goeldi para continuar a mantê-lo como uma instituição de pesquisa importante na Amazônia e para o Brasil. Mesmo assim, sua preocupação em ter o apoio financeiro e a parceria do Museu Nacional era grande, ou como ele diz na carta para H. A. Torres, “irmanados” era seu objetivo. Ele ficou doente entre fevereiro e março de 1938, e depois de sua recuperação escreveu para ela.

Sentado em sua mesa no prédio administrativo do MPEG, Carlos demonstra cansaço, mesmo assim continua sua rotina de trabalho e prepara suas correspondências, uma delas é para Heloísa, pois fazia tempo, desde que se adoentou, que não escrevia para sua colega de trabalho: “uma doença que me prendeu ao leito por um mez, foi a causa de só agora puder responder de 31 de janeiro último⁵²⁴”. Ele aguardava o material que ela enviara a ele, o regulamento do Museu Nacional, documento que serviria de base para a proposta de encampar o Goeldi ao governo federal.

As conversas entre Carlos e Heloísa, ao que a documentação me mostrou, foram imprescindíveis nesse processo do Goeldi de se tornar uma instituição amparada pela esfera federal. Agora saio de Belém com destino ao Rio de Janeiro em junho, e Heloísa estava na sala da direção quando lê a carta em voz alta:

Não lhe tendo fallado depois da última conferência que tive com o Dr. Getúlio, nas vésperas de minha partida, deixei de lhe communicar ter ficado combinado com o

⁵²³ Segundo a breve biografia feita por Cunha (1989), Carlos Estevão foi diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi, de 1930 a 1944. Teve papel importante na restauração do MPEG, pois, desde a década de 1920, o espaço parecia esquecido pelos antigos diretores e pelo governo do estado do Pará. Carlos Estevão teve apoio do governo da época, que estava sob a chancela do Interventor Magalhaes Barata. As relações políticas de Carlos estavam também ligadas ao Governo Federal, quando, em 1933, Getúlio Vargas visitou o Pará e foi ao Museu Goeldi, e ali Carlos demonstrou sua preocupação com o futuro da instituição e insistiu no apoio do Governo Federal para o espaço científico; é aqui que surgem as cartas entre ele e Heloísa.

⁵²⁴ A carta tem data de 28/03/1938, Belém para o Rio de Janeiro, para o Museu Nacional endereçada à Heloísa A. Torres, e faz parte da documentação do acervo por pesquisa de campo eletrônica vindo do MAST (BRASIL, 2021).

Presidente a encapação [encampação]⁵²⁵ do Museu pelo Governo Federal o que foi [ilegível] agora com a ida do Dr. Malcher. De modo que, salvo circunstâncias extraordinárias, acredito que, brevemente, estaremos “irmanados”. Bom seria que, para a consumação “desse desinderatum”, a senhora também empregasse seus esforços⁵²⁶.

No dia de 26 de junho, Heloísa respondeu, visto que surgiu escrita à caneta no canto superior esquerdo da carta⁵²⁷.

O desenrolar desses momentos entre as direções do Museu Nacional e do Museu Goeldi são importantes, dado que neles a relação criada por Heloísa com a Amazônia, desde sua pesquisa feita em 1930, sucederam nesses acontecimentos a tornarem-se relevantes, em especial, para o MPEG, evidenciando que a situação daquela instituição científica era difícil naquele período. As correspondências entre Carlos Estevão e Heloísa A. Torres demonstram, na minha pesquisa, como ela se manteve sensível às questões científicas em todo o Brasil.

Além disso, a sua participação, nesse contexto específico, também se configurou nas pesquisas o já apontado anteriormente sobre H. A. Torres, em que seus círculos sociais foram amplos⁵²⁸ e que a sua participação na construção de redes de conhecimento no Brasil foi significativa. Sua caminhada pela estruturação de planos e projetos, a lançar-se uma nova perspectiva científica para o Brasil, delineou-se por essas relações. Muitas foram as concepções escritas por ela sobre os estudos relacionados às ciências naturais e à antropologia⁵²⁹. Assim, as fontes concederam luz ao caminho dela como faróis a clarear outros rumos da ciência no Brasil.

A questão acerca da Amazônia, na vida profissional de Heloísa, foi evidente, posto que integrou uma equipe que criou o Instituto Internacional da Hileia Amazônica (IIHA). Paulo Carneiro, em 1946, propôs, na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a criação de um centro de pesquisas na Amazônia em que foram reunidas pesquisas em diferentes áreas, tais como: botânica, zoologia, química, geologia, meteorologia,

⁵²⁵ A palavra escrita corretamente, mantive a escrita original do texto.

⁵²⁶ Outro trecho da carta, que Carlos Estevão escreve para H. A. Torres, faz parte da documentação do acervo MAST (BRASIL, 2021).

⁵²⁷ Até o fechamento da tese, não encontrei sua resposta em outro acervo, ainda assim aparenta-se que as negociações demorariam e que se concretizariam muitos anos depois.

⁵²⁸ O trabalho de Miglievich-Ribeiro (2015) elucidou minhas pesquisas, pois Heloísa, de fato, estava engajada em diferentes frentes de atuação das ciências sociais no Brasil e sua participação em redes de conhecimento, principalmente, internacionais, foram muitas, com a Universidade de Columbia, por exemplo, mas o que essas fontes trazem é que essa relação com o Museu Goeldi foi um ponto importante da história das ciências para a Amazônia e para o Brasil.

⁵²⁹ Recordo do artigo de Heloísa Domingues (2010) acerca dessa investigação em que Heloísa, já no ano de 1946, novamente, ingressando ao cargo de direção do Museu Nacional, propõe que os estudos das ciências naturais e antropológicas tivessem como base a ecologia, porém essa visão ia de encontro ao que o governo da época pensava, pois havia uma utilização sem medida dos recursos naturais. Assim, os planos de Heloísa ficaram apenas no campo institucional e de intercâmbios entre cientistas nacionais e estrangeiros.

antropologia e medicina⁵³⁰. De acordo com as leituras feitas para a tese, a proposta incluía países que possuíam interesses diretamente ao Brasil e à região: Bolívia, Peru, Colômbia, Equador, Venezuela, França, Grã-Bretanha e Países Baixos. Heloísa, que era amiga pessoal de Paulo Carneiro, foi interlocutora dos cientistas envolvidos no projeto.

Minha saga continuou, de tal forma que acreditei ser essencial apresentar esse momento da história de Heloísa com o Museu Goeldi, pois foi onde consegui conectar mais ainda sua relação com a Amazônia e demonstrar que não foi apenas com a sua viagem de campo realizada em 1930. Retornei ao Museu Nacional em 1939, encontro Heloísa procurando alguns documentos em seus armários e ouço-a conversando com Marieta⁵³¹, sua irmã: “você sabe onde eu deixei o regulamento do Museu, Marieta?”.

A irmã, afastando-se para outro canto da sala, abriu uma gaveta, pegou o documento e entregou à Heloísa: “tome, ontem, ao organizar a documentação sobre a legislação do Museu incluído a da biblioteca, fiz uma cópia para você deixar aqui na sua sala”. Heloísa apanha o documento, parecendo aliviada e senta-se à mesa.

As duas continuam a conversar: “ainda bem que você mantém essa organização aqui, pois, às vezes, são tantas demandas que preciso de orientação de onde estão os documentos”. Marieta, curiosa, pergunta: “mas ainda é começo do ano, e você já está com tantas tarefas assim?”. Heloísa expõe à irmã: “minha irmã, desde o ano passado o Carlos Estevão tem entrado em contato comigo para que eu possa ajudar nas negociações em transformar o Museu do Pará (MPEG) em uma instituição federal, igual à nossa. E eu tenho auxiliado, buscando essas legislações”. Aqui fica claro como Heloísa envolvia-se em seu trabalho e como a ciência era importante para sua caminhada profissional.

Toda essa movimentação surgiu a partir da carta que Carlos Estevão escreveu, em 5 de janeiro de 1939, para Heloísa Alberto Torres:

Conforme disse-lhe em carta em 28 de Março do anno próximo passado, ficou assentado com Dr. Getúlio a encampação do nosso Museu pelo Governo Federal, o que continua de pé, com o apoio do Dr. Malcher, pois, infelizmente, o Estado por si só já não póde manter a Instituição que dirijo, e, portanto, muito menos faze-la alcançar a eficiencia que precisa ter para o desenvolvimento de nossa cultura⁵³².

A fonte acima evidenciou como as redes de contatos entre os museus no Brasil eram

⁵³⁰ Aqui tenho como referências o texto de Domingues (2010) e a conversa com a autora Miglievich-Ribeiro.

⁵³¹ Marieta atuou por muitos anos na organização da biblioteca do Museu Nacional, segundo Miglievich-Ribeiro (2015, p. 48) “[...] devotada à organização da biblioteca, a qual contém um dos mais ricos acervos da história da ciência do país”.

⁵³² Trecho da carta do acervo MAST, que Carlos enviou para Heloísa e, entre os assuntos, estava a federalização do Museu Goeldi (BRASIL, 2021).

relevantes para as trocas de pesquisas, de espécimes, intercâmbio entre cientistas e para que esses espaços pudessem andar juntos na valorização da ciência brasileira.

Para dar aos leitores da tese um desfecho sobre essa questão da encampação do Museu Goeldi ao Governo Federal, a pesquisa de campo e a conversa com grupos de amigos pelas mídias sociais⁵³³ levaram-me a conseguir uma fonte importante que dá conta de como Carlos Estevão estava ávido por transformar o MPEG em uma instituição federal para garantir o apoio financeiro, assim como retomar o prestígio que essa instituição tinha e tem até os dias atuais.

Por isso, nessa peregrinação⁵³⁴ chegou até mim uma carta trocada entre Carlos e o Dr. José Malcher, governador do Estado do Pará, em 1941, nela Carlos Estevão apresentou diversos argumentos para o governo do Estado de como seria importante essa federalização para tornar, por exemplo, a organização e a manutenção dos cargos exercidos na instituição, dentre esses, os cargos de zeladorias do jardim botânico, dos que tratam dos animais e plantas:

[...] existiam os cargos de Guardas do Jardim Zoológico e Guardas do Horto Botânico, tendo cada um dos grupos um Guarda Chefe. Para exercer qualquer um daqueles cargos, hoje denominados ‘Zeladores’, é preciso que seu ocupante conheça alguma coisa sobre Zoologia e Botânica, conforme o caso. Comprovação: Um Guarda do Jardim Zoológico [...] para desempenhar suas funções necessário é que possua noções de biologia dos animais [...] a fim de saber, qual a alimentação deve dar a cada um [...] a quantidade de alimento que cada um precisa⁵³⁵.

Estevão colocou, na prática para o governador Malcher, mostrar como as mudanças estruturais deveriam ser importantes para a sustentação do espaço que necessitava dessas alterações para manter o padrão e, assim, seu pedido teria mais concretude.

Muito mais do que expor a importância de reorganizar as funções e os cargos no Museu Goeldi, a parte burocrática também necessitava de alterações para que a mudança para a esfera federal acontecesse. Dessa maneira, ele expõe na mesma correspondência: “[...] como o senhor não ignora a exposição feita pelo Dr. Paulo Sá, [...] o organismo do Estado, como qualquer outro organismo para viver, tem de ser um equilíbrio de sistemas diferenciados [...]”. O que Carlos expunha na época era que o Estado não poderia manter a estrutura atual do Museu, da qual, tendo ele [MPEG] suas particularidades *sui generis*. Assim, o discurso dele era o de mudar uma parte da legislação interna do MPEG para, assim, aproximar-se da legislação do Museu

⁵³³ Aqui quero agradecer ao amigo e colega do grupo de estudos sobre História das Ciências da Amazônia, Diego Guimarães pela fonte cedida do Acervo do MPEG do Fundo Carlos Estevão.

⁵³⁴ Com o livro de Trigo (2013), compreendi que o ato de peregrinar não está somente ligado a uma visão espiritual, mas que a viagem em si é essa perambulação pelo desconhecido, assim fiz para encontrar minhas fontes: andei por diversos caminhos, algumas vezes, com bons achados e, às vezes, nem tanto assim.

⁵³⁵ Documento integrante do Fundo Carlos Estevão do MPEG/CNPq/MCT (2022), a correspondência data do dia 9 de setembro de 1941, de Carlos Estevão para o Dr. José Malcher (BRASIL, 2022).

Nacional e, dessa maneira, conseguir que essas instituições ficassem “irmanadas”.

Os anos se passaram, e Carlos Estevão permaneceu na direção do Museu Goeldi até 1944, mas não conseguiu a realização tão importante, na visão dele, para a instituição. As fontes, entretanto, apresentaram seu esforço nessa empreitada e, mais ainda, como Heloísa Alberto Torres teve um papel fundamental, pois era com ela que, de certa forma, ele contou para essa mudança institucional e pela amizade entre colegas pesquisadores. Foi somente em 1954 que o MPEG se tornou um órgão federal a partir de um convênio assinado pelo Governo do Pará com o Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq)⁵³⁶.

Assim, os acontecimentos ocorreram entre as décadas de 1930 e 1940, e Heloísa sai de cena sobre o assunto, pois não consegui outros documentos que trouxessem uma resposta mais efetiva quanto às negociações que aconteciam entre ela e Carlos Estevão. Ainda assim, compreendi que sua trajetória, nesse contexto, foi considerável, pois as falas de Carlos e Heloísa deram pistas de que a ciência no Brasil possuía uma rede de contatos importantes e, de certa maneira, pude supor, então, que o papel dela nessa transição do Museu Goeldi para instituição federal se deu indiretamente.

Ao deparar-me com essas fontes, resolvi atravessar outros caminhos para falar como Heloísa Alberto Torres lidou com os estudos indígenas no Brasil. Sua contribuição em instituições, como o Conselho Nacional de Proteção aos Índios (CNPI) e o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil (CFE), revelou-se essencial na relação científica e política nesses espaços, predominantemente, masculinos. Heloísa esteve nesses territórios e, como ela era diretora do MNRJ, acabou por representar a instituição nessas primeiras organizações científicas, cuja base era a investigação acerca das populações ameríndias na época⁵³⁷.

Mesmo antes de se tornar diretora do Museu Nacional, Heloísa Alberto Torres foi nomeada, em 5 de julho de 1934, como conselheira do CFE⁵³⁸. Sua experiência no campo arqueológico e antropológico a levaram para o caminho dos estudos acerca dessas populações, e ali, ela conseguiu notoriedade, mas também alguns conflitos, como mostra sua biografia.

⁵³⁶ Aqui cito o trabalho de Nelson Sanjad (2001) em que o autor traz uma reconstituição histórica das transformações no MPEG e entre elas figura a mudança da instituição para *status* federal, abrindo, assim, novas possibilidades de organização estrutural e encaminhamentos das futuras pesquisas na região amazônica.

⁵³⁷ No item “Conselho Nacional de Proteção aos Índios e o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil”, do livro de Miglievich-Ribeiro (2015), a autora traz o que foi a trajetória de Heloísa nessas duas instituições. Ela teve espaço de destaque, entre 1934 a 1939, quando atuou no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil. Depois, ela também compôs no CNPI e, assim, a sua trajetória na questão indígena também se tornou um ponto significativo para entender sua contribuição na formação da história das ciências no Brasil.

⁵³⁸ Anexo I do livro do MAST sobre o CFE, em que surgem, em ordem cronológica, todos os conselheiros do órgão entre 1933 e 1940 (BRASIL, 2012, p. 239).

Quero destacar que, ao vê-la nessas instituições, consegui entender como sua trajetória no campo indigenista foi bastante particular em alguns momentos, como foi demonstrado em algumas cartas, nas quais ela continuou a trocar com Carlos Estevão e com Curt Nimuendajú. Nessas correspondências, é notável como suas redes de contato eram feitas e como esses nomes masculinos da pesquisa indigenista no Brasil tinham deferência por ela.

Na década de 1940, as relações entre o Museu Nacional e o Goeldi continuavam firmes, conforme as cartas trocadas entre Estevão e Torres. A relação dos dois era bastante amigável, a ponto de chamá-la de “amiga”. Notei como as pesquisas de C. Estevão, no Nordeste brasileiro, reverberaram até o MNRJ, falam de sua viagem e descrevem o número de aldeias que conseguiu visitar. Presente na fonte, percebi a importância da pesquisa dele e de sua integração com o Museu Nacional:

Desta vez, ampliando os meus estudos etnológicos, estive com os ‘Pancararú’, da Baía da Traição; os ‘Tremembe’, de Almofala. De modo que, já tendo, também, visitado os ‘Chucurú’, de Palmeira dos Índios, e os ‘Chocó’, ‘Carapotó’ e ‘Uacona’ de Colégio, penso já poder dizer alguma coisa sobre os remanescentes indígenas do Nordeste⁵³⁹.

A pesquisa de Carlos entrou para o rol de evidências científicas do MPEG e deu também ao MNRJ a possibilidade de trocas de materiais, como na mesma carta foi solicitado por ele para que Heloísa enviasse algumas peças para a sua coleção.

Aqui dirijo-me ao Museu Nacional com Heloísa e encontro-a em sua sala olhando as cartas que recebeu todos os dias, uma delas é a de Carlos Estevão. É perceptível sua felicidade com a coleção feita por ele nessa viagem: “Carlos fez uma grande expedição ao Nordeste, isso é muito bom para ele e o Museu Goeldi. Essas pesquisas enriquecem ainda mais nossas análises sobre as populações indígenas brasileiras. Quanto mais informações pudermos ter, mais condições teremos de melhorar as condições de vida desses nativos”. Uma das preocupações de Heloísa Alberto Torres era manter a preservação dessas populações, assim como os seus espaços naturais, pois, tão somente com a natureza preservada, eles poderiam viver⁵⁴⁰.

A troca de cartas sobre as pesquisas acerca das populações indígenas no Brasil são pontos fundamentais na caminhada de H. A. Torres nesse campo. A minha viagem continuou e procurei ver por outros vieses a sua participação nos tratos com relação às pesquisas

⁵³⁹ Carta de nº 18 do acervo do MAST escrita em 3 de outubro de 1940, que Carlos Estevão envia à Heloísa Alberto Torres contando sobre sua expedição e os resultados dela (BRASIL, 2021).

⁵⁴⁰ Em um trabalho escrito em 1937 para a revista do SPHAN, Heloísa enfatizou a importância da preservação dos recursos naturais para que os indígenas brasileiros pudessem viver nesses territórios sem a intervenção dos “civilizados”, e que somente órgãos como os de serviço de proteção poderiam adentrar esses espaços.

antropológicas e etnográficas, realizadas no território brasileiro, com algum destaque na Amazônia. Nesse contexto, encontrei uma documentação interessante entre Curt Nimuendajú e ela, durante os anos de 1941 e 1942, quando este etnólogo fez pesquisas etnográficas pelo CFE.

Essas correspondências são de Nimuendajú para H. A. Torres contando sobre suas explorações e algumas dificuldades que ele teve em campo naquele momento. Nessas fontes, vi como a figura de Heloísa foi significativa, pois há um momento em que Nimuendajú pede uma opinião sobre um tema delicado que diz respeito ao seu trabalho e à sua integridade, e isso evidente para mim que D. Heloísa já era uma personagem importante na ciência antropológica brasileira. Além dessa questão de ordem mais política, também foi interessante analisar que seu papel como gestora do MNRJ circulava por entre diversas frentes de atuação.

D. Heloísa anda apressada pelos corredores do MNRJ e, quando chego cedo, noto suas andanças de uma sala para outra, seu cabelo sempre com um coque impecável, parece estar procurando alguma coisa. Enfim, ela segue para a sua sala e vou em seu calção. Ela chega, senta-se à mesa e pega o telefone para fazer algumas ligações para a presidência do Conselho de Expedições, visto que não tinha recebido notícias agradáveis com relação a Curt Nimuendajú. “Alô, bom dia, quem fala é D. Heloísa Alberto Torres, diretora do Museu Nacional. O Dr. Francisco Iglesias⁵⁴¹, por favor?” Ela aguarda alguns segundos. “ele não se encontra? Tudo bem, diga para ele ligar para o Museu Nacional assim que retornar. Obrigada”.

Depois, Heloísa abre uma carta com três laudas, parece preocupada e lê, novamente, a correspondência para entender o que acontecia, assim, observo-a a passar as mãos em seus cabelos, respirar fundo e ler a carta:

Desde 1939 estou notando da parte de certos membros prominentes [proeminentes] do Conselho uma atitude hostil para comigo: Nesse anno negou-se-me a licença para a viagem aos Górotiré sómente porque eu não tinha remetido o relatório de viagem anterior pelos “cannaes competentes”. Em 1940 D. Bertha Lutz optou-me novamente que me fosse negado a licença requerida para a viagem aos Kayapó do Araguaya isso sob a legação falsa de que eu no meu relatório sobre os Górotiré tinha criticado as autoridades⁵⁴².

São apenas algumas fontes e não pude afirmar, até a finalização da tese, seus desdobramentos finais das partes aqui apresentadas, até porque não foi o foco da pesquisa. O que me chamou atenção foi a narrativa dessas questões de ordem mais particular com relação à pessoa de Curt Nimuendajú e seu trabalho e a participação de Heloísa no MNRJ, fez-me analisar

⁵⁴¹ De acordo com a publicação do MAST sobre o inventário das expedições (BRASI, 2012) entre os anos de 1939 e 1942, o presidente do CFE era Francisco de Assis Iglesias, nomeado no dia 27/07/1939.

⁵⁴² Carta de 22 de janeiro de 1941 do acervo do MNRJ, Coleção Heloísa Alberto Torres, Seção Memória e Arquivo Histórico SEMEAR (BRASIL, 2018).

que suas ações iam além das questões científicas, ou seja, chegando às relações de poder.

Quero orientar os leitores que a expedição de Curt Nimuendajú fazia parte de várias outras expedições científicas para coletar dados antropológicos, etnográficos e zoológicos pelo Brasil, tendo como base instituições como CFE, MNRJ e a Escola Nacional de Belas Artes (EBA), em especial, entre 1934 e 1945. Entre outros cientistas que realizavam essas atividades no Brasil, destacavam-se: Charles Wagley, Buell Quain, Claude Lévi-Strauss. E Heloísa, na época, era a única mulher a estar no Conselho. Então, notei, a partir das fontes, que sua influência era intensa e dava conta de sua posição de conselheira e de sua gestão no MNRJ⁵⁴³.

Sua participação no Conselho do CFE parece que foi significativa, pois, mesmo saindo da condição de conselheira pela gestão do Museu Nacional, conseguiu alinhar diferentes olhares e, principalmente, estar no meio do jogo de poder, isto é, nessas instituições. Nessa mesma carta, Curt Nimuendajú também se referiu a um fato com o Flexa Ribeiro⁵⁴⁴, em que este o acusa de enviar material para Alemanha sem a devida fiscalização. Então, volto à sala de Heloísa quando o telefone toca e ela atende: “alô, sim, sou eu. Olá, Dr. Iglesias, sim, liguei hoje cedo. Precisamos conversar sobre algumas questões que dizem respeito a uma carta que recebi do Dr. Nimuendajú”. Ela pausa a fala e escuta atenta. “Certo, então faremos essa reunião o quanto antes. Muito obrigada pelo seu retorno”.

Parecia que a carta de Curt abriria uma enorme discussão no CFE e no MNRJ, porquanto outros personagens surgiram nessa narrativa, entre eles, Flexa Ribeiro. Heloísa, volta à mesa e lê a parte em que Nimuendajú comenta sua situação com o conselheiro representante da EBA:

Na mesma ocasião o sr Flexa Ribeiro pediu providencias contra um suposto costume meu de remetter o meu material ethnographico sem mais nem menos para a Allemanha, exigindo uma fiscalização pelo Delegado do Conselho no Pará, fiscalização esta que desde a nomeação deste Delegado foi invariavelmente executada⁵⁴⁵.

⁵⁴³ Em pesquisa recente, encontrei o artigo de Everaldo Frade (2020) no qual faz análise da participação de H. A. Torres no conselho do CFE e demonstra como ela estava em um emaranhado de redes científicas e políticas na ciência brasileira. Heloísa, ainda segundo o autor, teve um papel importante, pois sua formação intelectual e de estudos na antropologia e etnografia ofereceram-lhe *no hall* para manter-se no cargo de 1933 a 1939. A posição de Heloísa foi “de uma postura neutra e firme, buscou identificar [...] nos pedidos de licença para expedições potenciais perigos para o patrimônio científico, resistindo a diversas pressões externas e internas ao conceder ou negar permissões às viagens” (FRADE, 2020, p. 11). Essa leitura possibilitou entender quando Curt procura Heloísa para dividir seus entraves em campo.

⁵⁴⁴ José Flexa Pinto Ribeiro ingressou como Conselheiro no CFE em 1934, como representante da EBA, em 1963, tornou-se presidente do CFE. Os fatos narrados por Curt, em sua carta, são do ano de 1941, e Flexa Ribeiro, ao que consta nas fontes, era ainda do conselho das instituições. Ficam evidentes que incompatibilidades aconteceram entre os dois (BRASIL, 2012).

⁵⁴⁵ Continuação da Carta de 22 de janeiro de 1941 de Curt Nimuendajú para Heloísa Alberto Torres (BRASIL, 2018).

Heloísa parecia mais preocupada ainda, posto que essas acusações, por parte de Nimuendajú, poderiam trazer mais inimizades e entraves nas produções científicas que já estavam em curso e as que viriam futuramente.

Ainda em sua sala, percebo que a leitura da carta continua e a preocupação do etnógrafo era justamente o futuro das coleções que ele fazia, tanto para o Museu Nacional quanto para o Museu Goeldi. Ele diz que as remeteria a uma coleção confirmada para Carlos Estevão no MPEG, enquanto a outra ficaria depositada no Pará até Heloísa “se entender” com o Conselho do CFE. Ela olha para a frente de sua mesa, fica sem piscar por alguns segundos. De repente, levanta-se e sai da sala para se acalmar, talvez? Não sei.

O que posso afirmar foi que Heloísa Alberto Torres, além de ser uma mulher no meio científico dominando pelo masculino, ainda tinha que acalmar os ânimos das “testosteronas” que ali trabalhavam e, vez por outra, pareciam entrar em conflitos. Sua participação no campo indigenista auxiliou nas pesquisas, na gestão e condução dos trabalhos, mas também buscou amenizar algumas animosidades que surgiram, como demonstrou a documentação apresentada.

Em contrapartida, não poderia terminar esse subitem com essas relações conflituosas. Heloísa gostava do que fazia e sua integração com a antropologia e a etnografia, ao que sugeriram as fontes, era profunda, por isso não quero deixar de relatar tal aspecto aos legentes da tese. Boa parte do trabalho, no campo etnográfico de Heloísa, manteve-se em nível de gestão, todavia não desmerece, em nenhum momento, sua atuação para manter tais atividades, que ainda se concretizavam como ações científicas importantes em território nacional.

Nada como o tempo para “curar” algumas feridas, e vejo Heloísa A. Torres ao telefone com Carlos Estevão, que pareciam muito contentes, sigamos, então, à conversa: “sim, Carlos, essas águas turbulentas parecem que já acalmaram. Agora nos centraremos nesse trabalho na região do Solimões que o Curt está realizando. Inclusive, estou com a última correspondência dele para mim, ouça”:

O meu trabalho de campo entre os Tukuna está, por esta vez, quasi findo. [...] Uma festa de puberdade que vi depois no Tacana era interessante [...]. A grande dificuldade no estudo dos Tukuna consiste na forma como estão espalhados em casas isoladas sobre um território grande [...]. Porisso, apesar de minha estada bastante prolongada entre os Tukuna, os factos concretos de interesse ethnologico pessoalmente observados ainda são muito poucos, não me permitindo formar uma opinião definitiva a respeito da sociologia e da religião deles.

Heloísa, então, voltou a falar com Carlos, e este parece ter interesse em saber mais detalhes sobre o assunto, pois, segundo H. A. Torres, os hábitos dessas populações indígenas, segundo Curt Nimuendajú, tinham se transformado bastante, o que causou preocupação ao

pesquisador, que narrou no restante da carta. Então, tanto Torres quanto Estevão pareciam interessados em ter mais informações sobre essa aldeia.

A vida de antropóloga e gestora de Dona Heloísa no Museu Nacional foi definida dessa forma: ela esteve imersa nas questões mais administrativas, sobretudo, garantindo ao MNRJ uma rede de contatos e de pesquisadores que pudessem ampliar a construção da ciência brasileira, que estava ali representada pela antropologia ou etnografia e por sua participação pelos estudos zoológicos e botânicos no território nacional.

Ela se fazia presente nessas viagens por meio das cartas e dos desdobramentos que cabiam em cada momento em que esteve diretamente envolvida. De modo que sua ligação com a Amazônia, aqui demonstrada, deu-se por meio de ações e de fatos que tinham personagens importantes na região, como Carlos Estevão e Curt Nimuendajú do MPEG.

5.3 “No Pacoval do Carimbé”: uma cientista na pena de um literato

Nesse momento da tese, trago um pouco da vida de Heloísa Alberto Torres como pesquisadora. Ela não escreveu muitos trabalhos científicos, mas sua trajetória nas ciências sociais brasileiras passa pelas análises sobre a cerâmica marajoara e sua pesquisa de campo no arquipélago de Marajó em 1930. Esse momento inicial de seu trabalho como antropóloga representou um momento significativo para que ela atravessasse um “rito de passagem⁵⁴⁶”: daquela moça jovem aprovada no concurso do Museu Nacional até se tornar referência na antropologia no Rio de Janeiro e no Brasil.

Aqui também tomei a liberdade, em minha narrativa, de apresentar um texto em que apenas ela surge como protagonista. Deixei, então, Heloísa surgir entre as palavras e o campo realizado, ao qual ela se debruçou nos campos do Marajó. Seja em seu gabinete no MNRJ, em meio a livros e anotações, ou percorrendo os campos marajoaras a cavalo, ela veio abrindo seu caminho pela ciência brasileira.

O ano era 1927, e Heloísa, ainda “novata” no Museu Nacional, começava a aprofundar suas pesquisas sobre a arqueologia brasileira. Seu foco era, sobretudo, a arqueologia na Amazônia, especificamente, no arquipélago de Marajó⁵⁴⁷. Chego pela manhã ao MNRJ e

⁵⁴⁶ De acordo com Arnault e Silva (2016) e Abbagnano (2003), os ritos constituem-se em diversas ritualísticas a possuir um padrão recorrente de cerimônias, cuja dinâmica refere-se a uma técnica mágica ou religiosa a partir das forças naturais para obter poder sobre elementos racionais.

⁵⁴⁷ Em Sarraf-Pacheco (2006), conheci o Marajó que se divide entre a floresta e o campo e, em cada um desses espaços, a dinâmica social, cultural e política se caracteriza de uma maneira. O estudo aponta como as comunidades do Marajó da floresta, como coloca o autor, expõem seus cotidianos com os recursos naturais. A viagem de Torres aconteceu na área de campo desse espaço, em que as pesquisas sobre a arqueologia começaram.

encontro-a concentrada na leitura de alguns livros, entre eles, os de Bento Miranda e José Ferreira Teixeira⁵⁴⁸. Naquele momento, eram algumas das leituras para conhecer o espaço geográfico e histórico do Marajó, e Heloísa começava a fazer algumas anotações em voz alta: “então, preciso entender que as chuvas, nesse espaço, têm relevância na economia da região, pois existe o que eles chamam de ‘época das cheias e as secas’. É importante saber disso para realizar as pesquisas nos campos, sem que a chuva se torne um problema”.

É preciso ressaltar que, na Amazônia, a chuva pode ser um aliado ou vilão. A viagem de Heloísa rendeu um romance inspirado nela, escrito por Bastos de Ávila⁵⁴⁹, que trouxe a chuva amazônica como o abominável destruidor das cerâmicas encontradas pela senhorita Lúcia, personagem inspirada na cientista. Uma trama com idas e vindas, na qual ela se tornou, de certa maneira, a heroína ao chegar aos campos arqueológicos e tentar salvar, literalmente, as peças encontradas, antes que um forasteiro estrangeiro pudesse pegá-las e fugir. O texto é bastante interessante e mostrou-se uma fonte importante sobre a viagem dela⁵⁵⁰.

Ao voltar-me para o MNRJ, Heloísa continua a organizar suas leituras e pede ajuda à sua irmã Marieta, a bibliotecária do Museu, para fazer uma palestra sobre as migrações na América. Heloísa recebeu a irmã em sua sala: “Marieta, será que você poderia encontrar alguma referência sobre as populações asiáticas e suas migrações? Terei uma conferência no mês de outubro e precisarei estudar o assunto para fazer a preleção”. Marieta parece pensar aonde essa bibliografia poderia estar e responde: “tudo bem, conferirei no livro de bibliografias gerais e acredito que lá poderei encontrar algo para você”.

No dia 9 de outubro de 1927, foi publicada, no jornal “O Paiz”, uma matéria extensa sobre a conferência de Heloísa. Seus estudos no tocante às migrações na América chamaram a atenção do periódico por conter com uma ampla pesquisa, segundo a fonte, acerca de como as populações americanas se formaram. Aqui notei como H. A. Torres, ainda, era prestigiada pelo

⁵⁴⁸ No livro de Miglievich-Ribeiro (2015), evidencia-se que essas leituras foram, para Heloísa, um norte referencial a seguir para que ela pudesse entender um pouco mais sobre o seu futuro campo. Entre as obras desses autores estavam: “Regularização das águas na ilha de Marajó”, de Bento de Miranda; “O problema do desaguamento em Marajó”, de Ferreira Teixeira; e “Estudos das correntes do Arari”, de Van Roof.

⁵⁴⁹ José Bastos de Ávila atuou no Museu Nacional do Rio de Janeiro entre os anos de 1928 e 1938 como antropólogo na área de antropologia física. Com Roquette-Pinto, desenvolveu pesquisas quanto à antropologia física relacionada à raça e à mestiçagem. Seus estudos apontavam um debate antirracista e sobre a mestiçagem brasileira. As pesquisas de Ávila trouxeram resultados de que o problema no desenvolvimento de estudantes estava nas condições sanitárias (GONÇALVES, 2011).

⁵⁵⁰ Tomei conhecimento do livro “No Pacoval do Carimbé”, de Bastos de Ávila (1933), por meio da leitura de Adélia Miglievich-Ribeiro (2015). De modo que, fazendo minha pesquisa de campo, consegui a obra no setor de obras raras da Biblioteca Central na UFPA. Aproveito o ensejo para agradecer a esse espaço por ter me cedido a obra, que, devido ao estado delicado de uso, não era utilizada pelo público. Ao ler o livro, pude entender como ela fez sua pesquisa de campo e, mesmo com a ficção contada durante a narrativa, descobri como ela chegou ao Marajó e desenvolveu sua pesquisa.

nome de seu pai, Alberto Torres, como mostra o jornal: “[...] a Sra. D. Heloísa Alberto Torres prolonga numa espiritualidade que engrandece e eleva a espiritualidade hereditária de um dos maiores vultos da mentalidade brasileira – Alberto Torres”⁵⁵¹. Mesmo com a menção ao seu pai, a entrevista demonstrou o caminho científico traçado por Heloísa e o reconhecimento de seu trabalho para além dos espaços científicos e na sociedade, de forma geral.

Heloísa dominava o assunto ao mencionar a atenção que deve ser dada aos movimentos migratórios e explicou quais as linhas de estudos que devem ser apresentadas para tal questão: “será ainda interessante observar a distribuição dos diferentes grupos étnicos no Continente e seus movimentos. A documentação será *anthropologica*, *ethnographica* e *linguistica*”. A pesquisa documental, possivelmente feita por ela, apontava para uma corrente de pensamento sobre as populações da Américas possuírem alguma ligação a outros continentes. Para além dos estudos desenvolvidos por Torres, foi possível notar como sua introdução na comunidade científica acabava por lhe dar notoriedade.

Heloísa Alberto Torres ganhava espaço nas comunidades científicas do Rio de Janeiro ao ser apresentada ao público por meio desses folhetins. Ela saía do limite em que as mulheres estavam escondidas dentro de suas casas ou sob a égide do masculino nos espaços da ciência⁵⁵². Notei que a conquista dela delineou sua tática para manter uma posição nesse território dominado pelos homens⁵⁵³.

Comecei a vislumbrar Torres construindo seu caminho nessas palestras e conferências, que pareciam o cartão de visita para a ciência. Como ela não chegou a escrever e ter uma produção científica, encontrei, nessas documentações, sua trajetória a ser edificada.

Heloísa continuou sua jornada na ciência no Museu Nacional e seguiu realizando pesquisas de gabinete para compreender o espaço e as populações marajoaras estudadas, desde

⁵⁵¹ Fonte da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital (BRASIL, 2018) parte da entrevista feita com Heloísa em 09/10/1927.

⁵⁵² Os trabalhos de Trindade *et al.* (2016) e de Schiebinger (2001) expressam a notoriedade que as mulheres superaram nos territórios da ciência. Na primeira autora, verifiquei as mulheres a acompanhar os maridos aos laboratórios, como Marie Anne Paulze Lavoisier, que traduziu diversos textos para seu marido, o químico Antonie Lavoisier, e estava junto dele em muitos eventos científicos. O texto de Londa Schiebinger apontou-me a trajetória que muitas mulheres cientistas tendem a ser abaladas pela competição entre seus trabalhos e os dos homens e pela falta de reconhecimento, inclusive, salarial. Não consegui encontrar nas fontes se Heloísa teve alguma diferença salarial como diretora com relação aos seus antecessores, mas fiquei com a impressão, nessas duas leituras com relação à H. A. Torres, de que ela manteve seu espaço dentro do MNRJ iniciando sua carreira ao lado de Roquette-Pinto e sua competição na ciência pareceu não abater seu progresso como cientista e depois como gestora.

⁵⁵³ Novamente, a leitura de Thompson (1998) fez com que entendesse que a tática utilizada por essas mulheres acontecia em “estritos” espaços de divulgação científica, como nos jornais. O aparecimento das produções de Heloísa ainda não estava nas câmaras científicas, como os boletins científicos, mas sua estratégia surgiu ao enviar os textos produzidos para as diferentes formas de comunicação, como os jornais, e isso pareceu, sim, tornar o trabalho dela conhecido e reconhecido pelos pares masculinos. As mulheres na ciência, Emília e Heloísa, pareciam formar uma classe feminina que utilizava táticas diferenciadas para manter-se naqueles espaços de trabalho e divulgar suas produções.

1870, por outros cientistas, como Charles F. Hartt, Ferreira Penna e Ladislau Netto⁵⁵⁴. A “aventura” de sua pesquisa seria mote para a narrativa de Bastos de Ávila, e as informações que ele conseguiu para escrever o folhetim tiveram como base os estudos feitos por ela. O tempo avança e, em 1929, Heloísa A. Torres apresentou um texto mais elaborado acerca de suas análises das pesquisas antropológicas e arqueológicas do Marajó.

A escrita de Heloísa passou pelas leituras de importantes nomes da arqueologia amazônica, como Ferreira Penna⁵⁵⁵. As obras desse cientistas influenciaram gerações e, provavelmente, Torres debruçou-se nas investigações feitas por ele, de tal forma que é apresentado que ela utilizou o termo “ceramio”, criado por Ferreira Penna. Logo, suas análises iniciais da arqueologia marajoara foram amparadas por esses debates.

As notas de Adélia Miglievich-Ribeiro levaram-me a perceber que ela lançava suas pesquisas para diferentes museus nacionais e internacionais. Interessante perceber a forma como ela distribuía a ciência produzida por ela no MNRJ⁵⁵⁶. A partir do olhar das historiografias lidas para esta tese, notei como Heloísa criou círculos e redes de contatos científicos. Seria uma tática para se fazer presente no universo masculino? Talvez. As dificuldades encontradas por mulheres para expor seus trabalhos eram consideráveis naquele momento, e Heloísa parecia preocupada em manter seu *status* de cientista e, concomitantemente, suas pesquisas.

O universo feminino na história tem passado por uma transição importante ao levantar-se autoras, que têm buscado entender como o espaço construído pelas mulheres cientistas possui interferências significativas em teorias críticas e culturais, como as teorias da crítica marxista e da pós-modernidade. Quando percebi Heloísa Alberto Torres erigindo caminhos na ciência brasileira, compreendi que a sua tática, como ser pensante dentro de sua área de atuação, foi além daquele território, o antropológico. Ela, com seu feminismo “sem bandeiras”, procurou ultrapassar as barreiras impostas pela sociedade científica erguidas naquele momento⁵⁵⁷.

Minha viagem segue o roteiro, e retomo o caminho até o Museu Nacional às vésperas

⁵⁵⁴ No livro de Miglievich-Ribeiro (2015), vi como Heloísa preparou sua pesquisa tendo como base teórica os estudos feitos por esses naturalistas.

⁵⁵⁵ Sobre esse cientista, a obra de Sanjad (2010) explana sua importância para a formação do Museu Goeldi e para a arqueologia amazônica.

⁵⁵⁶ A professora Adélia expõe, em seu livro, que Heloísa mantinha uma caixa de correspondências sobre a divulgação de seu trabalho, tratavam-se de cartas que tinham bastantes elogios da sua pesquisa. E isso, segundo a autora, demonstrava a preocupação com a imagem que ela mantinha sobre o seu trabalho e sobre ela mesma nesse meio tão cruel como a ciência. Fica fora de alcance se todas as correspondências eram positivas.

⁵⁵⁷ Essa questão surgiu de uma leitura indicada nesse ano de 2022 pelo orientador, Prof. Agenor, sobre o livro de Margareth Rago (2020) em que a autora discute, em um capítulo específico do livro, como o feminismo tem implicado em diferentes teorias, como a crítica marxista, a psicanálise, a hermenêutica e a pós-modernidade. Para além disso, tomei como nota a seguinte passagem: “o feminismo não apenas tem produzido uma crítica contundente ao modo dominante de produção do conhecimento científico, como também propõe um modo alternativo de operação e articulação nessa esfera” (RAGO, 2020, p. 131).

do dia 19 de setembro de 1929, ocasião em que Heloísa faria uma grande conferência sobre o tema das cerâmicas do Marajó, em alusão ao Salão de Belas Artes daquele ano. Nesses últimos dois anos, ela se debruçou sobre o assunto e preparou um conteúdo bastante concreto para apresentar a palestra, que também seria utilizada para sua futura ida a campo no ano seguinte. Heloísa concederia uma entrevista ao jornal *Correio da Manhã* para falar sobre sua conferência.

Ao caminhar pelos corredores próximos à sala da direção geral do MNRJ, percebo uma movimentação: pessoas entrando e saindo da sala de Heloísa, cartas chegando, livros por toda parte. E ouço Heloísa falando: “por gentileza, alguém pode trazer-me o texto do Dr. Ladislau Netto sobre a cerâmica amazônica? Ficou na mesa de Marieta na biblioteca. Preciso dele para confirmar uma data para minha palestra”. E um funcionário responde: “sim, Dona Heloísa, irei buscar o livro, um momento”. E ela agradece: “obrigada!”. Heloísa iniciou sua fala expondo que, desde o final do século XIX, havia estudos sobre a cerâmica e as primeiras escavações foram estudadas por Netto por volta de 1880.

Ela parecia se preocupar com detalhes, uma vez que sua pesquisa deveria ser encaminhada para diferentes espaços científicos no Brasil e no exterior. Heloísa, assim como Emília, sabia o que fazia ao atender a uma exigência científica em sua produção. Também buscou marcar seu espaço, pois, ao que analisei em observação para a tese, seria a primeira mulher a voltar a escrever sobre o tema em questão no Museu Nacional, onde já constavam Hartt, Ferreira Penna, Ladislau Netto, Barbosa Rodrigues, Rondon e Raimundo Lopes. Heloísa acabou por fazer parte de uma equipe de cientistas que marcaria a história da arqueologia amazônica no MNRJ⁵⁵⁸.

Os preparativos para a palestra continuam, e H. A. Torres seguiu realizando sua pesquisa, solicitando ajuda de sua irmã Marieta, no tocante aos materiais da Biblioteca do Museu Nacional: “Marieta, vi há alguns dias, em minha ida à biblioteca, um material interessante sobre as formações geográficas da Cordilheira dos Andes e preciso dele para aprofundar minha reflexão sobre as diferenças geomorfológicas desse espaço e do território amazônico. Você poderia encontrá-lo para mim?”. Marieta, calmamente, caminha entre as mesas da sala de Heloísa e responde: “sim, irei pegá-lo para você. Mas, e você, como está? Nervosa com a conferência? É o seu trabalho de praticamente dois anos de pesquisa de

⁵⁵⁸ Em artigo recente, fiz a leitura do trabalho de Denise Maria C. Gomes (2020) sobre a história da arqueologia amazônica realizada pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro. O artigo traz esse histórico desde as primeiras explorações para colecionar peças até os trabalhos mais recentes, com as pesquisas de Betty Meggers e Clifford Evans e o trabalho desenvolvido pela autora do texto na região de Santarém. Nessa leitura, tive um panorama da cronologia sobre as pesquisas desenvolvidas por essa instituição acerca dos estudos arqueológicos e antropológicos na Amazônia, e Heloísa surgiu como uma das pesquisadoras da cerâmica marajoara.

gabinete”. Heloísa olha para Marieta e responde: “nervosa? Eu? Não! O que quero é que meu trabalho seja digno de ser lido por muitos outros cientistas e que eu possa começar a concretizar a minha pesquisa de campo no Marajó no ano que vem”.

Enfim, chegou o dia 19 de setembro de 1929 quando Heloísa estaria às 5 horas da tarde proferindo sua conferência científica literária como parte da programação da Semana das Belas Artes no Rio de Janeiro. O jornal “Correio da Manhã” (Figura 19) era o primeiro meio de comunicação a ouvir em linhas gerais o tema.

Notei, na escrita do texto, como o trabalho de Heloísa teve destaque: “ouvir preleções sobre as infinitas variedades da arte nativa é sempre um embevecimento encantador. Ouvi-las, porém, antes de todos, [...] num encontro fortuito é indescritível”⁵⁵⁹. A matéria do dia 19/09/1929 foi breve, mas evidenciou que o tema foi amplo e o trabalho desenvolvido pela antropóloga ainda renderia muitos frutos.

⁵⁵⁹ Fonte da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital (BRASIL, 2018; 2019). Na nota, evidencia-se a apresentação da conferência que deveria ser realizada por ela e o jornal deu destaque, praticamente, ao longo do mês de setembro até início de novembro sobre o assunto, que por mais três semanas ainda renderia matéria no folhetim.

Figura 19 – Anúncio da palestra sobre cerâmica marajoara por Heloísa Alberto Torres



Fonte: Hemeroteca da BND (BRASIL, 2019) adaptada pela autora.

Para oferecer aos legentes da tese uma ideia da palestra feita por Heloísa, tomarei a liberdade de apresentar uma narrativa da conferência para que ela se mostre nas linhas seguintes. As narrativas, a seguir, são a continuidade de sua exposição, publicada no jornal “Correio da Manhã” nos dias: 20 e 27 de outubro e 3 de novembro de 1929, e expressam o fôlego da pesquisa realizada por ela antes de ir ao Marajó. Foi esse texto que H. A. Torres enviou para locais de pesquisas no Brasil e no exterior.

No salão de honra da Escola de Belas Artes, a movimentação iniciou às 16h com a chegada de personalidades da ciência e da política carioca. O público começou a se sentar e a acomodar-se. Heloísa, sentada na primeira fila, olhou em volta e organizou seus papéis para manter a palestra em mãos, provavelmente, não precisava dessas anotações, sua pesquisa e memória estavam afinadas. Às 17h, o mestre de cerimônia apresentou a programação e

anunciou o tema da palestra e a palestrante: “Senhoras e senhores, boa tarde, é uma honra poder apresentar a conferência científica literária “Arte Marajoara” da Senhorita Heloísa Alberto Torres. Esta é chefe da seção da antropologia e etnografia do Museu Nacional do Rio de Janeiro”. Todos aplaudiram e Heloísa se levantou e seguiu rumo ao púlpito, do lado esquerdo do palco⁵⁶⁰.

Heloísa surgiu imponente com o belo cabelo em formato de coque, bem penteado e arrumado. Um vestido de cor sóbria cujo comprimento estende-se até a altura dos joelhos. Os sapatos com saltos não muito altos davam destaque ao seu porte⁵⁶¹. Ela preparou suas anotações, deixou um copo com água ao lado e iniciou sua preleção: “boa noite, aos senhores e senhoras aqui presentes, é com muita honra que apresento a vossas senhorias meus estudos iniciais sobre a cerâmica marajoara”. Na plateia, pode-se ver sua irmã, Marieta, sentada ao lado do amigo e colega Roquette-Pinto. Todos, atentamente, passaram a conhecer o universo marajoara.

H. A. Torres iniciou sua palestra com quatro pontos, os primeiros para suas pesquisas sobre os traçados. Segundo a cientista, existiam pontos importantes a serem levados em consideração:

Vejo como importantes dados a serem levantados: a) a penetração tardia da cerâmica em terras brasileiras; b) o desenvolvimento dos traçados já utilizados por eles; c) a influência decisiva de uso desses ornamentos de Marajó; d) o condicionamento de todos os elementos anteriores pelo meio botânico. Essas são algumas das conclusões que chego até o momento nesse estudo⁵⁶².

Essas notas iniciais indicariam que Heloísa já possuía uma leitura aguçada sobre o tema, e o campo daria a ela mais dados acerca dessas informações.

Todos os presentes pareciam inebriados e sequer piscavam para não perder detalhes, porquanto, com efeito, a fala dela mostrou-se bastante rica em elementos sobre a história de outros naturalistas que estiveram por aqui. Heloísa não se intimidou e teceu duras críticas ao tão famoso naturalista suíço, Louis Agassiz, quando esteve no Brasil, entre 1865 e 1866, e divulgou sua tese sobre o criacionismo e as teorias raciais⁵⁶³. Em determinado momento da preleção, Torres mencionou que Agassiz foi “difamador de nossa gente”. As teorias desse

⁵⁶⁰ A narrativa tem como base as matérias do jornal “Correio da Manhã”, dos meses de setembro, outubro e novembro (BRASIL, 2018; 2019).

⁵⁶¹ Segundo Miglievich-Ribeiro (2015), em algumas entrevistas que fez sobre Heloísa, esta se destacava quando passava em algum lugar, visto que sua voz era inconfundível.

⁵⁶² Trecho do jornal “Correio da Manhã”, de 19 de setembro de 1929 (BRASI, 2018).

⁵⁶³ O texto de Kury (2001) foi uma leitura importante para compreender como os estudos realizados pelo suíço Louis Agassiz e sua esposa Elizabeth, que escreveu todo o diário de campo da viagem, foram imprescindíveis para ampliar meu conhecimento sobre as diferentes teorias em que esses e essas naturalistas criaram sobre a região amazônica.

naturalista foram refutadas por outros exploradores que vieram depois dele, como o fez Frederic Hartt. Ainda assim, ela voltou para a linha de raciocínio sobre a importância da cerâmica, apesar de os primeiros exploradores não darem muita atenção ao tema.

Nesse cenário, é perceptível uma Heloísa Alberto Torres segura ao falar de suas posições teóricas. A narrativa dela continha dados importantes sobre o espaço, ao qual, até o momento conhecia apenas por meio de leitura e das pesquisas feitas na biblioteca e em seu gabinete. Heloísa construiu uma narrativa dos principais viajantes e das empreitadas naturalistas na região amazônica.

Reforçou que a teoria de Agassiz foi contestada e refutada por Hartt, e foi com este último que as outras seguiram, como as expedições feitas por Domingos Soares Ferreira Penna e Ladislau Neto. Interessante notar como a apresentação de Heloísa teve um caráter de narrativa histórica, cujo teor do conteúdo mescla cientificidade e uma linguagem mais ampla para o público ali presente no espaço em que era divulgado.

A conferência prosseguiu, e a voz de Heloísa parece dominar todo o espaço do salão nobre. As suas observações têm elementos antropológicos, etnográficos e geográficos. O futuro campo de pesquisa, o Marajó, surgiu ao continuar a palestra, e ela mencionou como esse arquipélago tem dois espaços distintos, citando a formação da Ilha do Marajó e abordando em dois marajós: “o das campinas e da mata”, sendo os campos saudáveis e a mata insalubre⁵⁶⁴. As suas pesquisas bibliográficas, de fato, foram relevantes, uma vez que a região marajoara possui essas duas diferenças territoriais que constroem, em cada um desses espaços, a vida social, cultural e econômica⁵⁶⁵.

A partir dessa colocação de Heloísa, fiz uma anotação em meu caderno, sentada na plateia, em que fiz certa comparação com Emília Snethlage. Até aquele momento, não pude julgar a relação de Heloísa com a natureza, na medida em que a sua pesquisa de campo era bem diferente das realizadas por Emília. A integração de Heloísa com a floresta não era muito próxima, até mesmo pelo tipo de trabalho que desenvolvia, enquanto Emília detinha uma relação muito forte com esses espaços naturais. Significativo fazer essa análise, porque elas se

⁵⁶⁴ No texto de Thomas (2010, p. 273), verifiquei que, mesmo com o crescente apreço e plantio de árvores frutíferas e flores, em meados do século, a floresta, em geral, ainda era vista como um espaço hostil: “desde os tempos mesolíticos, o progresso humano dependeu de arrancar e destruir as árvores com que a maior parte da terra estava coberta”. Na leitura de Pizarro (2012), a floresta, a Amazônia em si, era tida pelos primeiros exploradores como inferno verde. Trata-se de uma leitura que domina o imaginário das próximas gerações que investigariam a região, e a fala de Heloísa, ao dizer que a floresta era insalubre, possivelmente, provém dessas heranças de escritos passados sobre o território.

⁵⁶⁵ Nas obras de Sarraf-Pacheco (2006; 2015), ficaram implícitas como as dinâmicas socioculturais e econômicas ditam a realidade de dois “Marajós”, dois mundos diferentes territorialmente, mas que se ligam pela grandeza da região ao integrar a história da cultura arqueológica.

ligam ao estarem à frente de seu tempo com suas pesquisas, ao mesmo tempo, distanciam-se pela relação com o meio no qual elas pesquisaram.

Volto minha atenção à palestra e Heloísa mencionou citações sobre o lago Arari, que fica na região de campos, na qual ficava o “monte artificial de Pacoval”, e ela prossegue: “o ceramio do Pacoval fica situado a margem oriental do lago do Arari. É uma pequena collina artificial contendo urnas e grande variedade de outros vasos, desde nível muito baixos”⁵⁶⁶. Heloísa prossegue e situa tanto o leitor do jornal quanto a plateia, que permanecia ouvindo atentamente. Seu campo de estudo parecia bastante familiar para ela. As colocações, sempre bem precisas e muito detalhadas, informavam que a pesquisa de gabinete não deixou a desejar e ampliou mais ainda a sua ida ao Marajó em 1930.

Ao longo da explanação, notei certo alvoroço no meio da plateia, e as pessoas próximas ao palco no qual estava Heloísa faziam um sinal para que ela pudesse responder uma pergunta de um dos participantes⁵⁶⁷. Ao olhar para o lado direito na primeira fila, vejo Dr. Roquette-Pinto, que sorri para ela e pergunta: “Professora Heloísa, quais as informações sobre a procedência do homem marajoara? A senhora tem alguma pista?”

Heloísa também sorri, olha para todos sentados e continua: “de onde veio o homem de Marajó? É uma pergunta que instintivamente brota nos lábios de quem se tenha detido na contemplação de sua arte”⁵⁶⁸. Ela prosseguiu e dirigiu-se a Edgar: “prezado Dr. Roquette-Pinto, posso aqui dizer que ‘Alguns traços característicos dessa arte prendem-n’o a terras do norte. No alto Amazonas, na Venezuela, na Colombia, na America Central mesmo, e sobretudo nas Antilhas podemos acompanhar essas pegadas”⁵⁶⁹.

Ao falar da população, Heloísa trouxe algumas informações significativas sobre a parte antropológica ao tratar sobre o tipo físico desses indivíduos. Ela faz pausa, toma um gole de água, organiza os papéis já lidos e os que ainda deve ler e segue, sempre imponente no púlpito:

Do typo physico do homem de Marajó nada pode dizer. No Museu Nacional possuo apenas um craneo provindo da ilha. Typo feminino em bom estado de conservação. Caracteristicas physicas que apresento não tem outro alcance se não o de variações individuaes⁵⁷⁰.

Naquele momento, Torres ainda detinha poucas informações sobre a população e, em

⁵⁶⁶ Trecho do jornal “Correio da Manhã”, de 20/10/1929, fonte da Biblioteca Nacional Digital (BRASIL, 2018).

⁵⁶⁷ Aqui tomei como liberdade narrativa criar essa interação na conferência de Heloísa para dar uma dinâmica nessa apresentação.

⁵⁶⁸ Trecho do jornal “Correio da Manhã”, de 20/10/1929, fonte da Biblioteca Nacional Digital (BRASIL, 2018).

⁵⁶⁹ Trecho do jornal “Correio da Manhã”, de 20/10/1929, fonte da Biblioteca Nacional Digital (BRASIL, 2018).

⁵⁷⁰ Trecho do jornal “Correio da Manhã”, de 20/10/1929, fonte da Biblioteca Nacional Digital (BRASIL, 2018).

geral, os restos mortais que existem não conseguiam apresentar com mais definição a face humana marajoara.

Foram acerca desses detalhes que refleti sobre como essa antropóloga iniciou sua caminhada científica rumo às terras marajoaras. Heloísa, ao que notei nas fontes, seguiu uma linha teórica bastante sólida e buscou o máximo de elementos possíveis para dar conta de suas primeiras análises sem ir a campo. Isso foi, de fato, imprescindível, visto que demonstrou astúcia e preparo teórico para garantir o máximo de dados para chegar à prática de campo. Quanto ao que expos Adélia em seu livro e o romance com toques de aventura escrito por Bastos de Ávila, verifiquei como o trabalho de Heloísa foi retratado e como essa cientista enfrentou sua primeira grande pesquisa de campo⁵⁷¹.

Os detalhes destacados na apresentação de Heloísa A. Torres fizeram com que sua narrativa se tornasse uma propaganda para conhecer o Marajó. A pesquisa realizada em gabinete demonstrou como ela alcançou dados significativos. Ao seguir a preleção, começo a tomar nota das observações que ela fez com relação aos materiais utilizados na produção da cerâmica marajoara. E uma outra pergunta surgiu da plateia: “Professora Heloísa, como era feita a produção dessas peças?”.

Heloísa faz uma pausa, direciona o olhar para quem fez a pergunta e diz: “bem, será a próxima parte da minha fala. Mas adianto que a população marajoara já usava a queima do barro para fabricar as peças”. E, assim, ela prosseguiu olhando rápido para as suas anotações: “[...] a escolha cuidadosa da argilla e o seu preparo conveniente só terão sido feitos em Marajó para as peças menores, mais cuidadas”⁵⁷².

A pesquisa de H. A. Torres trouxe para a análise da arqueologia marajoara impressões significativas acerca dessa produção, com dados mais recentes, à época, e que deram mais credibilidade científica à sua ida a campo. Olho para a sua irmã, Marieta, sentada na primeira fila, e esta parece encantada e muito orgulhosa da irmã, no fundo, também feliz de participar, ainda que brevemente, desse trabalho, uma vez que ela estava junto ao pesquisar as bibliografias para a irmã na biblioteca do MNRJ. A colaboração feminina também se fez presente nesse caminhar de Heloísa. É evidente que sendo irmã, há possibilidades dessa colaboração ter sido

⁵⁷¹ No texto de Miglievich-Ribeiro (2015), essa reforça a astúcia de Heloísa e seu preparo intelectual imprescindíveis para alcançar o resultado de seu trabalho escrito, a culminar no campo realizado no Marajó. No romance de Ávila (1933), compreendi como a “aventura” foi usada para informar ao leitor de fora do *status* acadêmico, que uma pesquisa científica realmente exige esforços para ser realizada. É evidente que essa “aventura” é posta com certo preconceito para as mulheres, talvez não propositalmente por ele. No entanto, concordar com a leitura de Lopes (1998), ao dizer que as mulheres nas ciências tinham um papel de aventureiras e mesmo estando na área de formação do conhecimento, pareciam não deter as mesmas afinidades como os homens, por isso “aventuram-se” nesse *métier* masculino.

⁵⁷² Trecho do jornal “Correio da Manhã”, de 20/10/1929, fonte da Biblioteca Nacional Digital (BRASIL, 2018).

mais “intensa”. Embora o que esteja escrito acerca de Marieta menciona que ela se tornou uma das bibliotecárias importantes do Museu Nacional⁵⁷³.

A apresentação continua e a professora Heloísa responde à pergunta acerca da queima da cerâmica. Ela faz uma grande explanação sobre os materiais utilizados para confeccionar as peças cerâmicas, assim como descreve o modo como as peças eram feitas, a queima, a preparação das peças: “uma vez amassado o barro, usam adicionar-lhe substancias que garantem a sua melhor qualidade tornando-o mais plástico para a construção, mais resistente o conveniente para a queima”⁵⁷⁴.

Quanto ao material da argila utilizada, ela citou um estudo do Prof. Alberto Betim Paes Leme, do Laboratório de Mineralogia do Museu Nacional, “Pasta argillo-ilmonitosa (opaca) com grânulos de quartzo contendo inclusões de um mineral levemente clivado, de bi-refrigerência media”⁵⁷⁵.

Nesse momento da conferência, recordei as leituras em formato de roteiro que fiz para percorrer essa viagem com Heloísa e Emília. A questão do feminino na história é um elemento que tem ganhado corpo, e sua discussão, no âmbito de uma nova forma de conhecimento, tem trazido reflexões significativas. Ao ver Heloísa dominando aquele espaço na presença de pessoas, e avento dizer, em sua maioria homens, noto como o papel do feminino, na construção do conhecimento, é tema importante para discutir⁵⁷⁶.

Assim, o campo feminino do conhecimento foi criado a partir de outra visão no que concerne à incorporação das mulheres em muitas frentes do saber, até então dominadas pelos homens; entre elas, nos últimos anos, a psicanálise, a história, a epistemologia etc.⁵⁷⁷ Ao ver, então, uma mulher, no começo do século XX, explicar suas pesquisas e levar a público os resultados de suas observações, é notável o quanto o papel delas tem dado outros moldes ao

⁵⁷³ No livro de Miglievich-Ribeiro (2015, p. 47): “Por toda a vida, as duas irmãs permaneceram inseparáveis. Marieta foi arquivista do Museu Nacional [...]”, assim, ao que parece, ambas realizaram ações importantes no MNRJ, uma como pesquisadora e a outra atuando na organização da biblioteca. Com base nessa informação, avento que as duas estavam em parceria para oferecer ao Museu *status* de instituição de pesquisa relevante na época.

⁵⁷⁴ Trecho do jornal “Correio da Manhã”, de 20/10/1929, fonte da Biblioteca Nacional Digital (BRASIL, 2018).

⁵⁷⁵ O texto possui bastantes detalhes pesquisados por Heloísa. De fato, a escrita do texto é muito rica. Trecho do jornal “Correio da Manhã”, de 20/10/1929, fonte da Biblioteca Nacional Digital (BRASIL, 2018).

⁵⁷⁶ Aqui amparei-me nas leituras de Dias (1998), que me auxiliou a analisar essas fontes e refletir sobre como Emília e Heloísa surgem nesse contexto histórico. Aliada a essas fontes, a teoria de McClintock (2010) ajudou-me a fortalecer que a descolonização da ciência pode ser vista por esse *prima*, na qual mulheres como elas avançaram em seus espaços científicos e mantiveram-se neles produzindo e sendo reconhecidas.

⁵⁷⁷ Aqui trago a importante leitura de Rago (2020), feita em 2022 para a tese, na qual há uma discussão que cabe nesse momento da tese. Tanto Heloísa quanto Emília criaram um conhecimento feminino dentro de suas áreas de pesquisa, pois elas se lançaram em espaços que ainda não tinham sido feitos pelos cientistas de sua época. Elas abriram caminhos novos ao olhar e pesquisar, na antropologia e na ornitologia, a racionalidade e a objetividade, de marca masculina, que dividiram espaço com a subjetividade e a intuição feminina.

conhecimento científico até aquele momento. Pelo que notei, Heloísa fez isso depois de anos: abriu novamente as caixas do estudo da arqueologia no Museu Nacional.

A apresentação de Heloísa foi extensa, ainda assim o público não pareceu entediado ou cansado de ouvir e presenciar o que a senhorita H. A. Torres tem a dizer sobre as populações do Marajó. A curiosidade científica e cultural da Amazônia tomava, e ainda toma, conta do imaginário do Sudeste do Brasil. Então, todas as pessoas, naquele espaço, queriam conhecer um pouco mais sobre a cultura e a vida cotidiana dos primeiros habitantes daquele território. Ao notar a plateia atenta, volto meu olhar para Marieta e Roquette-Pinto, que se sentam na primeira fila e, discretamente, parecem tecer comentários sobre a palestra de Heloísa. Próxima a eles pude ouvir um trecho da conversa, em que Edgar diz para a irmã de Heloísa: “Marieta, acredito que Heloísa estará pronta para ir ao Marajó no ano que vem. A pesquisa dela tem densidade teórica, com isso, tem dados importantes para observar em campo o que leu aqui”⁵⁷⁸.

Marieta olha para Dr. Roquette, denotando um pouco de preocupação e responde: “mas o senhor acredita que ela já tem informações para empreender uma pesquisa de campo da envergadura de ir ao Norte do país para uma ilha tão longe?” E ela continua: “ela enfrentará uma viagem de avião, depois de navio e sabe-se lá o que mais?”. Preocupações de irmã mais velha. E Roquette responde: “Marieta querida, sua irmã tem talento e ousadia para realizar essa e muitas outras viagens de campo! Heloísa fará essa viagem e voltará com um cartão de visita dentro da antropologia no Museu Nacional, e quem sabe no Brasil”.

Os dois se olham e sorriem, ao passo que Edgar Roquette-Pinto prenuncia um pequeno gesto para que os dois olhem para Heloísa e voltem a ouvir a palestra. Heloísa cita outros centros no quais a cerâmica amazônica foi vista na região do rio Tapajós-Trombetas, conhecida como cerâmica Santarém. Trataram-se de pontos de profunda relevância trazidos por ela em sua pesquisa, no entanto, uma parte de sua fala captou minha atenção. Em sua teoria, em virtude de as peças serem utensílios, como panelas, as cerâmicas, decerto, seriam produzidas por mulheres: “entre os primitivos a fabricação da louça é anexa a arte da cozinha. Compete a mulher. Isso se verifica entre todos os aborígenes do Brasil”⁵⁷⁹.

Essa posição de Heloísa é considerável apresentar aos leitores da tese, dado que nos guiam a dois pontos: ela apresentar uma teoria de “gênero” em sua pesquisa e, em parte, sua observação foi aceita, pois ela afirmou tal observação. No entanto, pouco depois, voltou atrás e

⁵⁷⁸ Sobre a viagem dela ao Marajó, o que consegui de informações deu-se por meio das leituras do livro da professora Adélia Miglievich-Ribeiro (2015), que também apresentou, em seu livro, as cartas trocadas durante a viagem e o caderno de campo. Além do romance de Bastos de Ávila, que narra um pouco sobre a viagem, embora seja uma narrativa ficcional.

⁵⁷⁹ Parte final do jornal “Correio da Manhã”, de 20/10/1929, fonte da Biblioteca Nacional Digital (BRASIL, 2018).

disse que tais utensílios eram utilizados, em sua maioria, em rituais religiosos e, nesse campo, os homens eram os responsáveis. Anos depois, ela voltou a trazer à tona essa questão do gênero na cerâmica quando fez pesquisa nas regiões de Magé e Campo Grande, municípios fluminenses, em que os cronistas Hans Staden e Jean de Lery apontavam mulheres indígenas tupinambás como fabricantes de bacias⁵⁸⁰.

Imperioso reforçar esse tema, pois no Marajó encontraram-se pistas de que mulheres faziam trabalhos cerâmicos. Embora não tenha sido na região estudada por Heloísa, foram, na verdade, localizadas nos campos. Ainda assim, estudos de Spix e Martius, na obra “Viagem ao Brasil”, realizada de 1817 a 1820, apontaram, em suas narrativas, a participação de mulheres confeccionando panelas de barro na vila de Breves: “Breves é o povoado sito mais a sudoeste da ilha de Marajó. Mal o posso chamar de aldeia, pois que, entre as 30 ou 40 choças espalhadas sem regra, [...] somente a do juiz, de esteiras e barro, tinha paredes [...]”⁵⁸¹. E os viajantes continuam:

Encontramos diversas mulheres ocupadas em fabricar louça de barro. Elas modelavam cântaros e tigelas quase sempre sem o torno, a mão livre, com grande habilidade. No canto da choça, avistamos o pobre fogão, muitos utensílios de pesca, redes de dormir, bem como arcos e flechas [...]”⁵⁸².

Tal excerto desses naturalistas surgiu-me a partir da leitura da pesquisa da dissertação de Lucas de Araújo, em que traz à tona que, no Marajó das florestas, as mulheres produziram utensílios de barros. Fato que ecoa a tese de Heloísa, que pode ter certa profundidade, uma vez que a narrativa evidenciou tal percepção. Apesar de ela não citar os estudos de Spix e Martius nessa conferência, nem em outro momento específico das fontes que obtive até o momento de fechamento da tese.

Novamente, a descrição feita por Heloísa faz com que os presentes quase pudessem visualizar as peças narradas por ela, dada a riqueza de detalhes que a cientista trouxe em sua apresentação. As peças contadas por Torres são as urnas funerárias e as tangas utilizadas pelas populações marajoaras. Sobre as urnas ela ofereceu detalhes:

Vejam, primeiro, os grandes vasos. São as urnas funerárias. Aqui se acham

⁵⁸⁰ Notas contidas no livro de Miglievich-Ribeiro (2015), entre as quais a autora traz uma sobre a valorização dos trabalhos feitos por mulheres na ornamentação das bacias tupinambás.

⁵⁸¹ Trecho do livro de Spix e Martius, da coleção do Senado Federal do Brasil, volume III (SPIX, 2017, p. 106).

⁵⁸² Passagem específica em que os viajantes descrevem como as mulheres, na comunidade de Breves, faziam as panelas de barros (SPIX, 2017, p. 106). Esse é o trecho apresentado pelo pesquisador Lucas de Araújo (2017), demonstrado em sua pesquisa e que me trouxe indícios (GINZBURG, 2006) importantes sobre a teoria levantada por Heloísa Alberto Torres.

representadas os principaes typos. [...] Ao passo que nos grandes vasos as linhas se conservam sempre dentro de certos moldes e a variedades de formas não se apresenta muito numerosa, a medida que elles se vao tornando menores a imaginação do artista vao tendo mais livre curso. [...] Surgem os vasos elípticos asimetricos no sentido de comprimento e alongados numa extremidade em forma mamilar, outros em forma de tamanco quasi sempre com uma face humana estilizada⁵⁸³.

A narrativa de Heloísa encontra-se com a riqueza do material pesquisado por ela, de forma que o público presente percebe como a cultura marajoara tem detalhes em seu ornamento (Figura 20). Mais uma vez, a investigação de H. A. Torres demonstrou sua capacidade de articulação das notas de outros pesquisadores e de sua análise feita no Museu Nacional.

Os detalhes sobre outras peças, que Heloísa A. Torres investigou, surgem à medida que ela apresenta os estudos sobre as famosas tangas marajoaras (Figura 21). Ornamento específico das mulheres indígenas, em que Torres, novamente, evidencia a questão do gênero, mesmo que a discussão teórica, no momento de sua pesquisa, não fosse seu objetivo. Embora seja relevante mencionar que esse elemento tem importância em suas pesquisas.

Figura 20 – Imagem de um vaso marajoara



Fonte: Adaptado pela autora a partir do livro de Torres (1940, p. 25)

⁵⁸³ Essa foi outra matéria que saiu pela terceira semana consecutiva com a conferência de Heloísa Alberto Torres no jornal “Correio da Manhã”, no domingo, dia 27 de outubro de 1929, também na pesquisa de campo no acervo digital da Biblioteca Nacional Digital (BRASIL, 2018).

Figura 21 – Imagem de uma tanga marajoara



Fonte: Adaptado pela autora a partir do livro de Torres (1940, p. 29).

O processo de investigação feito por Heloísa Alberto Torres chamou a atenção das pessoas ali presentes, mas também da comunidade científica do Rio de Janeiro, do Brasil e do exterior. Ela mesma escrevia e enviava suas cartas com os resultados de seu trabalho para diferentes instituições, isso fazia com que pudesse interagir nesse meio masculino da ciência brasileira e internacional. A sua conferência deu sinais de que o futuro reservava muito reconhecimento a ela.

É quase possível imaginar Heloísa no púlpito tomando suas últimas anotações: ela faz uma pausa, toma outro gole de água, parece sorrir para a plateia e continua sua alocução quanto aos ornamentos cerâmicos e tece críticas às pesquisas feitas anteriormente:

Os motivos que ornamentam a cerâmica de Marajó, meandros, gregas a quantos [ilegível] não tem dado margens!... As aproximações desastrosas que têm sido feitas!... Toda arte primitiva da América alias tem dado ocasião á construção de theorias nas mais estaparfudias⁵⁸⁴.

Os espectadores parecem surpresos, em um primeiro momento, com a fala contundente, em contrapartida, como a maioria já conhecia Heloísa, sabiam que era sua forma de se expressar, de modo que ali ela tomava seu espaço de pesquisadora crítica que possuía fundamentos teóricos para expor tais observações⁵⁸⁵.

⁵⁸⁴ Mais um trecho da conferência de Heloísa no jornal “Correio da Manhã”, do dia 27 de outubro de 1929, também na pesquisa de campo no acervo digital da Biblioteca Nacional Digital (BRASIL, 2018).

⁵⁸⁵ Essa fala de Heloísa foi uma crítica que fez ao estudo do Posnanski, na qual esse autor tentou “[...] explicar os desenhos marajoaras por analogia a fenômenos naturais” (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2015, p. 65).

A professora Heloísa prosseguiu sua fala, mencionando que a arte na cerâmica é perceptível a partir dos adendos sobre os ornamentos cerâmicos e o estilo dos traçados. A técnica empregada pelas populações marajoaras contava com uma arte de desenhos bastante complexa. A relação das grafias com os trançados dos cestos foi o seu objeto de investigação ao longo da pesquisa.

Heloísa exalava felicidade em estar diante daquele público, apresentando suas reflexões, de tal maneira que pareceu muito bem no meio científico. Nesse momento, ela seguiu com sua explanação: “antes de tudo. Marajó tem *horror ao vazio*. Todo o campo é sempre coberto por decorações. Dessas, as que constituem motivos naturais são adaptadas a fôrma da peça as vezes de maneira mais curiosa”⁵⁸⁶.

Após essa fala um tanto descontraída, ela concentra seu olhar na fileira de cadeiras em sua frente e parece procurar por alguém, momento em que seu olhar localiza seu mentor e professor, Dr. Roquette-Pinto, então prossegue: “tomo a liberdade de aqui saudar o nobre Prof. Dr. Roquette-Pinto, que apresentou uma conferência aqui no salão nobre da Escola de Belas, em 8 de setembro de 1928, e ele nos apresentou o conceito de estilização”: “[...] a estilização não é um fenômeno artístico que tem uma base psicológica: é antes um fenômeno psicológico que se aproveita de processos artísticos para manifestar-se com clareza”⁵⁸⁷. Ele sorri para ela, ao passo que denota nuances de que soa corar, mas segue de cabeça firme, focada na plateia e volta a conferir as suas anotações.

As páginas da conferência em cima do púlpito chegam ao fim e, desse modo, o encerramento da fala de Heloísa Alberto Torres é, certamente, identificável, enquanto a plateia ainda se mantinha ávida por suas palavras. Em contrapartida, o tempo e as análises vão terminando, e ela apresentou algumas considerações. Sua voz não soa cansada, aliás, continua firme e alta: “para ir encerrando esta conferência...” Ouvem-se uns sussurros de “ah, não!” Ela prossegue: “tomo como algumas notas sobre minha pesquisa acerca da cerâmica de Marajó que:

- a) importância botânica no desenvolvimento da arte primitiva; b) desenvolvimento consequente dos trançados e da estilização; c) condicionada por este factor, introdução tardia da cerâmica em terras do Brasil; d) aplicação á cerâmica dos motivos dos trançados. Evolução das formas limitadas por linhas rectas, em curvas;

⁵⁸⁶ O trecho narra a conclusão da conferência dela no jornal “Correio da Manhã”, do dia 3 de novembro de 1929. Fato notável é o folhetim ter passado quatro semanas apresentando o trabalho dela. Isso demonstrou sua influência e que sua pesquisa, talvez, tenha possibilitado um número maior de leitores. Fonte do acervo digital da Biblioteca Nacional Digital (BRASIL, 2018).

⁵⁸⁷ Outro trecho do jornal “Correio da Manhã”, do dia 3 de novembro de 1929, está no acervo digital da Biblioteca Nacional Digital (BRASIL, 2018).

e) á modelagem não souberam aplicar imediatamente o espírito da estilização⁵⁸⁸.

Ao refletir sobre as escritas de Heloísa, reafirmo a profundidade de sua pesquisa. Uma investigação a trazer muitas novidades para a análise antropológica, etnográfica e arqueológica naquele momento para o MNRJ e para instituições, como o próprio Museu Goeldi. Notei como as suas considerações refletiram uma construção teórica e de pesquisa bibliográfica e documental, que ofereceu à sua viagem de campo subsídios essenciais para a relação entre a prática de campo e a teoria.

H. A. Torres colocou em ordem todas as folhas de papel à sua frente no púlpito. Fez uma pausa e agradeceu: “muito obrigada aos senhores e senhoras aqui presentes. Foi uma honra poder dividir minha pesquisa com vossas senhorias”. Em seguida, todos se levantam e aplaudem a professora Heloísa Alberto Torres. Ela direciona o olhar para a irmã, Marieta, e sorri, e tem a retribuição do sorriso da irmã mais velha. Ao lado, Dr. Roquette, que ainda bate palmas, olha para Heloísa e diz: “Meus parabéns!”. E ela retribui com um sorriso discreto e diz: “Muito obrigada, professor!”.

Alguns dias se passaram, voltei a fazer uma parada na minha jornada com Heloísa Alberto Torres para verificar os próximos passos que ela daria rumo à sua viagem de campo. Da data da conferência, em setembro de 1929, até a sua partida para o Marajó, em 25 de julho de 1930, transcorreu quase um ano em que ela deve ter preparado a sua expedição. Com o apoio da historiografia fornecida sobre Heloísa pelos estudos de Miglievich-Ribeiro⁵⁸⁹ e a partir do romance de Bastos de Ávila, tive contato com alguns momentos imprescindíveis de seu campo na Amazônia.

Sigo em direção ao Museu Nacional, por volta do começo de julho de 1930. Entro no grande corredor no qual está a sala de Heloísa e, ao aproximar-se, vejo-a ao telefone: “olá, Dr. Estevão, como vai? Tudo bem? Sim, enfim vou à Amazônia! Minha ida para o Norte está marcada para o dia 25 de julho deste ano. Ligo para confirmar seu contato com o senhor Chermont na fazenda lá em Mexiana”. Heloísa falava com Carlos Estevão, do Museu Goeldi, para que pudesse deixar acertada a estadia e a pesquisa dela com o fazendeiro da região

⁵⁸⁸ “Correio da Manhã”, do dia 3 de novembro de 1929, está no acervo digital da Biblioteca Nacional Digital (BRASIL, 2018).

⁵⁸⁹ Informo aos legentes da tese que, infelizmente, não consegui ter mais fontes sobre a viagem feita por Heloísa, posto que, nos acervos digitais, aos quais tive acesso não tinham muitas informações. Até a professora Adélia, em seu livro, trata sobre o fato de haver poucas fontes acerca da ida de Heloísa ao Marajó e que não se têm notícias do tão famoso caderno de campo. Com a pandemia da Covid-19, minha viagem ao Rio de Janeiro em 2021 foi cancelada e uma possível ida à cidade de Itaboraí, à Casa de Cultura Heloísa Alberto Torres, também foi impossibilitada. Assim, todas as informações da narrativa que utilizo da viagem são do livro de Miglievich-Ribeiro (2015), do romance de Bastos de Ávila e de duas cartas do acervo do Brasil. MAST (2021) de Carlos Estevão para Heloísa que falam sobre a viagem dela no Marajó.

pertencente à família Chermont do Marajó⁵⁹⁰.

Tomei a liberdade de amparar-me nas informações da autora Adélia e de Bastos de Ávila para criar uma narrativa sobre a viagem de Heloísa ao Marajó. Também trouxe duas cartas em que ela e Carlos Estevão trocam entre 1930 e 1931, nas quais constam informações sobre a pesquisa no Marajó. Com base nesses dados, pude acompanhar, ainda que brevemente, a sua jornada e, assim, consegui captar um pouco de que se tratou esse “rito de passagem” que a tornou tão famosa. E mais ainda: que lhe deu uma “aprovação” no mundo acadêmico e científico da antropologia.

Os dias transcorreram e, enfim, chegou o dia da partida para Belém. Era uma manhã de sol brando no Rio de Janeiro, temperatura agradável. O mar parecia calmo e, no porto, Heloísa estava acompanhada de Marieta, sua mãe, D. Maria José, de Dr. Roquette-Pinto e de Carlos, seu acompanhante. As viagens de campo daquela época dispensavam muitos recursos, então, Heloísa não foi acompanhada de outro ou outra assistente do MNRJ. Carlos era seu acompanhante da família. Urge ressaltar que ainda se via com preocupação as mulheres que viajavam sozinhas, em razão disso a figura masculina deveria acompanhá-las.

Também chego para acompanhar a viagem e ouço todos conversando quando Marieta diz: “minha irmã, não se esqueça de nos escrever assim que chegar a Belém. Mamãe e eu ficaremos aguardando notícias suas”. Dona Maria José olha para Carlos e diz: “Carlos, meu filho, lembre Heloísa de nos escrever, se não ela fica atenta ao trabalho e acaba por não nos contactar de volta!”. Carlos responde com a cabeça e diz: “Sim, senhora Maria José!”. Heloísa perto da mãe fala: “Bem, certamente, escrever, não se preocupem. Vamos Carlos, o Duque de Caxias (navio) já está apitando para o embarque e preciso deixar minhas malas e meus equipamentos seguros!”. A viagem seria longa, a bordo do navio eles passariam por Maceió (AL), Recife (PE) e Fortaleza (CE) até chegar a Belém (PA)⁵⁹¹.

Enfim, todos embarcamos rumo a Belém e de lá para o arquipélago do Marajó. Ao longo da viagem, Heloísa fazia anotações acerca de seu roteiro de pesquisa⁵⁹². Como uma turista,

⁵⁹⁰ A família Chermont foi uma das que possuíam grandes fortunas em gado, escravos, terras e seringais nas terras Marajoaras. No artigo de Cancela (2009), é possível visualizar as alianças matrimoniais entre os Chermont e os Pombo, as quais detinham sob seu poder extensões de terras, numerosas cabeças de gado e áreas de seringais e com sua influência estavam à frente das redes políticas no governo do Pará. Talvez, por esse motivo, Heloísa tinha ligações diretas com algum dos Chermont, pois em sua ida à Mexiana ficou hospedada na residência dessa família.

⁵⁹¹ Informações contidas no livro de Miglievich-Ribeiro (2015).

⁵⁹² Falcão (2016) apresenta o conceito de roteiro turístico como um guia que o viajante/turista tem em mãos para organizar sua jornada ao destino. Também faço uma referência histórica ao primeiro guia e roteiro de turismo que foi criado por Thomas Cook. Ele organizou uma viagem de trem que tinha um planejamento, mas a figura de Cook ficou apagada na história do turismo. Autores, como o professor Santos Filho (2005), criticam a ausência de Thomas na construção da historicidade da atividade, pois ele, de certa maneira, também influenciou um novo aspecto da economia ao introduzir esses roteiros de viagens prontos para serem vendidos.

também verificou aonde ficaria hospedada, aonde deveria fazer a alimentação enquanto não tivesse em campo e, quem sabe, conhecer um pouco da cultura local. Foi aqui que a relação entre viagem e turismo se integra em minha pesquisa também⁵⁹³. As dinâmicas de uma viagem mudam com relação ao turismo no que diz respeito à motivação destas. Uma viagem, em si, tem, por exemplo, o objetivo de realizar uma pesquisa de campo, como fez Heloísa. Quanto ao turismo, este tem uma motivação de descanso, de lazer. Porém, alguns estudos atuais apontam o turismo com o cunho científico, com metas pedagógicas⁵⁹⁴.

Alguns dias depois, desembarcamos em Belém do Pará. Heloísa conheceu uma cidade que se recuperava após o declínio da borracha, mas ainda trazia belezas arquitetônicas da *Belle Époque* e algumas áreas naturais, como o próprio Museu Goeldi. Entre seus locais de visita, antes de ir ao Marajó, está o jardim zoológico. Lá ela foi recebida por Estevão e a equipe do parque. Eles conversam sobre a ida ao Marajó e Carlos pergunta: “ansiosa, Heloísa, para ir aos lugares mais encantados do Marajó?” Heloísa sorri e responde: “quem não se encanta na Amazônia, amigo Carlos?”

Depois de ler tanto sobre esse lugar o que mais quero é chegar à minha área de pesquisa”. E Estevão pergunta por onde Heloísa deve realizar o campo: “quais os locais que você tem em mente?”. Ela responde: “bem, até agora pretendo visitar Catarina Chaves, Mexiana, Nazareth, Ananatuba, Montenegro e Pacoval de Cururu. São desses locais que tenho informações aonde estão os tesos marajoaras”⁵⁹⁵. Os dois caminham pelo zoológico do Goeldi e logo depois se despedem, pois, no outro dia, Heloísa rumaria para o Marajó.

Entre o final do mês de agosto e o início de setembro de 1930, Heloísa foi ao arquipélago de Marajó. Embarquei junto com ela no navio Cassiporé, no porto de Belém, em direção à cidade de Chaves⁵⁹⁶. A vista do rio encanta Heloísa que, sentada perto do convés, parece

⁵⁹³ No livro de Figueiredo (2010), compreendi onde está essa linha tênue entre o viajante e o turista. A leitura da obra me fez perceber que as ligações entre o ato de viajar e o turismo estão próximas, mas as características têm elementos significativos. Segundo o autor, o turista vai ao encontro de simulacros, espaços pré-fabricados para ele; o tempo nos locais é curto para criar relações. O viajante sente a viagem, não tem um tempo definido, e busca o encontro com outros espaços da cidade. Em uma outra perspectiva, entende-se que nem todo viajante configura-se como turista e vice-versa. Amparada em Barretto (2003), existem turistas que buscam simulacros turísticos e outros que procuram locais reais para conhecer, ainda, conforme a autora, são os turistas “exploradores”.

⁵⁹⁴ Em Lohmann e Panosso Netto (2008), foi possível compreender como o fenômeno do turismo pode se desdobrar em diferentes áreas e que as motivações para a viagem turística podem surgir de diferentes frentes, entre elas, a educação, que pode ser comparada às pesquisas de campo científicas.

⁵⁹⁵ Esses locais estão citados no livro de Miglievich-Ribeiro (2015). Em uma carta de Heloísa para a sua mãe, Maria José, ela descreve que esteve em algumas dessas comunidades. A carta também está no livro da professora Adélia.

⁵⁹⁶ A cidade de Chaves fica na Microrregião do Arari e na denominada zona fisiográfica de Marajó e Ilhas (CHAVES, 2022). Segundo as fontes do Censo de 2018 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (BRASIL, 2022), a população local é 23.482 habitantes. O município possui um dos mais baixos Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do País e foi nesse território que Heloísa encontrou sítios arqueológicos importantes durante sua pesquisa.

contemplar a paisagem, mas logo se prende a suas anotações e pensamentos: “acho que está tudo organizado, aqui estão meus livros sobre o Marajó, do Dr. José Ferreira Teixeira, Bento de Miranda⁵⁹⁷ e minhas anotações dos espaços territoriais. Meu caderno de campo, minhas canetas, lápis, enfim, acho que tudo certo!”.

Segui minha viagem particular na tese, e Heloísa foi em busca dos achados arqueológicos, acompanhada de Carlos. Aqui observei que a companhia masculina em campo foi presente tanto para Emília quanto para Heloísa. É evidente que, nessa época, uma mulher viajar sozinha era incomum e a presença masculina “oferecia segurança”. Contudo, notei que as companhias masculinas tiveram diferenças de uma cientista para a outra. Para Emília, seu pequeno Oscar era mais que um ajudante, era seu aprendiz e companheiro. No caso de Heloísa, o Carlos não lhe rendeu uma boa companhia. Antes de Torres retornar ao Rio, ele foi enviado de volta para a casa. Então, Heloísa acabou “sozinha” em sua jornada⁵⁹⁸.

Dia 9 de setembro de 1930 é a data de saída dela para Chaves. Existe um registro desse momento, em que ela e Carlos Estevão estavam no navio Cassiporé, e uma pessoa da equipe faz uma fotografia deles. Em seu enalço, ouço os dois conversando: “amigo Carlos, espero que a viagem seja tranquila e nenhuma intempérie se apresente”. Ele sorri e responde: “não se preocupe, professora Heloísa, tudo ocorrerá bem, e a senhora realizará uma excelente pesquisa arqueológica. Quanto à foto, não se preocupe que eu lhe mandarei uma cópia assim que ficar pronta”. Os dois sorriem e despedem-se.

Heloísa, provavelmente, chegaria ao Marajó próximo ao dia 20 de setembro. As correspondências dela com a mãe e Carlos Estevão têm datas entre 24 e 28 de setembro de 1930. Foi nesse tempo que ela realizou sua pesquisa de campo até retornar dia 10 de outubro para o Rio de Janeiro. O mais próximo que consegui verificar sobre a sua viagem tratou-se de uma carta escrita por ela para D. Maria José de Santa Catarina e Chaves. Heloísa mencionou à mãe o quanto andou a cavalo, os locais onde tinha estado e como foi recebida durante sua estada.

Voltei a estar próxima de Heloísa. Ela estava hospedada na fazenda do Coronel Chermont. Sentada à mesa na casa avarandada, ela escreve suas correspondências. Na carta para sua mãe, resume sua trajetória. Também anota suas pesquisas: “os espaços territoriais de Mexiana e Ananatuba foram bastante promissores nas prospecções, diferentes materiais

⁵⁹⁷ Miglievich-Ribeiro (2015).

⁵⁹⁸ Muito interessante essa informação de Heloísa ter um acompanhante, embora sua companhia não tenha sido bem-sucedida. No livro, Miglievich-Ribeiro (2015) cita que Carlos voltou ao Rio e Heloísa escreveu ter sido o melhor que ela fez. Não há um dado mais concreto sobre o seu retorno antecipado. Mesmo assim, quis trazer aos leitores como as mulheres tinham essa companhia masculina e, principalmente, como cada uma dessas cientistas lidou com essas presenças masculinas em campo.

encontrados para posterior análise no Museu Nacional”. Heloísa reporta à mãe que esteve nesses locais e ainda realizaria outras visitas: “cheguei ontem de Ananatuba, mais para o centro, onde passei nove dias, trabalhei bastante e com proveito. [...] e parto hoje a noite de barco para a Fazenda Montenegro. Depois de amanhã, às 5 montamos, para chegar às 10 h ao Pacoval do Cururu”⁵⁹⁹.

Além das informações sobre a viagem de campo, também observei dados que me levaram a olhar a excursão dela com elementos da formação da estrutura e do fenômeno turístico. Quando penso em deslocamento, hospedagem, alimentação, roteiros e a relação com o autóctone, isso representa, para o meu olhar de turismóloga, a integração dessas experiências científicas com o turismo⁶⁰⁰. Notei os seguintes pontos: “[...] dormi numa fazenda [...]; voltarei então a Santa Catarina [...] para embarcar no caciporé para Belém [...]; não imagina que gente boa e culta daqui da Catarina e da Mexiana. [...] Ao jantar fui muito festejada e até champagne houve.

Aqui pude analisar três elementos importantes que ligam a viagem dela ao turismo: a hospedagem, o transporte, a hospitalidade e a integração com o visitado. Esses elementos sinalizam que o turismo pode ser investigado por meio da história, tendo como base essas narrativas de viajantes. Nesse caso, tomei como elemento a viagem científica que Heloísa fez ao Marajó. Ela se preparou para a viagem como faziam para o *Grand Tour*, para essa grande expedição de conhecimento ao território marajoara.

Com relação à estrutura do turismo, ela compreende três grandes pilares: hospedagem, alimentação e transporte. Na carta de Heloísa, foi possível extrair esses dados e, assim, a tese trouxe como uma de suas questões problema relacionar como essas viagens científicas podem dar bases teóricas e conceituais para um novo olhar sobre a investigação do turismo por meio da história, em especial, a história das ciências e do gênero, visto que investiguei duas mulheres cientistas⁶⁰¹. Dessa maneira, a viagem de Heloísa apontou a direção para uma nova análise do

⁵⁹⁹ A narrativa tem como base a carta de 28 de setembro de 1930 que Heloísa escreveu para Dona Maria José. Nela, encontrei alguns detalhes sobre a viagem e, apesar de ser uma carta pequena, traz muitas informações como os locais visitados, que foram os sítios arqueológicos (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2015, p. 61).

⁶⁰⁰ Aqui retomo alguns estudos importantes acerca da análise do turismo a partir de novas perspectivas teóricas. O primeiro, do professor Panosso Netto (2005) e, depois, Panosso Netto e Nechar (2014). Nessas leituras, refleti que o fenômeno turístico pode ser investigado a partir de outras análises. As diferentes escolas teóricas, que esses autores trazem, foram significativas para pensar o turismo para além da visão econômica, dos sistemas, estudos esses que, de certa maneira, tomam conta da escrita teórica e epistêmica. Como já apontei no capítulo, entendo que a escola fenomenológica do turismo torna as viagens de campo de Heloísa Alberto Torres experiências na sua profissão e como ela enquanto mulher se sentiu livre para conhecer outros espaços e pessoas. Compreendi, então, que essa escola fenomenológica avança em uma teoria crítica sobre o desenvolvimento das reflexões no tocante ao fenômeno turístico.

⁶⁰¹ O estudo do gênero no turismo tem avançado, e as pesquisas demonstram a necessidade de esse tema integrar a atividade turística. Empiricamente, as mulheres fazem parte de muitos espaços no fenômeno do turismo, são elas

turismo; na carta, nota-se que a viagem e a estrutura do fenômeno turístico estão juntos.

Minha viagem e a de Torres aproxima-se do final, e a professora Heloísa prepara seu retorno para o Rio de Janeiro, carregando, em sua bagagem, um mundo novo de conhecimento sobre as populações marajoaras e amazônidas, de modo geral. Sua pesquisa bibliográfica ofereceu-lhe base para contemplar suas teses teóricas em campo e, em virtude disso voltar com um maior conhecimento e reconhecimento de suas investigações realizadas um ano antes em seu gabinete. Heloísa permanece sentada embaixo de uma mangueira em frente à residência dos Chermont, ela lê uma carta de Carlos Estevão: “antes do mais, minhas felicitações, não só pelo seu estado ótimo de saúde, como, também pelo bom êxito a sua ida á ‘Mexiana’”⁶⁰².

Ela sorri, admira a paisagem diante de si e continua a leitura: “agora mesmo, pelo telephone, falei com Dr. Alberto Costa a respeito da ida do ‘Cassiporé’ a ‘Sta. Catarina’ na viagem de outubro. Tudo arranjado. No dia próprio, irei tirar as passagens”. Aqui Carlos já preparava o retorno de Heloísa para Belém e depois para o Rio de Janeiro. Essas redes de contatos eram fundamentais para que as pesquisas pudessem ser realizadas. Assim como Emília Snethlage, Heloísa Alberto Torres também estava imersa nessas tramas de contatos científicas. Notei que a ida de Heloísa ao Marajó pareceu ser mais que sua pesquisa de campo, as relações que ela manteve, antes, durante e depois, com pessoas como Carlos Estevão, abriram possibilidades de enxergar a integração dos estudos da Amazônia por diferentes instituições, entre elas, o Museu Nacional e o Museu Goeldi.

A carta prenuncia seu o fim e dentro do envelope Heloísa percebe que ainda tem algo. Ela abre e pega duas fotografias, sorri e fala alto: “ah, esse meu amigo Carlos”, e continua a leitura: “com esta, envio-lhe duas cópias da fotografia tirada a bordo do ‘Cassiporé’ no dia de sua partida” (Figura 22).

que estão à frente das recepções, das áreas de limpeza e acomodações; também fazem parte do quadro das transportadoras aéreas e estão nas salas de aula, em sua maioria. Assim, esse olhar como profissional e docente é percebido há mais de 10 anos em meu campo de trabalho. O trabalho de Alves e Moreira (2016) sobre o trabalho feminino no turismo se concentra nos espaços de acolhimento, cuidados etc.. Tal constatação é apresentada na história, como já apontada em Perrot (2005), em que autora expõe que, historicamente, o trabalho de mulher estava ligado aos cuidados. Assim, entender o processo histórico das mulheres e suas profissões também é necessário para ampliar a investigação no turismo.

⁶⁰² Carta que Carlos Estevão escreveu no dia 24 de setembro de 1930 para Heloísa A. Torres, a fonte faz parte do Acervo do MAST (BRASIL, 2021).

Figura 22 – Heloísa Alberto Torres e Carlos Estevão no navio Cassiporé



Fonte: Fotografia faz parte da publicação da Coleção Pagu, organizada por Corrêa e Mello (2008), e do acervo da CCHAT⁶⁰³.

Heloísa parece feliz, sobretudo, porque ela foi até o campo e cumpriu sua missão. Ali no Marajó, na Amazônia, ela carimbou seu “passaporte” para outras viagens na ciência brasileira. O campo, as atividades científicas, em si, permaneceriam mais fora de seu circuito de formação profissional, pois agora ela teria outros roteiros para seguir, dentre eles, de gerir o Museu Nacional de 1937 até 1955. Junto a isso, estar presente em comissões e na formação de instituições importantes como SPHAN, atual IPHAN, a FUNAI, a CFE e a CNPI. Ela viajou pela formação e pelo legado das ciências sociais no Brasil.

Era outubro de 1930, e a viagem de Torres chegava ao fim. Desembarco, vagorosamente, pela lateral do navio e demoro meu olhar nas águas da baía do Guajará, imaginando todas as mulheres cientistas e viajantes que produziram e que ainda poderiam produzir ciência nas florestas da Amazônia. Em seguida, admiro Heloísa sorridente a bordo do navio Duque de Caxias retornando ao Rio de Janeiro e levando consigo uma parte da Amazônia na bagagem. Apesar do vento forte, seus cabelos permanecem muito bem penteados, o vestido combinando com os sapatos e sua imponência, cheia de orgulho científico e de lutas que travou para estar ali. Assim, despeço-me de Heloísa, tendo-a visto em sua trajetória de estagiária do Dr. Roquette-Pinto no MNRJ, passando a consagrar-se como antropóloga realizando pesquisa no Marajó, na Amazônia, até ser a primeira mulher a gerir o Museu Nacional do Rio de Janeiro.

⁶⁰³ Essa foto foi adaptada para a tese de doutoramento, a autora fez uma adequação na imagem para inserir no texto. Informo aos leitores que ela tem um título abaixo: “Atrás da foto escrito “A bordo do Cassiporé, de partida para Chaves. Porto de Belém. 9.9.30. Dr. Carlos Estevão e eu.” (Acervo CCHAT). A imagem está na página 16 do livro da Coleção Pagu, Querida Heloísa (CORRÊA; MELLO, 2008).

6 CONCLUSÃO... E A VIAGEM CHEGA AO FIM?

“Os que não passaram noites no oceano,
docemente erguido pelas ondas,
iluminados por uma lua esplêndida
e acalentados pelos cantos dos marinheiros
não podem fazer ideia do que há de maior e mais poético no mundo”⁶⁰⁴.

A minha viagem aproxima-se do fim, enquanto isso olho para trás e percebo o quanto caminhei ao lado de duas mulheres que fizeram de suas vidas parte indissociável da formação da ciência no Brasil. O reflexo de suas ações e o conhecimento de suas histórias profissionais deram-me amparo teórico e científico para dividir com vocês, legentes, além da trajetória delas, testificar que fizeram parte da construção de uma classe científica no Brasil. Emília Snethlage e Heloísa Alberto Torres foram mulheres cientistas que ajudaram a concluir que a pesquisa científica em território nacional, sobretudo, na Amazônia, foi transformada por suas ativas participações por intermédio de táticas que garantiram a elas *status* e espaço nesse campo masculinizado do conhecimento científico em suas épocas.

O retorno de uma viagem é sempre saudoso e, na maioria das vezes, gratificante, pois as experiências vividas tornam qualquer ser humano diferente. Tal descrição transcreve o modo como me senti ao voltar de minha jornada ao lado de Emília e Heloísa. Vejo-me uma outra mulher, outra professora e pesquisadora, como escreveu Michelle Perrot, as mulheres fazem uma outra história. Compreendi que as lutas, as conquistas e as estratégias femininas dessas duas cientistas marcaram as suas gerações do começo do século XX, mas percebi também que elas imprimiram muitas marcas nas mulheres cientistas do século XXI.

Ao desfazer minhas malas, notei como elas foram um pouco vazias, e confesso a vocês que, ao retomar, precisei pagar “excesso de bagagem”, pois o que trouxe comigo nesses quatro anos dobrou de tamanho. E, verdadeiramente, paguei, com alguns sofrimentos em instantes específicos, o volume excedido. Não obstante, a bagagem de conteúdo teórico, prático e de vida valeram cada “centavo”. O viajante retorna de sua viagem com mais experiências subjetivas do que com vários *souvenirs*. O turista retorna com uma variedade de fotos e muitas lembrancinhas. Considero-me um pouco viajante e turista, visto que trouxe comigo muitas experiências e memórias afetivas, que posso dividir com vocês agora nessa conclusão.

Nesse instante oportuno, retomo minha escrita acadêmica para apresentar a vocês como

⁶⁰⁴ Trecho do diário de viagem da francesa Adèle Toussaint-Sanson (2003, p. 69), que esteve no Brasil no final do século XIX.

a tese ficou delineada a partir do que observei sobre as trajetórias de Emília Snethlage e Heloísa Alberto Torres. Trarei algumas conclusões que defino como minha bagagem histórica e divido com os legentes como lembranças que trazemos, continuamente, para nossos entes queridos. A lembrança aqui não significa que foi apenas na minha memória, na verdade, ficou e ficará marcado para sempre na caminhada acadêmica que ainda pretendo fazer como professora e pesquisadora. Depois apresento como o problema de pesquisa e os objetivos que expus na introdução do trabalho ficaram desenhados a partir do diálogo epistemológico e historiográfico da análise das fontes.

A perspectiva teórica acerca da tese foi um caminhar longo, mas fundamental para garantir minhas ideias acerca de como olhar a trajetória profissional dessas mulheres. Na introdução, evidenciei aos leitores como foi minha trajetória saindo do turismo para chegar à história. As teorias acerca da história das ciências, do gênero e do turismo ajudaram a pensar como as atividades profissionais dessas mulheres entrelaçaram-se com a história das mulheres no campo científico. As leituras realizadas sobre esse tema abriram possibilidades e recursos teóricos para afirmar que as mulheres na ciência sofreram apagamentos históricos por anos.

O papel feminino passou por diversos momentos de esquecimento e silêncios pela “história universal” em que “o Homem” representava o ser masculino, que era vista como universal. Amparada nas leituras e discussões da história vista por Michelle Perrot e Edward Thompson, captei o papel da classe feminina no campo historiográfico. No que concerne à relação entre gênero e ciência, Londa Schiebinger e Joan Scott cimentaram minhas ideias quanto às mulheres dentro dos laboratórios e no campo. Assim, enxerguei os papéis de Emília Snethlage e Heloísa Alberto Torres. Por mais que, na formação da história das ciências, acompanha-se um processo histórico predominantemente masculino, essas duas mulheres cientistas deixaram seus legados.

Com relação ao turismo, pude ampliar meu olhar, uma vez que as leituras dos trabalhos acadêmicos da minha área de formação atrelaram-se em determinados momentos por meio de vários delineamentos, que as viagens de campo de Emília e Heloísa puderam ser vistas como possíveis novos vieses epistemológicos para entender o fenômeno e a experiência turística. Ao trazer as leituras de Panosso Netto, Luis Trigo, Paulo de Assunção e Helena Doris Barbosa Quaresma, encontrei bases para dialogar com a história e o gênero, ao mesmo tempo em que se captou como as viagens podem também ser vistas a partir da perspectiva da ciência. Nesse caso, também enfatizo a teoria da história das ciências como muito próxima para abrir possibilidades no turismo.

Essas três principais categorias analíticas de estudos, escolhidas naquele momento por

mim, conseguiram atender às minhas expectativas na formação de uma leitura crítica em que pus em prática meu olhar sobre as fontes apresentadas. Encontrei, na documentação sobre Emília e Heloísa, elementos que agregaram a história das ciências, o gênero e o turismo. Em determinadas fases da tese, essas costuras entre as fontes e as leituras acumuladas deram-me sustentação para entender como cada uma dessas cientistas se apresentou em seus espaços institucionais e, sobretudo, individualmente. A teoria e o campo historiográfico mostram-se alinhados e atenderem ao problema e ao objetivo do trabalho a ser produzido. Foi importante compreender que a análise das fontes se aliou aos meus pensamentos.

No segundo ponto de minha trajetória, encontrei elementos que ligavam Emília e Heloísa à história das ciências no Brasil. Descobri fontes como um recorte de um documento oficial, que sugere que Snethlage e Torres estiveram juntas no Museu Nacional. Além de outros arquivos em que os nomes das duas estavam juntos. Desse modo, escrevi sobre as duas cientistas e deixei com que elas se apresentassem aos leitores em suas escritas de si. Essas fontes garantiram à minha trajetória um ponto novo sobre essas duas mulheres, posto que, até momento, nenhum estudo apontava a relação das duas, mesmo que elas não trabalhassem na mesma seção. Dessa maneira, acredito que, a partir dessas documentações, outras pesquisas podem surgir acerca da atuação de Emília e Heloísa no Museu Nacional.

Em outro item dessa segunda parte, deixei que Emília e Heloísa expusessem, brevemente, suas subjetividades, mesmo não sendo apresentadas cartas pessoais de ambas. Contudo, ver e até “ouvir” suas vozes, por meio de suas escritas entre seus amigos e amigas, foi relevante, especialmente, quando apresentei a amizade entre Emília Snethlage e Jacques Huber. Assim como a relação de pesquisadores entre Heloísa Alberto Torres, Charles Wagley e sua esposa Cecília. As cartas que utilizei deram um tom mais pessoal, mesmo sendo de um arquivo institucional como do Museu Goeldi, ou de uma coleção específica como a publicação da revista *Pagu*. Espero ter deixado aos leitores de meu roteiro um desejo e uma vontade genuína de conhecê-las. Do mesmo modo quando viajamos e postamos nossas fotos nas redes sociais e alguém diz: “quero conhecer esse lugar também!”.

É preciso expressar que essas cartas foram ocasiões raras em que consegui olhar mais de perto Emília e Heloísa. Sempre retratadas como muito sóbrias, essas cientistas tinham, certamente, suas intimidades, eram mulheres como eu, que iam a festas de casamentos, trocavam afetuosidade com seus pares, colegas de trabalhos e sofriam preconceitos por serem mulheres. As atuais leituras sobre o estudo do feminino, como base para mudanças sociais, culturais e políticas, foram imprescindíveis para que eu conseguisse notar que a trajetória profissional delas foi cheia de entraves, ainda assim que suas táticas e experiências garantiram

à Snethlage e à Torres espaço pouco antes conquistado por mulheres na ciência.

Depois dessa apresentação um pouco mais pessoal de Emília e Heloísa na segunda parte do trabalho, organizei minha viagem para estar ao lado delas em suas carreiras profissionais desde o começo de suas vidas na ciência, passando pelas conquistas e as agruras que ambas enfrentaram. Na parte III da tese, carimbei minha passagem da seguinte maneira: “as mulheres cientistas e eu em trajetórias, lutas e realizações”. Ponto no qual essas mulheres cientistas se mostraram, instante em que surgem como uma força no mundo masculino da ciência.

Emília tornando-se doutora em história natural e depois chegando ao Pará, Amazônia, com o propósito de trabalhar na instituição mais importante naquele momento. Em sua bagagem, ela trouxe muito mais do que os conhecimentos na ornitologia, Snethlage chegou ao Goeldi e ampliou os circuitos da ciência amazônica ao atravessar a floresta por mais de 28 dias.

Fez estudos importantes de aéreas como a geografia e a etnografia, foi a primeira mulher a ser contrata e a gerir o Museu Paraense Emílio Goeldi. Sofreu com injúrias e intrigas, as quais até o momento não foram confirmadas historicamente, em seguida, foi para o Museu Nacional em 1922, local em que sua trajetória findou em novembro de 1929 no estado de Rondônia.

A chegada de Emília coincide, em certo ponto, com a entrada de Heloísa Alberto Torres no Museu Nacional do Rio de Janeiro, em 1925, como a primeira professora a ser aprovada em um concurso público, como a primeira colocada em meio a quatro homens. A garota Heloísa tinha como visita constante, em sua casa, o Dr. Edgar Roquette-Pinto, diretor do MNRJ e grande amigo de seu pai, Alberto Torres.

O mundo intelectualizado e político era o futuro de H. A. Torres quando era estagiária de Roquette-Pinto até ser aprovada no concurso. Seu ritual de passagem aconteceu em 1930 ocasião em que ela, depois de uma longa pesquisa de gabinete, chegou aos campos marajoaras na região Norte. Heloísa voltaria para o Rio de Janeiro com um estudo importante sobre a arqueologia marajoara. De “senhorita”, ela passou a “Dona Heloísa”, a primeira mulher a dirigir o Museu Nacional.

Nesses dois capítulos, destaquei a vida dessas profissionais e, principalmente, evidenciei aos leitores da tese como cada uma construiu seu caminho na ciência. Como suas táticas nesses espaços institucionais sugeriram uma discussão sobre o gênero na ciência. Ao analisar as viagens de campo, integrei os estudos do turismo nessas experiências em suas áreas de atuação. Assim, cada capítulo sobre Emília e Heloísa foi esquadrihado nas linhas que seguiram, ao passo que confrontei suas vidas no campo profissional e a narrativa por meio das documentações. Ao final, o texto ganhou força e expressão a partir de suas atuações, lutas e ganhos profissionais.

Quanto aos meus objetivos, a partir da pesquisa teórica e de campo nas fontes, consegui alcançar todos. De modo que me revelaram caminhos, e a partir das problemáticas respondidas a seguir, à luz dos estudos da história das ciências, do gênero e do turismo, compreendi a participação feminina desempenhada por Emília Snethlage e Heloísa Alberto Torres. Quanto ao objetivo geral, analisei como a construção do conhecimento científico, realizado por Emília Snethlage e Heloísa Alberto Torres, nas expedições na Amazônia, desde a primeira etapa do século XX, impactou na formação do campo, o lugar da mulher na ciência e, ainda, antecipou o pensamento do turismo na região amazônica.

Constatei que seus trabalhos se situam na construção do conhecimento científico na Amazônia no começo de século XX. Ao adentrar suas trajetórias profissionais, nas táticas em seus universos de conhecimento, vi o florescer não de uma “ciência feita por mulheres”, posto que suas experiências em campo tiveram uma papel preponderante para marcar uma ciência feita também por mulheres na Amazônia, e que suas lutas e conquistas mereceram e merecem ser compartilhadas.

Outro objetivo foi descrever como Emília e Heloísa construíram suas carreiras científicas e moveram-se em um universo, majoritariamente, masculino, dando visibilidade às suas próprias narrativas. Emília e Heloísa desenharam, no ambiente público no qual estiveram, nesse caso no Museu Goeldi, em Belém do Pará, e no Museu Nacional, no Rio de Janeiro, suas carreiras científicas a formar uma “classe da ciência feminina”, vista a partir da teoria de Thompson, Perrot e Scott, deixando um legado na ciência feita no Brasil, em especial, na Amazônia. Suas participações nessas instituições foram cruciais para elas cimentarem suas pesquisas e o futuro das ciências naturais e humanas no Brasil.

Consegui identificar outras mulheres que se destacaram como cientistas no Brasil, mais especialmente a partir da Amazônia, dentre elas, busquei: Elizabeth Agassiz, Octavie Coudreau e Teresa da Baviera. Então, por meio das fontes, foi possível pontuar as trajetórias de mulheres ligadas à ciência no Brasil, ainda no século XIX, enfatizando pesquisas realizadas na Amazônia por Elizabeth Agassiz, Octavie Coudreau e Teresa da Baviera. Essas mulheres foram algumas que estiveram na Amazônia e deixaram suas marcas, assim como fizeram Snethlage e Torres.

O estudo de Instituições, como MPEG e MNRJ, levou-me a perceber que, mesmo nesse espaço masculinizado, as documentações fizeram entender como Emília e Heloísa construíram suas carreiras científicas nesses territórios, que, algumas vezes, para ambas, pareceu um pouco hostil pelas desventuras que tiveram de presenciar. No entanto, suas carreiras de cientistas não foram ofuscadas por esses tormentos. Contemplei essas duas mulheres ultrapassarem barreiras e seguirem em frente.

Na caminhada durante a minha viagem, utilizei o texto de Odila Dias sobre a hermenêutica da história do cotidiano para mergulhar e, assim, interpretar, por meio das escritas elaboradas por Emília e Heloísa, atitudes de autodeterminação, protagonismo e empoderamento, que refletiram em suas vidas de cientistas e deixaram um legado para as mulheres que fazem ciência hoje. O cotidiano experienciado por Snethlage e Torres forneceu pistas para compreender suas trajetórias de vida. Ao lado das fontes, a teoria também possibilitou reflexões profundas do ser mulher na ciência e como algumas dessas teorias ajudaram a perceber cada momento vivido por elas.

Quanto às suas obras, o objetivo alcançado constatou que a interpretação de algumas delas, por intermédio das escritas elaboradas por essas duas mulheres, atitudes de autodeterminação, protagonismo e empoderamento, que refletiram em suas vidas de cientistas, deixou um legado para as mulheres cientistas de hoje. No que concerne à Emília, a escrita de seus textos acerca de suas viagens forneceu elementos fundamentais para a concretização de sua carreira na ornitologia na Amazônia.

É considerável ressaltar que as suas pesquisas conseguiram se espalhar para diferentes vertentes científicas, entre elas, a zoologia, a etnografia, a botânica e até a geografia. Com relação à Heloísa, as pesquisas, inicialmente, de gabinete no Museu Nacional, e de campo no Marajó, marcaram sua transição de professora substituta para antropóloga.

Isso se refletiu em sua caminhada como gestora do MNRJ, passando por outras áreas como o campo indigenista na Amazônia, visto, inclusive, na relação entre ela, como diretora e o diretor no MPEG, Carlos Estevão, quando os dois estreitaram relação para a viagem aos sítios arqueológicos marajoara até a inicial discussão acerca da encampação do Museu Goeldi para nivelar-se como instituição Federal.

Como último objetivo específico, acredito ter conseguido propor uma possível aproximação teórica e epistemológica entre as viagens empreendidas por elas e o estudo do turismo, dado que, nesses estudos de campo científico, que revelei como *Grand Tour*, as grandes viagens de conhecimento, constatei, de fato, a compreensão que suas viagens de campo contemplaram a de uma “prática do turismo” em elementos como: tendo como foco principal o deslocamento em busca do conhecimento pelas viagens de campo, além de referendar elementos como os transportes, a hospedagem, a relação com a população local etc.

Dessa maneira, essa nova integração entre história e turismo pode ser pensada para futuras pesquisas. A proposta que deixo para novos estudos pode ser de a pensar uma nova perspectiva de compreender o turismo através das viagens de campo por Emília Snethlage e Heloísa Alberto Torres e para além de outras e outros cientistas.

Para fechar o meu *check-in*⁶⁰⁵ nessa viagem, apresento a escrita do problema de tese. Assim, ao iniciar minha viagem, indaguei: qual é a importância da atuação das mulheres na história das ciências no Brasil e como se deu a participação específica de Emília Snethlage e Heloísa Alberto Torres na construção das discussões sobre ciência, gênero e turismo na e sobre a Amazônia? Amparada pela bagagem teórica e historiográfica estudada e pela pesquisa das fontes, o estudo demonstrou que Emília e Heloísa ampliaram o olhar sobre suas áreas de atuação, seja na forma pessoal e profissional, a partir de suas pesquisas na ornitologia e antropologia, respectivamente. Suas vivências e táticas demonstraram que suas atuações marcaram o desenvolvimento do conhecimento científico, quer o foco na pesquisa de campo, no caso de Snethlage, e na gestão de uma grande instituição, no caso de Torres.

A partir dessa questão, ampliei a investigação. Para isso, averigui esse problema por meio de perguntas mais pontuais: a) houve outras trajetórias de mulheres cientistas no Brasil, em especial, na Amazônia, antes de Emília e Heloísa? A pesquisa realizada demonstrou que ser afirmativa a resposta. Nesse percurso, destaquei, brevemente, as vindas de Elizabeth Cary Agassiz, Octavie Renard-Coudreau e Teresa da Baviera. As duas primeiras mulheres não tinham uma formação científica, mas suas caminhadas pela Amazônia, acompanhadas de seus cônjuges, deixaram marcas importantes do feminino e sua relação com o conhecimento amazônico. Elizabeth ajudou a escrever a obra mais importante de seu marido, Louis Agassiz, que foi *Viagem ao Brasil (1865-1866)*, e a relação dela com as redes científicas, e a ciência proposta por eles, naquele momento, foi crucial para Elizabeth permanecer na história das ciências na Amazônia.

No caso de Octavie Coudreau, que também veio ao Brasil junto com seu esposo, Henry Coudreau, ela foi responsável por finalizar a missão deste quando faleceu em 1899. Em contrapartida, encontrei estudos que a posição de Octavie, na expedição, estava mais além do que realizar as notas de viagens.

Consegui detectar, na pesquisa, que Octavie e Henri tinham uma integração quanto às dinâmicas de pesquisa em campo. O casal foi apontado por alguns autores de “casal prático”, cuja relação mantinha integração no campo, quiçá, em razão disso, Octavie tomou a frente da expedição e finalizou o trabalho. O papel dela também foi significativo para visibilizar a participação feminina na pesquisa amazônica ainda no século XIX, abrindo espaço para que mulheres como Emília e Heloísa atuassem posteriormente.

Quanto à Teresa da Baviera, sua formação como naturalista concedeu a ela certo *status*

⁶⁰⁵ Termo inglês que significa “dar entrada”, bastante utilizado no turismo no setor hoteleiro, assim como o antônimo *check-out* “dar saída”.

para viajar para muitos países e continentes, entre eles, a América Latina, especialmente, aqui no Brasil, passando pela Amazônia. Emília destacou-se ao lado de Teresa, pois ambas foram as primeiras mulheres a coletarem e, de certa maneira, tornarem público seus trabalhos etnográficos. As coletas feitas por Teresa desencadearam outras pesquisas relacionadas às populações indígenas na região Amazônica, no Nordeste e no Sudeste. Snethlage foi a segunda mulher a realizar coleta de material etnográfico, mormente, na região do Xingu entre os Xipaya e Kuruiaia.

No rol das perguntas, também emergiu: b) qual foi a relevância da participação de Emília Snethlage e Heloísa Alberto Torres na produção de conhecimento e compartilhamento de saberes científicos na Amazônia e como construíram suas trajetórias profissionais/científicas nas instituições em que trabalharam? Partindo dessa questão, notei que tanto Emília quanto Heloísa tinham redes de contatos importantes desde suas primeiras entradas no mundo científico.

Emília foi orientada pelo Dr. Anton Reichenow ainda na Alemanha, depois de chegar ao Brasil, por Emílio Goeldi e Jacques Huber, companheiros de trabalho, além de suas redes de contatos de campo, como os indígenas, os donos de seringais e os caboclos amazônicos. Ao construir esse universo, mesmo masculino, Emília conseguiu notoriedade no campo científico, e seus trabalhos viajaram o mundo, abrindo esse compartilhamento de saberes e marcando seu espaço como cientista dentro e fora das instituições pelas quais passou: o Museu Goeldi e o Museu Nacional.

Heloísa Alberto Torres também começou sua caminhada junto ao masculino: de sua referência ligada ao pai, Alberto, depois a figura de Edgar Roquette-Pinto. No Museu Nacional, teve papel importante na formação de um grupo de antropólogos, como Eduardo Galvão e Charles Wagley. Essas redes de vida em comum social e científica foram marcadas em estudos de Miglievich-Ribeiro, contudo, pude perceber melhor por meio de novas fontes, nas quais ela, por exemplo, estava próxima aos primeiros movimentos de tornar o Museu Goeldi uma instituição federal, tendo como contato e trocas de informações com Carlos Estevão.

Assim, por intermédio de seus estudos acerca da cerâmica marajoara, que eram divulgados por ela para outros cientistas e instituições, ela abriu janelas através de sua atuação em cursos de curta duração na área da geografia no Rio de Janeiro. Portanto, Heloísa esteve à frente na antropologia, no ensino técnico e na gestão do MNRJ, rendendo a ela também um território reconhecido na ciência brasileira.

Nas duas últimas questões, verifiquei: qual a relevância dos trabalhos de Emília Snethlage e Heloísa Alberto Torres para a formação do conhecimento científico sobre a

Amazônia do começo do século XX e seus reflexos na atualidade? Aqui posso afirmar que as trajetórias delas ofereceram *status* e credibilidade científicas nas suas áreas de atuação ornitologia e antropologia, respectivamente.

Elas realizaram suas investigações na região amazônica, tendo como foco suas disciplinas de formação, mas acabaram se espraiando para outras áreas, como, no caso de Emília, que atuou no campo etnográfico e geográfico principalmente. Heloísa retomou a discussão da cerâmica no Marajó, depois de alguns, tendo sido realizada por outros cientistas homens, como Frederic Hartt e Ladislau Netto, ampliando, então, sua discussão e propondo um novo olhar sobre os desenhos marajoaras.

Os trabalhos de Emília e de Heloísa inspiraram novas gerações de mulheres e homens a seguirem a ornitologia e a antropologia. Emília fez descobertas na ornitologia brasileira, deixando “O Catálogo de Aves Amazônicas”, como exemplar, que serve de base para estudos atuais, mesmo depois de atualizações. A união da pesquisa de gabinete e depois de campo de Heloísa acerca da arqueologia marajoara, concretizada em sua publicação “Arte indígena da Amazônia”, também é vista como referência importante para quem se debruça sobre o tema da arqueologia amazônica.

A última pergunta contribuiu para encontrar minha área de formação. Em virtude disso, verifiquei: como foram as influências nas viagens científicas femininas para um possível estímulo ao turismo? Depois de analisar as viagens de Emília e Heloísa, afirmo com convicção aos leitores que enxerguei uma nova possibilidade epistemológica daqui para frente estudar o turismo, pois as viagens delas trouxeram elementos básicos do que hoje se conhece no turismo moderno: a hospedagem, a alimentação e o transporte. Evidentemente, não foram tão somente esses elementos, por isso abro a possibilidade de discutir com futuras pesquisas que as viagens dessas e desses cientistas, que, historicamente, estão na Amazônia desde o século XVI, trazem dados importantes sobre os deslocamentos humanos e suas experiências.

Em vista disso, contemplar Emília e Heloísa mergulhadas na floresta, tendo contato com outras culturas, sendo ajudada por diferentes “guias de viagem”, produzindo seus textos de pesquisa, que podem ser vistos como “roteiros turísticos” a guiá-las por entre as descobertas da ciência e apresentando suas narrativas e trocas de informações, e a forma como vivenciaram essas expedições mostraram-me um leque de probabilidades de começar a olhar a história das ciências, a literatura de viagem e o próprio gênero na ciência como elementos a quebrar a “fronteira”.

Embora esse mesmo olhar, no que tange ao fenômeno turístico, ainda esteja coberto por esse véu, trata-se de base econômica ainda pensada com certa hegemonia. Tive o cuidado de

deixar, nesta tese, as linhas “seguras” que mantêm as fundamentações teóricas do estudo do turismo. Fiz meus atravessamentos.

Para evidenciar como essas mulheres criaram suas estratégias e táticas, reforço, nesta conclusão, alguns elementos comuns à Emília e à Heloísa: não se casaram, e ao entrar na discussão sobre o gênero, isso pode ser uma estratégia delas. Elas também seguiram o caminho da ciência e dos estudos. Caminho que poucas mulheres de suas épocas enveredaram. Quanto à Snethlage, ficou marcado que ela sabia da posição de cientista no campo masculino. Emília era uma pesquisadora que publicava seus trabalhos com o nome abreviado. Ao abreviar o nome junto a outros pesquisadores, demonstra-me que sua marca “masculina” se tratava de uma estratégia também. De modo que essa tática de se “criar um personagem” contribuiu para que se impusesse nesse campo masculinizado da ciência do começo do século XX.

Quanto à Heloísa, sua participação, no concurso público, como uma forma de se apresentar formalmente ao campo científico é notável, visto que, mesmo estando no MNRJ desde 1918, ela era uma estagiária. Tanto que com seu ingresso, nesse espaço de significativa importância da ciência, em meio a outros quatro candidatos homens, Heloísa Alberto Torres abriu possibilidades para concretizar seus desejos.

Torres deixou pegadas para o futuro para mostrar o caminho e o modo como as mulheres poderiam também, mesmo em um universo masculinizado, criar, em seu cotidiano científico, táticas de sobrevivência que contribuiriam para a formação de outras personagens femininas da história das ciências. Por fim, a entrada de Heloísa, no Museu Nacional, espraiou espaços para mais mulheres exercerem cargos públicos no Brasil.

Agora, finalmente, fecho minha mala vazia, tendo ainda algumas coisas por arrumar, esse é, portanto, o desfecho de uma viagem. O que fiz nesse longo itinerário? Cheguei, abri as malas tirei delas todo os “presentes” e distribuí, assim como fiz, igualmente, com vocês, distribuindo minhas “lembrancinhas”. Instante em que olho para os objetos ainda a arrumar e sinto meu corpo entorpecido, cansado, enquanto os pensamentos estão carregados de experiências vividas e aprendidas ao longo desses quatro anos.

Alguns momentos foram, definitivamente, difíceis, sendo tomados por sentimentos de indecisão, de não saber para onde ir, carregando dores e algumas perdas. Mesmo assim, a maior parte dessa viagem esteve circundada pela alegria e pela satisfação, enquanto a alma viaja em pensamentos para o destino da próxima viagem. Vocês devem estar a se perguntar sobre a questão posta no título desta conclusão: a viagem chegou ao fim? Não. Uma viagem, absolutamente, nunca termina, na verdade, apenas o tempo e o futuro poderão dizer para onde, por onde e quando iremos. Por enquanto, fico por aqui.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ACADEMIA BRASIL-EUROPA. **Nomes da história intercultural em contextos euro-brasileiros** – Therese von Bayern (1850-1925) Teresa da Baviera. Disponível em: <http://www.akademie-brasil-europa.org/Materiais-abe-87.htm>. Acesso em: 15 ago. 2022.

AGASSIZ, Jean Louis R.; AGASSIZ, Elizabeth C. **Viagem ao Brasil: 1865-1866**. Brasília, DF: Senado Federal Conselho Editorial, 2000.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: Invenção do “falo”**. Uma História do Gênero masculino no Brasil (1920-1940). Coleção Entre gêneros. São Paulo: Intermeios, 2013.

ALCÂNTARA, Lúcio. Breve nota sobre a passagem de Teresa Princesa da Baviera pelo Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**, [S.l.], p. 1-22, 2014. Disponível em: https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/2014/04_BrevenotasobreapassagendeTeresaPrincesa.pdf. Acesso em: 5 mar. 2021.

ALCOTT, Louisa May. **Mulherzinhas**. Trad. Denise Bottmann e Federico Carotti. Porto Alegre: L&PM, 2019.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. Trad. Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ALVES, Kerley dos S. MOREIRA, Maria Ignez C. Trabalho em turismo e relações de gênero. *In*: ALVES, Kerley dos S. (Org.). **Turismo, trabalho e gênero** – uma abordagem interdisciplinar. Ouro Preto: UFOP/Departamento de Turismo, 2016.

ANDES. Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior. **Ministério da Educação teve o segundo maior corte do Orçamento 2022**. Brasília. Disponível em: <https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/ministerio-da-educacao-teve-o-segundo-maior-corte-no-orcamento-2022>. Acesso em: 13 maio 2022.

ARAÚJO, Lucas Monteiro de. **Representações Marajoaras em Relatos de Viajantes: natureza, etnicidade e modos de vida no século XIX**. 248 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

ARAÚJO, Lucas Monteiro de. **O que os viajantes levaram?: a cultura material Marajoara em Invenção nos Museus Brasileiros e Norte-Americanos**. 2021. 320 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.

ARNAULT, Renan; ALCANTARA E SILVA, Victor. 2016. Os ritos de passagem. *In*: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de

Antropologia. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/sites/ea.fflch.usp.br/files/inline-files/Os%20ritos%20de%20passagem.pdf>. Acesso em: 13 maio 2022.

ARNEGGER, Reinhard Michael Eugen, SANJAD, Nelson. **Zur Ethnographie Der Chipaya Und Curuhaé** (Tradução). Cad. Trad., Florianópolis, v. 41, n. esp. 1, p. 345-397, jan./jul. 2021.

ASSUNÇÃO, Paulo de. **História do Turismo no Brasil entre os séculos XVI e XX – viagens, espaço e cultura**. Barueri, SP: Manole, 2012.

AUAD, Daniela. **Feminismo – que história é essa?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ÁVILA, Bastos de. **No Pacoval do Carimbé**. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1933.

AVISTAR BRASIL. Semana Emilie Snethlage. 26 ago. 2021. 1 vídeo (109 min 7 seg). **Live**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=70C9TrJpKAI>. Acesso em: 26 ago. 2021. Participação de Nelson Sanjad e Marco Crozariol.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do Turismo**. 13. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História – Vol. 1, Princípios e conceitos fundamentais**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BATISTA, Ronaldo de O. Prefácio – Valores, condutas e ética em Weber. *In*: WEBER, Max. **A Ética protestante e o espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2013.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo – Fatos e mitos**. v. 1. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BLOCH, Marc. L. **Apologia da História** ou O ofício do historiador. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2001.

BOURGUET, Marie-Noëlle. O Explorador. *In*: VOVELLE, M. (Org.). **O Homem do Iluminismo**. Lisboa: Presença, 1997, p. 207-249.

BRASIL. Biblioteca Nacional e Museu Nacional do Rio de Janeiro. Exposições, Bendegó. Acesso em: 5 maio 2020. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/>.

BRASIL. Conselho Nacional De Saúde. **CNS vai homenagear Jaqueline Góes de Jesus, cientista que mapeou o genoma do coronavírus**. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1670-cns-vai-homenagear-jaqueline-goes-de-jesus-cientista-que-mapeou-o-genoma-do-coronavirus>. Acesso em: 28 nov. 2021.

BRASIL. IBGE. **Municípios brasileiros – Cidade de Chaves**. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 11 maio 2022.

BRASIL. ICMBio. **Parques Nacionais do Brasil**. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/portal/ultimas-noticias/20-geral/8951-5-picos-em-parques-nacionais-que-voce-tem-que-conhecer>. Acesso em: 14 nov. 2021.

BRASIL. ICMBio. **Quelônios**. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/portal/faunabrasileira/estado-de-conservacao/7426-repteis-podocnemis-unifilis-tracaja>. Acesso em: 28 out 2021.

BRASIL. Senado Federal. Promulgada a Emenda Constitucional do Teto de Gastos Públicos. **Senado Notícias**, 15 dez. 2016, Brasília. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/15/promulgada-emenda-constitucional-do-teto-de-gastos>. Acesso em: 13 maio 2022.

BURKE, Peter. A Terceira Geração. *In: A Escola dos Annales, 1929-1989: A Revolução Francesa da historiografia*. 2 ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *História da alimentação no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

CAMPOS VERAS, Humberto de. *Destinos... (Chronicas)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

CANCELA, Cristina Donza. Famílias de elite: transformação da riqueza e alianças matrimoniais. Belém 1870-1920. **Topoi**, Belém, v. 10, n. 18, p. 24-38, jan./jun. 2009.

CARVALHO, Bernardo. **Nove Noites**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CARVALHO, Wilton P. de. O Meteorito Bendegó: história, mineralogia e classificação química. **Revista Brasileira de Geociências**, [S.I.], n. 41 v. 1, p. 141-156, mar. 2011.

CASA de Cultura Heloísa Alberto Torres. Disponível em: <http://casadeculturaheloisaaalbertotorres.blogspot.com>. Acesso em: 20 jan. 2022.

CASTRO, Celso; GUIMARÃES, Valéria L.; MAGALHÃES, Aline M. (Orgs.). *História do Turismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2013.

CHAVES. **Histórico da cidade de Chaves**. Disponível em: www.chaves.pa.gov.br. Acesso em: 11 maio 2022.

CONDÉ, Mauro Lúcio Leitão. **Um papel para a história: o problema da historicidade da ciência**. Curitiba: Ed. UFPR, 2017.

CONFEITARIA COLOMBO. **História da Confeitaria Colombo no Rio de Janeiro**. 2 jan. 2014. Facebook: Confeitaria Colombo @ConfeitariaColombo. Disponível em: <https://www.facebook.com/ConfeitariaColombo/photos/desde-que-a-colombo-foi-inaugurada-em-1894-o-rio-de-janeiro-mudou-o-brasil-se-tr/475676432543909/>. Acesso em: 18 mar. 2022.

CORDEIRO, Janaina M. Mães do ano: a Camde e a imagem da mulher nos primeiros anos da ditadura civil-militar. *In: FREIRE, Américo; MARTINHO, Francisco C. P.; VANNUCCHI,*

Marco A. (Orgs.). **O que há de novo sobre o Estado Novo?** Autoritarismos e democracia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. p. 177-197.

CORRÊA, Mariza; MELLO, Januária (Orgs.). *Querida Heloísa/ Dear Heloísa – cartas de campo para Heloísa Alberto Torres*. Núcleo de Estudos de Gênero – Cadernos Pagu. São Paulo: Unicamp, 2008.

CORRÊA, Mariza. **Dona Heloísa e a pesquisa de campo**. *Antropólogas & Antropologia*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

CORRÊA, Mariza. A doutora Emília e a tradição naturalista. **Horizontes Antropológicos**, [S.I.], v. 1, n. 1, p. 37-46, 1995.

CRUZ, Silvia H. R. Turismo: a percepção dos residentes da Vila do Pesqueiro, município de Soure, Ilha do Marajó/PA. *In: FIGUEIREDO, Silvio L. O ecoturismo e a questão ambiental na Amazônia*. Belém: NAEA/UFPA, 1999.

CUNHA, Osvaldo Rodrigues da. Maria Elizabeth Emília Snethlage. *In: CUNHA, O. R. Talento e Atitude: estudos biográficos do Museu Emílio Goeldi*, 1, Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1989. p. 83-102.

CUNHA, Osvaldo Rodrigues da. Maria Emília Snethlage (1868-1929) – a primeira mulher cientista na Amazônia. **Jornal O Liberal**, Caderno Atualidades. Belém, 15 nov. 1985.

CUNHA, Osvaldo Rodrigues da. Jacques Huber (1867-1914). **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v. 4, n. 3, p. 489-502, set./dez. 2009.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. *In: PRIORI, Mary Del (Org.). História das Mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 224-442.

DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque amazônica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2018.

DAVIS, Natalie Zamon. **Nas margens: três mulheres do século XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DIAS, Maria Odila L. da S. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DIAS, Maria Odila. Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea. **Proj. História**, São Paulo, v. 17, p. 223-258, nov. 1998.

DOMINGUES, Maria Heloisa Bertol. Heloisa Alberto Torres e o inquérito nacional sobre ciências naturais e antropológicas, 1946. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v. 5, n. 3, p. 625-643, 2010.

DOMÍNGUEZ, Nuño. A mãe da vacina contra a covid-19: “No segundo semestre, poderemos provavelmente voltar à vida normal”. **El País**, 27 dez. 2020. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/ciencia/2020-12-27/a-mae-da-vacina-contr-a-covid-19-no-segundo-semester-poderemos-provavelmente-voltar-a-vida-normal.html>. Acesso em: 28 nov. 2021.

DRITSAS, Lawrence. From Lake Nyassa to Philadelphia: a geography of the Zambesi Expedition, 1858-64. **The British Journal for the History of Science**, Cambridge, v. 38, n. 1, p. 35-52, 2005.

EMBRAPA. **A seringueira Hevea Brasiliensis**. Disponível em: <https://www.embrapa.br/agrossilvipastoril/sitio-tecnologico/trilha-ecologica/especies/seringueira>. Acesso em: 1 abr. 2022.

ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. In: PRIORI, Mary Del. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 13. ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 322-361.

EWBANK, Cecilia de Oliveira. Antropólogos, curadores de museus e museografia durante a gestão de Heloísa Alberto Torres no Museu Nacional (1938-1955). **Revista MUSAS**, [S.I.], n. 8, p. 8-22, 2018.

EWBANK, Cecilia de O. **A parte que lhe cabe deste Patrimônio**: o projeto indigenista de Heloísa Alberto Torres para o Museu Nacional (1938-1955). 296 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

FALCÃO, Luís A. C. **Termos técnicos do meio turístico** – conceitos, definição, siglas e tipologias. São Borjas, 2016. Disponível em: <https://futuroturismologo.blogspot.com>. Acesso em: 10 ago. 2020.

FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.

FERRETTI, Federico. Imperial ambivalences. Histories of lady travellers and the French explorer Octavie Renard-Coudreau (1867-1938). **Geografiska Annaler: Series B, Human Geography**, v. 99, n. 3, p. 238-255, 2017.

FERNANDES, Evelyn B. **Morte ao patriarcado**: fraternidade, irmandade, sororidade. *Cadernos Pagu* v. 63, p. 1-10, 2021.

FIGUEIREDO, Silvio J. L. **Viagens & Viajantes**. São Paulo: Annablume, 2010.

FIOCRUZ. **Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)**. Álvaro Osório de Almeida. Casa de Oswaldo Cruz. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>. Acesso em: 15 ago. 2020.

FLORESTA, Nísia. **Opúsculo Humanitário**. Com estudo introdutório e notas de Peggy Sharpe – Valadares. São Paulo: Cortez, [1853], 1989.

FRADE, Everaldo P. **Heloísa Alberto Torres e a fiscalização das expedições científicas no Brasil**: uma intelectual na defesa do patrimônio científico brasileiro (1934-1937). *Anais Eletrônicos do 17. SNHCT*. Rio de Janeiro, 2020.

FRANÇA, Jean Marcel C. (Org.). **Mulheres viajantes no Brasil (1764-1820)** – textos de

Jemima Kindersley, Elizabeth Macquarie e Rose Freycinet. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

FREIRE, Américo; MARTINHO, Francisco C. P.; VANNUCCHI, Marco A. (Orgs.). **O que há de novo sobre o Estado Novo?** Autoritarismos e democracia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

FREIRE, Américo; PENNA, Lincoln. A Primeira República. *In*: BIBLIOTECA NACIONAL. **500 Anos de Brasil na Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2000, p. 68-70.

GABLE, Louise. **Conselho Superior de Ensino**. Mapa da Administração Pública Brasileira. Disponível em: <http://mapa.arquivonacional.gov.br/index.php/component/content/article?id=703#:~:text=Ess e%20ato%20reformulou%20os%20ensinos,pelo%20Conselho%20Nacional%20do%20Ensino.&text=BRASIL,.5%20de%20abril%20de%201911>. Acesso em: 14 abr. 2022.

GERALDINO, Samuel M. G. **Os relatos de viagem entre a ‘norma e o gosto’ os viajantes franceses e a alimentação no Brasil no século XIX**. 177 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

GILLUNG, Jessica P. Biogeografia: a história da vida na Terra. **Revista da Biologia**, [S.I.], v. Esp. Biogeografia, p. 1-5, 2011.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais** – morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG. **O fio e os rastros** – verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG. **O queijo e os vermes** – o cotidiano e as ideias de moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOMES, Denise Maria C. **História da arqueologia amazônica no Museu Nacional**: diferentes narrativas. Ed. Especial Museu Nacional (volume 2), v. 33, n. 1, p. 4-27, 2020.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2020.

GONÇALVES, Assis da S.; MAIO, Marcos C.; SANTOS, Ricardo V. Entre o laboratório de antropometria e a escola: a antropologia física de José Bastos de Ávila nas décadas de 1920 e 1930. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v. 7, n. 3, p. 671-686, set./dez. 2012.

GONÇALVES, Assis da Silva. José Bastos de Ávila e as pesquisas em Antropologia Física no Museu Nacional (1928-1938). 125 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2011.

GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil** – e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Apicuru, 2016.

HALL, Stuart. **Da Diáspora** – identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, v. 5, p. 7-41, 1995.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Revista Feminista**, [S.I.], n.1, p. 7-31, 1993.

HOBBSAWN, Eric. **A Era dos Impérios 1875-1914**. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

HOBBSAWN, Eric. **A Era dos Extremos** – breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, [1995] 2017.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Visão do paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000.

POVOS INDÍGENAS DO BRASIL. **Nomenclaturas dos povos indígenas**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/>. Acesso em: 10 ago. 2022.

JANOTTI, Maria de Lourdes. O livro ‘Fontes históricas’ como fonte. *In*: PINSKY, Carla B. (Org.). **Fontes Históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 1-15.

JUNGHANS, Miriam. Abrindo as gavetas: Emília Snethlage (1868-1929) e as coleções ornitológicas do Museu Goeldi e do Museu Nacional do Rio de Janeiro em 1922. *In*: LOPES, M. M.; HEIZER, A. (Orgs.). **Colecionismos, práticas de campo e representações**. Campina Grande: EdUEPB, 2011. p. 61-73.

JUNGHANS, Miriam. Among Birds and Net(Work)S: Material and Social Practices in the Trajectory of Ornithologist Emilie Snethlage (1868–1929). **HoST** History of Science and Technology, [S.I.], v. 10, p. 71-101, 2016.

JUNGHANS, Miriam. Avis Rara: A Trajetória Científica da Naturalista Alemã Emília Snethlage (1868-1929) no Brasil. 150 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, Rio de Janeiro, 2009.

JUNGHANS. Emília Snethlage (1868-1929): o heroísmo como estratégia de legitimação da ciência. *In*: Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero, 8., 2010, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UTFPR, 2010. Disponível em: http://files.dirppg.ct.utfpr.edu.br/ppgte/eventos/cictg/conteudo_cd/E2_Em%20C3%ADlia_Snethlage.pdf. Acesso em: 25 jan. 2017.

JUNGHANS. Emília Snethlage (1868-1929): uma naturalista alemã na Amazônia. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v. 5, p. 243-255, 2008.

KITCHEN, Martin. **História da Alemanha moderna** – de 1800 aos dias atuais. São Paulo: Cultrix, 2013.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2001.

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

KURY, Lorelai B. A sereia Amazônica dos Agassiz: zoologia e racismo na Viagem ao Brasil. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 21, n. 41, p. 157-172, 2001.

LACERDA, Franciane G. **Migrantes cearenses no Pará**: faces da sobrevivência (1889-1916). Belém: Ed. Açai/PPHIST/CMA/UFGA, 2010.

LAFUENTE, Antonio; LÓPEZ-OCÓN, Leoncio. Tradiciones científicas y expediciones ilustradas en la América hispana del siglo XVIII. In: SALDAÑA, J. J. (Coord.). **Historia social de las ciencias en América Latina**. Cidade do México: UNAM/Miguel Ángel Porrúa, 1996. p. 247-281.

LATOUR, Bruno. **Ciência em Ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade a fora. São Paulo: UNESP, 2000.

LEAL, Davi A. Mundos do Trabalho nos seringais do Rio Madeira (1870-1920). In: FERREIRA, Arcangelo da S.; MACIEL, Elisângela. (Orgs.). **História, Cultura, Trabalho e Instituições na Amazônia**. Manaus: Valer, 2021. p. 467-489.

LEITE, Miriam L. Moreira. Viajantes naturalistas – caracterização. In: **Livros de Viagem (1803-1900)**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. p. 161-198.

LEITE, Miriam L. Moreira. **A condição feminina no Rio de Janeiro século XIX**: antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo: Hucitec, 1984.

LEITE, Miriam L. Moreira. Mulheres viajantes no século XIX. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 15, p. 129-143, 2000.

LEITE, Miriam L. Moreira. **Livro de Viagem (1803-1900)**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

LEVI, Giovanni. Sobre a Micro-história. In: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 133-161.

LIMA, A. Saboia. **Alberto Torres e sua obra**. São Paulo; Brasileira: Companhia Editora Nacional, 1935.

LIMA, Cristina P. *et al.* Efeito alelopático e toxicidade frente à *Artemia salina* Leach dos extratos do fruto de *Euterpe edulis* Martius. **Acta Bot. Bras.**, [S.I.], v. 25 n. 2, p. 1-10, 2011.

LIMA, Zeneida. **O mundo místico dos Caruanas e a revolta de sua ave**. Belém: CEJUP, 1992.

LINHARES, Anna M. A. **Um grego agora nu: índios marajoara e identidade nacional brasileira**. Curitiba: CRV, 2017.

LISBOA, Karen M. **Mundo novo, mesmo Mundo** – viajantes de língua alemã no Brasil (1893-1942). São Paulo: Hucitec; FAPESP, 2011.

LOHMANN, Guilherme; PANOSSO NETTO, Alexandre. **Teoria do Turismo** – Conceitos, Modelos e Sistemas. São Paulo: Alpeh, 2008.

LOPES, Maria Margaret. “Aventureiras” nas ciências: refletindo sobre gênero e história das ciências naturais no Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 10, p. 345-368, 1998.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. 2. ed. São Paulo: Hucitec; Editora UnB, 2009.

MALUF, Marina. **Ruídos da Memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.

MARIANO, Silvana A. O sujeito do feminino e o pós-estruturalismo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 13, v. 3, p. 483-505, set./dez. 2005.

MARTINS, Paulo H.; GUERRA, Juliana de F. P. Durkheim, Mauss e a atualidade da escola sociológica francesa. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 15, n. 34, p. 186-218, set./dez. 2013.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/soc/a/T6HpzRfRmBc93tzkjsxhYNz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 mar. 2021.

MAST. **Helmut Sick**. Disponível em:

http://site.mast.br/hotsite_acervo_arquivistico/helmut_sick.html. Acesso em: 16 ago. 2022.

McCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

MEGGERS, Betty J.; EVANS, Clifford. Uma interpretação das culturas da Ilha de Marajó. **Revista do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará**, Belém, n. 7, 1954.

MELO, Hildete P. de. O processo de construção dos direitos das mulheres no pacto getulista: da Constituição Federal de 1934 ao golpe do Estado Novo. *In*: FREIRE, Américo; MARTINHO, Francisco C. P.; VANNUCCHI, Marco A. (Orgs.). **O que há de novo sobre o Estado Novo? Autoritarismos e democracia**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019, p.155-176.

MERE, Gleice; SNETHLAGE, Rotger; SNETHLAGE, Alhard M. **A expedição do Guaporé (1933-1935): cadernos de campo, publicações e acervo de E. Heinrich Snethlage**. v. I e II. Belém: MPEG, 2021.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adélia. A virada pós-colonial: experiências, trauma e sensibilidades transfronteiriças. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 123, p. 77-96, dez. 2020.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adélia. **Heloisa Alberto Torres e Marina de Vasconcelos** –

pioneiras na formação das ciências sociais no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2015.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adélia. Uma mulher intelectual em tempos pioneiros: Heloísa Alberto Torres, nação e a formação das ciências sociais brasileiras. **Boletim Onteaiken**, [S.I.], n. 10, nov. p. 79-92, 2010.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adélia. Revisitando o Museu Nacional e a História da Antropologia no Brasil pelas mãos de Heloísa Alberto Torres. **Rev. Política & Sociedade**, [S.I.], v. 18, n. 41, p. 27-59, 2019.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais / Projetos locais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

MODY, Cyrus C. M. The Professional Scientist. *In*: LIGHTMAN, Bernard (ed.). **A Companion to the History of Science**. [S.I.]: John Wiley & Sons Incorporated, 2016. p. 164-177.

MOESCH, Marutschka M. **A produção do saber turístico**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MORUS, Iwan Rhys. Invisible Technicians, Instrument-makers and Artisans. *In*: LIGHTMAN, Bernard (ed.). **A Companion to the History of Science**. John Wiley & Sons Incorporated, 2016, p. 97-110.

MORAIS, Raimundo de. **Os Igarauínas**. São Paulo: Roswitha Kempf Editores, 1985 [1938].

MOREIRA, Ildeu de Castro; MASSARANI, Luisa; ARANHA, Jayme. Roquette-Pinto e a divulgação científica. *In*: LIMA, Nísia Trindade; SÁ, Dominichi Miranda (Orgs.). **Antropologia Brasileira – Ciência e educação na obra de Edgar Roquette-Pinto**. Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Editora UFMG; Editora Fiocruz, 2008.

NASCIMENTO, Luis F. do; FERREIRA, Salette L.; COUTINHO, Rhanica E. T. Levantamento Histórico da Trajetória do Concurso Miss Brasil, 2017. **Anais... XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Volta Redonda, RJ, 22 a 24 de junho de 2017**.

NAXARA, Marcia R. Capelari. **Cientificismo e Sensibilidade romântica** – em busca de um sentido explicativo para o Brasil do século XIX. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

NECHAR, Marcelino Castillo; PANOSSO NETTO, Alexandre. Implicaciones Epistemológicas en la Investigación Turística. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, [S.I.], v. 20, p. 384-403, 2011.

OLINTO, Gilda. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Inc. Soc.**, Brasília, DF, v. 5 n. 1, p. 68-77, jul./dez. 2011.

OLIVEIRA, Lucia L. O que há de novo sobre o Estado Novo? *In*: FREIRE, Américo; MARTINHO, Francisco C. P.; VANNUCCHI, Marco A. (Orgs.). **O que há de novo sobre o Estado Novo? Autoritarismos e democracia**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. p. 11-24.

ONFRAY, Michel. Teoria da Viagem – poética da geografia. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Doença por Coronavírus (Covid-19). Disponível em: https://www.who.int/health-topics/coronavirus#tab=tab_1. Acesso em: 28 nov. 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. Histórico da pandemia de Covid-19. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 28 nov. 2021.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Clássicos em turismo** – Walter Hunziker e Kurt Krapf. Disponível em: <http://www.panosso.pro.br/2010/02/classicos-em-turismo-walter-hunziker-e.html>. Acesso em: 27 jan. 2022.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Filosofia do Turismo** – Teoria e epistemologia. São Paulo: Aleph, 2005.

PANOSSO NETTO, Alexandre; NECHAR, Marcellino C. Epistemologia do Turismo: escolas teóricas e propostas críticas. **Revista Brasileira em Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 120-144, jan./mar. 2014.

PEDRO, Joana. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na categoria histórica. **História**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.

PEREIRA, Maria Eliza M.; GIOAI, Silvia C. Do feudalismo ao capitalismo: uma longa transição. In: ANDERY, Maria Amália Pie A. **Para compreender a Ciência: uma perspectiva histórica**. 10. ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; São Paulo: EDUSC, 2001. p.163-191.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História** – operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PINTO, Celina R. Jardim. Feminismo, História e Poder. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/GW9TMRsYgQNzxNjZNcSBf5r/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 9 mar. 2022.

PIRES, Mário J. **Raízes do Turismo no Brasil**. São Paulo: Manole, 2001.

PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio, imaginário e modernização**. Belo Horizonte: Editora do UFMG, 2012.

PRIORI, Mary Del (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

PUTNAM, Robert D. **Comunidade e democracia**: a experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

QUARESMA, Helena Doris de A. Barbosa. **O desencanto da princesa** – pescadores tradicionais e turismo na área de proteção ambiental de Algodual/Maiandeuá-PA. Belém: NAEA, 2003.

QUARESMA, Helena Doris de A. Barbosa. Turismo na Terra de Makunaima: sustentabilidade em parques naturais da Amazônia? 421 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Tropicó Umido) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

RAGO, Margareth. **As marcas da Pantera**: percursos de uma historiadora. São Paulo: Intermeios, 2020.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se** – feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.

RAJ, Kapil. “Thinking Without the Scientific Revolution: Global Interactions and the Construction of Knowledge”, **Journal of Early Modern History**, v. 21, p. 445-458, 2017.

ROHR, Cilene Trindade, BRANCO, Rosanne Castelo. Die Indianerstämme Am Mittleren Xingu: Im Besonderen Die Chipaya Und Curuaya (Tradução). **Cad. Trad.**, Florianópolis, v. 41, n. esp. 1, p. 402-482, jan./jul. 2021.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes** – mito e realidade. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SANJAD, Nelson R. **A Coruja de Minerva** – O Museu Paraense entre o Império e a República (1866-1907). Brasília, DF: Instituto Brasileiro de Museus; Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz: 2010.

SANJAD, Nelson. Bela Adormecida entre a vigília e o sono: uma leitura da historiografia do Museu Paraense Emílio Goeldi, 1894-2000. In: FAULHABER, P.; TOLEDO, P. M. (Orgs.). **Conhecimento e Fronteira**: História da Ciência na Amazônia. Belém: MPEG; Brasília: Paralelo 15, p. 113-145, 2001.

SANJAD, Nelson. Nimuendajú, a Senhorinha Doutora e os ‘etnógrafos berlinenses’: rede de conhecimento e espaços de circulação na configuração da etnologia alemã na Amazônia no início do Século XX. **Asclepio Revista de História de la Medicina y de la Ciencia**, [S.I.], v. 71, n. 2, p. 273-301, 2019.

SANJAD, Nelson; SNETHLAGE, Rotger Michael; JUNGHANS, Miriam; OREN, David Conway. Emília Snethlage (1868-1929): um inédito relato de viagem ao rio Tocantins e o obituário de Emil-Heinrich Snethlage. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. **Ciências Humanas**, Belém, v. 8, n. 1, p. 195-221, jan./abr. 2013.

SANTOS FILHO, João dos. **Ontologia do Turismo**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2005.

SANTOS, Natascha Penna dos. **A Farinha de Bragança (PA):** Memorial Individual e a Construção da Identidade Patrimonial na Região Bragantina. 108 f. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Bragança, 2016.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912).** 3. ed. Belém: Paka-Tatu, 2010.

SARRAF-PACHECO, Agenor. **À margem dos “Marajós”** – cotidiano, memórias e imagens da “Cidade-Floresta” – Melgaço-PA. Belém: Editora Paka-Tatu, 2006.

SARRAF-PACHECO, Agenor; CORRADI, Ana Laura; BALIEIRO, Maria Nacey. A cidade-floresta na pintura da memória: teias visuais e orais em Maria Nacey Balieiro. **Revista Moara**, v. 43, jan./jun. p. 62-81, 2015.

SCHAAN, Denise P. Uma janela para a história pré-colonial da Amazônia: olhando além – e apesar – das fases e tradições. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. **Ciências Humanas**, Belém, v. 2, n. 1, p. 77-89, jan-abr. 2007.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru, SP: EDUSC, 2001.

SCOTT, Joan. A invisibilidade da experiência. **Proj. História**, São Paulo, n. 16, p. 297-325, fev. 1998.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez, 1995.

SCOTT, Joan. O enigma da igualdade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2005.

SILVA, Jeronimo da Silva. “No ar, na água e na terra”: uma cartografia das identidades nas encantarias da Amazonia Bragantina. 2011. 212 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, Universidade da Amazônia, Belém, 2011.

SILVA, Jeronimo da Silva; PACHECO-SARRAF, Agenor. Diásporas de Encantados na Amazônia Bragantina. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 43, p. 129-156, jan./jun. 2015.

SILVA, Juliana M. S. Maternidade e Interseccionalidade nas ciências: conciliando maternidade e carreira científica. In: VASCONCELOS, Eduardo H. B. de (Org.). **História das Ciências: saberes e práticas em análise.** São Paulo: Intermeios, 2019. p. 13-30.

SILVA, Marília N. da. Entre o pão e a farinha: viagens através da cultura europeia e da mesa brasileira no século XIX. 142 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres e História de Gênero – Um Depoimento. **Cadernos Pagu**, n. 11, p.77-87, 1998.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana M. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e

das relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*. v. 27, n. 54. São Paulo, p. 281-300, 2007.

SOMBRIO, Mariana M. de O. **Em busca pelo campo**: ciências, coleções, gênero e outras histórias sobre mulheres viajantes no Brasil em meados do século XX. Campinas, 221 p. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

SOMBRIO, Mariana M. de O. **Traços da Participação Feminina na Institucionalização de Práticas Científicas no Brasil**: Bertha Lutz e o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil, 1939-1951. Campinas, 189 p. Dissertação (Mestrado em Política Científica e Tecnológica) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

SOUSA, Lia G. P. de. **Educação e Profissionalização de Mulheres**: Trajetória Científica e Feminista de Bertha Lutz No Museu Nacional do Rio de Janeiro (1919-1937). 175 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação da Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2009.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

SPIX, F. Johann Baptist Von. **Viagem pelo Brasil (1817-1820)** – Spix e Martius. Trad. Lúcia Furquim Lahmeyer, Brasília, DF: Senado Federal, Conselho Editorial, 2017.

TAVARES JÚNIOR, Raimundo W. **Um viveiro de mestres**: a Escola Normal e a cidade de Belém do Pará em tempos de modernização (1890-1920). 2012. 250 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

TEIXEIRA, José F. O Arquipélago de Marajó *In*: X Congresso Brasileiro de Geografia, Vol. III, 1953. **Anais...** Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1953.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da Teoria ou um planetário de erros** – uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

THOMPSON, Edward P. **A formação da Classe Operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Edward P. Folclore, antropologia e história social. *In*: **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012. p. 227-263.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum** – estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TILLY, Louise A. Gênero, História das Mulheres e História social. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 3, p. 29-62, 1994.

TOUSSAINT-SAMSON, Adèle. **Uma parisiense no Brasil**. Trad. Maria Lúcia Machado.

Rio de Janeiro: Capivara, 2003 [1883].

TRIGO, Luiz G. Godoi. **A Viagem** – caminho e experiência. São Paulo: Aleph, 2013.

TRINDADE, Lais dos S. P. (Org.). **Prática e estratégias femininas**: história de mulheres na ciência da matéria. São Paulo: Livraria da Física, 2016.

URRY, John. **O Olhar do turista** – lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel; SESC, 1996.

VIERTLER, Renate B. **Os fundamentos da teoria antropológica alemã** – etnologia e antropologia em países de língua alemã (1700-1950). São Paulo: AnnaBlume, 2017.

WEBER, Max. **A Ética protestante e o espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2013. p. 7-13.

WIKIPEDIA. Miss Brasil. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Miss_Brasil. Acesso em: 23 mar. 2022.

FONTES: CARTAS, JORNAIS, TRADUÇÕES, OUTROS DOCUMENTOS

AIRES, Jamyle. **Tradução do texto Nature and Man in Eastern Pará**, de Emília Snethlage [1917] 2021.

ÁVILA, Bastos de. **No Pacoval do Carimbé**. Rio de Janeiro: Calvinho Filho, 1933.

BOLETIM DO MUSEU GOELDI – Museu Paraense de História Natural e Ethnographia. Relatório referente aos anos 1903 e 1904. Tomo V. fascículos 1 e 2, Belém: Museu Paraense, 1907/1908.

BOLETIM DO MUSEU GOELDI – Museu Paraense de História Natural e Ethnographia. Relatório referente aos anos 1907 e 1908. Tomo VI. Belém: Museu Paraense, 1909.

BOLETIM DO MUSEU GOELDI – Museu Paraense de História Natural e Ethnographia. Relatório referente aos anos 1909 e 1910. Tomo VII. Belém: Museu Paraense, 1913.

BRASIL. Biblioteca Nacional Digital. Acervo da Hemeroteca. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional. Acesso em: fev. 2018 a dez. 2020. Disponível: <https://bndigital.bn.gov.br/> – 2018, 2019, 2020, 2021, 2022.

BRASIL. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Seção Memória/ Brasiliana. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/>. Acesso em: 29 nov. 2019.

BRASIL. Museu Nacional do Rio de Janeiro. SEMEAR. Acervo do MNRJ. Memória e Arquivo Histórico SEMEAR. Coleção Heloísa Alberto Torres, Seção. Rio de Janeiro, 2018.

BRASIL. Sistema de Informações do Arquivo Nacional. Fundo da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino – Arq. BR. RIOJAN, Q0, ADM.COR.A964.3. Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/resultado_pesquisa_new.asp?v_pesquisa=emilia%20snethlage&v_fundo_colecao=. Acesso em: 29 out. 2019.

BRASIL. Museu de Astronomia e Ciências Afins. Acervo da Coleção Heloísa Alberto Torres. Pesquisa de Campo realizada via solicitação de material digital por *e-mail*. Rio de Janeiro, 2021.

BRASIL. Museu Paraense Emílio Goeldi. Fundo Carlos Estevão. Belém: MPEG/MinCT, 2022.

BRASIL. Museu Paraense Emílio Goeldi. Arquivo Guilherme de La Penha, Fundo Emília Snethlage, Belém, 2020.

HUBER, Jacques. Novas contribuições para o conhecimento do gênero Hevea. *In*: Boletim do Museu Goeldi – Museu Paraense de História Natural e Ethnographia. Relatório referente aos anos 1909 e 1910. Tomo VII. Belém: Museu Paraense, 1913. p. 199-281.

HOFFMANN, Maria Barroso. Coleção Heloísa Alberto Torres. MAST/UFRJ. Disponível em: http://www.museunacional.ufrj.br/semear/docs/Livros/livro_SILVA-E-PAIVA-E-HOFFMANN.pdf. Acesso em: 13 jul. 2017.

JUNGHANS, Miriam. Pesquisa de Campo. Conversas sobre Emília Snethlage. Belém, 2021.

LEONARDOS, Othon Henry. Othon Leonardos (depoimento, 1976). Rio de Janeiro, CPDOC, 2010. 107 p.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adélia. Conversa sobre a vida de Heloísa Alberto Torres. Entrevista por *e-mail*. Ananindeua-PA, 2020.

MORAIS, Raimundo de. **Os Igarauínas**. São Paulo: Roswitha Kempf Editores, [1938] 1985.

SNETHLAGE, Emil-H. Dr. Emilie Snethlage zum Gedächtnis. *Journal für Ornithologie*, v. 78, n. 1, p. 123-134, 1930.

SNETHLAGE, Emília. Die Flüsse Iriri und Curua im Gebiete des Xingu. *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*, Berlin, 1925. p. 328-354.

SNETHLAGE, Emília. A travessia entre o Xingu e o Tapajós. *Boletim do Museu Goeldi de Historia Natural e Ethnographia*, Belém, v. 7, p. 49-92, [1910] 1913.

SNETHLAGE, Emília. Nature and man in eastern Pará, Brazil. *The Geographical Review*, New York: The American Geographical Society, vol. IV, 1917. p. 41-50.

SNETHLAGE, Emília. Vocabulário comparativo dos Índios Chipayas e Curuahé; *Boletim do Museu Goeldi de Historia Natural e Ethnographia*, Belém, vol. XII, S. 93-99, 1912.

SNETHLAGE, Emília. Zur Ethnographie der Chipaya und Curuahé. Berlin: s. ed., 1910a.

SNETHLAGE, Emília. Die Indianerstämme am mittleren Xingu: im besonderen die Chipaya und Curuaya. *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin: s. ed., n. 45, 1910b.

SNETHLAGE, Emília. Über die Frage vom Muskelansatz und der Herkunft der Muskulatur bei den Arthropoden. Inaugural Dissertation. Universität Freiburg i.B., 1905. [Publicada como separata de *Zoologischen Jahrbüchern*, Abteilung für Anatomie. Jena: Gustav Fischer, vol. 21, 1905.].

TORRES, Heloísa Alberto. **Arte Indígena da Amazônia**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, SPHAN, 1940.

SOBRE EMÍLIA SNETHLAGE em Jornais e revistas entre 1900-1930

A Notícia (RJ) 1894-1916; Revista Americana (RJ) 1909-1919; Almanak Laemmert: Administrativo, mercantil e industrial (RJ) 1891-1940; Relatório dos Presidentes dos Estados Brasileiros (PA) 1891-1930; Estado do Pará: Propriedade de uma associação Anonyma (PA) 1921; O Paiz (RJ) 1920-1929; Correio da Manhã (RJ) 1920-1929/1930-1939; Jornal do Brasil (RJ) 1920-1929; Gazeta de Notícias (RJ) 1920-1929; O Imparcial (MA) 1926-1946; Jornal do Commercio (RJ) 1920-1929; Mensagens do Governador do Pará para Assembleia (PA) 1891-1930; O Campo (RJ) 1930-1952; Diário de Notícias (RJ) 1930-1939/1940-1949; O Jornal (RJ) 1930-1939; Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (RJ) 1937- 1987; Diário Carioca (RJ) 1930-1939; Rodriguésia (RJ) 1935-2011; A Noite (RJ) 1930-1939; Vida Doméstica (RJ) 1920-1962; Revistas do IPHAN (RJ) 1937-2002; Fauna (SP) 1943-1968; Revista da Semana (RJ) 1940-1949; Correio Paulistano (SP) 1940-1949; Novas Diretrizes: Política, Cultura e Economia (RJ) 1938-1942; Revista Brasileira (RJ) 1861-1979; Cultura Política (RJ) 1941-1945; Eu sei tudo: magazine mensal e ilustrado (RJ) 1937-1957; Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (RJ) 1876-2009; Annaes da Camara dos Deputados (RJ) 1900-1910; A Província: órgão do Partido Liberal (PE) 1872-1919; Revista da Semana (RJ) 1900-1918; A Federação: organ do Partido Republicano (RS) 1887-1931; A Capital (RJ) 1902-1911; Almanack do Estado do Pará: indicador para 1904-1905 (PA); Relatórios do Ministério da Justiça (RJ) 1891-1927; Diário de Pernambuco (PE) 1900-1909.

SOBRE HELOÍSA ALBERTO TORRES em Jornais e revistas entre 1920-1940

A Manhã (RJ) 1925-1953; Radio (RJ) 1924-1926; A Notícia (RJ) 1894-1916; Revista Americana (RJ) 1909-1919; Almanak Laemmert: Administrativo, mercantil e industrial (RJ) 1891-1940; O Paiz (RJ) 1920-1929; Correio da Manhã (RJ) 1920-1929/1930-1939; Jornal do Brasil (RJ) 1920-1929; Gazeta de Notícias (RJ) 1920-1929; O Imparcial (MA) 1926-1946; O Imparcial (RJ) 1920-1929; Boletim da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro (RJ) 1885-1948; O Dia (PR) 1923-1961; O Fluminense (RJ) 1920-1929; O Malho (RJ) 1902-1953; Jornal do Commercio (RJ) 1920-1929; O Campo (RJ) 1930-1952; Diário de Notícias (RJ) 1930-1939/1940-1949; A Provincia (PE) 1920-1933; O Tico-tico: Jornal das Crianças (RJ) 1905-1961; Vida Capichaba (ES) 1925-1940; A Esquerda (RJ) 1928-1931; Crítica (RJ) 1928-1930; O Jornal (RJ) 1930-1939; Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (RJ) 1937-1987; Diário Carioca (RJ) 1930-1939; Rodriguésia (RJ) 1935-2011; A Noite (RJ) 1930-1939; Vida Doméstica (RJ) 1920-1962; Revistas do IPHAN (RJ) 1937-2002; Correio Paulistano (SP) 1940-1949; A Federação: orgam do Partido Republicano (RS) 1887-1931; O Estado de Florianópolis (SC) 1915-1965; A Cigarra (SP) 1917-1975; Revista Marítima Brasileira (RJ) 1881-2012; Sino Azul (RJ) 1928-1989; Revista Nacional de Educação (RJ) 1933.